OG REGO DE CARVALHO

ULISSES ENTRE O AMOR E A MORTE SOMOS TODOS INOCENTES RIO SUBTERRÂNEO

4ª EDIÇÃO

R E U N I D A

Ficção reunida : Ulisses entre o amor e a morte, Somos todos

009401

Digitalizado com CamScanner

Ulisses entre o Amor e a Morte

Ulisses entre o Amor e a Morte é um livro humano e comovente, marcado pelo amor, por uma comunhão profunda com o sofrimento e a criatura humana. Nele, um jovem autor apresenta-se depurado, sereno, consciente.
Alberto da Costa e Silva

Nunca em nossa literatura o problema da adolescência, o mistério da adolescência merecera um tratamento assim tranqüilo e sugestivo.
Antônio Carlos Villaça

Somos Todos Inocentes

Não se trata de um romance histórico ou de costumes. É antes uma indagação, em profundidade, sobre os contraditórios conflitos humanos, as imprevisíveis e misteriosas direções impressas pelo destino a cada vida. Mais ainda: sua idéia central é "a de que todos nos julgamos inocentes, mesmo quando contribuímos para a infelicidade alheia".
Mário da Silva Brito

Rio Subterrâneo

Rio Subterrâneo possui, além da unidade cronística, a unidade de emoção, atmosfera, meio e linguagem. A primeira parte, "Limbo", é um instante solene da prosa brasileira.
Hélio Pólvora

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA - UESPI

FICÇÃO REUNIDA

O. G. Rego de Carvalho

4ª edição, revista

869.93
C331f
4.ed.
ex. 4

BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 3776
DATA 02/12/04

Teresina-2003

RB 4349
BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 009401
DATA 6 / 8 / 18

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA - UESPI

FICÇÃO REUNIDA

© O. G. Rego de Carvalho

Editor:
Cineas Santos

Capa:
Amaral

Composição:
Rosa Pereira

Revisão:
O. G. Rego de Carvalho
Teresa Paula de C. Leôncio
Rosa Pereira

Fotolito e Impressão:
Halley S.A. - Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica

C376f Carvalho, O. G. Rego de
Ficção Reunida./O.G. Rego de Carvalho.– 4ª ed.
360p.

1.Literatura Brasileira – Coletânea. 2. Literatura Piauiense – Coletânea. 1–Título

CDD - B869.8

Direitos desta edição reservados pela
Livraria e Editora Corisco Ltda.
Rua Álvaro Mendes,1310 Teresina - Piauí
Fones: (86) 221 4845 Fax: (86) 221 3117
226 5019 *e-mail*: corisco@livrariacorisco.com.br

BIBLIOTECA - UESPI

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOTECA - UESPI

SUMÁRIO

Ulisses entre o Amor e a Morte 7
Somos Todos Inocentes 91
Rio Subterrâneo 235

Digitalizado com CamScanner

ULISSES ENTRE O AMOR E A MORTE

Digitalizado com CamScanner

Canto em segredo palpitar macio
de pétala ou de asa abandonada.
H. DOBAL

Digitalizado com CamScanner

VIAGEM DE CURA

Digitalizado com CamScanner

GRAVO SEU NOME, ULISSES

A noite envolvia o morro do Rosário, quando a procissão chegou ao fim. À saída da igreja, a criada guiou-me por um caminho entre velames, até o horto em que o Menino Jesus costumava distrair-se.

Pouco me importava o regresso. Queria estar logo diante de minha mãe, para receber sua bênção e em seguida me deitar. O corpo ardia, como se estivera açoitado: mesmo assim eu trazia no coração doçura e encantamento.

No meio do jardim, uma velha se abaixara, escrevendo no lajedo. Movido pela curiosidade, acerquei-me em silêncio, mas tão de perto que a estranha alçou a vista e, rindo-se, quis reter-me:

– Gravo seu nome, Ulisses.

Recuei devagarinho, e a empregada me tomou a mão, abrangendo com o olhar as relíquias que Oeiras amava. Na rocha, frente a uma cruz de pedra, havia o sinal de um pé, o qual nem beijos piedosos, nem as chuvas de inverno conseguiram apagar.

– Eis um testemunho do Senhor – disse alguém.

Do morro via as primeiras luzes da cidade. A trilha era íngreme, rompendo mato, pulando grotas, e a percorri sem desfalecimentos, ansioso por abraçar mamãe. Esta se achava à porta, esperando por mim.

Entre a alegria de revê-la e o temor de uma repreensão, parei indeciso, não por muito tempo. Vindo-me ao encontro, ela me afagou os cabelos desalinhados e indagou o motivo da demora.

– Jante, que não tardarei – murmurou a seguir, desprendendo-se. O prato aquece no fogão.

Envolto em ternura, fui deslizando até à copa, onde defrontei meu pai. Seus olhos fitaram-me sem brilho, e deles me tornaria presa, medroso e confuso, se mamãe não me desse o braço, chamando-me:

– Venha comigo, filhinho.

Digitalizado com CamScanner

Atravessamos o saguão, e, ao subir o degrau da cozinha, virei o rosto. Meu pai permanecia curvado e imóvel. Por quê? Essa interrogação me empolgou de súbito, e a repeti nos lábios, debatendo-me em tristezas.

Minha mãe não a compreendeu; antes insistiu para que jantasse: sentei-me, e nem sequer toquei na comida. Notando-me indisposto, ela me deu um copo de leite quente e me beijou na testa.

Depois de abraçá-la, desejei boa noite, recolhendo-me ao quarto. Os olhos morriam de sono, e não custou que me sentisse frágil – tão leve que parecia voar. Surgiu o Menino Jesus, levando-me a brincar no horto; Ele me sorria quando acordei:

– A luz o incomoda? – ouvi papai dizer, num de seus momentos de tranqüilidade. Procure dormir, que a noite é longa.

Mal acabou ele de falar, o relógio da matriz pôs-se a bater. Era a hora em que a usina a vapor nos deixava às escuras, e meu pai se curvou sobre minha rede, sem que eu esperasse por isso:

– Veja que encanto!

Fixei a vista na lâmpada elétrica, observando-a com interesse. Devagar o lume enfraquecia, a ponto de somente restar uma fagulha, que logo desapareceu.

Papai deslizou a mão em meus olhos, segredando-me:

– Durma.

Quis narrar-lhe como vira o Menino Jesus, porém as pálpebras já caíam, e num instante desceu sobre mim um sono agradável – sem sonhos

•••

Digitalizado com CamScanner

MEU PRIMO

Meu primo se achava entre as ruínas da cadeia, quando aí cheguei, encantado com a brisa da manhã. Eu tinha ido passear, e como o visse prestes a recolher um ninho, aproximei-me por trás, cerrando-lhe, a seguir, os olhos grandes e negros:

– Adivinha.

Olavo não pensou, sequer:

– Vamos à quinta, Ulisses? – interrogou-me com alegria. As fruteiras estão pendentes, e o riacho à espera de um bom mergulho.

Não me entusiasmei:

– Gostaria de ir, mas não posso.

– Tens algum recado para hoje?

– Não é isso. Papai...

– Tu me enganas – replicou, e já se arrependendo pediu desculpas com o olhar.

Silenciamos algum tempo, e, antes que viesse o embaraço, segurei Olavo pelo ombro e fi-lo acompanhar-me. Ele não relutou, e a certa distância se virou para mim, transbordante de felicidade:

– Levas-me a teu pai, não é?

– Sim.

Quando avistei a loja do velho, meu irmão já lhe fechava as portas. De relance, pareceu-me que se dera alguma cousa de grave: doenças não abatiam meu pai, de modo a impedir-lhe o trabalho.

– Vais ver que tudo não passa de uma gripe – aventurou meu primo, querendo tranqüilizar-me.

De volta para casa, José me aconselhou a ir. Seus olhos, naturalmente tristes, estavam brilhando, e a maneira como se esquivou de mim, tão brusca, apenas fez reforçar minhas suspeitas.

– Papai anda mal? – indaguei, como se me dirigisse a um estranho.

Ninguém me respondeu.

Digitalizado com CamScanner

A VIAGEM

Certa vez, minha mãe chamou-me e disse, enquanto arrumava as maletas para a viagem:

– José e você ficarão na casa do Avô.

Era a primeira ocasião em que me veria afastado dos pais, e a segunda, da mana. Pensar como seria a ausência, que poderia durar meses, dependendo de o velho curar-se, trazia para mim uma onda de emoções, que embalde queria sufocar.

Anália, dissera-me que não chorasse. Mas, como reprimir as lágrimas que me vinham aos olhos? Havia a recordação de meu pai, que iria a Teresina buscar repouso para o coração.

Naquele dia levantou-se agoniado, e não conseguiu chegar à loja. A meio caminho, tropeçou numa pedra e caiu. Quase no mesmo instante, sentiu uma dor no peito, a qual o fêz respirar fundo.

Um amigo, que passara nessa hora, ajudou-o a erguer-se e levou-o ao médico. Este examinou-o e, abanando a cabeça em negativa, recomendou-lhe tratar-se num centro maior. Já não tinha esperanças de salvá-lo.

Papai aceitou o conselho. E confidenciou à minha mãe que se julgava perdido: muito pouco esperava viver ainda. Como a visse prestes a chorar, pediu-lhe resignação.

Avizinhei-me logo depois. Assim que me viu, mamãe indagou o que desejava, e notando que eu não sabia responder, mandou-me sair. Fui a não sei onde, e em surdina me veio uma voz:

– Teria nos escutado?

O velho passou alguns dias em casa. À noite, por vezes, gemia baixinho. Tomava então um sedativo, e em poucos minutos começava a adormecer, caindo num sono profundo e quieto.

Uma manhã, ao acordar, viu-me à sua frente:

– É verdade que nos deixa hoje? – inquiri. Mãezinha acaba de dizer.

Meu pai ergueu o corpo suado e me encarou, firme:

– Se ela disse, é porque vamos.

Digitalizado com CamScanner

Ao ver-me retirar em silêncio, chamou-me:

– Espere. Você não irá embora por isso, não é mesmo? Doravante eu o tratarei melhor. Não quero que tenha queixa de mim.

– Por que teria? O senhor sempre me tratou bem. Agora é que tem gritado comigo.

– Estou doente, filho.

Saí do quarto com um aperto na garganta.

Ao chegar à copa, mamãe deu-me recados para as irmãs, pedindo desculpas por não ir vê-las antes de partir: à tarde, se tudo corresse bem, mandaria Anália fazer-lhes uma visitinha.

Quando voltei era hora do almoço, e passei o tempo retraído. Às cinco o ajudante da loja carregou as malas, e por fim a chave da porta foi entregue a tia Julinha, nossa professora no grupo escolar.

Rumamos silenciosos para o ônibus, e a seguir fui olhando as casas e as roças que ladeavam o caminho, até surgir o carnaubal imerso em sombras, e, após uma ladeira, o Canindé se espraiando em breves ondas.

– Eis o rio – disse mamãe, querendo distanciar o pensamento da separação.

Como nada restasse, ela me abraçou aconselhando que fosse bonzinho, no que foi imitada pela mana. Papai se despediu por último, e ao fazê-lo se limitou a apertar-me o ombro, os olhos esquecidos nos meus.

– Vamos – insistia o chofer – que está na hora.

Os velhos entraram em seguida no bote, e os vareiros os conduziram à outra margem, revolteando as águas tépidas e serenas. Ao subir o barranco, meu pai deu com o lenço e se afastou no escuro.

Corria uma aragem fina, acariciante. Uma garça voou baixinho. E à última claridade do poente, as frondes das carnaubeiras faiscavam em reflexos vermelhos e dourados.

"Este é o lugar mais bonito do mundo", pensei nesse instante, enternecido com a paisagem.

A mágoa, se bem ligeira, me anuviou a vista.

•••

Digitalizado com CamScanner

UM MANDADO

A luz do sol, colorindo-se nos vitrais da janela, batia em meu rosto de tal modo, que me fez despertar. Mudei de posição e procurei dormir de novo. Quando estava perto de conciliar o sono, ouvi tia Julinha chamar-me, em tom carinhoso.

Eu gostava muito dela, por ser boa e atenciosa. Mais de uma vez, atendi a seus pedidos, dando recados quando não tolerava fazê-lo, e só raramente meus pais me incumbiam de algum.

Ao escutar meu nome, observei-a em silêncio e vi logo, pelo sorriso e pelo seu olhar, que devia ser feliz.

– Você quer ir ali pra mim? – perguntou-me. E como eu concordasse: Tome primeiro o café.

Alguns minutos depois, encontrei-a na varanda, escrevendo um bilhete naquela caligrafia que eu tanto admirava. O papel recendia jasmins, e antes que o examinasse melhor, ela o dobrou devagar, sobrescritando-o em linhas traçadas à unha.

– Leve a este endereço – disse, e me passou a cartinha.

– Posso ler? – inquiri, notando que se destinava a um parente, o doutor João da Mata.

– Não é preciso.

– Resposta?

Tia Julinha abaixou a vista:

– Talvez.

José passava nesse instante, e o acompanhei à porta, tomando-lhe a mão. A face inexpressiva volvendo para mim, ele indagou aonde iria; se eu quisesse, poderíamos subir no *flamboyant* e conversar.

Notei que se sentia inseguro, e isso me entristeceu. Desde menor era calado: tinha poucos amigos e quase nenhum convívio na família. Não admirava que o ambiente lhe parecesse estranho e até hostil.

– Tenho um mandado – expliquei-lhe. Na volta, irei merendar com você.

Digitalizado com CamScanner

José me fitou algum tempo, depois a árvore. Esta se achava ainda florida, não com a profusão de novembro, quando se cobre de um vermelho alaranjado e vivo. Para ele seria o *flamboyant* um refúgio, durante o ócio e a tristeza.

– Virá mesmo? – perguntou, mais tranqüilo. Não quero ficar sozinho.

Assenti com um gesto, deixando-o encostado na porta.

•••

Digitalizado com CamScanner

MEDO

Como o namorado de tia Julinha costumava ir à feira, não me foi difícil encontrá-lo aí. Segurei-lhe a aba do paletó e o conduzi a um lugar de pouco movimento:

– Para o senhor – disse, passando-lhe o bilhete.

O doutor João da Mata sorriu-me:

– A resposta! – exclamou, sem grande interesse. Ela mandou algum recado?

Eu não anuindo, franziu o cenho. A fisionomia, no entanto, logo se abrandou, numa expressão de riso. Ele ainda não levava o namoro a sério, e isso me intrigou-me.

– Já posso ir? – interroguei.

– Oh, não; fique. Tudo bem? Seu pai... Não quer umas laranjas para você? – e se afastou, a fim de ler a carta.

– Então até...

Saí disposto a apreciar a feira, que só acontecia aos sábados: as bancas estavam ricas de frutas, especialmente as da terra. Mas a lembrança de meu irmão solitário me enterneceu, a tal ponto que fui correndo procurá-lo.

Tinha motivos para proceder assim, conquanto mais novo. Ele era franzino e doentio, amava o silêncio e poucas vezes saía de casa. Apenas a mim abria o coração, confessando os menores desejos e os temores que o oprimiam.

Achei-o em cima do *flamboyant*, a vista no tumulto do mercado. "Que estariam seus olhos desvendando?" – inquiri-me, logo que me sentei a seu lado.

José, de repente, volveu o rosto, com tal expressão de susto que me será impossível esquecer. Quase em pânico, segurou-me o braço, fazendo o ramo oscilar.

– Ulisses, eu tenho medo.

Digitalizado com CamScanner

– Medo? – repeti, querendo acalmá-lo, e assustando-o mais ainda.

– Não sabe, talvez? Nunca sentiu?

A cabeça movendo em dúvida, reparei que o semblante de meu irmão se alterara, e os olhos salientes pareciam penetrar num mundo distante e insondável.

– Jamais observou – insistiu – que alguém às vezes o chama, sem que pressinta de onde parte a voz?

– Que tem isso demais? – disse-lhe, sorrindo.

A tristeza novamente no olhar, José tentou rir comigo, fechando-se em silêncio, logo depois.

•••

Digitalizado com CamScanner

NENHUMA CARTA

Fazia muito tempo que os velhos se foram, e eu não tinha recebido nenhuma carta:

– Por que eles não me escrevem? – quis saber, certa ocasião, de tia Julinha.

Esta hesitou embaraçada, e logo veio a sorrir, fitando-me nos olhos com tristeza:

– Será preciso... – falou, reticente – mandar dizer que estão bons e saudosos?

Minha tia evitou-me, a partir desse instante.

•••

Digitalizado com CamScanner

REPOUSO

Não havia estrelas no céu, após o chuvisco.

Do retângulo da janela eu podia ver a noite caindo serenamente, banhada de inebriante perfume. Nos canteiros do saguão os jasmins se cobriam de flores, e de longe vinha o canto de uma cigarra, como a dizer-me que nem tudo era silêncio.

– Mano – José me advertiu às costas – tia Julinha quer falar com você.

Ela nos esperava na varanda. Tendo-me alinhado, mirou-nos e disse:

– Reservo-lhes agradável surpresa.

Em expectativa aguardamos a revelação, contudo nossa tia se calou, e assim permaneceu até ouvir a buzina de um carro, para as bandas do Leme. Aí, retirou do colo um telegrama, que apresentou, mal contendo o riso:

– Adivinham? Seus pais chegarão daqui a pouco.

Meu coração pulsava forte ao ouvi-la. Como? Então os velhos regressariam e nem soubera com antecedência? Na alegria que me dominou, nem percebi se José exultou também com a notícia de revê-los inesperados, assim depois de longa separação.

– Que fazem boquiabertos? Não pretendem ir ao encontro deles?

Saímos um tanto inquietos, com um aceno de adeus. Logo nos pusemos sob os tamarindeiros do caminho, perto do largo, à espera de que o ônibus passasse por ali.

– Será que *ele* volta com saúde? – indagou José.

– Sinto que vem na mesma.

Cada vez menor a distância, fiquei a pensar se, após rever meus pais, estaria minha alma feliz. Essa recordação me alvoroçou, a ponto de que não cuidasse de outro assunto – uma vida sem atribulações, e sequer percebesse que o caminhão parara.

Digitalizado com CamScanner

– Anda, Ulisses: chegaram.

Passou apenas um segundo, e eu corria para abraçar os velhos. Apertei-os carinhosamente, esperando que houvesse júbilo de sua parte. Mas me enganei: nada disseram, e se limitaram a beijar-me a testa.

– Sentem-se direito – falou a seguir minha mãe, contrariada ante nossa inquietude.

"Que agradável ouvir essa voz", pensei comigo. Sabia que necessitavam de repouso e sempre nos animaria, doravante, a ventura que raro tínhamos alcançado.

Sentindo a paz descer ao coração, a pouco e pouco me deixei ficar enlanguescido, contemplando a noite. Nenhum pensamento turbava esse instante de calma.

•••

Digitalizado com CamScanner

QUENTE ERA A MANHÃ, EM JULHO

Quente era a manhã, em julho, quando meu pai se deitou, as pálpebras baixando. E puro, e distante, e feliz, encarou o céu e o tempo.

•••

Digitalizado com CamScanner

A "SELGA"

Digitalizado com CamScanner

AS APARIÇÕES DE MEU PAI

Durante várias semanas, ainda fui esperar o velho.

Após o almoço, tomava a sobremesa e ia até à esquina, para recebê-lo. Meu pai de costume não vinha cedo, mas depois de julho nunca me deixou esperando. Surgia logo, dos vapores do meio-dia, prendendo-me as mãos com infinita bondade.

– Vamos, filhinho – dizia, e entrávamos juntos, eu bastante feliz.

Como me visse confortado com sua presença, vez por outra ele descansava a vista em meus olhos, fitando-me com tanta serenidade, que me punha nervoso. Essa quietude, tão desejada antes, não me fazia bem, agora que tudo parecia diferente.

Pairava na fisionomia dos que me cercavam de ternura um ar de profunda melancolia, que nem procuravam esconder. Embalde quis de minha enlutada mãe duas palavras; ela jamais me explicou a razão de sua tristeza.

O próprio José, de coração sempre aberto para mim, resistiu às perguntas, trancando-se em desolador silêncio; dele nada pude saber, nem revelou a face inexpressiva.

Ainda que intrigado com esse comportamento, não deixei de esperar o velho. Conduzia-o à copa e ia buscar sua refeição, alegre de servi-lo. A cozinheira me olhava piedosamente e de mim se acercava, para ver o que queria.

Eu lhe perguntava, com visível inquietação:

– O prato, cadê?

Ela não respondia.

Cansado da procura, e desiludido, voltava a dizer que a empregada tinha esquecido seu almoço; papai não se confrangia, nem se impacientava, limitando-se a um vago sorriso. Então me ajoelhava, tomando-lhe as mãos e cobrindo-as de beijos.

– Meu bem – ele me dizia, instantes após se desprender – sinto as pálpebras caídas; vou repousar, agora.

Digitalizado com CamScanner

Era sempre assim que me falava, antes de transpor a porta de seu quarto. Como eu pressentisse grandes aflições, desejava seguir-lhe os passos, contudo me detinha: há dias ninguém entrava, a não ser o velho. Para que não o perturbassem no sono, mamãe nos proibira de atravessar o batente.

A essa determinação todos obedeceram, e lembro que, certa vez, uma das criadas abriu a porta, deixando entrar luz na sala. Depois varreu o chão, espanando a poeira dos móveis e espelho; os objetos de meu pai foram lançados ao fogo e até mudado o lençol de sua cama.

Sem compreender as razões desse ato, investi deveras magoado:

– Fora! Não vê que assim acorda o velho?

A mocinha olhou-me bastante desconfiada, porém logo se enterneceu e me apertou contra o coração:

– Seu pai está no céu – disse calmamente.

– Morreu? – inquiri, os olhos se enchendo d'água.

Não obtive resposta, e desvencilhando-me silencioso, atirei-me à cama, para esconder os soluços. O rosto mergulhado nos lençóis, deixei que uma dor imensa tomasse conta de mim. Só me acalmei quando minha mãe, penalizada, me ergueu o corpo, descansando-o em seu regaço:

– Chore, que faz bem à alma – recomendou-me.

– Mãezinha...

Ela mordeu os lábios.

– Que é, Ulisses?

– A copeira me falou... – balbuciei, sem ânimo de prosseguir.

– Não queria dizer-lhe, mas convém: seu pai nos deixou, desde julho.

– Se até ontem nós estivemos juntos!

– Que diz você? – ela me interrogou, assustada.

Como nos observasse à distância, a empregada aproximou-se e se meteu na conversa:

– Esse menino anda um bocado esquisito, dona: agora deu pra falar sozinho.

– Está bem – disse mamãe, sem se alterar. Quanto a você – prosseguiu, voltando-se para mim – procure José e brinquem.

Digitalizado com CamScanner

A idéia de rever meu irmão, há tempos escondido, quase que me desanuviou a alma. Era sempre um prazer falar-lhe, ainda quando permanecesse alheado e sua tristeza fosse um convite ao silêncio. Achei-o de saída, e como o acompanhasse, ele me deteve:

– Fique, que vou à casa de Vidinha.

– Ora, mano!

José me fitou sem queixa, permitindo-me cobrir-lhe os passos.

•••

Digitalizado com CamScanner

OVÍDIA

Recebeu-nos Ovídia de tão singelo coração, que foi logo oferecendo cocadas e pães-de-ló. Apesar da ruindade que, às vezes, lhe fazia, roubando os saborosos umbus de seu quintal, teve para mim, como para José, o mesmo sorriso iluminado.

– Ao pomar – ela nos convidou, acariciando os cabelos do mano. Lá é mais fresco.

A cancela se abriu e entramos, vendo-nos cercados de fruteiras. Era um quintal bem limpo e se podiam contar as folhas no chão; nas próprias árvores não havia ramo seco ou amarelado.

De tal modo nos impressionou essa dedicação, que José, não podendo conter-se, observou:

– Gosta muito disto, não é?

Como que assentindo, Ovídia sorriu. Mas logo o contentamento se mudou em melancolia, e o ricto marcou seus lábios, quando vimos o umbuzeiro nas últimas.

De tão frondoso, a copa sempre verdejante, agora mais parecia um fantasma: os ramos pendentes e murchos, galhos partidos apontando o céu.

– Que pena – exclamei.

Na sua mágoa a vizinha não pareceu ouvir-me; e, de repente:

– Começou a fenecer em julho – disse, com voz abafada – logo que o pai de vocês...

– Vidinha! – interrompeu José, olhos e braços suplicantes.

Enquanto os dois puseram a fitar-se, muda e significativamente, fui saindo, tomado de uma dor que não se exprime em lágrimas. Eu tinha a alma esmaecida, incapaz de um gesto, e como me oprimia aquele silêncio!

Os passarinhos não cantavam, na rua não ouvi o cumprimento de um colega, em casa não escutei a voz de minha mãe.

Digitalizado com CamScanner

Passada a angústia, com vagar pude compreender. Mamãe falava a uma visita:

– Que acha o doutor?

O médico virou-se para mim, tentou arrancar-me duas palavras e, sacudindo a cabeça em negativa, respondeu:

– Mande-o à fazenda. Na "Selga" terá ensejo de minorar o nervosismo: alguns dias de tranqüilidade e ei-lo em boa forma.

– Sim – concordou ela, e vendo o mano chegar taciturno, interpelou-o: Preocupado, meu filho?

– Mamãe – José foi dizendo, esquecido de que olhos estranhos o observavam – Ulisses saiu tão absorto, que a Vidinha quer saber se não está doente. Antes ele nunca ficou assim.

– Bem, até à vista – e o doutor se ergueu, sobraçando a pasta. Este outro precisa igualmente de umas férias no campo.

– Não esquecerei – asseverou minha mãe, enquanto nos olhava com ternura.

Momentos após, vestida de preto, levou-nos a passear. À noitinha chegamos ao riacho e, mergulhando os pés descalços na correnteza, sob a ponte, nos deixamos acariciar pelas águas tépidas.

•••

Cód. 6044
BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 16798
DATA 16/01/2013

Digitalizado com CamScanner

AQUELE NATAL

A neblina caía desde a madrugada, e a recebi com a doçura de quem fez o amanho da terra. Estava bem próximo o Natal, e como íamos ter um presépio em casa, esse ano, preparara com adubo algumas latas, nelas deitando pequenos grãos de arroz.

– Os pés estão a nascer – Anália me disse, certa vez, após seu regresso.

Na verdade as plantinhas já irrompiam, compensando a inquietude da espera. Depois dessa ocasião, vivia eu constantemente a seu lado, num devotamento que encantou minha mãe. Para mim era repousante mirar sua verdura, de cores delicadas, ondeando à mais leve brisa.

Estendia as mãos para a biqueira, deixando-as respingar a seguir no arrozal, quando tia Julinha apareceu, enchendo a casa de sua ruidosa juventude. Não a esperávamos tão cedo, porém mamãe se alegrou, sorrindo mais nos olhos que nos lábios:

– Deixe-me abraçá-la, mana.

Minha tia estreitou-a contra os seios, esforçando-se para esconder a satisfação que seu rosto espelhava.

– Não entrei para ficar – explicou, recusando a cadeira. Iremos para a "Selga" na manhã de domingo, e pode mandar a turma. Até logo – e avançou a mão, sem conter-se ante a própria malícia.

Mamãe tomou-a, comovida, entre as suas:

– Noiva, enfim – murmurou, com um suspiro, ao ver a aliança. Como foi isso?

– O João andava se mostrando indiferente, ainda que me quisesse muito. Passei a esquivar-me; ele agüentou duas semanas, e ontem entrou de casa adentro, formulando o pedido. Aquele maroto...

– Não fale assim, querida. Vejo que está exultante.

Tia Julinha assentiu, toda sorridente:

– Adeus; não esqueça as férias dos meninos.

Digitalizado com CamScanner

– Felicidades, mana.

Depois que saiu, minha mãe se acercou de mim e pôs-se a olhar as plantinhas. Ao sentir-lhe a presença, estremeci, despejando a água das mãos em concha sobre os pés de arroz.

– Pare, meu filho, que assim morrem – disse ela, retendo-me o braço. É preciso ter searas no presépio.

Sem me voltar, perguntei, a voz pausada e triste:

– Este Natal seremos felizes, mãe?

A pobre evitou falar, não me permitindo volver o rosto. Durante algum tempo, permaneceu silenciosa, até que se afastou de mansinho, o passo leve e quase inaudível.

Foi-me, contudo, fácil compreender, pois a camisa ficou molhada, perto do ombro, de grossas e quentes lágrimas.

•••

Digitalizado com CamScanner

NOTURNO

Como sentissem que a "Selga" estava próxima, os companheiros de viagem puseram-se a galope, deixando-me atrás, febril e exausto. A penumbra vinha esmaecendo a paisagem e me enchendo a alma de tristeza.

Procurei animar-me com lembranças felizes. Mas o ambiente soturno começou a sobressaltar-me, e logo me vi presa de temores. Da mata não partia o menor ruído: nem de leve balançavam as frondes das aroeiras e paus-d'arco.

Ainda que me convencesse de que não me achava perdido, foi-me irreprimível o impulso de gritar. Entrementes avistei Olavo esperando por mim numa curva, e afrouxei as rédeas do cavalo, indo a seu encontro.

– Amedrontado, primo? – ele me disse, com ar de surpresa.

Sorri-lhe, o rosto banhado de suor:

– Quase não agüento: trotei muito e agora estou moído. Que surra!

– Também estive assim nas últimas férias. Passei dois dias no fundo da rede.

Olavo silenciou um instante, após o qual me bateu nas costas:

– Vamos, que ainda é tempo de ver o gado.

As montarias transpuseram um arroio barrento e a seguir espantaram os bois que lambiam o sal da terra, a pouca distância do curral. Logo adiante pararam junto à casa da fazenda, a cuja porta se achava tia Julinha:

– Coragem, Ulisses – ela me animou, vendo-me pálido e sem forças.

Desci vagarosamente, buscando estirar-me numa cadeira preguiçosa, que esqueceram no alpendre. A noite envolvera o campo, mas ainda pude distinguir algumas casas e, mais longe, meio escondido pelos cactos, um rebanho de ovelhas a entrar no redil.

Vez em quando um mugido cortava o silêncio, de modo acabrunhador:

Digitalizado com CamScanner

– Que lugar triste! – pensei, cerrando os olhos.

A pouco e pouco, fui-me entregando ao cansaço. Sentia-me febricitante, quase vencido pelo sono. Por isso, não adiantou que José me procurasse: não queria falar, e creio que ficaria assim muito tempo, se a empregada não dissesse o jantar à mesa.

– Estou faminto – sussurrou o mano, numa tentativa de aproximação. E você, Ulisses?

– Sim – e nos pusemos a rir, enquanto me levantava com grande sacrifício.

Após a refeição, tia Julinha contou maravilhas da fazenda: possuía esta um tanque cheio de jacarés, que sangrava no inverno, e um morrinho pelado, onde se tinha o costume de brincar de escorrega. Na manhã seguinte nos mostraria tudo.

Somente Olavo demonstrou interessar-se pela narrativa, embora já conhecesse a "Selga". O Avô e sua mulher haviam-se recolhido, e por sua vez José se manteve em completo alheamento, mirando os insetos que contornavam o lampião.

Bastou isso para que a noiva se interrompesse e, notando-me sonolento, perguntasse se eu não queria deitar-me.

– Ulisses está mole – exclamou meu primo, como a dar-lhe razão.

Num gesto de enfado volvi o rosto, sentindo-me estremecer com a visão de um fantasma. Era uma senhora de camisa e longos cabelos, que nos observava, às ocultas, pela porta entreaberta de seu quarto.

Lancei sobre tia Julinha alguns olhares aflitos, que logo entendeu:

– É Joana – explicou, enquanto esta se retraía, até desaparecer no escuro.

Do que a seguir se passou nada guardei. O mundo ficou distante, e leves, indecisas, as borboletas me foram envolvendo, na rede mágica dos sonhos.

•••

Digitalizado com CamScanner

UM DIÁLOGO

Conforme prometera, tia Julinha nos levou a passear na manhã seguinte, e todos esses dias passei brincando. Vez por outra, no entanto, eu não continha as lágrimas, quando de súbito me via órfão.

Para que ninguém viesse consolar-me, fugia da roda e voltava depois, já sorridente, com alguma fruta do mato:

– Quer? – dizia então, oferecendo-a a quem encontrasse primeiro.

Só mais tarde vim a descobrir que era inútil minha tentativa de esconder o pranto. De há muito tinham-se apercebido dele, e apenas fingiam ignorá-lo. Ao dirigir-me, certa vez, ao quarto do Avô, surpreendeu-me ouvir este diálogo:

– Eles têm gostado aqui da "Selga" – comentava tia Julinha. Menos José. Que criatura esquisita!

– É assim mesmo, esse menino.

– Mamãe, ele não sente!

– Refere-se à morte do pai? Ulisses também...

– Esse não. Um dia estávamos no morrinho, quando Olavo, por inadvertência, falou do tio como uma pessoa de bom coração. Eu quis amenizar, e não pude. Ulisses baixou as pálpebras. Ao erguê-las trazia os olhos úmidos; já o irmão se mostrou frio e indiferente.

– Certo ainda não penetrou a significação da morte, ou vive reprimindo a mágoa.

– Tanto pior: a dor contida leva a muitos caminhos, até ao da loucura.

Meio atordoado, não percebi o Avô chegar:

– Deseja alguma cousa?

– Não – disse-lhe em resposta, esquecido de que fora procurá-lo para saber notícias de minha mãe. Nada – e eu fui saindo, o rosto corado de vergonha.

Digitalizado com CamScanner

Desde essa ocasião, pus-me a observar o mano. Queria arrancar o segredo que seu coração guardava sem que se refletisse à face. Mas José sempre escapou de mim, ao sentir-se observado.

•••

Digitalizado com CamScanner

JOSÉ DESFEZ UM NINHO

Ao vir do banho, uma vez, José por acaso descobriu um ninho entre seixos. Havia dois ovos manchados de azul, e ele se abaixou para apanhá-los.

– Veja, Ulisses, o que achei – chamou-me com alegria. Um ninho no chão.

Tomei-lhe o braço, sem conseguir detê-lo:

– Não faça isso, mano: olha o tetéu.

Meu irmão já tinha os ovos consigo, e era tal o encantamento dele, que não pude deixar de sorrir.

– Vou levar pra mim – revelou.

Um moleque, que nos espiava da moita próxima, saiu correndo e foi enredar à mulher de nosso Avô.

– Para que trouxe esses ovinhos? – ela quis saber, logo que chegamos. Me dê cá.

Como em resposta, o mano deixou-os cair:

– Viu o que fez? – tornou a avó torta. Estavam com passarinho dentro. Malvado!

Tia Julinha se aproximou nesse instante e não tardou a compreender. Em seguida se mostrou terna e amável, quando olhou para José e disse:

– Não foi porque quisesse, mamãe...

...

Digitalizado com CamScanner

A NOVENA

Marcaram-se de tédio os últimos dias no campo: o tempo era cerrado e chuvas torrenciais caíam a qualquer momento. De vez em quando eu me punha à janela, tentando alegrar o coração na expectativa de que o sol não tardasse. Vinha, porém, a noite, e com esta a melancolia.

Após o jantar, permanecíamos em torno da mesa, armando paciências aquele que tivesse o baralho à mão. Os outros ficavam contemplativos, quando não se irritavam com a sorte. Só porque, uma ocasião, sugeri um lance, tia Julinha juntou as cartas e disse, bastante raivosa:

– Não se meta!

O Avô se apossou então do baralho:

– Enquanto vocês discutem – riu-se, explicando – jogo eu.

O silêncio, a seguir, foi geral. Apenas se ouviam a chuva e o vento e, mais próxima, a estridulação dos grilos. Mas todos acompanhamos a partida com interesse, até que a vimos morrer, quase no fim.

– O jogo fica para amanhã – interveio a mulher de nosso Avô, levando consigo o lampião. É hora da novena.

Essa noite Joana saiu do quarto e compareceu à reza. Durante os minutos em que ficamos ajoelhados, mãos postas em sossego, ela não soprou palavra: o inquieto olhar se dirigia ora às imagens, ora a meu primo.

Mais de uma vez, quis acariciar os cabelos de Olavo:

– Meu filho – pôde enfim balbuciar, erguendo-se e segurando-o pelo ombro.

– Largue-me – gritou ele, com voz trêmula.

Tia Julinha acudiu, ordenando à doida que se deitasse. Esta não atendeu. Tinha os olhos incendidos e o peito arfava de emoção:

– Não posso ver meu filho? – indagou, caindo em pranto.

– Ele não vive mais – respondeu nossa tia. Agora, vamos: seja boazinha.

Joana deixou-se conduzir, pisando leve – como pluma.

Digitalizado com CamScanner

ÍAMOS DEIXAR OEIRAS

Era de tarde, à hora em que as reses voltam pausadamente ao curral, quando chegou um vaqueiro com os mantimentos da semana e uma carta para o Avô. Este abriu o envelope e leu silencioso:

– De sua mãe – disse depois, voltando-se para José. Vem Anália insistindo tanto em mudar-se para Teresina, que ela terminou cedendo. Irei providenciar sobre isso.

O mano saiu como desinteressado e, ao supor-se longe de suas vistas, correu ao meu encontro:

– Graças a Deus vamos deixar a "Selga" – comentou, o ressentimento não de todo apagado.

•••

Digitalizado com CamScanner

ADOLESCÊNCIA

Digitalizado com CamScanner

UMA LEMBRANÇA

Por ter adoecido, somente depois fui para Teresina. Durante a viagem, porém, Oeiras não me saía do pensamento, com seus morros, o riacho, a quinta – tudo que me entretivera o coração e sentia perder agora, para sempre.

Num misto de prazer e ternura, vinham-me à lembrança os momentos felizes que esquecera e cuja evocação era uma alegria para mim.

Sem dúvida, nenhuma me enternecia mais que a daquela noite, já tão distante, em que papai me trouxe um presente da loja, elevando-me nos braços e cobrindo-me de beijos.

– Ulisses, vamos passear? – ele me convidou, instantes após descer-me.

Não lhe respondi, mas deixei-me levar: apenas o realejo me atraía, de tal modo eu desejara ter um. Mal saímos à rua, mamãe nos fez parar e, enquanto me alisava os cabelos, disse a meu pai, suplicante:

– Não se atreva, querido.

Ele a beijou na face, ternamente, e riu:

– Não acha nosso filho muito grande para esses cachos?

Minha mãe nada respondeu: sabia-se deveras impotente para vencer-lhe a obstinação. Quase sempre tinha um suspiro quando nos enxergava de volta dos passeios e podia acariciar-me os cabelos ainda ondulados.

– Iremos aqui perto – falou meu pai, indicando-me o caminho.

Quando, daí a pouco, regressamos para casa, era hora da janta, e o corredor se achava escuro. Mamãe, que se embalava numa cadeira, lá no saguão, veio encontrar-se conosco:

– Estava esperando... – murmurou, como de costume, e se deteve súbito, a voz embargada.

Papai tentou fazê-la sorrir, dizendo que eu ficara até bonito assim, de cabelo curto. Mas foi em vão. Ela já tinha abaixado a vista, e não tardou que viesse a chorar e a tremer, fechando-se no quarto.

Digitalizado com CamScanner

Só depois de alguns dias pôde conformar-se, passando a vestir-me e a pentear-me como um homenzinho. Lembro até que se sentia orgulhosa: meu pai é que nunca reparou, nem tive ensejo de lhe contar.

Digitalizado com CamScanner

MEU NOVO LAR

Quando desci do ônibus à porta de casa, minha mãe recebeu com abraços, que retribuí ansiosamente. A seguir, levou-me até à varanda, e num gesto que abrangeu todos os quartos, disse:

– Eis seu novo lar.

A emoção tolheu-me a voz, mas pude expressá-la na maneira como fitei mamãe. Entre saudoso e a alegria da aventura, sentei-me numa poltrona, a mirar, em silêncio, a nesga do céu que estava ao alcance da vista.

Os manos não custaram a aparecer, vindos da escola:

– Então, Ulisses, que achou da cidade? – inquiriram quase ao mesmo tempo.

– Ainda nem vi direito.

Mamãe sorriu de um jeito que não me agradou:

– Deixe estar que, domingo...

– Se ele quiser, poderemos mostrar amanhã – respondeu Anália, com um brilho nos olhos.

– Ulisses amanhã irá ao colégio – tornou mamãe, pondo fim à discussão. Seu pai deixou-nos pobres; é preciso estudar.

O resto do dia passamos calados, e à noitinha fomos sentar-nos à porta da rua. Quando escureceu, José me chamou para ir ao cinema. Preferi recolher-me. Tinha o coração amargurado pelas incertezas da vida nova e queria, como nunca, entregar-me ao pensamento.

•••

Digitalizado com CamScanner

UM PASSEIO

Ainda que estivesse fatigado, na manhã seguinte acordei quando todos em casa dormiam. Não muito depois escutei os passos de mamãe, que ia à cozinha acender o fogo e preparar o café.

Como fizesse bastante frio, procurei esquentar-me junto do fogão:

– Ulisses – perguntou minha mãe, volvendo o rosto para mim – quer ir esperar o padeiro?

Saí à porta, observando, com alegria, que a rua era arborizada de amendoeiras. Sem que chamassem os sinos, a essa hora já passava gente para a missa. Grande, também, me pareceu o movimento das criadas que subiam com as leiteiras ou, como eu, aguardavam o vendedor de pães que descia lentamente.

Num de meus momentos de abstração, tão comuns agora, nem percebi um estudante que se aproximava. Apenas quando pronunciou meu nome, é que tomei um susto e sorri, algo nervoso:

– Que deseja? – disse-lhe, estranhando vê-lo entrar sem permissão.

Ele não me ouviu e foi seguindo, casa adentro. Na copa atirou os livros a uma cadeira, e ao escutar a lenha crepitando no fogo, dirigiu-se à cozinha.

– Já veio? – interrogou minha mãe, ao senti-lo próximo.

– Sim – respondeu, com uma expressão cordial. Aquele não é Ulisses? – e me apontou.

Mamãe assentiu, olhando-me satisfeita:

– Venha, quero apresentar-lhe seu primo.

Acerquei-me, timidamente:

– Eis o Norberto, do tio Custódio – ela falou, obrigando-me a abraçá-lo. É seu colega de estudo e irá com você até à escola, por estes dias.

Digitalizado com CamScanner

Era um garoto moreno, taludo, de feições delicadas e ombros fortes:

– Sejamos amigos, primo – segredou-me, enquanto a velha saía para receber os pães.

Após o café, vesti a melhor roupa, que se achava numa cadeira, com uma nota de mil-réis. A seguir, acenei a mão em despedida e acompanhei Norberto a caminho do Ateneu.

Passamos por uma praça, com seus jardins, um alto-falante e as vitrinas que embelezavam algumas lojas. Depois atravessamos um parque, onde os passarinhos gorjeavam, presos numa imensa gaiola dourada.

Perto dali subimos uma ribanceira e divisamos, então, as águas turvas do rio:

– É o Parnaíba – adiantou-me Norberto.

Tempo sem conta fiquei enlevado, contemplando a correnteza, as pequenas balsas que desciam, a ponte metálica, as quintas de Timon.

– Quer pescar? – sugeriu meu primo. Iremos à feira comprar isca; o resto está pronto, no barco de um conhecido meu.

– Mas, e a escola?

Norberto sorriu, malicioso:

– Espere pela farda. Os meninos irão vê-lo de calças curtas e poderão gracejar.

Meio encabulado, olhei-me:

– É: já não sou criança – disse, com orgulho.

Em seguida, na maior camaradagem, fomos cuidar da pesca, uma distração nova para mim.

•••

Digitalizado com CamScanner

ÉRAMOS UM TRIO

Até que vestisse a farda do colégio, levei uma semana em passeios, ora a caçar rolinhas de baladeira nas matas da estação, ora a roubar cajus nas quintas à beira-rio.

Depois, passei a freqüentar o curso de admissão ao ginásio, onde me esforcei por conseguir um lugar entre os primeiros. Luta vã, a minha. Os professores nunca me recompensaram com boas notas.

Como alguém escrevesse na lousa que o programa seria reiniciado em breve, pusemo-nos a gazear amiúde: éramos um trio, pois tínhamos agora o Arnaldo.

Sem que em casa soubessem, costumávamos ir até às bandas do Cruzeiro e do Mafuá, onde nos divertíamos a valer. Numa dessas excursões, deram-me um cigarro, e embora sentisse tonturas, jamais deixei de seguir os outros quando fumavam.

Uma vez, determinaram que haveria de ser eu quem comprasse uma carteira, e o fiz por conta do mealheiro onde Anália vinha guardando suas economias.

Aconteceu que no dia seguinte mamãe viu o maço no bolso do paletó, e indagou:

– Que caixinha é essa, aí?

– Nada – respondi, esforçando-me para parecer indiferente.

Ela a retirou, na mesma hora.

– Você fumando, hem? – ralhou, a olhar-me como se quisesse uma explicação. Ouça bem: na próxima vez que o pegar, dou-lhe uma surra – para nunca mais.

E num gesto impulsivo, amassando a carteira, jogou-a em cima da casa.

Tão logo narrei o sucedido à turma, esta inesperadamente se mostrou solidária a minha mãe:

– Cigarro não é troço de menino – fez Arnaldo, com um riso superior.

Digitalizado com CamScanner

ESTAVA PEDRANDO

Certa manhã em que banhávamos no Poti, atirando-nos de uma pedra no leito raso e arenoso, senti uma estranha dor no bico do peito, descobrindo-o, depois, levemente intumescido:

– Está pedrando – disse Norberto, ao sair de um mergulho.

Maravilhado com a revelação, estendi o corpo na areia da praia, e pus-me a considerar.

•••

Digitalizado com CamScanner

UNS FÓSFOROS

Alguns dias levei em repouso, sem freqüentar o colégio. A gripe tinha-se assenhoreado de mim, de tal maneira que eu não podia conciliar o sono, emagrecendo a olhos vistos: era tempo de calor, e este me sufocava.

Vezes sem conta, levantava-me à noite, pensando que corria algum vento no quintal. Mas a mangueira permanecia inerte, nem andavam as próprias nuvens: o céu sem estrelas, o horizonte cinza.

– Irá chover – predizia, com um acento de desânimo; e voltava depois à rede.

Quando eu menos esperava, houve frio em certa madrugada, e os dias então correram amenos. A pouco e pouco fui melhorando, e saía à esquina, à procura de amêndoas.

Cada vez me demorava mais, até que, burlando a vigilância dos de casa, pude fugir uma noite, a fim de juntar-me à turma. Arnaldo e meu primo se achavam na pracinha, já senhores do carrossel.

Ao ver-me chegar ansioso, Norberto sorriu:

– Pensei que tivesse morrido.

A seguir passei a brincar, esquecendo as horas, como das outras vezes. Quando nos sentimos cansados, debruçamos no capim, perto de um montículo de areia.

Não havia quase ninguém nesse instante, e Arnaldo se pôs a desenhar a graveto um busto de mulher. Meu primo, querendo gracejar, perguntou quem era:

– Minha pequena – respondeu, enquanto nos olhava para ver o efeito.

Nenhum de nós se mostrou surpreso:

– Onde a encontrou? – inquiri.

Arnaldo explicou, com ares de confidência:

Digitalizado com CamScanner

– Uma tarde, no cinema, verifiquei que uma estudante esperava alguém, no camarote ao lado. Era uma garota daqui – e pegou na orelha. Como o namorado não viesse, inclinou-se sobre o peitoril.

– Nada, até agora – interrompeu Norberto, sem conseguir dominar-se.

– Aproveitando sua distração, fui-me aconchegando e por fim coloquei a mão sobre a sua. Ela se virou subitamente, mas não pareceu zangada: "Tem fósforos?", perguntou. Disse que sim e risquei um. "Queria ver se tinha bigode". Mostrei-lhe o meu...

Todos nos rimos: havia apenas o buço, e mal.

– Mostrei o bigode – continuou, com a fisionomia ainda risonha – e lhe pedi baixinho que viesse estar comigo. Ela se deixou vencer e, logo que entrou, fechei a porta. "Pra que isso?" Não respondi, passando a acariciá-la. Nem me lembro do que ia pela tela...

...

Digitalizado com CamScanner

CHUVA

Quando Arnaldo terminou a sua velha prosa, não fizemos comentário algum. Durante dois ou três minutos, em que o vento soprava com força, nos limitamos a olhar a relva ou a escrever no chão.

De repente, meu primo soltou uma gargalhada, atirando-se em seguida sobre o colega:

– Mentindo, hem? – disse, os joelhos prendendo-lhe os braços. Anda, Ulisses: segura as pernas dele.

No momento em que me dispunha a ajudá-lo, puseram-se a cair grossas bagas de chuva:

– Meu Deus, chove – falei para mim, cuidando de abrigar-me sob o arvoredo.

– Já devíamos ter voltado – comentou Arnaldo, enquanto sacudia a roupa suja de terra.

Meu primo fitou o céu, abanando a cabeça em negativa:

– Vou-me embora – anunciou, e saiu a correr.

Não custou que eu ficasse sozinho, entregue ao pavor. Se esperasse por melhora no tempo, mamãe se preocuparia com minha ausência; se fosse logo, receberia alguns pingos e, na certa, uma recaída.

Enquanto me decidia, a chuva aumentava, e não achei outro recurso, senão amarrar o paletó à cabeça e ir-me também. A ventania tornava as gotas incertas, e quando cheguei tinha a camisa toda molhada.

Empurrei a porta, quase sempre encostada, e verifiquei que não cedia. Várias vezes bati, antes que minha mãe pudesse descerrá-la:

– Perdi-me... – fui explicando, sem perceber que não me dava atenção.

Dirigi-me em silêncio ao quarto, onde mudei de roupa, num acesso de tosse. A seguir me deitei, enrolando o lençol até o pescoço. "Por que não ralhou comigo?"

Digitalizado com CamScanner

Não consegui saber, por mais que pesquisasse o coração. As pálpebras morriam numa dormência, enquanto os pés e as mãos se enregelavam de frio.

"Vou piorar", matutei amargamente.

Essa noite não pude dormir. O corpo febricitava, e de quando em vez me sentia asfixiado, respirando com pressa e sem ritmo. Um momento em que me agasalhava melhor, percebi uma dor surda nas costas, mas não me detive em reparar nela.

Quando as pontadas se foram repetindo é que me alarmei. Quis chamar mamãe, embora soubesse que adormecia. Hesitei. Por fim não me contive:

– Mãe! – gritei, quase chorando.

Não tardou que eu ouvisse um riscar de fósforo e visse uma luz no teto, movendo-se com palidez:

– Está doente, não é? – foi a resposta. Sabia tanto!

E depois de uma pausa:

– Procure dormir, que agora não há jeito. Amanhã vou chamar o médico.

•••

Digitalizado com CamScanner

ADOLESCÊNCIA

Ao levantar os olhos, vi José diante de mim.

– Eis sua refeição – falava-me, passando uma bandeja de alimentos. Mamãe disse para você tomar logo.

– Deixe aí.

Fitei-o um instante, sem lhe corresponder o sorriso, e baixei as pálpebras. Queria estar sozinho, para repor no coração as alegrias que se foram.

Desde aquela noite, preferia morrer. Toda a ternura que devotava à minha mãe desapareceu, e em seu lugar veio surgindo a aversão. Nunca pude esquecer o abandono a que me entregou, quando fazia tanta questão de seus cuidados.

Na manhã seguinte, ela apareceu tarde e verificou que eu tinha febre, só respirando a custo:

– É bem capaz de ser pneumonia – comentou, saindo com ar pensativo.

Apenas lá pelas duas é que mandou chamar o médico. Este levou algum tempo em me examinar, após o que, tentando um riso, anunciou que não era nada.

A julgar-me bastante doente, fiquei pensando se valia a pena viver: sofria muito e, além do mais, era preciso magoar a pobre mãe. Talvez que assim me cercasse de carinho.

Passei a recusar os alimentos. A princípio não fizeram alarde, contudo minha mãe logo compreendeu a gravidade da situação:

– Meu filho, tome qualquer cousa – pediu-me uma vez, dando-me um copo de leite ainda fumegante.

Sem dizer palavra, virei o rosto – gesto que fingiu não ver, já que me indagou, terna e persuasivamente:

– Vai esperar que esfrie, não é?

Digitalizado com CamScanner

– Deixe-me em paz – murmurei, quase vencido pelo pranto. A senhora não se interessa por mim e agora...

Ela me obrigou a volver a face e, os olhos iluminados pela tristeza, suspirou apenas:

– Ulisses!

Assim que me vi só, cerrei as pálpebras: dormir era, nesse instante, o único remédio para esquecer a melancolia e a fome. Horas depois ouvi os passos de minha mãe, que trazia o médico. Este sentou-se numa cadeira de palhinha e sorriu-me:

– Como é, está melhor?

Não respondi, inquieto com a presença de ambos.

– É preciso que eu saia, doutor: tem ódio de mim – disse ela, a meia voz.

O clínico me fitou surpreendido:

– Ódio? – indagou, ainda sem compreender.

Mais uma vez permaneci calado: para que dizer-lhe o que ia no coração? Naturalmente não entenderia, tão contraditórias se mostravam minhas emoções, de uns meses para cá.

– Bem, sinta-se à vontade – e mamãe se retirou.

Nisto o médico me fez novo exame, findo o qual confessou:

– Não vejo melhoras, Ulisses.

– Quer dizer... que estou à morte? – animei-me a perguntar-lhe.

Ele me olhou, com uma ponta de carinho:

– Na sua idade, também estive assim. Recordo que tentei o suicídio, atirando-me de um sobrado, apenas para constranger uma velha tia. Não imagina o quanto me arrependo.

– Mas, doutor: não é bem isso...

– Sei o que estou dizendo, Ulisses. Quer entristecer sua mãe pelo fato de que ela não cuidasse de você, na noite em que adoeceu. Acha que merecia ternura, depois de ter escapado?

– Não fugi – repliquei, contrariado e meio soluçante.

– Está bem, não precisa chorar. – Fez uma pausa, em que procurou mirar-me nos olhos. – Mas não se esqueça de que sua mãe não tem culpa.

Digitalizado com CamScanner

Desde o instante dessa visita, só tenho pensado nas alegrias que perdera e que tão ansiosamente queria reconquistar. O coração já estava tranqüilo, e eu esperava que com o tempo viesse a perdoar minha mãe.

No momento em que José apareceu com a refeição, eu quis mais uma vez examinar se alguma incerteza ainda me restava, e vendo mansidão em tudo, não pude deixar de sorrir-lhe:

– Está esperando? – indaguei, quase afanoso.

Ele disse que sim, e também alegre estendeu-me os alimentos.

•••

Digitalizado com CamScanner

MAMÃE: BONDADE E TERNURA

Quando, três ou quatro dias depois, minha mãe apareceu à porta para anunciar a visita dos colegas, não tive mais dúvidas:

– Entre, mãezinha.

Ela acedeu, com um brilho nos olhos, e se acercou de mim, tomando-me as mãos bondosamente:

– Como você é corado, Ulisses! – exclamou, a voz pausada e terna.

A seguir, vendo que não lhe guardava ressentimento algum, saiu agitada – tão alegre que parecia uma criança.

•••

Digitalizado com CamScanner

OS POMBOS

Digitalizado com CamScanner

UMA PRIMA DE ARNALDO

Fiquei tão saudável, durante a convalescença, que o médico me autorizou a sair do quarto. Algum tempo depois, fazia breves passeios, não obstante cansar-me um pouco se me demorava ao sol.

Restabelecida a saúde, e o ânimo, voltei a freqüentar a escola, onde me receberam com demonstrações de júbilo, inesquecíveis para mim.

Após a aula, certa manhã, perguntou-me Arnaldo se queria ir até sua casa, para ver uns pombos-correios que lhe deram, por ocasião de seu aniversário.

– Voltará logo – prometeu-me.

Como fosse pertinho do Ateneu, e Norberto também insistisse, acompanhei-os, admirando com renovada alegria, assim que chegamos, os ipês dourados do jardim.

Íamos alcançando o quintal, quando o portão que dava para este se abriu e nos apareceu uma rapariga. Era uma prima do Arnaldo, que viera passar uns tempos em casa dos tios; seu rosto estava coberto de espinhas e os seios agora que apontavam.

Esquiva ante nossos olhares, ela se afastou em direção ao cercado das galinhas:

– Olá – exclamou meu primo, num sorriso que logo se desvaneceu.

Arnaldo deu de ombros:

– Deixa essa matuta em paz – disse, e convidou-nos com um gesto a ir ao pombal.

Vencido por um sentimento de admiração e medo, não os segui, preferindo ficar a sós com a moçoila. Esta permaneceu de vista baixa e um só instante ergueu-a para mim, as faces tingidas de rosa.

Aproveitei-me dessa ocasião para avizinhar-me:

Digitalizado com CamScanner

– Meu nome é Ulisses – ousei apresentar-me, fitando-lhe a boca – e o seu?

Ela não respondeu e se pôs a tirar alguns buritis da cerca, entrando em seguida à procura de ovos.

– Anda, primo – Norberto gritou-me, lá dos fundos. Venha ver.

Concluindo que era inútil insistir, retirei-me com o pensamento no pombal, onde senti um enlevo contemplando as aves buliçosas que revoavam perto dos ninhos ou arrulhavam sobre o muro.

– Gostaria de ter um casal – falei sem refletir, recordando os passarinhos que eu criava em Oeiras, nos saudosos tempos de meu pai.

Arnaldo sorriu e se aproximou de mim:

– Pode escolher, Ulisses. Para você, dou até dos raciados.

– Oh, *thank you*.

Depois de alguns instantes de silêncio, decidi voltar: o sol tinha esquentado muito e eram quase doze horas; além disso, mamãe devia estar inquieta, esperando por mim.

– Vou-me embora – anunciei, saindo confiado em que Norberto me acompanharia.

Quando passava pelo galinheiro, ouvi uma voz chamar-me hesitante: era a prima de Arnaldo que, junto à cerca de buriti, arrumava numa cesta os ovos que reunira no chão.

– Quer falar-me? – interroguei, enquanto me esforçava para vencer a inquietação.

Ela se mostrou calada por alguns instantes; enfim relanceou-me um olhar:

– Não perguntou meu nome? – disse, curvando-se para apanhar os ovos. Pois é... Conceição.

Quis dizer-lhe que a achava bonita. Mas a voz ficou presa à garganta e quando pude dominar-me, já Conceição tinha saído, encandeada pela luz do sol.

•••

Digitalizado com CamScanner

DOIS POMBOS

Uma vez, depois de jantar, eu saí à porta, onde fiquei à espera dos pombos que Arnaldo me prometera para essa noite. Estava escurecendo e o perfil das amendoeiras se descortinava em tons esmaecidos, aumentando a minha impaciência e o tédio.

– Por que o empregado não vem logo? – interrogava-me todo instante.

Não contente em aguardar, fui à esquina, para ver se distinguia, entre as sombras que vagavam, aquela que iria trazer as aves.

Já me desiludia, voltando a sentar-me à porta:

– Ulisses...

Sobressaltei-me: era, porém, minha mãe.

– Vamos fazer uma visita a seu tio Custódio – continuou, enquanto dava a mão a Anália. Fique com José, e tomem conta da casa.

A seguir elas se foram, e eu me entreguei aos pensamentos. Por que Arnaldo vinha me enganando, com respeito aos pombos? Há uma semana tinha dito que enviaria à tarde, depois que amanhã...

Súbito, pressenti alguém a meu lado. Virei-me o mais naturalmente possível, a fim de evitar alguma decepção:

– Aqui que seu Arnaldo mandou – disse um negrinho, estendendo-me dois borrachos.

Recebi-os pressuroso e entrei de casa adentro, sequer me lembrando de agradecer. Sentia nas mãos o calor dos filhotes e por isso meu corpo estremecia de prazer.

Ao chegar à varanda, deitei-os no peitoril, para observá-los melhor. À luz bruxuleante de uma vela, eles pareciam assustados, encolhendo-se e bicando-se vez por outra.

Não me satisfiz em mirá-los sozinho e chamei José. O mano quase que veio incontinenti e, ao enxergá-los, parou surpreendido, logo sorrindo com tal expressão de ternura, que me comoveu.

Digitalizado com CamScanner

– Os bichinhos são seus? – inquiriu-me, enquanto alisava suas costas meio implumes.

Eu ia revelar quem me dera, quando prosseguiu:

– Mamãe não vai se aborrecer? Um tempo, ela me obrigou a dar meus pombos, só porque atrasavam.

– Vamos escondê-los, até que consinta – respondi, já pensando no lugar onde fazê-lo.

Meu irmão apanhou as aves cuidadosamente e apontou a vela:

– Traga e venha comigo.

Obedeci e, com a vela numa das mãos, a outra a resguardando do vento, segui-o pelo corredor, até ao alpendre que fica próximo do saguão.

José abriu a porta do banheiro e agasalhou as avezinhas na pia do lavatório, rodeando-as com uma toalha. Fez tudo em silêncio.

– Você... – falou em seguida, voltando-se para mim – você quer me dar esses pombos, Ulisses?

Frente à inesperada proposta, mal pude responder:

– Depois trataremos disso.

Mais tarde, quando todos pareciam dormir, levantei-me e, pé ante pé, fui encostar a porta do banheiro, temendo que algum gato da vizinhança aparecesse ali por perto.

Quando voltei ao quarto, ouvi José, quase sussurrante:

– Eles estão dormindo?

Bocejei um *sim* e de novo caí na rede. Breve, num mundo cheio de nuvens, eu vi inúmeros pombos em revoada, por cima dos morros que cercavam Oeiras.

•••

Digitalizado com CamScanner

ERA DE VER A ALEGRIA

Paulatinamente José foi tomando conta dos pombinhos, até que, tendo-me cansado deles, passou a dono. Era de ver a alegria com que os alimentava pela manhã ou os receios de que fugissem, tão logo pudessem voar.

A fim de não afastar-se deles, deixou de ir ao colégio, passando os dias em casa. Mamãe a princípio não se zangou, atribuindo mesmo que não houvesse aula; uma vez, porém, chamou-o e disse:

– Somos pobres, e você deve corresponder ao sacrifício de sua mãe. Por que não freqüenta mais a escola?

Meu irmão estremeceu e olhou-me apressado, em busca de auxílio:

– Estou doente – respondeu, ofegante.

– E por que não me confessou a tempo?

José tornou a fitar-me: sempre se afligia quando o levavam a mentir. Sem se conter balbuciou algo desconexo; por fim dominou-se:

– Não queria preocupá-la, mamãe.

– Está bem – ela falou, levantando-se para ir à cozinha, num misto de tristeza e felicidade que era bem seu.

•••

Digitalizado com CamScanner

OS NAMORADOS DE MINHA IRMÃ

Lembro que, certa ocasião, José veio a ter, por causa dos pombos, séria discussão com Anália. Nós nos tínhamos reunido à mesa, esperando que a empregada se dispusesse a trazer o almoço. Desde algum tempo estávamos com fome, pois que o dia amanhecera nevoento e ameaçava chover.

– Acenda a luz – mamãe pediu-me, enquanto dava jeito no seu velho agasalho de lã.

Obedeci, mas a lâmpada pouco clareava:

– Até parece que velamos – disse Anália, pondo uma mão sobre a outra, e nelas apoiando o queixo.

Após um instante, a cozinheira trouxe os pratos ainda fumacentos. Mamãe se serviu e pôs para nós algumas colheres de arroz. Minha irmã e eu avançamos nas demais iguarias e nos pusemos a comer: só José ficou parado, mirando-nos com absoluto desinteresse.

– Não quer almoçar? – inquiri.

Como ele não desse resposta, a mana interveio e insistiu num tom quase ferino:

– Não se agradou da comida, não é? – E se dirigindo a mamãe: José deseja pombos fritos no jantar.

– Não se meta – replicou ele, cerrando os dentes.

Anália, entretanto, queria provocá-lo:

– Mãe – falou, como que alheada – por que a senhora não examina as faltas de José? Ele é bem capaz de perder o ano.

Antes que ela respondesse, o mano se levantou trêmulo, e, contrariando seus hábitos, enredou:

– A escola dela é nos cinemas, nas praças, por aí nas esquinas, com os namorados.

– Mentira – Anália protestou sorrindo, para evitar o insulto.

Digitalizado com CamScanner

O silêncio, então, caiu sobre nós, constrangendo a todos. Mamãe parecia tão chocada, que por momentos perdeu a ação:

– Nem mais um pio – ralhou, demasiado comovida para impor obediência – ou terei de castigá-los.

José saiu rapidamente e por sua vez minha irmã cerrou as pálpebras, como para esconder as lágrimas incontidas.

•••

Digitalizado com CamScanner

NA COROA DO PARNAÍBA

Estava lendo, quando Norberto apareceu, dando uma sacudida na rede em que me deitara:

– Vamos para a coroa – disse-me. A gente toma sol e nada um pouco.

Movido pelo desejo de agradar-lhe, pus os tamancos nos pés e o calção sobre o ombro, acompanhando seus passos em silêncio.

Ao chegarmos ao rio, encontramos Arnaldo com uma cesta de frutas e apetrechos de pesca. Meu primo olhou bem para as águas serenas do Parnaíba, que o sol da tarde fazia brilhar, e depois para o anzol, a linha, a vara e a mão que nesta segurava:

– Quer pegar alguma piabinha? – interrogou, sem erguer a vista.

O colega pareceu irritado com a malícia e respondeu, dando-nos as costas:

– É para seu jantar.

A seguir nos rimos como bons camaradas e descemos para uma canoa. O vareiro nos levou até à ilha mais próxima e saltamos na areia úmida, debandando em corridas contra o vento.

No fim da coroa, lançamo-nos à terra e nos detivemos em contemplar a correnteza:

– Esse rio é muito belo – exclamei, novamente seduzido por sua paisagem.

Os companheiros também acharam que sim e puseram-se a fitar as ondas que o vento agitava e que logo se desfaziam, ao bater nas pedras do cais de Teresina.

– Vamos cair n'água – sugeriu uma voz, a de Arnaldo.

Depois de tomarmos banho, debruçamo-nos na praia arenosa, cada um entretido em fazer alguma cousa. De pingos de areia barrenta comecei a levantar um castelo de torres esguias.

Digitalizado com CamScanner

– Larga isso e vem cá – chamou-me Norberto, enquanto apontava uma mulher nua que tinha desenhado no chão.

Eu já ia perto, quando Arnaldo me desconcertou com uma pergunta súbita:

– Ulisses, você já... – e fez um gesto despudorado.

Olhei para meu primo, a fim de pedir-lhe ajuda: ele sorria apenas.

– Não – confessei, a vista baixando.

Houve um instante de silêncio e, para fugir a novas descobertas, afastei-me um pouco. A indagação de Arnaldo, contudo, não me saía do pensamento. Recordei Amélia, uma mocinha que fazia muito tempo me abraçara em Oeiras, tinha eu sete anos. Vi Conceição diante de mim, curvando-se para apanhar os ovos e deixando à mostra os pequenos seios rosados...

Quando, horas depois, voltei para casa e me disseram que os pombos tinham desaparecido, não dei quase atenção, por sentir que nessa tarde se descortinou para mim um mundo admirável.

•••

Digitalizado com CamScanner

A BUSCA

Ao levantar-me, no dia seguinte, os olhos cansados pela insônia, fui direto ao quintal. Tinha a lembrança de que me falaram sobre o desaparecimento dos pombos e queria ver se era verdadeiro ou impressão apenas.

A velha mangueira balançava ao impulso do vento, folhas secas rolavam pelo chão e no céu azul se viam alguns papagaios coloridos que os meninos empinavam.

Estávamos no melhor tempo do ano, com o clima ameno e propício ao vôo das aves. Olhei para o muro, os galhos do pé de manga, a cumeeira das casas, sem conseguir avistar os pombos.

Não satisfeito com essa busca, subi no tanque de fora e espiei os quintais vizinhos.

– Que é que você procura, Ulisses?

Virei o rosto: era meu irmão, que me observava do alpendre, encolhido no seu uniforme cinza.

– Os pombos; não viu?

José tremeu um pouco:

– Não adianta examinar: eu os matei.

Tão surpreendido me deixou essa confissão, que quase perco o equilíbrio:

– Mas, por quê? – inquiri, o coração descompassado.

O mano pôs-se a remexer a terra com um pauzinho e, como se falasse só, disse-me:

– Não busque razão na vida, que não achará.

– José... que é isso?

Ele voltou para mim a face inexpressiva.

Certo de que nada obteria agora, deixei-o entregue às suas reflexões, pressentindo que algo estranho iria acontecer.

Digitalizado com CamScanner

GOSTO DE LUGARES ASSIM

Um dia, mamãe me chamou e inquiriu de mim o que se passava com José. Não obstante viver impressionado, essas últimas semanas, com seu procedimento, respondi que não era nada.

A velha se conformou com minha explicação, o que me levou a observar o mano mais amiúde: sentia-me responsável por seu destino e ao mesmo tempo queria desafogar o coração.

Quando dele me acercava, fugia de mim, sem ao menos prestar-me atenção. Vivia sozinho, trancando-se no quarto, ou saía para passeios noturnos. A mamãe, única pessoa que lhe arrancava ainda algumas palavras, dizia que não se preocupasse.

Certa vez me decidi a acompanhá-lo à distância. José se afastou da cidade e ganhou o subúrbio, acelerando o passo à medida que chegava ao campo. Depois se sentou na relva, olhando para o céu límpido e sem nuvens.

Aproximei-me em silêncio, e fui notado:

– Ulisses, venha pr'aqui – ele sussurrou, permanecendo como dantes.

Atendi, sentando-me a seu lado.

– Por que me seguia, mano?

Quis responder, porém não deixou:

– Vê como isto é calmo? Há poucas casas e nenhum trânsito, a estas horas. – E adocicando a voz, segredou-me: Gosto de lugares assim.

– Mas, José – aventurei-me – não lhe fica bem andar só, em paragens como esta.

– Que importa?

– E mamãe?

– Não a faço sofrer.

– Como sabe, mano?

Digitalizado com CamScanner

José pôs em mim seu triste olhar e me tomou a mão. A seguir, voltamos para casa, mudos e contemplativos.

•••

Digitalizado com CamScanner

DEUS É A SALVAÇÃO

Sorrindo como numa despedida, José afastou-se de nós e dirigiu-se ao banheiro. Levava em redor do pescoço uma toalha e na mão o sabonete: tudo indicava que ia somente assear-se.

Na volta do banho, foi para o quarto e se deitou:

– Vou ver se durmo – disse então, para que todos escutassem.

Por sorte a criada precisou ir também ao banheiro e viu no chão alguns pingos escuros. Estranhando o fato, olhou para a parede onde sempre estivera um pacote de formicida: não o encontrou.

– Que terá acontecido? – pensou ela, e tão rápida quanto lhe permitiam as forças, correu à cozinha, tirando do fogo uma chaleira com água morna. Nisso gritava por mamãe.

Esta atendeu logo, empalidecendo ao ouvir as suspeitas da outra: por que iria José envenenar-se? Não chegou a compreender, e já saía à procura dele.

O mano tinha os olhos fechados:

– Meu filho, beba.

Ele descerrou as pálpebras, de leve, e fitou o copo estendido à sua frente:

– Filhinho – mamãe agora estava chorando – beba.

Quis acercar-me, porém recebi instrução para telefonar ao pronto-socorro, pedindo uma ambulância. Senti o sangue gelar-me e, meio confuso, dirigi-me à casa do vizinho, usando de seu aparelho sem que me autorizasse.

Nem sei como pude discar o número certo: tinha a impressão de que alguém estava à morte, uma pessoa a quem estimava. Eu sofria, e muito.

Quando voltei o pensamento para mim, achava-me diante da rede de meu irmão. Este acatara o pedido da velha e, após ter vomitado, ainda parecia doente, as feições contraídas pela dor.

Digitalizado com CamScanner

– Por que José agiu assim? – mamãe perguntava, bem mais aflita do que eu.

Decorridos longos minutos de espera, de agonia para todos, afinal chegou a assistência.

– Ele se salvará? – falei ao médico, no instante em que entrou.

– Confie em Deus. Acalme-se.

Os enfermeiros levaram José para a ambulância e esta partiu rapidamente.

– E agora? – era Anália quem inquiria.

Mamãe encarou-a com um brilho no olhar:

– Deus é a salvação – disse, elevando os olhos para o céu.

•••

Digitalizado com CamScanner

UM DESEJO

Horas depois de ter internado meu irmão, o médico apareceu no corredor do hospital; e caminhou para o pequeno oratório, onde mamãe rezava. Foi-se aproximando, mas não quis interrompê-la. Esperou que ela acabasse suas orações, para apenas aí dizer-lhe, de modo afetuoso e tranqüilo:

– O rapaz escapou, felizmente.

Minha mãe tentou levantar-se, e não conseguiu: estava trêmula de emoção; no entanto dela irradiava uma avassaladora alegria. O assistente deu-lhe o braço e ajudou-a a erguer-se:

– Vamos, que ele lhe quer falar.

Entramos na enfermaria e vimos José fora do leito, pálido como nunca. Ele nos chamou e estendeu as mãos, o arrependimento estampado no rosto.

– Quando voltarei para casa? – perguntou.

– Já, meu filho – e a velha mordia os lábios, enquanto tomava as mãos dele entre as suas.

Anália e eu nos avizinhamos também e logo nos sentimos tocados da ventura que inundava os corações de mamãe e José.

Houve um instante de compreensivo silêncio, que meu irmão cortou para anunciar sua nova resolução:

– Mamãe – disse, enfrentando nossos olhares – prometi a Deus que me dedicaria à Sua obra, se me salvasse. – E esboçando um sorriso ante nosso consentimento: Vou ser padre.

•••

Digitalizado com CamScanner

À CAMINHO DO SEMINÁRIO

Quando, quase uma semana depois, conduzíamos José ao seminário, encontrei Conceição: ela evitou meu olhar, e fingi não vê-la.

•••

Digitalizado com CamScanner

CONCEIÇÃO

Digitalizado com CamScanner

CONCEIÇÃO

Uma noite dessas, revi Conceição. Esta me pareceu mais bonita, o corpo já esbelto e bem feito: nem me lembrou a mocinha de alguns meses atrás, que conheci junto a um cercado de galinhas.

Foi na Praça Pedro II, onde se costuma rodar à espera do cinema ou de puro prazer. Tinha ido escutar a retreta, quando de súbito encontrei Arnaldo:

– Quer dar uma volta? – ele inquiriu, pegando-me no braço.

Saímos e nos pusemos a observar as garotas que iam passando à nossa esquerda, em sentido contrário. Numa dessas vezes senti que alguém me olhava; procurei descobrir quem era, mas a jovem fugiu e não pude ver-lhe o rosto.

– Viu como ela o fitava?

E em seguida Arnaldo me contou que Conceição se impressionara comigo desde o primeiro encontro. No dia em que fomos levar José ao seminário, chegou em casa se queixando de mim porque não a cumprimentei.

– Está me enganando – respondi, ansioso para que confirmasse.

Eis que o colega nada adiantou, limitando-se a sorrir. Meu coração estremeceu, as mãos esfriaram e eu me reparti entre a esperança e a dúvida.

Quando de novo passamos por Conceição, Arnaldo me deteve e a chamou, para perguntar-lhe se não queria ir ao cinema, segundo tinham combinado.

Ela olhou de relance para mim e disse:

– Prefiro ficar.

– Então, vamos sair deste movimento.

A seguir fomos os três para um canto da praça, mas nessa hora infelizmente caíram alguns pingos de chuva e isso sempre era bastante para nos fazer dispersar.

Digitalizado com CamScanner

Conceição procurou meus olhos com os seus, assustados, de um castanho vivo.

– Amanhã irá às barraquinhas? – indagou.

Disse-lhe que sim, e, enquanto os via afastar-se, eu me abriguei sob a copa de uma velha figueira, sentindo que essa emoção que me avassalava só poderia ser o amor.

No enlevo que se seguiu, ar, luz, chão, árvore – tudo parecia impregnado da presença e do calor de Conceição.

•••

Digitalizado com CamScanner

AMAVA-A, SIM

Não demorou muito, notei que o tempo havia serenado: a chuva se fora logo, mas já não me atraía a praça: esta perdera toda a poesia – Conceição.

Ao voltar para casa, indaguei de mim, enquanto metia o pé, insensivelmente, numa poça d'água, por que não resistia à sedução dessa garota. Que havia nela de extraordinário, além da beleza?

Nada descobrindo, cheguei à conclusão de que não a amava e tudo isso era passageiro.

Depois, estando prestes a dormir, tornei a pensar em Conceição. Via-a agora sorrindo, tão recatada, tão doce! Seus menores gestos me passavam pela mente, levando-me a uma ansiedade nunca sentida.

Até altas horas fiquei desperto, e apenas consegui adormecer quando, desistindo de enganar meu próprio coração, disse-lhe baixinho:

– Amo-a, sim, meu velho.

E repeti diversas vezes que a amava com loucura.

•••

Digitalizado com CamScanner

UM ENCONTRO

Antes que Conceição chegasse às barraquinhas, já eu me encontrava à porta da igreja, ouvindo a bênção. Depois desta, o povo saiu para o adro e, buscando as mesas às pressas, desandou a conversar e a rir.

Do poste um alto-falante se pôs a irradiar música – pobres canções de amor, que nesse momento tocaram meu coração: eu me sentia enamorado e era a primeira vez que isso acontecia.

Caminhava sem destino, quando de repente me bateram de leve no ombro:

– Ulisses – chamou alguém.

Ao escutar meu nome, corei imediatamente: a voz, o perfume que recendia perto, a mão que vi de relance, lembravam Conceição. Foi com esse pensamento que me virei, procurando sorrir, a fim de ocultar a inquietação que me ia na alma.

– Está linda – disse à garota.

Ela pareceu alegrar-se, e com uma expressão suave me pediu:

– Vamos?

Respondi que sim e começamos a passear.

– Gosto de você, Conceição – ousei confessar. Muito.

Riu-se.

– Gosta?

Rodamos um bocado em silêncio e após isso nos sentamos nos degraus do Cruzeiro. Ela ajeitou a saia, tomou de um buriti e, como que distante, começou a desenhar no chão as palavras: *eu também.*

Quis saber o que significavam e as apagou com o pé:

– Não disse que gostava de mim? – murmurou.

Aproximei-me um pouco mais, sem que me repelisse.

E sentindo-a tão perto, deixei-me ficar esvanecente, nessa estranha felicidade que não se traduz, mas é bem viva.

Digitalizado com CamScanner

Para surpresa minha, Conceição voltou-se de súbito, quebrando assim o encantamento que me dominava:

– Ulisses... – indagou, perscrutando-me a face – você tem quantos anos?

– Quinze... Por quê?

Ela abaixou a vista:

– Nada.

Calamos por um minuto, e foi aí que uma menina me ofereceu algumas rosas de papel:

– Vá-se embora – ordenou Conceição, querendo livrar-se da estranha.

A vendedora não lhe fez caso e me pediu que comprasse. O dinheiro era para os pobres, e custava apenas mil-réis. Tirei do bolso uma prata e escolhi uma rosa das vermelhas. A garotinha já ia longe, quando me lembrei de reclamar o troco; nem me ouviu.

Um tanto desconcertado, olhei para Conceição e lhe estendi a florzinha. Ela a tomou entre as mãos e a levou aos lábios, beijando-lhe as pétalas:

– Será uma lembrança sua, Ulisses.

E rindo, convidou-me para andar.

•••

Digitalizado com CamScanner

CASTANHOS ERAM SEUS OLHOS

Mirando-se bem nos meus olhos, Conceição sorriu:

– Também são castanhos – disse.

– É a primeira vez que repara?

Ela jurou que sim:

– Quem possui olhos dessa cor é inconstante.

– E você, querida?

– Sou diferente; verá como lhe serei fiel até a morte.

Coloquei minha mão sobre a sua. Que agradável ouvi-la falar assim!

•••

Digitalizado com CamScanner

AS MULHERES

Durante um mês senti que o amor de Conceição me animava as horas que antes eram vazias ou entediadas.

Ainda que não estivéssemos juntos, tinha-a presente no coração. À noite já não podia conciliar o sono, pensando nela. E de tal modo fiquei impressionado, que uma ocasião a velha se levantou e veio a meu quarto, para saber o que me fazia inquieto.

Confessei-lhe tudo.

Mamãe nem se zangou; antes sorriu:

– Procure dormir – recomendou.

E depois de uma pausa:

– Se realmente gosta dela – disse, olhando-me com brandura – nunca se mostre apaixonado.

– Como?

– Você não compreende, Ulisses. Nenhum homem é capaz de entender as mulheres.

•••

Digitalizado com CamScanner

A PRIMEIRA DESILUSÃO

Somente agora, passados muitos anos, posso reconstituir a cena que encerrou, para mim, as ilusões da adolescência. Fiquei tão desencantado com o imprevisto, que quase chorei.

Foi à noitinha, numa véspera de Natal.

Como um circo devesse estrear nesse dia, fui com Norberto à procura de Arnaldo, a fim de irmos juntos ver os leões, o elefante e sobretudo o globo da morte.

Eu seguia na esperança de que Conceição aparecesse à porta e lhe pudesse falar: havia bem uma semana que não nos víamos.

Antes de bater palmas, detivemo-nos à escuta de vozes que partiam de dentro da casa. Parecia uma discussão:

– Já disse que não consinto – gritou alguém, estranho para mim.

– Ora, papai! – exclamou Conceição. Não sei o que tem ir ao circo.

– Pensa que sua tia não me contou?

A rapariga estremeceu, hesitante:

– Contou? – Fez uma pausa. – Contou o quê?

– Ainda pergunta!

– Paizinho!

– Não adianta insistir. Amanhã mesmo voltaremos para casa.

Conceição, cuja sombra se projetava no corredor, deu alguns passos e dirigiu-se a outrem, possivelmente sua tia:

– Por bondade – suplicou – me diga o que há.

A mãe de Arnaldo foi a seu encontro, detendo-se no meio da sala, sob nossas vistas:

– É a história de seu namoro, minha querida.

Conceição riu alto:

– Ulisses? – perguntou. A senhora se refere a ele?

– Sim.

Digitalizado com CamScanner

– Pois fiquem sabendo que nada existe entre nós. Se lhe dou confiança é apenas em atenção a Arnaldo.

Nesse momento, voltando-se devagar, a mulher nos viu e caminhou para a porta:

– Que era? – indagou com frieza.

Meu primo falou em Arnaldo, e ela respondeu que acabara de sair. Depois, parecendo distinguir-me entre as sombras, esboçou um sorriso meio encabulado.

– É você, Ulisses?

Não me animei a encará-la sequer, de tão comovido. Tinha o coração amargurado, e me sentia no abandono. Não fosse Norberto, meus olhos se encheriam d'água.

Vendo que não seria bom que Conceição estivesse tão próxima de mim, ele pôs a mão em meu ombro e me levou em silêncio pelas ruas mal iluminadas e ermas, sem destino algum.

Após caminhar muito, reteve-me e me fitou com uma expressão de bondade, que o tornou mais humano:

– Sei que quer ficar sozinho – disse, e se afastou.

Por onde andei, nem o que vi recordo direito. Além da mágoa de ter perdido Conceição, aos poucos me veio entrando n'alma a idéia de que tudo morrera para mim.

•••

Digitalizado com CamScanner

UNIDAS AS MÃOS

Pouco após a missa do galo, tornei a encontrar Conceição. Já me sentia calmo, numa quietude que tanta estranheza me causa, agora: a lembrança que dela me restava era esmaecida, como, às vezes, nos sonhos.

Não foi sem surpresa, contudo, que a vi aproximar-se de mim, à porta da igreja em cujo adro, tempos antes, passeamos enamorados um do outro.

Ela veio de mansinho e se postou à minha frente, sem nada dizer, sorrindo apenas. Voltava eu a compreender que estava diante de meu único e puro amor.

– Ulisses – falou afinal – você ainda gosta de mim?

Não lhe respondi.

– Apesar de tudo? – acrescentou, fitando-me nos olhos.

Tentei mostrar-me indiferente, como mandava o capricho, mas não pude:

– Por que agiu daquele modo?

Conceição se aproximou mais, tomando-me a mão:

– Queria que eu apanhasse? Você não conhece o gênio de meu pai.

Ela se calou a seguir, esperando que a perdoasse. O amor-próprio estava, no entanto, demasiado ferido para que viesse a desculpar-lhe o erro, nessa noite.

– Olhe, minha tia me chama – e apontou-me a mãe de Arnaldo. Regressarei amanhã à fazenda dos velhos, e só voltarei se tiver certeza de que me estima.

E abaixando a vista, a desprender-se:

– Eu te amo, Ulisses.

Conceição saiu rápida, sem volver o rosto. Quando mais tarde a procurei para renovar os votos de amor que lhe tinha feito e constantemente repetia, já não a encontrei: misturara-se à multidão.

Dela, ainda hoje, guardo a recordação desse momento, em que nossas mãos, as minhas aquecidas nas suas, se uniram pela última vez.

Digitalizado com CamScanner

SOMOS TODOS INOCENTES

Prêmio Coelho Netto, de romance,
da Academia Brasileira de Letras.

Digitalizado com CamScanner

À memória de Celina.

Digitalizado com CamScanner

PARTE I

Digitalizado com CamScanner

O BAILE

Entre as ruínas da cadeia, Dulce lembrava-se da manhã em que, protegida pelas rótulas da janela, entrevira a chegada de Raul. Seu porte baixo, porém garboso, era inconfundível. Quem não o conhecesse, logo imaginaria ser descendente do velho Joaquim Ribeiro, tal a semelhança física. Como o avô, não dispensava o chapéu de palhinha, nos dias de muito sol.

Viera num sedã azul, que ele próprio guiava. Antes de transpor a ponte, já os meninos corriam à sua frente, cheios de alegria. À porta, velhas e mocinhas acenavam-lhe a sorrir. Com exceção de alguns rapazes, que se distraíam no jogo de damas, todos se esforçavam para ver o automóvel e o chofer.

Raul, um pouco envaidecido, andara sem pressa, buzinando nas esquinas, nas ruas estreitas por onde os burricos carregavam lenha e até mesmo na Praça da Vitória, onde sobressaía o Sobrado. O prazer, sendo inédito, não tinha limites, e a cada instante exibia as luvas, ao saudar os parentes e amigos. Dulce não pudera vê-lo bem, e continuava em seu posto quando a mãe entrou no quarto.

– Não tem vergonha, menina?

Ela corara e não conseguira responder. D. Odete, percebendo-lhe o vexame, abanara a cabeça em negativa.

– Não se iluda, minha filha. Você sabe o que a esperaria, se viesse a apaixonar-se por ele.

Dulce olhara-a com resignação, caindo em seus braços.

– Mamãe – dissera-lhe, enquanto a apertava com força – por que não acabam essa história? Os filhos não têm culpa.

A senhora afastara-se de leve, fitando-a carinhosamente.

– Não torne a falar nesse assunto. Eu... Eu nada posso fazer. No ano passado, quando Raul veio passar férias... – Calara-se de súbito, esmorecida. – Ninguém consegue demover seu pai.

Digitalizado com CamScanner

Depois que ela saíra, Dulce atirara-se à rede, pensando com amargura no próprio destino. A mãe conhecia-lhe o segredo. E agora? O pai não lhe bateria? Não; talvez nem viesse a saber. "Oh, como é triste amar assim. Se ao menos pudéssemos falar-nos!"

Domingo haveria uma festa no Sobrado. Lá estariam as primas de Raul com as colegas, dispostas a conquistá-lo: até Pedrina compareceria. Dulce não se conformava. Era imperioso ir, ainda que tivesse de enfrentar a zanga do pai.

À noite, de tanto imaginar cenas em que lhe pedia licença, sem a obter, terminara sentindo a cabeça tonta. Quase de manhã, a brisa dos morros, cheia de perfume silvestre, restituíra-lhe a calma e ela adormecera. Ao despertar com o movimento do pai que seguia para a "Varjota", ocorrera-lhe uma idéia. "E se eu pedir a ajuda de Amparinho?"

•••

Dulce ouviu o estalo de ramos secos que se partiam. Querendo confundir Amparo, escondeu-se no muro de pedra. A amiga parou a alguns passos, e, não encontrando ninguém, decidiu-se a voltar. Foi quando enxergou um lenço preso entre os arbustos.

– Ela não veio – disse alto, de propósito. E depois de um momento de expectativa: Nesse caso vou-me embora.

Dulce saiu rindo do esconderijo:

– Precisava tanto ver-te!

– E para isso te ocultavas? – perguntou Maria do Amparo, entregando-lhe o lenço.

– Queria surpreender-te.

Sorriram: os cabelos soltos, os olhos transparentes pela claridade da manhã.

– Viste Raul? Chegou ontem, de carro.

Como Amparinho tocasse no assunto, Dulce foi direta ao que a afligia:

– Vão dar uma festa domingo, no Sobrado, em comemoração à formatura dele. Gostaria tanto de ir! Se soubesses...

Amparo sentou-se numa pedra, ajeitou a saia e arrancou um talo de capim, que se pôs a mordicar.

Digitalizado com CamScanner

– Nós vamos. E tu?

Dulce abaixou a vista.

– Bem sabes que não posso.

– Ah, sim, a velha história. Por que não esquecem isso, hem Dulce? Por quê?

As mãos frias apertando o lenço, os olhos fixos na torre lateral da igreja, Dulce recordou para a amiga o desentendimento que, há anos, separava as duas famílias. Seu avô, Raimundo Barbosa, era intendente e decidira, não obstante a seca de '15, ajardinar o passeio público que ficava defronte do cruzeiro.

Todos os dias, antes do expediente, ia ver as obras, aguando as mudas, podando os galhos excessivos e, às vezes, enchendo de estrume os canteiros menores. Gostava tanto do jardim, que pusera um vigia somente para evitar depredações: as roseiras começavam a florir, atraindo as abelhas e o olhar dos transeuntes.

Certa noite Ananias, um dos afilhados do Velho, quis arrancar um jacinto e foi advertido pelo guarda. Ciente da importância do padrinho, entrou no canteiro e pisoteou a grama, rindo desafiadoramente. O vigia irritou-se e lhe deu uns brogues, fugindo em seguida quando ele principiou a gritar. Num segundo veio gente de todos os lados:

– Um monstro!

O coronel Joaquim ficou irritadíssimo com o fato. Contam que não dormiu nessa noite. Era notória sua predileção pelo menino, a quem amava como a um filho.

Na manhã seguinte, o guarda apareceu desfalecido junto a uma touceira de açucenas, os olhos esbugalhados e sangüíneos, o rosto deformado de murros. Ao saber do ocorrido, o intendente procurou o Velho. Ia indignado. Então, para que fora eleito? Não lhe cumpria manter a ordem?

Seu Joaquim não o recebeu bem:

– Você é o único culpado, Mundico. Esbanjando dinheiro num jardim inútil, enquanto os retirantes invadem o município. E por cima emprega um irresponsável daqueles. Um monstro!

– Eu o teria castigado – replicou seu Barbosa, para quem constituía surpresa o insulto – se não houvessem batido nele.– E abrandando a voz, quase numa queixa: Um pobre homem carregado de filhos!

Digitalizado com CamScanner

– Pois saiba que mandarei surrar quem puser a mão em Ananias – retornou o coronel.

O intendente ainda tentou dissuadi-lo. E como ele se mantivesse obstinado, retirou-se batendo a porta:

– Está louco!

A partir desse instante, tornaram-se inimigos. Apesar de eleito com a ajuda do Velho, seu Barbosa candidatou-se à reeleição, na qual despendeu todas as economias. Mas sofreu uma derrota que o fulminou: cento e cinqüenta e quatro votos, contra novecentos e quarenta e três para Fernando, pai de Raul.

Morreu traumatizado.

Dos filhos, José foi o único que se preocupou com os negócios. Estes iam tão ruins, sobretudo depois que o gado começou a morrer, que se viu constrangido a trabalhar do nascer ao pôr-do-sol, a fim de que a "Varjota" não se destruísse pela seca.

Luís pouco se importava com a situação. Vivia nos forrós, sempre alegre, a dedilhar o bandolim nas noites de serenata. Sua única preocupação era Celina, por quem se apaixonara. Como, porém, fazer-se notado por ela, se não a deixavam sair? A ocasião não tardou: encontraram-se de manhã, no caminho do Mocha, aonde iam banhar-se.

Revê-la, declarar-se em versos e obter um *sim*, tudo não passou de um mês. Celina sabia de sua fama entre as mulheres e logo entregou o coração. E quando ele falou em casamento, não estremeceu sequer:

– Quando fugiremos?

Fugiram uma semana depois, a cavalo. Mas antes que chegassem à fazenda, Luís foi baleado, vindo a falecer, entre as lágrimas da noiva e o sorriso do facínora.

•••

– Eu por mim teria perdoado o Velho – murmurou Dulce, procurando os olhos da amiga. Ele ainda hoje se entristece quando se lembra deles.

Maria do Amparo, que a ouvia em silêncio, suspirou penalizada:

– Ah, se pudesses ir ao baile!

Digitalizado com CamScanner

– Se eu pudesse! – repetiu Dulce, também suspirando. E depois: Teu pai tentou fazer as pazes; não é mesmo?

– Ainda hoje falamos nisso.

– E ele se zangaria... – Dulce calou-se para reunir as forças. – Ele se zangaria se eu rogasse...

A amiga compreendeu a alusão e apertou o braço de Dulce, fitando-a com enternecimento.

– Ele te levará à festa, se tu pedires. Talvez assim se possa ajeitar a situação.

Dulce não se conteve:

– Juras?

– Como posso jurar? – perguntou Amparinho, sorridente. Mas conheço papai: ele te aprecia e não te decepcionará.

As duas jovens abraçaram-se comovidas e se ergueram. Convinha falar ao juiz antes da audiência. Foi quando ouviram passos.

– É *ele!* – murmurou Amparo, apontando Raul que se aproximava.

Antes de terminar o curso de medicina, Raul prometera-se que logo chegasse a Oeiras passearia nas ruínas da cadeia velha, para recordar as brincadeiras que outrora fizera ali.

– Vamos, que já nos viu – e Amparo puxou a saia de Dulce.

Saíram a correr, tropeçando nas pedras escuras e se prendendo no entrançado das jitiranas. Raul, que gostava de tímidas, pôs-se a rir. Quando chegaram à residência de Amparinho, ambas suavam do esforço. Suas pernas estavam verdes de pega-pinto, e a sandália de Dulce se partira na correia.

– Olha. (Ela colocou a mão da amiga entre os seios). O coração quer saltar.

•••

– Permitirá que um erro velho de anos e anos separe ainda hoje as duas mais importantes famílias de Oeiras? – perguntou o juiz. O coronel, embora o desminta, já não consegue dormir e houve até quem o surpreendesse chorando no quarto de Celina.

Como D. Odete assentisse com o olhar, Dr. João Mendes confidenciou:

Digitalizado com CamScanner

– Um dia, encontrei-o só. O tempo ameaçava chover, e o Velho, repousando na preguiçosa, mirava o céu tristemente. Como não queria conversar, guardei silêncio. De súbito falou: "Era um bom rapaz". Quem, coronel? E ele, sem se sentir: "O Luizinho. Eu não devia..." Suspirou, fechando os olhos em seguida. Nessa mesma tarde, confessou que faria as pazes, se José lhe estendesse a mão.

Quando o juiz terminou, apenas se ouviam o bater de ovos na cozinha e o grugulejo de um peru no quintal. D. Odete permaneceu silenciosa, contando de novo os ladrilhos da sala.

– Então?

Ela se ergueu e se aproximou do peitoril que dava para o pequeno jardim interno. Queria pensar melhor antes de responder. Se desse a autorização, talvez as duas famílias se reconciliassem. Mas temia o pior: José se consumindo em tristeza ou enlouquecendo como a pobre da Celina.

– Deixe-me refletir. (D. Odete mordeu os lábios). Eu... eu não...

O pai de Amparinho há muito tencionava intervir na questão e voltou a ponderar:

– Sei que sua decisão é vital, e nem o negaria. Mas Dulce está moça e Marieta já não é menina. Não podem viver sempre em casa, como freiras. Precisam de distração.

– Sim, tenho me preocupado com isso.

Percebendo que no íntimo aprovava a idéia, o juiz levantou-se também:

– Esteja tranqüila: assumo a responsabilidade. – E abaixando a vista: A senhora verá como tratarão Dulce com carinho. O Velho já me disse que gosta dela porque lembra um pouco a avó.

D. Odete encarou-o com os olhos brilhantes:

– Não verei, porque não posso ir. Mas se o senhor promete trazê-la antes da meia-noite...

– Asseguro-lhe que sim – respondeu com entusiasmo, como para fortalecer-lhe a resolução. A senhora nunca se arrependerá de ter agido bem.

Nesse instante Dulce, que presenciara a entrevista detrás da porta, acercou-se da mãe, as lágrimas a escorrer dos belos olhos azuis.

– Minha filha! – foi tudo o que D. Odete pôde dizer.

O juiz retirou-se com destino ao Sobrado.

Digitalizado com CamScanner

Logo depois, dominando-se, D. Odete mirou-a com brandura:

– Com que vestido? Você não tem quase roupa.

– E o corte que papai me trouxe de Recife?

– Ah, sim. É preciso fazê-lo já, já. Ande, peça a Doninha para vir cá.

Enquanto Dulce saía para chamar a costureira, todo o seu pensamento se voltava para a festa. E antevendo-se no vestido furta-cor, de seda, que lhe destacava as formas juvenis, os seios bem conformados, a cintura fina, sorria para tudo, para o céu, as árvores, a carroça de lixo que ia passando, a mendiga que lhe estendeu a mão e a quem beijou.

– Como sou feliz! Vou dançar com *ele*.

E na sua cabecinha loura soaram os primeiros acordes de conhecida valsa.

•••

O juiz chegou ao Sobrado bem na hora. De terno branco, quase justo, e uma flor na lapela do paletó, ele sorria a todos, como se reclamasse atenção para as duas jovens que o acompanhavam.

Pelo olhar de surpresa com que retribuíam seus cumprimentos, compreendeu a repercussão dessa noite na vida de Oeiras. A orquestra tocava as últimas notas de um tango, e à advertência de que Dulce chegara, o salão ficou vazio. Rapazes e moças desceram as escadas, cercando os recém-vindos com demonstrações de alegria.

Dulce abanava-se nervosamente, o rosto afogueado. Não distinguia ninguém: todos lhe eram iguais, com o mesmo ar de espanto, os mesmos lábios sorridentes, a mesma pressa em estender-lhe a mão. Seu alheamento não provinha de vaidade, como a muitos pareceu, mas da emoção que a possuía, desde que entrou no Sobrado.

– Dulce, apresento-lhe o coronel Joaquim Ribeiro – disse o Dr. João Mendes.

Ela cumprimentou-o, num gesto automático.

– Muito prazer... senhor (A voz quase não saía).

O Velho sorriu com os olhos úmidos e, aproximando-se mais, sentindo no rosto seu hálito quente, agradeceu-lhe ter vindo à festa. E, como no tempo de solteiro, beijou-lhe a mão.

– Obrigado, minha filha – tornou a dizer, enquanto lhe oferecia o braço.

Digitalizado com CamScanner

Os convidados seguiram-nos ao salão nobre, procurando às pressas as cadeiras de palhinha e as poltronas abandonadas. Raul, que não conseguira ver Dulce, encostou-se à porta, erguendo-se na ponta dos pés.

A um sinal do juiz, a Banda Oeirense iniciou uma valsa. O Velho então pegou na cintura de seu jovem par e, rindo de sua timidez, levou-a a rodopiar no meio do salão. Dulce não dançava direito, mais por inibição do que inexperiência. Embora pouco andasse em festas, saía-se bem em qualquer ritmo: herdara de Luizinho o gosto da música e, como ele, tocava tudo de ouvido.

Poucos, entretanto, notaram o acanhamento. Era um fato tão imprevisto – o Velho dançar, e logo com Dulce – que as mulheres apenas esperavam o fim do número, para comentá-lo entre si, o rosto semi-oculto pelos leques. Após a valsa, o coronel Ribeiro apresentou Dulce à família. Arranjaram-lhe uma cadeira perto da mãe de Raul, onde se sentou quase morta de vergonha, inquieta por não saber de Maria do Amparo.

D. Nini era uma senhora magra, que tinha um pequeno buço e, às vezes, escondia com a mão a falta dos dentes superiores. Desde a morte de Fernando que apenas se vestia de preto, não mais saindo do Sobrado. Não ia muito com Dulce. Entretanto, como o sogro lhe desse o melhor tratamento, achou-se na obrigação de ser-lhe gentil e passou a indagar sobre ela e os seus.

– Estão to... todos bem... – e Dulce sorria para disfarçar o constrangimento.

Raul nesse instante se aproximou delas.

– Você aqui? – perguntou a mãe, que na afobação das últimas horas já nem se lembrava dele. Conhece Dulce?

Eles se conheciam muito bem. Crianças ainda, encontraram-se um dia perto da igreja e, simpatizando-se de chofre, logo vieram a conversar. "Vejam só: dois inimigos andando juntos!" Olharam surpresos e, encabulados, foram-se separando, sob o riso de Doninha. Raul recordava-se daquele momento e, pela maneira como Dulce o fitou, sentiu que ela também não se esquecera.

Quis fazer-lhe a corte e se queixou à mãe:

– Oh, que suas sobrinhas não me deixam em paz. Parece que queriam reter-me eternamente com perguntas tolas e suspiros de saudade. "Oeiras ficou tão morta na sua ausência, priminho!" "Diga-me uma

Digitalizado com CamScanner

cousa, Raul: você não usará bigode?" Uma delas respondeu por mim: "Não, que não assenta". Deixei-as discutindo. Que alívio!

Dulce sorriu, mas se conteve ante a seriedade de D. Nini, que manifestou desagrado pela atitude do filho, batendo o pé no assoalho lustroso.

– Vamos dançar agora? – convidou Raul, assim que a orquestra voltou a tocar.

O Velho animou-a a ir, com uma palmadinha no ombro. E vendo-a tão bela, no esplendor dos dezenove anos, associou-a estranhamente a Celina, que numa noite de luar descobrira no fundo do poço, os longos cabelos boiando à flor das águas tranqüilas.

•••

Cousa de uma hora da manhã e Dulce ainda no baile. Parecia ter aceito a corte de Raul, e o Dr. João Mendes queria não só facilitar-lhes o namoro, como conhecer a opinião de D. Nini. Esta, reservada como sempre, limitou-se a um *talvez* que nada exprimia. E como não desse intimidade a ninguém, desculpou-se e saiu.

Amparo também não via com bons olhos as atenções de Raul. Ofendida por haver dançado com ele menos do que Pedrina, a filha do sacristão, desgostara-se da festa e fugira para o corredor branco e nu do Sobrado. Percorria-o inquieta, quando seu pai, ainda sob a impressão da recusa de D. Nini, veio procurá-la.

– Vamos embora, paizinho? – rogou ela, enquanto observava o colóquio de Raul com a amiga. E alteando a voz: Prometeste a D. Odete que Dulce chegaria antes da meia-noite.

Com a mão segura no parapeito da janela que se abria para o pátio, onde outrora existira o poço, o jovem sorria para Dulce. E certo de ser amado, pedia-lhe que não fosse já.

– Não posso. É tarde.

Embora sentisse prazer quando dançavam juntos, o bico dos seios roçando-lhe vez por outra a lapela, Dulce não queria permanecer mais tempo no Sobrado. Temia que Raul se desinteressasse dela, ante a velada confissão de seu amor.

Digitalizado com CamScanner

– Sim, devemos ir... – e o Dr. João Mendes deu o braço às moças, conduzindo-as em seguida para a poltrona em que o Velho descansava.

– Já se vão? – perguntou este, assim que lhes notou a presença. (Passara a noite recordando a filha). – Demorem um pouco mais.

O juiz percebeu o tom amargo da pergunta, mas não atinou com o motivo:

– Não leve a mal. Tínhamos combinado...

– Compreendo – interrompeu o coronel, encarando-o com o mesmo olhar distante.

Eles se despediram e se afastaram em meio a um silêncio constrangedor. A orquestra voltou a tocar, enquanto desciam as escadas.

– Quando posso vê-la? – indagou o médico, à porta do Sobrado.

Dulce não soube o que dizer.

– Apareça – convidou o Dr. João Mendes, insinuando a Raul o lugar onde poderia encontrar-se com ela.

Raul olhou-os com ar cúmplice.

Saíram. No caminho, não pouparam elogios ao Velho, a umas tias de Raul ("Aqui mais um docinho". "Este olho-de-sogra está uma delícia". "Quer outra taça?") e até a D. Nini, cuja bondade reconheceram. O cuidado, porém, com que Dulce fugia do assunto, quando em foco o nome de Raul, convenceu a colega de que efetivamente se enamorara dele.

– E teu pai? – indagou de propósito.

Dulce chocou-se. Estava tão entretida em ver o céu nublado, em que a lua parecia brincar de esconder, que se assustou com a lembrança de que tinha um pai e este decerto não aprovaria seu casamento com Raul.

– Não sei. Será o que Deus quiser.

Ela voltou a contemplar a natureza, embevecida nesse sentimento vago, comum aos jovens que se amam e ainda não conhecem a extensão do próprio amor. O juiz, desejando tranqüilizá-la, esclareceu que não havia razões para temor:

– Seu pai costuma atender-me.

Para Dulce o assunto voltara a ser indiferente.

– Desta vez também?

– Como não? – replicou o Dr. João Mendes, contrariado ao perceber as intenções da filha. Como não?

Digitalizado com CamScanner

Nisso chegaram à residência dos Barbosas. Era uma casa de ladrilho branco e paredes alvas de tabatinga, espaçosa e arejada, como existem muitas em Oeiras.

Havia luz no corredor.

– É você, minha filha? – indagou D. Odete, que a esperava com impaciência. E abrindo a porta: Entre, é tarde.

Dulce atendeu e sua mãe lhe comunicou com voz aflita que José chegara de repente.

– Meu Deus!

O juiz tentou explicar-se, mas D. Odete não permitiu, dizendo-lhe boa noite e fechando a porta em seguida.

•••

Digitalizado com CamScanner

CELINA À JANELA

José decidira voltar nessa mesma noite.

Era tal o desgosto com o estado a que se reduzira a fazenda – o gado morto pelas cobras ou se consumindo em febre, as lavouras abandonadas e murchas (o tanque secara devido a uma infiltração na parede), a casa-grande bem próxima da ruína – que apenas duas idéias lhe ocorreram: castigar o administrador ou abandonar tudo e ir embora.

Nunca imaginara que a "Varjota" pudesse converter-se em desolação. Ele que ali se criara e conhecia os mínimos detalhes do solo, que a vira florescente no começo do século e a sabia ligada à colonização de Oeiras, não podia conformar-se em haver permanecido ausente esses anos todos.

– Não tem jeito, patrão – disse o agregado, após percorrerem as terras. E medroso, as mãos correndo o chapéu de palha: Mandinga quando bate...

José avançou para o negro:

– Retire-se antes que... – e se deteve olhando o rifle que deixara sobre a mesa, junto do alforje e do coxinilho.

O cabeça-de-campo percebeu-lhe o gesto e fugiu:

– Acudam, que o homem tá doido. Quer me matar.

"Matá-lo? Não valeria a pena". José abaixou a vista e duas grossas lágrimas desceram pelo rosto queimado de sol. Era o reconhecimento, afinal, de que tudo estava perdido: a fazenda e a tranqüilidade. "Credo Luizinho?"

A lembrança do irmão assassinado voltou-lhe à mente.

– Haverei de vingá-lo um dia – murmurou, associando seu destino ao da "Varjota". Um *deles* gostará de uma de minhas filhas, e então veremos.

José não admitia a hipótese dessa união, e muito menos que qualquer das meninas fugisse com um Ribeiro. Mas tinha a esperança de

Digitalizado com CamScanner

que Raul ou Fernandinho se apaixonasse por Dulce, sendo por ela desprezado. Desde a morte de Luís, alimentava essa ilusão, e de tal modo se convencera de que Dulce jamais o desgostaria, que nunca lhe aconteceu examinar seus sentimentos.

– Patrão – disse-lhe a preta Filomena, ao encontrá-lo de bruços sobre a mesa – trouxe o cafezinho.

Ele continuou pensativo.

– Tome, patrãozinho! – insistiu a negra, que de tão velha levava os dias resmungando só. Café dá sustança.

José fitou-a com os olhos enevoados e sem brilho. Uma só idéia dominava-o agora: o aconchego da família. Era no fim da tarde. Das bandas do morro vinha o berro de uma rês, enquanto a penumbra pouco a pouco amortalhava os campos. E o aroma dos jasmins, com seu jeito triste, penetrava na varanda, envolvendo-a com a noite.

– A égua ainda tem arreios? – perguntou à criada.

– Sim, mas bem que o patrão podia ficar até de manhã – respondeu ela, logo voltando a resmungar.

José olhou-a novamente e com a voz seca pediu vinho de caju. Filomena atendeu-o; ao voltar não o encontrou mais. Saíra na Graciosa, o corpo pendente da sela, com o chicote arrastando-se no capim, preso à mão sem forças.

O filho de um vaqueiro, que se aproximara para pedir-lhe a bênção, estranhou que nada dissesse, ele que sempre o acolhia rindo, e veio contá-lo a Filomena.

– Tá com os olhos duros! – observou afobado. Que terá sido, mãezinha?

Filomena não tirou a vista do patrão, até seu vulto se misturar com as sombras dos umbuzeiros.

– É tão bom para gente! – exclamou de súbito, sem conter as lágrimas.

O negrinho, que gostava dele, acercou-se da velha, encostando-se em suas saias compridas:

– O patrão vai morrer; não é?

A criada alisou a cabeça do menino e em seguida se persignou.

•••

Digitalizado com CamScanner

– Cruzes! – esconjurou sinhá Totônia. E aos gritos, para que o fazendeiro escutasse: Foi castigo! Bem feito!

Exultante com a ruína da fazenda, a mulher do administrador escarnecia à lembrança de que uma tarde José metera o chicote em seu filho, somente porque, indo ver Dulce banhar-se no tanque, deixara de pôr as ovelhas no redil. Era então adolescente e gostava de exibir-se nu. Ao ser surpreendido atrás de uma ameixeira silvestre, nem tentara fugir, limitando-se a proteger o sexo com as mãos.

– Santa Luzia me valeu. Estou paga.

José olhou para o casebre. Por um segundo quis revidar o insulto, e chegou a deter a vista na sombra agitada junto à cancela. "Para quê? Não vale a pena". E esporou a égua, para que retomasse o trote costumeiro. Ao entrar no bosque das umburanas, escuro e perfumado, ele esfriou, possuído de uma angústia visceral.

Sem forças para deter o pensamento, ora se lembrava de Luizinho morto, ora sofria com a sensação de estar às portas da falência. Às vezes, com um estremecimento, até se revia pirralho, nadando no sangradouro do açude, bem próximo de um jacaré, ou matando a pedradas uma cascavel adormecida. "Por que apenas rememoro cousas tristes?" Quando tinha três anos, afastara um balaústre solto da janela do Sobrado, e estendera as mãos para o céu.

Ia assim contemplativo, quando chegou à beira do riacho. Ainda esta manhã, ao vir para a fazenda, percebera que o córrego se inquietava, com chuvas nas cabeceiras. Águas barrentas uniam as poças, expulsando pouco a pouco os detritos negros do fundo. Agora a corrente transbordava pelos campos.

De uns cem metros, na noite silenciosa e sem estrelas, já se ouvia o estrondo. A besta desconfiou logo, e de vez em quando erguia as orelhas, advertindo o dono com um fungar característico. De outra feita, José teria esperado que o volume diminuísse; era questão de horas. Mas alheio ao que se passava ao redor, não previu as conseqüências, e à custa de esporadas forçou a montaria a descer a torrente.

Graciosa tentou resistir, porém afinal cedeu ante a obstinação do cavaleiro. E entrando no precipício, nadou com entusiasmo, numa luta bravia contra a correnteza impetuosa que os arrastava para longe, no meio de capins submersos.

Digitalizado com CamScanner

•••

Apenas a água lhe inundou as botas, percebeu José o perigo em que se encontrava.

O córrego fizera-se rio, descendo numa rapidez louca na parte mais funda, e Graciosa parecia impotente para atravessá-lo. Escorregando na sela gordurosa, ele tremia, os braços seguros no pescoço da égua, na ânsia de equilíbrio.

– Vou morrer.

Fatos esquecidos vieram-lhe à memória. "Chega, mamãe, que José tá mexendo nas cocadas". "Galinha não tem esporão por quê"? Enfim, a cavalgadura firmou-se no leito, alguns metros a jusante. Só aí José respirou aliviado, e retomando o caminho obrigou-a a galopar, embora estivesse exaurida do esforço e das andanças do dia.

Graciosa obedeceu com relutância, contudo vez por outra se detinha, mastigava o freio e, os olhos no dono, sofria imóvel a pressão da rédea e o calor das relhadas nas ancas. O fazendeiro nesses momentos chicoteava-a até feri-la; em disputa chegaram a Oeiras perto da meia-noite, ele febril e cansado, a égua babando. A cidade dormia entre mornos, as igrejas e os sobrados brancos sobressaindo-se na penumbra.

Logo mais ouviu José os primeiros acordes de um samba. Quem fazia serenata? Os músicos da Banda? Os soldados de polícia? Estudantes em férias? Não pôde saber. Agora vários grupos saíam à noite, restabelecendo um velho costume interrompido com a morte de seu irmão.

Quando afinal Graciosa, arrastando-se penosamente, enveredou pela Praça da Vitória, o fazendeiro nem se importou. Um pressentimento estranho – de que Luizinho se achava entre os seresteiros – assomou-lhe ao espírito, fazendo o coração pulsar mais forte.

– Por que me arrepio assim? – perguntou-se, sem conter a emoção. Essa música... Celina...

Não concluiu: os soluços irromperam-lhe pela garganta. Após uma vida cheia de lutas e sofrimentos, apreensões e ódio, em que se mortificou em benefício dos seus, estava agora reduzido a um poço de recordações. "Uma vida inútil, a minha!"

O samba a essa hora chegava ao fim. Vozes e palmas seguiram-se à música, e depois um arrastar de pés e cadeiras. Com um susto que

Digitalizado com CamScanner

lhe gelou a espinha, reconheceu José que se achava defronte do Sobrado. A besta, sem fôlego, parara ali.

– Que fatalidade esta. Logo hoje!

Uma surpresa maior o esperava ainda. É que julgou ouvir a voz de Dulce, que, encostada na janela, ria acolhendo os galanteios de Raul.

– Santo Deus! – exclamou.

Com as mãos frias, nervosa e delirantemente, voltou ele a chicotear a égua, esporando-a, com as últimas energias, na ilharga, nas pernas trêmulas. Não compreendia por que Dulce fora ao Sobrado. Devia ser ilusão; às vezes a gente se confunde. E o gesto de levar as mãos aos olhos? "Minha filha" – intentou gritar. O vulto desapareceu.

No vexame, José rasgava com a espora o ventre da montaria. Apesar de resistente, mais do que muitos cavalos robustos. Graciosa estava a ponto de se deixar cair, até morrer com as carnes em fogo. Mas, submissa, recomeçou a andar. Entretanto, ele não se continha, e batia nela toda hora, como se quisesse castigá-la de ser infeliz.

Diante da igreja, limpou o suor da testa:

– Por que permite Deus que eu sofra? – refletiu olhando o Cruzeiro. Não tenho sido bom?

Próximo de casa, descobriu que alguma cousa diferente acontecera. O raciocínio, embotado pela emoção, não fora rápido, e só depois, ao sentir a perna doer, é que se viu atirado ao chão, preso à égua em náuseas. Graciosa, tropeçando, caíra para sempre, o sangue a escorrer das feridas abertas na ilharga.

Um gemido forte e angustioso, numa tremura geral, levou José a compreender que ela morria. E efetivamente já estertorava: a língua fora da boca, suja de areia e espuma; os olhos banhados de suor, cheios de melancolia.

– Meu pobre animal! – disse o fazendeiro, após livrar a perna. E alisando-lhe o dorso úmido, a voz carregada de ternura: Vê? Também sofro.

José quis permanecer mais um instante, mas percebendo a inutilidade do gesto, afastou-se caxingando, ainda anestesiado pela violência da queda. À porta da casa, olhou-a pela última vez. Estava inerte, estirada na areia fina que o vento revolvia.

– Deve ter sofrido menos, porque não possui alma.

Digitalizado com CamScanner

•••

D. Odete acordou com uma batida na porta, e, supondo ser Dulce, hesitou em levantar-se. Era uma senhora pequena, quase gorda, de olhos azuis sempre límpidos. Desde nova costumava dormir cedo, porque nela o sono exercia uma fascinação sem igual.

Nessa noite, contudo, quis permanecer desperta, enquanto a filha não voltasse. O remorso de que não agira bem começava a revolver-lhe o pensamento, e ela, antes impassível a tudo, dessa vez se preocupou. E se o marido a abandonasse? "Absurdo, não somos gentinha".

– Já é tempo de acabar com a briga – continuou a matutar. "Quinze anos vendo-se todos os dias, interessando-se nos mesmos assuntos!" Bocejou e veio a cochilar, o corpo mole, a consciência em luta com o sono. Novas batidas, mais violentas, fizeram-na erguer-se da cama, com um tremor nos braços. "Já vou, Dulce". Estranho é que não ouvisse o que falava. Estaria afônica? Pigarreou. "E descalça! Por que não pus os chinelos?"

Abriu a porta com lentidão, para proteger-se do ar frio. De súbito entrou alguém.

– Você? – e recuou, comprimindo os lábios para conter um grito.

José olhou-a desolado. Foi bastante ouvir a entonação de sua voz, para desfazer a dúvida que ainda agora o atormentava. Dulce fora à festa!

– Que houve, meu bem? Está ferido? Escorregou da sela?

Ele a fitou como se visse uma estranha. Que lhe importava a mulher? Perdera *tudo.*

– Venha deitar – implorou D. Odete, agoniada com seu silêncio.

José, recusando a ajuda, dirigiu-se para a alcova, que ficava perto. Ia tateando a parede. Já não tinha forças, nem físicas nem morais. O infortúnio ferira-o de vez. No quarto atirou-se à cama, com esporas e tudo, e deixou-se ficar, os olhos bem abertos começando a perder o brilho.

D. Odete, que receava ser-lhe incômoda (andava agora com pés de pluma), não soube o que fazer. Se o deixasse com as roupas úmidas, amanheceria doente. Forçá-lo a vestir o pijama? O melhor era... E lhe descalçou as botas enlameadas, abrindo-lhe depois a camisa. Mas não pôde tirá-la: seria preciso erguer-lhe o corpo.

Digitalizado com CamScanner

Numa última tentativa, roçou-lhe os ombros com os dedos finos e somente aí percebeu que se abrasava em febre.

– Valha-me Deus! – exclamou baixinho, a ponto de chorar. Diga-me, José: aconteceu alguma cousa, José? – e, trêmula, apanhou a vela estearina da cabeceira, a fim de examiná-lo mais atentamente. (Ele mantinha os olhos fixos no teto, como se observasse a sombra disforme hesitante que o obscurecia).

Sem nada perceber ao redor, mas ouvindo o samba de há pouco, a cujos acordes se misturavam os gemidos da égua e os monólogos de Celina enlouquecendo no Sobrado, José morria. Nenhuma dor na perna distorcida, nenhuma sensibilidade nas mãos vermelhas. E curioso, via-se deitado, sozinho, longe da família.

Celina, as mãos presas nas grades da janela, punha nele o olhar triste e amoroso:

– Luizinho!

•••

Ao saber depois que o pai viera da fazenda, Dulce não disse nada. No íntimo, contudo, atormentou-se recordando que se divertia na hora em que ele estava padecendo, com a perna direita ralada.

– Tire essa roupa e venha vê-lo – pediu-lhe a mãe, recolhendo-se logo em seguida à alcova.

Dulce vestiu um chambre de tricolina e atendeu-a. Encontrou-a sentada na beira da cama, a cabeça pendente de sono. "Será que ele desconfia?" – perguntou-se. José continuava imóvel e distante, a vista pregada no teto. "Se ainda não ralhou é porque..."

Como a visse encostada na mesinha do oratório, rezando talvez, D. Odete chamou-a em voz baixa:

– Ajude-me a mudar a roupa de José.

Dulce estremeceu. Teria de ver o pai nu? Mas sentindo, pelas contrações involuntárias do rosto, que ele devia estar sofrendo muito, não hesitou em pedir a ajuda da mãe.

– Cuidemos, mãezinha.

Enquanto D. Odete se levantava em silêncio, para ver o que havia, Dulce mirou os olhos do pai, a tudo alheios. Uma expressão má (foi

Digitalizado com CamScanner

o que lhe pareceu) inundou-os de súbito, como se reagissem à sua presença. Ela recuou assustada.

– Veja, as pálpebras estão tremendo.

D. Odete, que ansiava por melhoras, aproximou-se com a vela na mão. "Até que enfim! Eu já começava a ter medo!" E, com espanto, viu que a boca espumava, num ricto funesto.

– Seu pai morrendo – disse, entre soluços. Ande, vá chamar seu Ernesto. Diga-lhe que venha logo.

Dulce saiu no mesmo instante. No caminho só pensava no futuro. Embora alimentasse a ilusão de que a morte do pai não significaria necessariamente o fim de tudo, estava certa de que fora castigada. E os galanteios de Raul ressoavam na memória como se ele lhe tivesse dito: "E agora, adeus!"

– Não! – reagiu ela. Raul terá pena de mim e não deixará de me querer bem.

Enternecida com tal idéia, Dulce sentiu um aperto na garganta. Quis chorar, não pôde. Um sentimento estranho, agridoce, o impedia, dando-lhe pensamentos fugazes, ora de tristeza, ora de esperança.

Perto de casa, encontrou Graciosa e seguiu sem se deter, tomando-a por um cavalo dormindo. Nuvens densas então cobriam o céu, e as casas brancas emprestavam um pouco de mistério e desolação à noite. Ao chegar à residência de seu Ernesto, bateu na porta. O boticário, obeso e suarento, decidia nesse instante se convinha ir para a rede sem antes se banhar. Viera há pouco do Sobrado, agora imerso na penumbra e no silêncio.

– Por favor, acuda.

Reconhecendo a voz de Dulce, ele abriu a janela e perguntou o que desejava.

– Paizinho está morrendo!

– ("E você na festa, hem!") Já vou, menina.

Daí a momentos seu Ernesto saiu e acompanhou-a. Cansado de um dia e uma noite cheios, ia andando a passos lentos, atrás de Dulce. Esta o esperou-o adiante, já perto de casa, e enquanto ele não vinha interessou-se pela égua, que um cão noctívago farejava. ("Com arreios; na certa fugiu").

Digitalizado com CamScanner

– Está morta – disse seu Ernesto, minutos depois. Encontrei-a agonizante ao vir do Sobrado.

Dulce assustou-se à lembrança do pai e correu. Na sua afobação, nem assuntou Marieta, que a esperava aflita, indo e vindo na calçada. Ela somente se deteve à porta da alcova: o pai ainda estaria de olhos abertos? "Tomara que não".

– Seu Ernesto já vem – falou em seguida, diante do oratório em que a mãe rezava.

D. Odete recomeçou a chorar, Dulce se confrangeu: e virando-se, olhou sem querer para o marido.

– Uma cousa comigo, mamãe. – Calou-se, para considerar o que ia dizer: Não tenho vontade alguma de...

– Chorar? Também estive assim quando seu tio morreu – observou D. Odete, menos intranqüila. Às vezes acontece – e mordeu os lábios.

Seu Ernesto entrou logo, sentando-se na cadeira que Dulce lhe oferecia. Primeiro tomou o pulso de José. "Hum, hum." A seguir, auscultou a respiração. "Hum hum". Pediu um espelho: nenhum hálito.

– Saia de cima – ordenou à Marieta, que espiava chorando. E para D. Odete: A senhora também.

Ele enxugou o suor que lhe vinha molhando as sobrancelhas e turvava os óculos de míope. Segurou o braço de José, e com o bisturi na mão alva e gorda fez um pequeno corte na junção sobre o cotovelo. O sangue, pastoso e escuro, aflorou à pele, coagulando-se logo depois.

– Infelizmente nada posso fazer. Desculpem.

E como tivesse esquecido o algodão, o boticário limpou o bisturi no travesseiro.

•••

Ainda hoje Dulce se lembra dos mínimos detalhes daquela noite. Após ter passado as primeiras horas na sentinela, ao lado do juiz, do sacerdote, do farmacêutico e de alguns vizinhos, ajudou a mãe nos últimos preparativos para o enterro.

Pela porta do quarto, observou quando vestiram um terno em seu pai, o mesmo das núpcias e que guardava para as ocasiões solenes. Ela a tudo assistiu sem uma contração muscular, um suspiro que fosse. Era

Digitalizado com CamScanner

como se estivesse defronte de uma cena rotineira, que, de repetida, nem emocionava. Apenas o peso do estômago lhe aumentava o abatimento, dando a alguns a impressão de que sofria. Entre estes achava-se Maria do Amparo.

Ansiosa por desfazer a impressão de que também amava Raul, ela passou a segui-la, e sempre que ficavam sós lhe dirigia duas palavras de consolo. Dulce nem a fitava nesses momentos, e quando a amiga lhe tomou a bandeja de café, não esboçou a menor reação. Amparinho julgando que se magoava, olhou-a com ternura:

– Por que não descansas um pouco? Deixa que eu levo.

Dulce satisfez-lhe a vontade e se retirou. Podiam ser então cinco horas. Contra todas as previsões, o tempo melhorava. O nascente, há pouco nublado, resplandecia à luz do sol. E como este já entrasse pela janela, ninguém mais temia chuva. Nada, entretanto, comovia Dulce: nem o choro intermitente da mãe, nem os soluços e os gritos das irmãs menores. Alguma cousa lhe embotava os sentimentos. Ela, que nunca ficara alheia às solicitações da vida, nenhum pesar sentia agora que o pai morrera.

Foi para o quarto, e, deitando-se vestida, começou a pensar em tudo, sem se deter em nada. Nem a festa, nem Raul, cujos traços fisionômicos não conseguia recordar, retinha sua atenção. E o enjôo aumentava, enfraquecendo-lhe o ânimo. O sono pouco a pouco a envolvia. Temendo adormecer, quis levantar-se. "Não posso... Mamãe precisa de mim". Bocejou, fechando as pálpebras. "Não posso. Mam..."

Logo mais dormia profundamente, de boca aberta, os braços fora da rede, no rosto sinais de esgotamento físico. Acordou de surpresa, quase à força. Alguém a chamava, puxando o lençol. Abriu as pálpebras com relutância. Era Marieta. Pálida, os olhos saídos e vermelhos, fitava-a em silêncio, mordicando a barra do vestido preto.

– Como podes dormir assim? – perguntou-lhe a irmã, ao vê-la despertar.

Dulce abaixou a cabeça.

– Nem me senti... – explicou bocejando.

– Também passei a noite acordada – disse Marieta. Pensas que não me importei com tua ida ao Sobrado? – e encarou-a. Papai morreu de vergonha.

Digitalizado com CamScanner

Embora humilhada, Dulce limitou-se a franzir a testa. Como explicar-lhe o que ia no coração? E para convencer-se de que sofria igualmente, arregalou os olhos, supondo que assim arderiam até às lágrimas. A irmã, aborrecida de não ter dado à voz o tom veemente que convinha à ocasião, bateu-lhe no rosto com a mão espalmada:

– Se todos nós morrêssemos – gritou-lhe – não chorarias, sua...

Caindo em si, Marieta retirou-se do quarto. Instantes depois o relógio da Matriz deu sete horas; e os sinos voltaram a planger. "Por que não choro?" Dulce caminhava inquieta. "Serei algum monstro?"

Nesse momento entrou Anita, a empregada nova, entregando-lhe um vestido escuro:

– Aqui, que D. Odete mandou.

Dulce recebeu-o calada. Em seguida foi para o salão de visitas, onde se encontrava o caixão em que José se estendia, as mãos cruzadas sobre o peito. E curvando-se, beijou-lhe a testa com os lábios úmidos.

•••

Digitalizado com CamScanner

SUB UMBRA

D. Odete, aparentemente calma, recomendou que o enterro seguisse pela rua dos fundos do Sobrado. Temia ofender a memória do esposo, consentindo que o Velho testemunhasse seu último passeio. Além disso, de quando em vez se lembrava de Dulce na festa, e estremecia de remorso.

O Dr. João Mendes, que fazia as honras da casa, recebendo e acomodando os que vinham dar pêsames, tentou dissuadi-la do propósito, e ante a relutância dela em aceder, comentou:

– A morte, por ser universal, extingue as malquerenças, a todos irmanando. É o bálsamo que mitiga o ódio, a luz...

– Está bem, está bem – respondeu ela. E mudando de assunto: As "viúvas" já chegaram?

– Sim – esclareceu o juiz. A senhora quer vê-las?

Nesse momento reapareceu o pároco, seguido pelo acólito. Vinha com os paramentos fúnebres, concentrado no discurso que iria fazer no cemitério. A mãe de Dulce, compreendendo que chegara a hora, afastou-se deles e foi para a sala em que alguns parentes e as mulheres da vizinhança rezavam uma ladainha.

Queria rever José um minuto que fosse, mas não teve coragem. Ao enxergar, pela porta entreaberta, os círios da cabeceira, pálidos à luz do sol, deteve-se trêmula, a ponto de desmaiar. Doninha, a costureira, compadecendo-se dela, fê-la sentar-se numa poltrona e lhe entregou um pequeno livro de orações, já sebento pelo manuseio.

– Espere – sussurrou-lhe, enquanto se afastava.

D. Odete abaixou a vista, fixando-a no rostinho corado de Ivete, sua filha mais nova, de três anos apenas, a qual, sentida com o abandono, procurara o refúgio de seu colo. A garotinha, ansiosa por fazer-se notada, estendia-lhe um terço de contas azuis, que achara agorinha e se partira em suas mãos.

– Que faz esta menina aqui?

Digitalizado com CamScanner

Marieta, que se acercara da mãe, a fim de receber o conforto de sua presença, tomou a irmã nos braços, levando-a em seguida para o quintal, onde a confiou a alguns rapazinhos, que assobiavam para os perus ou enchiam a boca de groselhas verdes.

– Me solta! – pediu Ivete, mais de uma vez. E gritando de tal modo, que uns poucos a ouviram dentro de casa: Mamãe! Mamãe!

D. Odete levou as mãos à cabeça. Com a sensibilidade à flor da pele, as costas doendo da vigília, agora tudo lhe abalava os nervos, acentuando o imenso pesar em que se consumia. No caixão preto, guarnecido de galões dourados; nas velas esmaecidas pelo sol; no vozerio baixo e reticente que parecia aumentar com as horas; no rosto sereno dos que lhe vinham dar pêsames – nisso e no mais sentia o coração romper-se.

– Eis aqui, Odete – falou Doninha, oferecendo-lhe a aliança de José.

A viúva não quis receber. Ainda não aceitara o fim, que, contudo, sabia próximo.

– Não; agora não... – protestou, a voz enrouquecida e cortada de soluços.

Padre Miguel, querendo confortá-la, pediu-lhe resignação:

– Conforme-se com os desígnios de Deus, minha filha – observou, convindo embora que não deveria tratá-la paternalmente. Sua vontade seja nossa.

Ela suspirou, relaxando os braços. A costureira, supondo que consentia afinal, enfiou-lhe o anel pelo dedo anular. O juiz aproximou-se então; Marieta também. E a um sinal de Doninha, as "viúvas" puseram-se a chorar, lamentando o morto.

•••

Maria da Glória, a outra irmã de Dulce, não despregou os olhos do caixão. Tinha quatorze anos e usava cabelos compridos até a cintura. Era morena e de nariz um pouco adunco como o do pai.

Durante a sentinela (acordara com os gritos da mãe), permaneceu imóvel, sentada numa cadeira defronte do morto. Embora não chorasse

Digitalizado com CamScanner

com o alarido de Marieta, e de quando em quando retivesse as lágrimas, nem por isso sofria menos. O zunzum do povo e notadamente a recitação da ladainha tiveram o efeito de provocar-lhe sono, a que resistiu quanto pôde. Mas, sentindo as pálpebras caírem e um formigamento nas pernas, logo chegou a esse estado de semivigília, tão comum aos meninos após um dia agitado.

Então, tudo que a cercava pôs-se a obscurecer, e do mundo exterior apenas vinham o eco do *ora pro nobis* e a visão do pai morto. As luzes dos candeeiros empalideciam ante o crescente esplendor das velas funerárias, as quais, por sua vez, realçavam, à medida que a noite avançava, o brilho da seda roxa que forrava o caixão.

– Papai! – exclamou Glorinha, só para si.

E a súbita certeza de que já não vivia agitou-lhe o coração, fazendo-a mais desanimada ainda. Sem se conter, ela reabriu os olhos e se levantou, pondo-se à cabeceira do féretro. Ali estava o corpo do pai, de terno azul e com um terço nas mãos. Junto das pernas e em redor da cabeça, tinham colocado flores recém-colhidas, de que julgou aspirar o perfume.

– Venha comigo. – Doninha puxou-lhe o braço. – Não convém ficar aqui.

Glorinha encarou-a como se falasse: *deixe-me,* e foi a expressão mórbida de seu olhar que levou a vizinha a insistir, com jeito para não magoá-la.

– Vá fazer companhia a sua mãe – disse-lhe a meia voz, mas com uma determinação que a irritou. Ela precisa de você.

Ciosa de sua independência, a menina voltou a sentar-se na cadeira de onde saíra. E lá permaneceu, os olhos fixos no pai, cheios de recordações tristes, até o instante em que alguns homens, o juiz à testa, ergueram o caixão. O morto pesava como viga de aroeira.

As "viúvas" choraram de novo, com maior ênfase. Uma delas, que costumava pedir esmola no sábado, reconheceu Maria da Glória e pôs-se a mirar-lhe o rosto descolorido, com olheiras pronunciadas. Glorinha percebeu o vazio dessas lamentações e se afastou. Em seguida, deu a mão a Dulce, que ia passando sozinha, de vista baixa.

À porta encontraram a banda de música *Princesa do Sertão:* mestre Valentim com a flauta de bambu; dois soldados, um de cavaquinho e

Digitalizado com CamScanner

outro de violão; e um aprendiz de barbeiro, que arrancava notas pungentes da cuíca.

– Não pude obter a Oeirense – explicou o boticário para D. Odete. Os músicos estão de ressaca. A senhora compreende, eu...

Padre Miguel colocou-se à frente do grupo, e cortando com o breviário a luz excessiva sobre os olhos, deu início ao enterro. Um pouco distante, o acólito erguia uma cruz de prata.

Os sinos bateram novamente, agora com mais força. A manhã era fresca e límpida. No céu quase sem nuvens, as andorinhas revoavam aos bandos, por cima da torre da igreja. E o vento soprava a areia fina, tentando fazer um redemunho aqui e ali.

Quando o funeral passou defronte do Sobrado, Dulce não pôde resistir à tentação de uma olhadela. Seu Joaquim e toda a família estavam à porta, de pé, guardando respeitoso silêncio. Raul, como o avô, trazia o chapéu na mão. A jovem achou-o lindo e fez-lhe um aceno. Ele viu, mas não correspondeu: achava a ocasião muito solene para manifestações dessa natureza.

– Por favor, respeite a memória de papai! – ralhou Marieta, encarando-a desafiadoramente.

Dulce abaixou a vista.

Logo mais, o cortejo entrou no cemitério. O campo era agradável, silente. Nos túmulos sem pedra cresciam bredos e cravos; em alguns, pés de milho já ultrapassavam os capins-de-burro. Nos fundos, próximo à capela, ficava o jazigo dos Barbosas, à sombra de duas cajazeiras floridas.

Entre as sepulturas de seu Raimundo e de Luizinho, cavaram a de José. A família acercou-se da cova para o último adeus. E quando abriram o caixão, Glorinha deixou escapar um grito. Os olhos do morto, entreabertos, pareciam ver o céu azul, onde imperava o sol.

•••

Assim que terminou de ler o discurso, buscou o padre a sombra das cajazeiras. Agora que apenas restava a descida do caixão à terra úmida, convinha afastar-se, para que não percebessem a impaciência

Digitalizado com CamScanner

que transparecia em seu rosto, nessas ocasiões. Afastado de todos, ele se entretinha em esmagar com a bota as saúvas que corriam perto, quando alguém tocou no seu braço. Era o juiz.

– O senhor por aqui? – indagou com estranheza, sentindo embora a evidência.

– Vim cumprimentá-lo: ninguém falaria melhor – disse o Dr. João Mendes com falsa admiração.

O sacerdote resolveu provocá-lo.

– Deveras? – e fez um riso superior. O meritíssimo entendeu as passagens em latim?

O juiz não se deixou perturbar:

– O discurso lembrou-me Vieira.

– Que Vieira? – interrogou o padre, fazendo-se de desentendido. Refere-se ao cura de Jaicós?

Olhando-o com um jeito quase humilde, de quem pede desculpas, o Dr. João Mendes vacilou antes de responder:

– Há no seu discurso, sem indicação do autor, alguns trechos dos *Sermões*.

Padre Miguel abaixou a vista:

– Vieira é clássico. (Na voz, uma ponta de azedume.) Ninguém o supera na arte de escrever.

E se apressou em sair, protegendo os olhos com o breviário.

•••

A partir dessa manhã, Dulce esquivou-se dos seus, levando horas deitada.

Queria esquecer a si própria e as esperanças em que se enredara. O silêncio crescia em torno dela, esbranquiçando-se ao contato das paredes nuas. No chão, nos móveis, nas telhas incertas, em tudo pairava a sombra do morto. Ela sentia sua presença no outro lado da porta e às vezes até seguro nos punhos da rede. Outros instantes *sabia* que estava no jardim, pondo estrume nas laranjeiras que iria levar para a fazenda.

Numa tarde de chuva, essa impressão aumentou. O tempo escurecera: trovões abalavam a terra, e o vento zunia no telhado. Dulce enrolou-se

Digitalizado com CamScanner

nos lençóis, a fim de resguardar-se dos respingos, e cobriu o rosto. De súbito veio-lhe a sensação de que alguém a espiava, para em seguida sentar-se sobre o ventre. Quis erguer-se, mas ficou sem ação, paralisada de medo.

Foi quando D. Odete entrou no quarto.

– Não quer merendar, minha filha? – perguntou. E ao vê-la encoberta: Está feito marmota?

Dulce levantou-se tremendo e saiu.

Outra vez, estando de bruços no peitoril que dá para o jardim, ficou a observar as rosas com a mesma expressão serena com que José costumava fazê-lo. E de novo sentiu-o perto, e sua lembrança a enterneceu.

– Ah, paizinho! – suspirou comovida.

– Enfim te lembras dele! – exclamou Marieta, que a observava à distância.

Dulce virou-se para ela, com o coração a bater apressado.

– Como és injusta – disse-lhe baixinho. Não vês que também sofro?

A irmã não compreendia sofrimento sem lágrimas. Tentou responder; a emoção lhe embargou a voz. Impotente para exprimir-se, deu-lhe as costas com um muxoxo, como se lhe falasse: "Estou sabendo de tudo".

Dulce voltou para o quarto. Vinha emagrecendo desde que o pai morrera, e o rosto já empalidecia. Apesar da insistência de D. Odete, que atenuava a própria dor cuidando das filhas, ela pouco se alimentava, contentando-se com um copo de leite às refeições. Sempre ensimesmada, desejando e temendo ver o pai, cujos olhos não lhe saíam da mente, Dulce não se apercebeu de que os dias passavam. E foi com surpresa, que numa manhã nevoenta acordou com batidas na rede e a advertência da mãe.

– Ainda não se vestiu?

Fitou-a com espanto; embora sem entender o motivo da pergunta, ergueu-se apressada. D. Odete ordenou-lhe que se vestisse logo.

– Ande, que já tocou o primeiro sinal.

Esfregando os olhos, num gesto muito seu, Dulce indagou-se se deveriam ir à igreja. Mas se ainda nem chegara o sétimo dia! "Ou será que..."

– Hoje é sábado?

Digitalizado com CamScanner

D. Odete observou-a, condoída de seu abatimento, que o luto realçava. Disse-lhe que sim, e se retirou logo, pensando. Dulce acabou de aprontar-se e acompanhou-a em silêncio. Daí a pouco, elas e o restante da família chegavam à igreja da Vitória, um templo rico em prata e ouro.

O Dr. João Mendes esperava os Barbosas na sacristia, e ao ver D. Odete foi cumprimentá-la. Quinze minutos depois padre Miguel iniciava a missa, finda a qual convidou a viúva, parentes e amigos para a bênção da essa. No centro da nave, erguia-se um caixão preto e simples, cercado de grandes velas ardentes.

Dulce estremeceu com essa visão, sentindo o sangue fugir-lhe do rosto. Uma emoção ainda mais forte a estava esperando: Raul. (Ele se encontrava à porta, junto da pia batismal, conversando com Amparinho). Quando chegou sua vez de aspergir água benta no caixão, ela abaixou a cabeça.

Logo mais caía.

•••

Levaram-na para um dos bancos da igreja e seu Ernesto examinou-a:

– Não é nada: um susto.

Glorinha veio com um algodão embebido em álcool e passou-o nas narinas da irmã. Ela se reanimou, suando frio. Reconheceu os parentes, o juiz, o boticário, o sacristão, Raul e Maria do Amparo.

– Eu, mamãe... – e se calou, esmorecida.

– Tragam vinho – pediu o farmacêutico, olhando para Dulce.

O sacristão, a um aceno de padre Miguel, trouxe as galhetas e um cálice. D. Odete se apressou em servir.

– Beba.

Dulce tomou apenas um gole.

– Beba mais – ordenou o juiz. É para seu bem.

– Se você tomasse vinho todas as manhãs – falou seu Ernesto, sem tirar os olhos das galhetas – estaria gorda. Um amigo nosso, aqui presente, que se cuide.

Padre Miguel, sentindo-se alvo do gracejo, franziu o cenho e se afastou dali, com o breviário na mão.

Digitalizado com CamScanner

– Creio que já posso retirar-me – disse logo depois, voltando-se para D. Odete. Se precisarem de mim, estarei na sacristia.

Assim que ele saiu, o Dr. João Mendes perguntou a Dulce se estava bem. Ela respondeu que sim e, ao levantar-se, a mão segura no encosto do banco, reviu Raul.

Amassando a aba do chapéu, o jovem corria o olhar pelo grupo, evitando detê-lo nela. Percebia que todos aguardavam um gesto seu, tal a expectativa que se estampava em seus rostos. "Que querem de mim?" Quando Dulce desmaiou, batendo a cabeça na almofada do genuflexório, intentou socorrê-la: até deu um passo. Marieta, porém, encarou-o com tanto ódio, que ele insensivelmente voltou atrás.

– Que menina hostil! – pensou então.

Ao revê-lo agora, Dulce ficou consternada. Ela se supunha no dever de cumprimentá-lo. *Sabia* que fora à igreja a fim de confortá-la, mesmo de longe. Mas o silêncio repentino que se fez em torno dela, apenas cortado pela voz de Ivete, que queria os braços da mãe, convenceu-a de que temiam não se portasse com honra. Os círios ainda queimavam ao redor do caixão.

Meio confusa, os olhos começando a lacrimejar, Dulce arrepiou-se ao compreender que seu futuro se decidiria nesse momento, junto à essa em memória do pai. Recordações súbitas apareceram-lhe à mente, oprimindo-lhe o coração. Como num caleidoscópio, reviu o instante em que José a chamava, toda vez que vinha da fazenda, para contar-lhe o que nela ocorria; seu jeito simples de observá-la: "Você se parece tanto com a avó, Dulce!"; ou a alegria com que ele, na "Varjota", lhe mostrava as extensas tarefas onde rompia o milharal.

A essas lembranças associou-se o *Agnus Dei,* que a organista ensaiava em surdina, fazendo Dulce enternecer-se. "Como era bom para mim. Amava-me tanto!" E com a consciência ferida: "Por que fui à festa, meu Deus?" Ela olhou mais uma vez para Raul e não pôde deixar de estremecer. Como estava abatido, junto à porta! "Perdoa-me. Eu..." Suspirou, engolindo as lágrimas em seguida.

– Vamos embora? – perguntou à D. Odete, enquanto se afastava de cabeça erguida, mas com o coração despedaçado.

Digitalizado com CamScanner

Comovida com esse gesto, sua mãe deu-lhe o braço. Marieta procurou colocar-se perto, quase chorando de alegria. "Como gosto de ti, maninha! E como foste nobre, renunciando a tudo!" – pareciam expressar seus olhos.

– Devemos persuadi-la a comer; não é, mamãe? – perguntou, logo que saíram da igreja. Dulce está definhando.

– Devemos sim – respondeu D. Odete. Você me ajudará nisso, de hoje em diante.

Sentindo-se livre do pesadelo que a torturava, Dulce acrescentou que faria tudo para restabelecer-se. E querendo mostrar que se esquecera de Raul, esboçou um sorriso, a leve palidez do rosto acentuando o azul dos olhos tristes.

•••

Como ainda não estivesse chovendo, Amparinho foi à casa de Dulce após o almoço. Há dias ansiava revê-la, a fim de transmitir-lhe o que a seu respeito escutara de Raul, com quem agora se entrevistava amiúde.

Quando a procurou na segunda-feira, D. Odete lhe disse que se achava doente e não poderia recebê-la. Amparo estranhou a recusa, mas não se irritou, porque logo compreendeu que ela deveria estar sofrendo muito, para esconder-se de todos.

Como a semana de luto já se fora, estava certa de que Dulce voltaria a acolhê-la com o entusiasmo de quando, na quinzena anterior à morte de José, as duas, descobrindo entre si uma série de afinidades, pareciam uma só pessoa.

Foi com mãos frias que bateu palmas junto à porta do corredor. Um movimento de chinelos fê-la imaginar que era a própria Dulce quem a atenderia. E para mexer com ela, afastou-se do postigo entreaberto.

– Ô de fora! – exclamou Ivete, suspensa sobre os pezinhos gordos.

Amparo, reconhecendo-a pela voz, abriu ela mesma o trinco, enquanto perguntava por Dulce. A guria murmurou: *deitada,* e em seguida se retirou, arrastando o chinelo pela casa.

– É você, Amparinho? – indagou D. Odete, que ia passando a refazer o coque. Dulce está repousando; entre.

Digitalizado com CamScanner

A jovem olhou-a timidamente (receava que percebesse sua alegria), e caminhou até a porta do quarto. Dulce, com um pé no chão, embalava-se na rede, vestida apenas com a combinação rosa, que contrastava com as pernas muito brancas.

Querendo surpreendê-la, Amparo aproximou-se sem pressa. A amiga tinha as mãos cruzadas sobre os seios, encontrando-se nesse estado de semidormência que precede o sono. Ao sentir um vulto curvar-se sobre a rede, abriu os olhos assustados, para depois sorrir.

– Pensei que estivesse sonhando... – explicou, enquanto se espreguiçava. Senta-te.

Amparo acomodou-se em cima do baú:

– Vim segunda e sexta...

– Estive doente – desculpou-se Dulce, notando satisfeita que a outra não se zangara. E tu, como passaste?

– Sempre alegre... – Amparo calou-se, ao perceber um brilho nos olhos de Dulce.

Esta, não desejando constrangê-la, mudou de assunto:

– Tens saído?

– Muito. Raulzinho até que nos convida para um passeio.

Ao ouvir esse nome, pronunciado com tanto carinho, Dulce estremeceu. Ela amava Raul mais do que antes, mais ainda porque fora obrigada àquela demonstração de orgulho na igreja.

– Toda hora pergunta por ti – continuou a colega, em tom baixo. Ficou muito sentido com a morte de teu pai.

Dulce recordou que ele ignorara seu cumprimento, diante do Sobrado, e isto a entristeceu. Virando o rosto entre os lençóis que serviam de travesseiro, pôs-se a observar as nuvens prenhes que corriam no retângulo da janela.

– Ontem levou a tarde falando em ti. Raul é um rapaz ótimo. Até nos acha parecidas, imagina, tu fogoió e eu morena.

– É porque gosta de... – respondeu Dulce, ferindo-se com as unhas para não chorar.

Amparinho quase não conteve a satisfação. "É ciúme!" Tal suspeita estimulou-a a provocar a amiga. Se lhe dissessem: "por que a fazes sofrer?", ela estranharia, uma vez que tudo nela lhe saía natural.

Digitalizado com CamScanner

– Raul anda sempre tão disposto! Quinta-feira agora inventou um piquenique no morro da Sociedade e fez questão que eu fosse. – Riu-se à lembrança que lhe ocorrera. – Pois não é que quase me joga no precipício, naquela parte íngreme? Tomei um susto louco e ele aí me segurou pela cintura. Então...

Embora se mortificando, Dulce esperou que Amparo prosseguisse. Já não tinha esperanças acerca de Raul, porém ainda não se decidira a renunciar a tudo. Era bastante imaginativa para se conformar facilmente.

– E então? – interrogou com fingido desinteresse.

– Lembras de Pedrina na festa? Se roçando nele. Pois na volta se esconderam no mato e só vieram muito depois, quando já tínhamos decidido procurá-los. Ela trazia as costas sujas de areia, e Raulzinho dava a impressão de...

Nesse momento entrou Marieta. Como não tolerasse Amparinho e viesse a saber de sua intervenção para Dulce ir à festa, lhe transferira o ódio que chegou a alimentar pela irmã e se desfizera de súbito, após a missa.

– Você vai se demorar? – inquiriu. Estou morta de sono. – E para Dulce, abrandando a voz: Por que esta tristeza? Sentes alguma cousa?

Ela abanou a cabeça em negativa:

– Não vês que está chovendo? – falou, numa crise de lágrimas. O açude, maninha! Eu gostava tanto de vê-lo enchendo!

Marieta olhou para Amparinho e, notando-a reservada, compreendeu tudo.

...

Digitalizado com CamScanner

VOZ QUENTE DE AMOR

Um domingo desses, Dulce madrugou.

A manhã estava limpa e fresca, como em geral as que sucedem a uma noite de chuva. O sol já batia na fronde das árvores, e o vento brando, que descia dos morros, cheirando à terra e a aroma do mato, era um alento. Dulce aspirou-o diversas vezes, sentindo um leve arrepio no rosto. Para ela, tudo se apresentava de novo: a rua que paulatinamente se cobria de relva; o cruzeiro do largo defronte, onde sentara ainda outro dia; a torre da igreja, cujos sinos repicavam festivos.

– Ah, viver – exclamou para si, encostando-se no umbral da porta.

Depois da missa de sétimo dia, seu coração perdera quase toda a angústia, e se lembrava das horas de nojo como de um pesadelo distante, embora o pai tivesse falecido há menos de um mês. "É preciso gozar este instante", pensou em seguida, com um estremecimento. "Quem sabe o que me espera?"

Receava que sua alegria fosse breve.

"Enfrentarei sem remorsos os ambientes que papai amou? Entrando em casa *agora,* será que não voltarei a afligir-me?" Mordeu os lábios. "Se assim, se o amanhã é incerto, por que não aproveitar este momento? Mas aonde..." Não concluiu, animada com a recordação das ruínas. Queria revê-las; caminhar sobre as pedras escuras; esmagar os ramos que se entrançavam à toa; esconder-se no quarto dos suplícios, única dependência que restava em pé e onde a dominava um misto de encantamento e medo.

Dulce saiu logo. Estava de preto, com um vestido curto, onde ainda se distinguia o estampado de antes da tintura. Os pés alvos e finos metidos no sapato caseiro, de trancinhas, e os cabelos amarrados com uma fita azul realçavam-lhe a beleza despretensiosa. Chegando à cadeia velha, que ficava num morro, sobressaindo-se do casario baixo, ela parou para contemplar a verdura que atapetava o chão.

Capins viçosos e jitiranas disputavam o domínio do terreno, que as onze-horas bordavam com seus botões rubros e amarelos. E as paredes

Digitalizado com CamScanner

aveludavam-se de musgos, os quais coexistiam com a hera. Dulce sentiu o coração pulsar mais forte. Não querendo ferir os ramos úmidos, pôs-se a caminhar vagarosamente, apoiando o bico do sapato sobre as pedras grandes, quase sempre livres das folhas que coroavam as menores.

Acercando-se da abertura onde existira uma porta de ferro, hoje corroída de ferrugem e atirada ao tronco de uma carnaubeira, cuja sobrevivência os parasitas ameaçavam, ela hesitou um instante. Suspeitava que houvesse bicho lá dentro. O tinir de uma fivela e o frufru de uma saia caindo fizeram-na enrubescer, gelando-lhe o estômago. Agora não tinha dúvidas de que se tratava de Raul: o pigarro denunciou-o.

"Sim, é Raul", pensou mais uma vez, só pelo gosto de torturar-se. "E ela, quem será?"

– Assim não, meu filho... – era a outra voz que vinha da sala, quente e cheia de amor.

Dulce não reconheceu quem falava, mas alguma cousa lhe disse que era Amparo. "Não, não pode ser ela", admoestou-se em seguida, arrependendo-se. "Maria é direita. Mas quem haverá de ser então?" Correu de memória todas as raparigas das relações de Raul, sem identificar a que ora se entregava.

"Ele é tão indigno!", ponderou em seguida, morta de aflição. "E eu que o amava tanto!" Compreendendo que não convinha permanecer à escuta, ela se afastou de mansinho, com o maior cuidado, os olhos salientes e fixos, a boca trêmula pela emoção. "Maria, por que te rebaixaste assim?" Dulce agora andava sem rumo. "Não! Amparinho é inocente". Levou a mão à cabeça.

– Dulce, que se dá contigo? – perguntou-lhe alguém, segurando-lhe os braços com força. Estás falando sozinha...

Ela olhou para a jovem sorridente que a fitava, mas foi como se não a tivesse olhado, porque nada viu.

– Por que tremes, querida? Fizeram-te mal? – insistiu a moça, começando a preocupar-se.

Dulce apercebeu-se dela:

– Maria, Maria, és tu, Amparo? – indagou à amiga, que vinha da igreja. (Dulce abraçou-a chorando.)

– Que houve contigo? Conta-me – rogou Amparo, enquanto lhe batia de leve nas costas. Pensavas que eu também houvesse morrido?

Digitalizado com CamScanner

Dulce enxugou as lágrimas e, desprendendo-se, encarou-a mais uma vez, como para certificar-se do engano:

– Supus que morrias *para mim* – observou enfática. Perdoa-me.

– Ora, bobinha, por que não haveria eu de perdoar-te? Andas nervosa, mas isto passa.

E em seguida, de mãos dadas, foram à ponte ver o Mocha, que nessas últimas horas começara a encher. Dulce ia calada. Amparinho, interpretando seu silêncio como nervosismo, procurou acalmá-la, contando-lhe histórias de sua meninice.

•••

Dulce regressou antes que a torrente cobrisse os arcos da ponte. Era um espetáculo soberbo: as águas se afunilando com ruído, num branco lençol de espumas, para depois se precipitarem sobre os barrancos cheios de verdura. O Mocha nunca enchera tanto e roncava que nem uma cachoeira. No seu bojo arrastava tudo: ilhas de capim, touceiras de cana-de-açúcar, galhos de maria-mole e até um jumentinho, que se debatia e de cuja morte ninguém duvidava.

Quem ia à ponte, invariavelmente segurava no parapeito de pedra, e mesmo assim se sentia inseguro. Bem poucos não descoravam vendo o abismo sob os pés. Na rede de gotas finas que subia, às vezes a luz do sol tomava as cores do arco-íris. Cedo Dulce ficou tonta.

– Vou-me embora – e saiu com a mão comprimindo o estômago, para que o enjôo passasse.

– É da enchente – observou Maria do Amparo. Queres que te acompanhe?

Dulce olhou-a com tristeza:

– Ainda nem tomei café. Deixa estar que vou só. Eu...

Amparo não insistiu, porque esperava que Raul viesse também. "Onde estaria ele?"

– Hoje à tarde aparecerei; sim?

A jovem aquiesceu com pouca simpatia e se afastou. Uma idéia começava a persegui-la com insistência: o encontro que surpreendera há pouco. A descoberta de que Raul procedia como a canalha ofendera-a

Digitalizado com CamScanner

de tal modo, que a levou a pensar em morrer. Quando, na volta, passou em frente ao Sobrado, sem querer olhou para o quarto em que Celina enlouquecera: pressentia que a espiavam. "Curioso, ninguém". Abaixou a vista e ergueu-a de relance. D. Nini ocultou-se atrás da janela.

Dulce perturbou-se. Por que a mãe de Raul fugia à sua passagem? "Pensa que vou roubá-lo? Ah, se soubesse..." Suspirou, e a impressão de que era observada só se desfez quando entrou em casa e se recolheu. "Por que procedem assim? D. Nini, Raul? Já tinha decidido não me preocupar com ele. Pouco tenho a ver com sua vida. Mas como é imundo! Quando me lembro que enfrentei a ira de papai..." Os soluços irromperam com violência. "Ah, paizinho... Paizinho!"

Ela esfregou os olhos, surpreendendo-se com a recordação inesperada daquela voz: *Assim não, meu bem.* Tapou os ouvidos com as mãos. "E quem o teria conquistado?" Riu nervosamente. "Ora esta! O único culpado é ele. Moça alguma se rebaixaria a uma atitude dessas. Nunca, porém, imaginei que Raul fosse capaz... Na festa, sempre tão gentil! E eu inocente, amando-o com ternura..."

Esse pensamento torturou-a o dia inteiro. Não quis almoçar e à noite apenas tomou um copo de leite. Estava febril e histérica, com os olhos abrasados, as mãos torcendo a varanda da rede. Embora procurasse convencer-se de que nunca mais pensaria nele, tivera de concordar, ante a persistência com que seu nome lhe vinha à memória, que o perdoaria, se ele, querendo reabilitar-se, protegesse a jovem a quem iludira.

– Eu te quero tanto, Raul! – murmurou, com as costas doendo de cansaço. E tu?

Cismou-o perto de si:

– E tu: também me amas?

Raul lhe dizia que sim e logo a enlaçava, apertando-a, oprimindo-lhe os seios de encontro ao corpo viril. Ela não ofereceu resistência e se deixou levar para a câmara dos suplícios, na cadeia velha.

– Não vê que a adoro, minha santa? – e ele a beijava nos olhos, na ponta da orelha, nos lábios sedentos.

Como ela não reagisse, Raul enfiou a mão no decote, forçando-a a cravar as unhas em seu pescoço.

– Afasta-te de mim! – disse-lhe sem muita veemência, recuando para a parede úmida.

Digitalizado com CamScanner

Raul olhava-a com tanto ardor, tal desejo de possuí-la, que ninguém lhe venceria a obstinação. O rosto afogueado, o coração aos pulos, avançou para ela, rindo como se a considerasse sua.

– Você gostará também... (Ele nunca a tratava por tu.) Pedrina chega suspirava.

Trêmula e nervosa, Dulce arrancou uma pedra do muro e ordenou que não se aproximasse. Ele não a ouviu, e no momento de pôr as mãos nela, recebeu forte pancada na testa, caindo entre as urzes que cresciam no canto. Ao perceber o sangue que empastava os cabelos de Raul, ela ficou horrorizada:

– Matei-o! – gritou aflita, imóvel diante de seu corpo inerte.

O grito ecoou no quarto, acordando-a. Dulce abriu os olhos, e percebendo o vulto da irmã, que dormia na rede próxima, esforçou-se por dominar o medo. Lá fora a chuva batia no telhado, como um acalanto.

•••

O que mais entristecia Dulce não era ter de renunciar ao amor de Raul, senão querer-lhe mais depois que o descobrira na cadeia velha. Na luta que se travou em seu coração, entre o dever moral e o afeto, terminou desesperando ao perceber que seria bem capaz de repetir tudo de novo, se o pai vivesse. Ela, que sempre acreditara na nobreza dos próprios sentimentos, reconheceu angustiada que já não tinha orgulho e terminaria se entregando a Raul, ainda que a repudiasse. Analisando-se com frieza, concluiu ser má, ambiciosa, sensual. E se desprezou com a mesma paixão com que se enamorara dele.

Seus olhos, habituando-se à penumbra, detiveram-se em contemplar a noite através da vidraça. A chuva, antes serena, agora castigava as telhas, despencando com ruído pelas biqueiras da frente e do jardim. Uma rajada de vento frio respingou-lhe a rede, e ela tossiu. Marieta, que acordara com a batida das rótulas, levantou-se para fechá-las. Encontrando Dulce desperta, veio ajeitar o lençol.

– Estás quente – disse, ao lhe envolver a garganta com uma toalha. Vê se dormes.

Digitalizado com CamScanner

Dulce tossiu novamente e olhou-a com desânimo. Achava-se abatida, respirando fundo. Marieta ficou triste ao vê-la assim, e como estivesse acordada no momento em que ela falava dormindo, segredou-lhe:

– Por que não tentas esquecê-lo? És boa demais pra ele.

Os lábios de Dulce tremiam como se fosse chorar.

– Queres que te deixe em paz, não é, maninha? – e Marieta fitou-a com ternura.

– *Não amo ninguém* – respondeu Dulce, de tal modo sem convicção que levou a irmã a compreender que o assunto lhe era penoso.

– Sim... Eu sei. Procura dormir: assim... assim...

Marieta, vendo-a fechar os olhos, voltou na ponta dos pés para a rede. Embora achasse a noite repousante (adorava chuva), não pôde conciliar o sono senão de madrugada, quando Dulce também dormiu. A todo instante erguia-se para agasalhá-la melhor. Apenas despertou quando seu Ernesto, assim pelas dez horas, entrou no quarto:

– É você a doente? – perguntou-lhe, encarando-a. (Não pode ser. É corada e bem disposta). Ah, sim! Como vai, minha filha? – e sentou-se perto de Dulce, na cadeira de palhinha que D. Odete lhe ofereceu.

Dulce procurava conter a tosse, sufocando-a entre os lençóis. Seu Ernesto tomou-lhe o pulso e, como a achasse febril, colocou-lhe o termômetro nas axilas.

– Trinta e sete... – observou em seguida, ajeitando os óculos sobre o nariz pequeno. É preciso dar-lhe uma antipirina.

– E para a tosse?

O farmacêutico olhou para D. Odete:

– Ainda não terminei o exame – disse, abrindo a maleta.

A viúva abaixou a vista e ele, contente da própria superioridade, retirou o estetoscópio.

•••

Alguns dias depois, a situação era a mesma. Embora a febre começasse a ceder, Dulce permanecia debilitada, tossindo de vez em quando. No rosto pálido havia agora duas pequenas olheiras.

Digitalizado com CamScanner

Sua mãe abandonou tudo para cuidar dela. Passava a noite a seu lado, esforçando-se por vencer o sono, e logo que Dulce tossia, despertava com um estremecimento, dando-lhe em seguida uma colher de xarope. Sem forças para esquecer o marido, ela se devotava inteiramente à filha. E mal cochilava, abria os olhos de novo, com a impressão de tê-la ouvido ofegar.

Todas as manhãs seu Ernesto vinha examinar Dulce, tratando-a com desvelo e distraindo-a com anedotas sobre a clientela. Porém não tocava nos Ribeiros, porquanto o assunto devia constrangê-la: disseram-lhe que Raul a trocara pela amiga. "Esses jovens de hoje!"

– Você se lembra da Comadre, aquela que foi lavadeira de sua mãe? – perguntou um dia, após tomar-lhe o pulso. Rara a vez que não apanha do homem com quem vive. Ainda ontem lhe encanei o braço...

Dulce entretinha-se com um besouro que batia na vidraça.

– Sofreu tanto essa noite, que para se livrar correu e tropeçou no batente. Resultado: desmentiu o cotovelo. Pus a tipóia e depois recomendei largar o Zeca: não valia a pena viver assim. A cabrocha assentiu e Naná armou uma rede para ela na cozinha. De manhã foi embora. E sabe o que nos disse? Que ia passar-lhe o café... Olhe bem! Não me apareça com o nariz quebrado. "Não tem importância, seu Ernesto: ele bate mas é no que é dele"...

Dulce semicerrou os olhos com tal desalento, que o farmacêutico se preocupou. "Que há com essa menina, que não fica boa? Prepareilhe um calmante, e a tosse continua. Nem mel de abelha com pequi fortificou. Que se passa com ela?" E ajeitou os óculos.

Ultimamente seu Ernesto gracejava pouco, retirando-se em silêncio. Um dia, a viúva surpreendeu-o de cenho fechado, numa expressão meditativa, tão incomum nele. E na copa, ao servir-lhe a merenda, indagou se perdera as esperanças de curá-la.

– Não se preocupe – respondeu sério. A menina Dulce logo ficará boa.

D. Odete tranqüilizou-se e lhe ofereceu inhame e mel de engenho. Mas como nenhum remédio debelasse a tosse e Dulce estivesse mais e mais abatida, sem ânimo até de erguer-se para almoçar na copa, principiou a suspeitar que não houvesse cura.

Digitalizado com CamScanner

– Alguma dor? – inquiriu-lhe de tardinha, vendo-a levar a mão ao peito.

Dulce permaneceu silenciosa, os lábios trêmulos de emoção. D. Odete percebeu-o, e sentindo que era verdade, insistiu em saber tudo. Como em resposta, ela cobriu o rosto com o agasalho.

A viúva esteve a ponto de chorar, mas se dominou a fim de não convencê-la de que sofria por sua causa. À noite não dormiu, inquieta, ansiosa por chegar a manhã, para ter uma longa entrevista com seu Ernesto. Talvez o desengano a torturasse menos.

O boticário chegou bem cedo, antes das oito horas. Vinha alegre, assobiando, com roupa apertada no ventre. Na véspera abrira algumas obras de medicina e confrontara a situação de Dulce com os sintomas de várias doenças, concluindo que poderia curá-la.

D. Odete recebeu-o nervosa e mandou-o entrar. Como o seguisse, ele rogou que os deixasse a sós. Queria ter uma conversa reservada com Dulce.

– Então, minha filha, como vai?

Dulce imobilizou-se, para fingir que estava dormindo. Seu Ernesto sentou-se na cadeira, já torta e com a palhinha funda, olhou para os remédios que empilhavam sobre a mesa, e, calmo, pondo na voz toda a persuasão, disse-lhe:

– Não tente enganar-me, Dulce. É a última vez que a examino. Doravante não permitirei que tome nenhuma droga. – Calou-se, procurando ver o efeito das palavras. – A febre se foi e a tosse não passa de nervosismo.

Ela reabriu os olhos e limpou a testa suada.

– Você de fato caiu doente. Mas já está boa. Falta-lhe reagir, saindo, passeando. Vejo que algo a preocupa muito. Por que não me conta? Eu poderia ajudá-la. Ou espera que Raul a examine antes?

Dulce não se perturbou:

– Nunca pensei nisso. Eu detesto Raul.

– Seja franca – pediu o boticário delicadamente. Por que detesta Raul? Conte-me o que houve. Ninguém vai saber.

Após fazê-lo jurar que levaria o segredo para o túmulo, Dulce confessou-lhe o que a angustiava.

Digitalizado com CamScanner

•••

Logo que seu Ernesto se ergueu para sair, Dulce respirou aliviada. A cena que surpreendera entre o médico e a filha do sacristão (agora não tinha dúvidas de ser ela), não lhe fugia do pensamento, repetindo-se com uma força que a enlouquecia.

Imaginou desabafar-se com Marieta. Esta, porém, haveria de dizer-lhe: "Se não queres bem a Raul, por que sofres então?"

Sim, por mais se convencesse de que Raul nada significava em sua vida, era sempre com desencanto e angústia que se recordava dele. E quando seu Ernesto admitiu que não o amava, apegou-se a essa esperança com a maior alegria.

– Quer dizer...

– O procedimento de qualquer outro, em idêntica circunstância, a teria traumatizado. Além disso, a morte de seu pai chocou-a muito – concluiu o farmacêutico, querendo desculpá-la. Que lhe parece?

Esse diagnóstico acalmou Dulce. Sua mocidade, a pujança dos dezenove anos, começava a reagir, e mais cedo ou mais tarde ela haveria de ficar boa sozinha. Naquele tempo ainda não compreendia essas cousas, e iludida de que o velho gordo a salvara, olhou-o cheia de gratidão.

– Se depender de mim – explicou-lhe, fitando-o com carinho – me restabelecerei depressa.

O farmacêutico voltou a tomar-lhe o pulso e sorriu.

– A febre passou mesmo – disse bondosamente, ansioso para comunicá-lo à mãe.

Dulce pensava nisso quando D. Odete entrou. Vinha num misto de satisfação e pena, procurando rir sem jeito:

– Por que não confiou em mim? – inquiriu num tom de queixume. Eu saberia compreendê-la.

O coração de Dulce pulsou mais forte. "Seu Ernesto não guardou segredo. Velho cretino!" Corada de vergonha, como se a tivessem despido em público, tentou esconder o rosto entre as mãos.

– A senhora tem sofrido tanto... que...

– Não queria preocupar-me, não é? – adiantou a mãe. Se eu adivinhasse que a morte... – Silenciou, em tempo de chorar.

Digitalizado com CamScanner

Descobrindo de súbito que o farmacêutico mentira por sua causa, Dulce se encabulou ainda mais:

– Esqueça isso, mamãe, *por favor* – disse-lhe. Ficarei curada, a senhora há de ver...

– Sim, com a ajuda de Deus – emendou D. Odete, que voltara a ser religiosa.

Calaram-se um instante, após o qual Dulce relanceou um tímido olhar para a mãe. Como envelhecera! Novas rugas na testa e no canto da boca, os cabelos sem brilho e grisalhos. Assim de preto e sem pintura, aparentava ter uns cinqüenta anos.

– Vou fazer-lhe um pedido. A senhora promete?

– Diga o que é.

– Terá que prometer antes.

D. Odete fitou o lençol encardido ("está bom de ir para a fonte"), e concordou.

– Queria que este assunto ficasse entre nós.

– Que assunto, minha filha? – perguntou a viúva. Que sentia a morte de seu pai?

Dulce concordou. E virando-se, surpreendeu um vulto junto à porta. Era Marieta, que a observava em silêncio, penetrando-lhe a alma com os olhos acendidos.

•••

Uma semana depois, Dulce ainda não se restabelecera, apesar de ter uma boa alimentação. Ela apenas saía de casa para ir à igreja, onde levava horas rezando. Uma vez que se decidira a renunciar ao amor de Raul, apegava-se à religião como quem procura esquecer.

Todos notaram a mudança, e o carinho com que D. Odete a olhava certificou-a de sua anuência. "Sim, Deus é a ressurreição". E Dulce, enlevada, sentia-se renascer interiormente.

Uma tarde dessas, achando-se a família à porta, Glorinha falou em Raul: vira-o há pouco nas ruínas da cadeia, beijando Maria do Amparo. Uma angústia repentina inundou o coração de D. Odete e de Marieta. Mas logo se desfazia ante o olhar sereno de Dulce.

Digitalizado com CamScanner

– Amparo gosta dele – disse ela com naturalidade.

– Sim... sim... – observou sua mãe, sorrindo ao notar com que indiferença tocava agora nesse assunto. Quando irá vê-la? Ontem andou aqui à sua procura.

– E por que não me chamaram?

– Estavas na missa – e Marieta pôs o braço em volta do pescoço da irmã. Ela não foi lá? Olha: não é Pedrina? Ali, na calçada da escola.

Dulce virou-se para ver. A filha do sacristão, que não queria ser observada, escondeu-se atrás do muro. Seus olhos brilhantes e bem abertos, o rosto magro, a pele morena cheia de manchas, exprimiam tudo!

– Pobre menina! – exclamou Dulce, com um suspiro.

– Quem? Pedrina?

Ela mudou a vista, evitando responder.

– Amanhã iremos ao Rosário – anunciou. Preciso reavivar meu nome, que deixei gravado na rocha, junto do pé de Deus.

– Ótimo, também vou – disse Glorinha, afobada. E a "Varjota", mamãe?

Sem deixar de acariciar os cabelos da caçula, que se debruçara em seu colo, D. Odete respondeu:

– Depois que seu tio chegar. Não quero fazer nada na sua ausência.

Nesse instante a criada veio à porta; sua presença bastou para que compreendessem que era hora do jantar. Marieta saiu correndo e até Dulce a imitou. D. Odete seguia atrás, olhando as filhas com enternecimento e orgulho:

– Como é bom ser jovem! – refletiu. A dor fere menos.

•••

Digitalizado com CamScanner

DE NOVO, O SOBRADO

Pedrina lembrava-se com angústia da entrevista da manhã. Passara a noite insone e cheia de pressentimentos maus. Agora que as regras suspenderam e vinha sendo acometida de náuseas, já não tinha qualquer dúvida.

Com pavor e desespero, decidiu-se a procurar Raul, e desde as sete horas rondava a esquina do Sobrado, na esperança de ver o amante logo saísse para a fazenda. Só tarde Raul apareceu, com um chicote e roupa de viagem. Ela admirou mais uma vez seu porte elegante, as pernas grossas, os músculos rijos dos braços. E se acercou dele no momento em que montava o alazão.

– Raul, preciso falar com você. É urgente.

O jovem, que há uma semana se ocultava dela, virou-se com a fisionomia contrafeita.

– Eu lhe disse que não viesse cá.

Pedrina estremeceu ante o olhar severo com que a acolhia. Contorcendo as mãos, confessou-lhe tudo:

– Estou grávida.

– Eu sabia – respondeu Raul com impaciência, dando-lhe as costas.

–Não, não se vá agora! – e ela tomou as rédeas nervosamente. *Você tem de casar comigo, Raul!*

– Não a seduzi – replicou ele, exaltado. Você já era à-toa quando...

Sem forças para conter o animal, que a espora feria no ventre, Pedrina implorou mais uma vez:

– Não me despreze, Raulzinho! Senão eu morro...

Ele a fitou menos irritado, condoído um pouco de sua situação:

– Não se preocupe, que há remédio.

– Remédio, que remédio? – perguntou a jovem, confusa.

– Quando eu voltar do "Junco" cuidaremos disso.

– Você então se casará? (Ela não sabia de outra solução.)

Digitalizado com CamScanner

Raul limpou o suor da testa e, vendo-a mais tranqüila, criou coragem:

– O aborto, menina! Cuidaremos disso quando eu voltar.

A moça sentiu perder o ânimo:

– Abortar não é crime, Raul? E eu... eu não posso... Quero meu filho.

Raul abaixou a vista, insultado diante da nobreza de sentimentos da rapariga.

– Você tem de escolher, Pedrina: o filho ou eu.

Ela abaixou a vista. O desalento se estampava no rosto, quando respondeu, emocionada:

– Prefiro morrer, Raul. Mas não matar um inocente!

Sem querer, ela ferira o amor-próprio do amante:

– Aja como quiser. Uma cousa lhe asseguro: você não se casará comigo. Não sou de sua laia.

Pedrina empalideceu e gaguejou. Sua posição social perdera-a e agora os separava. Apreensivo em frente dessa situação, que o humilhava, Raul chicoteou o cavalo com violência, partindo na impressão de que ela o seguia.

– Além de sedutor, assassino.

A rapariga, porém, nada falou, porque desmaiara.

Foi o Dr. João Mendes quem a socorreu:

– Que houve, minha filha? – perguntou, enquanto a ajudava a erguer-se. Amarela assim, e tremendo.

Pedrina olhou-o com tanta mágoa, que ele se propôs a levá-la:

– Vamos. Onde é que você mora?

– Já estou bem – respondeu a jovem baixinho. Obrigada.

O juiz deixou-a e seguiu rumo ao Sobrado.

"Menino Jesus, que restará de mim? Como esconder esta vergonha? Só com o aborto..." E arrependendo-se de tê-lo admitido, por um instante: "Não, abortar nunca! Nossa Senhora do Perpétuo Socorro será minha valença. Ela me ajudará". Pedrina não voltou para casa essa manhã. Levou o dia caminhando pelas ruas desertas, e apenas teve algum alívio quando, indo ao Mocha, viu a si própria no espelho das águas, entre ramos de maria-mole que tremiam ao vento.

– Preciso de uma solução.

Digitalizado com CamScanner

Nenhuma lhe vinha ao pensamento. Quem a poderia socorrer? Padre Miguel? Não, que diria tudo a seu pai. O Velho? Talvez a ajudasse. Mas, doente, ele não a receberia. "Quem, quem, meu Deus?" À noitinha, morta de fome e cansaço, não soube como, Dulce lhe ocorreu à lembrança. Diziam que ficara devota.

– Sim, ela tem bom coração e me compreenderá, porque também amou Raul e sofreu por isso.

•••

Pedrina surpreendeu-se quando viu Dulce sentada à porta, em companhia dos seus. Esperava que estivesse sozinha, e, na ânsia de confiar-lhe o segredo e pedir-lhe proteção, achou que ela demorava muito a vir para a novena.

Ao sair da copa, não pôde Dulce desvencilhar-se da melancolia que a dominou ao ver Ivete. A caçula batia os tamancos novos com seu passo incerto, enquanto recitava uma cançãozinha ingênua:

– *Dê-ma-vé, de-cê.*

Como se recordava agora de sua infância! Alegre e despreocupada, muito impulsiva até, nem imaginava que, tempos após, haveria de sofrer de amor. Antes não houvesse conhecido Raul!

Foi com ansiedade que encontrou Pedrina. Andava de mãos frias, contando as pedras do terço, quando a filha do sacristão reapareceu detrás do muro e veio a seu encontro.

– Pedrina! – exclamou, observando-lhe a timidez com que se acercava.

A rapariga beijou sua mão, embora Dulce quisesse escondê-la: não lhe permitiria humilhar-se.

– D. Dulce, preciso da senhora.

– Por que me tratas assim? – perguntou ela, comovida. Não somos amigas?

Pedrina aproximou-se mais, sem ânimo de encará-la.

– E por que choras?

– Estou desesperada e sozinha... – murmurou, enxugando as lágrimas com um lenço úmido, de chita.

Digitalizado com CamScanner

Alguém, que não reconheceram (a noite caía), parou à distância para escutar. Dulce então convidou Pedrina:

– Vamos à igreja. No caminho contarás o que sentes.

A rapariga tinha planejado tudo, porém não soube o que dizer. Andaram alguns minutos em silêncio, ao fim dos quais pôde balbuciar o nome de Raul.

– Ele te infelicitou? – inquiriu Dulce, delicadamente. Eu já sabia.

– E quem te disse? – Pedrina ficou mais confusa.

Dulce não quis revelar que fora testemunha de sua perdição.

– Ninguém; esteja tranqüila. Mas, conhecendo o caráter de Raul ("e o teu"), imagino que deve ter abusado de ti – falou ela, sem esconder a satisfação íntima da própria indiferença.

– Dulce, Dulce, Amparo é tua amiga, não é?

– Sim. Pelo menos tem sido até hoje.

– E tu me ajudarás?

Dulce olhou-a com ternura, desfazendo-lhe os últimos receios.

– Estou... grávida.

Um novo silêncio caiu entre elas. Pedrina esperava que a outra o rompesse com duas palavras de compreensão.

– Desejas que fale a Amparinho? – perguntou Dulce, com um estremecimento. Em que isto te será útil?

– Raul não pode abandonar-me. É meu sonho... que se case comigo. Já lhe falei de manhã e ele me desprezou.

– Que poderia Amparo fazer por ti?

Pedrina, que antes decorara o que ia responder, viu-se de todo embaraçada.

– Contam que ele vai pedi-la.

– E queres que evite o casamento? – inquiriu Dulce, com horror.

– Não é bem isso. Gosto dela e não desejo sua infelicidade. Porém Amparinho deve mostrar a Raul que eu...

– Só enxergo uma saída, Pedrina. Raul casar-se contigo. E sabes... – Dulce calou-se medindo as palavras. – Ele pertence a uma família com outros costumes... Não me compreendes? É do Sobrado.

Vendo na amiga os mesmos argumentos que ouvira do amante, Pedrina recomeçou a chorar.

Digitalizado com CamScanner

– Também tu me desprezas? – perguntou com os lábios trêmulos. E fitando os tijolos da calçada: Tenho medo de cair... como mamãe.

Dulce condoeu-se da desgraça de Pedrina. Somente agora via com nitidez que, ao invés de consolá-la, apenas a afligira em vão. Tinham chegado à igreja. Cristo, de braços abertos, pendia da cruz no altar.

– Eu te ajudarei. Mas vem rezar, para que o Senhor nos ilumine e me dê coragem.

•••

Após despedir-se de Pedrina, Dulce olhou mais uma vez para o Crucifixo de bronze do altar.

– Meu Deus, dai-me forças. Entre os deveres que me impusestes – para com Amparo e aquela infeliz – fazei com que escolha o que encerre maior bem, apesar do sacrifício que me possa trazer.

Orando assim sabia Dulce que apenas uma resolução se impunha: convencer Amparo de que Raul deveria casar-se com Pedrina. Quanta angústia, porém, lhe dava a perspectiva do encontro! Ela estremecia só em pensar que seu nome andaria de boca em boca, como uma invejosa que quis, a todo custo, entristecer a própria amiga.

– Não importa o que falem! – exclamou resoluta, beijando a seguir a pedra do altar.

Quando voltou para casa, percebeu que havia estranhos. Deteve-se no corredor, procurando reconhecê-los pela voz. Eram o juiz e o boticário.

– Boa noite – disse-lhes, entrando.

– Sente-se, minha filha – respondeu o farmacêùtico, com os olhos brilhantes. (Estava alegre: saíra-se bem no pôquer.) – Você está inteiramente restabelecida, e até corada.

O juiz fitou-a com interesse. Gostava dela e vinha saber por que não aparecia.

– Amparo ainda agora se queixou de você – disse, mentindo para ser-lhe agradável. Parece que tomou chá de sumiço.

Dulce sentou-se ao lado da mãe e pôs-se a rodar o terço nervosamente.

– Amanhã irei lá – falou, com os olhos voltados para seu Ernesto, mas se dirigindo ao juiz. Nunca deixei de estimá-los.

Digitalizado com CamScanner

– Eu contava a D. Odete que hoje vi Pedrina, quando passava em frente da botica. O jeito era de quem andou brincando de casar.

– Ela apareceu aqui, de noitinha. Não a encontraste, querida? – perguntou Marieta à irmã.

Dulce empalideceu, não o suficiente para ser notado:

– Não... – disse, mordendo os lábios.

– É uma tristeza... – e D. Odete perscrutou o semblante concentrado do juiz. A mãe dela também se perdeu. Coitada, teve um destino triste. E era tão atenciosa com a gente!

Calaram-se um momento. O boticário não ia insistir no assunto, mas notando que o Dr. João Mendes continuava pensativo, caçoou com ele. Adorava ferir-lhe o pudor.

– Hum, hum... Está recordando suas aventuras com Morena, a mãe de Pedrina? Falam muito dessas ligações...

– De modo algum! – replicou o juiz, corado pelo insulto. É uma invencionice... Mais uma infâmia!

– O quê, infâmia? Que ela se tornou prostituta? – seu Ernesto fingia não entender.

– Essa história que inventaram comigo... Realmente gostava dela, não escondo. Mas nossas relações eram ditadas pelo estrito cumprimento do dever. Apenas quis afastar Pedrina do meio sórdido em que vivia.

– Foi, sim – interveio D. Odete, disposta a acalmar os ânimos. E sem convicção: O senhor quis convencê-la a entregar a menina.

Sempre eufórico, o boticário insistiu:

– Os filhos da Candinha...

– Ora, o povo só cuida de intrigas. Nunca reconhece a virtude! – observou Dulce, pensando na entrevista que ia ter com Amparo.

– Você está sendo injusta – censurou o farmacêutico, em tom sério. O povo não inventa; quando muito exagera. Ainda não reparou na amizade que os humildes têm por vocês? Supõe acaso que é gratuitamente? Não! Pagam tributo à memória de seu avô, de Luizinho, de José.

O Dr. João Mendes, que não admitia ser julgado, procurou sair daquela situação. Eis que se contradisse:

– De acordo. São gratos com aqueles que os amam.

– Por isso mesmo não o perdoam, meritíssimo. Nunca esquecerão Morena.

Digitalizado com CamScanner

O juiz irritou-se com a insistência e fez menção de levantar-se.

– Por favor, sente-se – pediu D. Odete. E ao boticário: Por favor, também...

A criada trouxe uma bandeja com café, leite e bolos.

– Ponha aqui na mesinha – ordenou-lhe Marieta. Deixe estar que eu sirvo.

Após ter saboreado dois cariris, o Dr. João Mendes desculpou-se, alegando que tinha de ler uns processos, e saiu. Na realidade, porém, queria recolher-se, a fim de meditar naquele assunto. Se Pedrina decaíra, quem a pusera a perder? Recordou-se da cena da manhã e uniu os fatos. "Pobre moça! Seduzida pelo neto de quem lhe desgraçou a mãe. Que destino trágico o seu! Que será dela? Como socorrê-la?"

Não lhe passou sequer pela mente impedir o enlace de Raul e Amparinho, que, há tempos, era sua paixão secreta. Já que tudo se encaminhava bem, não poderia interromper o curso dos acontecimentos. Não se julgava com direito a isso. E ela, como se comportaria ao saber da verdade? Romperia o namoro? Chamaria Raul à ordem? Ou se calaria, sem força para renunciar?

"Amanhã irei procurar Pedrina. Dar-lhe-ei o que me pedir. Até um conto... Não, quinhentos mil. Vai necessitar de ajuda para o enxoval. E quando nascer... Sim, melhor tomar-lhe o filho. Não tem recursos para educá-lo e não pode assisti-lo moralmente. Se a caridade é amor ao próximo, como diz padre Miguel, reconheço que sou cristão. Criarei o menino".

•••

O juiz ainda escovava os dentes, quando a filha veio falar-lhe. Antes aparecia com um vestidinho caseiro e de chinelos, e o abraçava com tanta ternura, que ele esquecia todos os aborrecimentos. Depois que se enamorara de Raul, transformou-se depressa, na maneira de pensar, de vestir e até de comer. Quase ninguém a reconhecia agora.

A velha babá foi a primeira a ressentir-se. Amparo, que sempre vivera em volta dela depois que Albertina falecera, não lhe permitia a menor observação, e chegou a proibir os beijos que ela lhe dava antes de

Digitalizado com CamScanner

dormir. A copeira cuidava de trazer os móveis brilhando, e estremecia de medo quando a senhora agitava o leque nervosamente ou a chamava aos gritos. O próprio lenhador veio queixar-se de que a patroa, impaciente porque caíra uma acha na varanda, lhe batera de leve com uma corda.

O Dr. João Mendes a princípio estranhou a conduta da filha. E vendo-a na noite precedente com um penteado exótico, semelhante ao de D. Nini, compreendeu o motivo da transformação.

– Por que não me beijas mais? – inquiriu-lhe agora.

– Não acha que já estou crescida para essas demonstrações tolas de afeto?

O juiz olhou-a ressentido. Ela o percebeu e corou.

– Nada perderias beijando teu pai. E não deixarás de ser minha filha quando...

– Ora, papai, que ciúmes! – exclamou a jovem, batendo o pé. Etelvina – gritou para a copeira – larga de ser lerda e vem pôr a mesa.

A rapariga aproximou-se inquieta e abriu o armário da cantareira, onde sempre guardavam as louças, os talheres e as guarnições da copa. Achava-se em tempo de perder o controle e quebrar tudo.

– Não se agonie, Etelvina. Não tenho pressa.

Amparinho irritou-se com a intromissão do pai:

– O *senhor* não devia desautorizar-me – falou com voz trêmula. Como posso impor-me ao respeito, se...

– Desculpa-me – pediu o Dr. João Mendes, saindo cabisbaixo para o escritório.

De certo modo satisfeita com essa retratação, Amparo aproximou-se das gaiolas que pendiam do teto baixo, e se deteve em admirar os passarinhos que bicavam o alpiste ou cantavam alegremente, à luz do sol da manhã.

– Estão limpas? – perguntou à criada.

– Sim, senhora. Já mudei a água. – E depois de um segundo: A mesa está posta. D. Amparo prefere manteiga de nata ou a outra?

– Ponha as duas – ordenou Amparinho, sem se mover. Vá chamar o velho. Não. Eu própria irei. ("Desde que Raul se declarou, papai vive se queixando... morrendo de ciúmes... Quero ver depois que ficar só.") Paizinho – disse ela, batendo na porta – o café está na mesa. Queres

Digitalizado com CamScanner

tomá-lo agora ou deixas para depois? (Sentiu um prazer diferente voltando a tratá-lo assim.)

– Já vou, minha filha. Não, espere – e o Dr. João Mendes abriu a porta.

Ela sorriu e lhe beijou as faces.

– São gostosos? – inquiriu, dando-lhe mais beijos.

O juiz abraçou-a, com os olhos úmidos.

•••

– Que preferes? Cuscuz, rosca, pão-de-ló?

O Dr. João Mendes analisou a filha com orgulho. Como se compenetrara! Ela, que sempre vivia brincando, agora era uma perfeita dona-de-casa, melhor do que Albertina. A esta, aliás, apenas puxou nos olhos: grandes, expressivos, aureolados por manchas escuras que os faziam mais belos.

– Um desses bolos. Amanheci sem fome.

Amparinho passou-lhe o prato de roscas e o açúcar.

– Por que me olhas tanto hoje, papai?

– Não te estava reconhecendo, com esse cocó. Ficaste velha assim.

Ela riu, sem o fitar.

– O senhor sabe como é D. Nini – falou, sem se aperceber de que o pai contraíra o rosto. Como Raul me pedirá em...

– Sim – interrompeu o juiz. Deves portar-te como uma senhora. Porém isto não quer dizer que já não me trates por tu, como dantes – e ele sorriu amarelo.

– Paizinho! – Amparo pôs a mão sobre a dele. – Que importam os pronomes? Não deixarei de te amar porque te chame de senhor. Bem sabes que te adoro. – E contente porque se alegrara: Olha, o café esfria.

O Dr. João Mendes consultou o relógio ("sete e meia") e se serviu apressado.

– Preciso ver o Velho – disse, erguendo-se. Está melhor, mas sempre se queixando de dores. D. Nini acha que é para tê-la perto.

– Dá lembranças a eles – pediu Amparo, oferecendo o rosto para o beijo. Estão batendo palmas. Vai atender, Etelvina.

Digitalizado com CamScanner

O Dr. João Mendes saiu atrás da copeira, e, encontrando-se com Dulce à porta, franziu o cenho. Lembrava-se de Pedrina e da promessa de dar-lhe dinheiro: "Amanhã. Hoje não posso".

– Entre, que Amparinho não tarda a vir – sussurrou para a jovem. Sempre bela e risonha, hem? (Ele queria desfazer a impressão de desagrado.)

– E o senhor, que não esquece de ser gentil? – observou Dulce no mesmo tom de voz.

O juiz retirou-se encantado. "Interessante como pôde esquecer tudo. Amparinho não a perdoaria, se a situação fosse inversa. Também, que adianta lutar? O que houve com elas e Raul independeu de suas vontades".

Daí a instantes a criada apareceu à porta do salão de visitas e chamou Dulce.

– D. Amparo já vem. Manda pedir desculpas porque está com dor de cabeça – comunicou-lhe, encabulada porque mentia.

A jovem sentou-se na cadeira de palhinha. E era tal seu desapontamento, que a outra quis desabafar-se. Tinha muitas queixas da patroa e ainda ontem chorara ao ser repreendida na presença de estranhos.

– Ela mudou muito, D. Dulce. Nem parece a mesma. Agora vive gritando com a gente...

– Você deixou a vela apagar, Etelvina – disse Dulce, não querendo se envolver na questão.

A copeira olhou para as imagens santas – do Coração de Jesus e de Maria – emolduradas na parede, e aproximou-se da mesinha onde sempre ficara acesa uma lâmpada votiva, desde os tempos de D. Albertina.

– Mudei as flores e me esqueci. Mas ainda há um toco – e acendeu o pavio que boiava no óleo, preso à cortiça. Tomara que não perceba. Com licença.

Depois que a criada saiu, Dulce ficou olhando os retratos descoloridos do Dr. João Mendes e de D. Albertina: ele de chapéu e bigode caído em ponta sobre os lábios; ela de tranças, com os olhos negros assustados diante do fotógrafo.

Uma pergunta, entretanto, inquietava Dulce: "Por que Amparinho não vem?" Esta, sentada diante da penteadeira, inquiria: "Por que descorei? E por que tremo?" Desmanchou o coque, alisando os cabelos, a

Digitalizado com CamScanner

seguir, com um pente-fino. "Como a detesto!" – exclamou para a própria imagem refletida no espelho, mas pensando em Dulce. "Você verá que me mostrarei superior, tratando-a com displicência. Ou será..."

A dúvida sombreou-lhe as faces. Temia que diante dela fosse a amiguinha de sempre, terna e afetuosa. A lembrança de D. Nini e de sua austeridade é que a tranqüilizou.

– Você não me reconhecerá, Dulce.

E pôs os cabelos para trás, prendendo-os com os grampos que esquecera nos lábios carnudos e mordera involuntariamente.

•••

A renúncia de Dulce constituía mistério para Amparo. Por que desistiria de Raul, quando o amava e era correspondida? O pai? Sua morte não explicava tudo. Comparando os próprios sentimentos com os da amiga, não encontrava razão para a conduta desta. Oeiras toda sabia que voltara a ser alegre e já não sofria pensando no velho.

Isto a intrigava sobremodo. E como viesse a suspeitar que Dulce se consumia de ciúmes, sem o dizer a ninguém, procurou-a certa manhã, embora sentida porque, freqüentando a igreja, não vinha à sua casa, tão próximo! Estava certa de que desvendaria o segredo que a deixava insone. Agora era o momento. Dulce achava-se no salão nobre, "despeitada porque não fora recebida na varanda, como das outras vezes".

Ela a faria revelar os pensamentos mais íntimos.

Com essa disposição de espírito entrou na sala.

– Estou contente – disse com frieza, agitando o leque. Há quanto tempo *você* não aparece?

Dulce levantou-se, sorrindo:

– Como engordaste, querida! – respondeu, sem ligar aos modos da outra.

– Sente-se. Ali no sofá. Todos os seus vão bem? A que devo a honra de sua visita?

Diante dessa impertinência, a primeira vontade de Dulce foi sair. Mas, lembrando-se de Pedrina, reanimou-se:

Digitalizado com CamScanner

– Pensei muito na *sua* felicidade, ontem. Eu a estimo, apesar de ver que já não me acolhe com simpatia.

Amparo amarelou e mordeu os lábios. "Quantos minutos resistirei? Ela me desarma, falando assim".

– Continuo a querer-lhe bem.

– Sim... estou vendo... – fez Dulce. Por isso é que vou falar com franqueza, como, aliás, sempre procedi. O que me trouxe aqui excede minha...

Não sabia como começar, o que levou a colega a perceber que adivinhara tudo:

– Compreendo – adiantou-se, com dissimulada alegria. Ama Raul e veio confessá-lo; não é isso?

– Engana-se – replicou Dulce, ajeitando as pregas do vestido. É piedade o que sinto por ele agora.

Amparinho virou-se para olhá-la de frente:

– Que me dizes? Acaso merece pena? Ou tu...

– Explico-te – interrompeu Dulce, empalidecendo. (Ambas esqueciam o tratamento afetado que se vinham dando.) – Raul infelicitou Pedrina, e isto basta para que o julge com dureza.

Amparo abaixou a vista, tremendo a ponto de chorar:

– Não pode ser... – balbuciou. É uma infâmia.

Dulce enterneceu-se e lhe tomou as mãos.

– Perdoa-me. Não quis ofender-te. Imagino como dói esta revelação.

– Deixa-me... – e Amparo afastou-se, fitando-a com os olhos brilhantes, mais de tristeza do que ira. Não, conta-me... Quero saber.

– Conheces Pedrina. Tu mesma reprovaste sua conduta na festa, nos passeios... Lembras da manhã da enchente? Naquele dia me encontraste nervosa. Eu acabava...

Amparinho arrancou o broche de pérola que trazia na blusa e se pôs a limpar as unhas com o colchete. Dulce examinou-o. Era a jóia que D. Nini usara naquela noite.

– Diz logo o que sabes – implorou Amparo com impaciência. Essas pausas me irritam. Estou doente: uma bruta dor de cabeça.

Dulce então narrou os fatos de uma vez, após o que formulou o pedido de Pedrina. A colega ouviu-a em silêncio e tardou a falar.

Digitalizado com CamScanner

– Raul não procederia assim, se ela não o provocasse. – Calou-se, retomando o ar senhoril. – Agradeço-te a confiança.

– Direi a Pedrina que tu prometes?

Amparinho surpreendeu-se. Não havia escutado bem as explicações do fim, sofrendo, como estava, com a conduta do noivo.

– Promete? Que promessa? – indagou confusa.

– Explicar-lhe que deve proteger Pedrina. (Dulce evitou referir-se a honra.) Ela não pode ficar assim...

– Certo. Intercederei para que a ajude. Eu própria lhe darei o enxoval para o menino, caso não concorde com o aborto.

– Isto não resolve nada!

– E que esperas de mim? Que abandone Raul nas mãos daquela... daquela imunda?

– Devias ser menos severa, Amparo. Raul não é o inocente que imaginas.

– Admito que não. Mas é homem, se me entendes.

– Desejas então empurrar Pedrina para os cabarés?

– Sua mãe faleceu lá.

Dulce começou a exaltar-se:

– Sim. Mas a filha não merece esse destino. E Morena nunca freqüentou o Sobrado...

– Pedrina não voltará a fazê-lo, isto eu asseguro. – Amparo ergueu-se, estendendo-lhe a mão: Tive muito prazer.

– A honra foi minha. (Dulce olhou-a com pena.) Espero que me apareças algum dia.

– Vou tomar nota. Vivo tão sem tempo!

•••

Dulce saiu com um peso no coração. "Quem fez Amparo assim? Antes era meiga, incapaz de uma ação dessas. Vai ser infeliz, coitada, tanto quanto Pedrina, a quem não quer socorrer. Não, não posso me conformar. Deve ser influência de D. Nini, mas logo se corrigirá, com fé em Deus Nosso Senhor".

Digitalizado com CamScanner

Ergueu a vista de repente e defrontou o Sobrado. "Como vim parar aqui? Que me arrastou a essa casa de que só tenho más recordações?" Lembrou-se de Celina. "Aquela pobre não foi a única vítima do Sobrado. Outras virão, até que ele se destrua pelo tempo".

Um vulto de preto surgiu à janela.

– D. Nini! – gritou Dulce, num ímpeto. (A mãe de Raul não ouviu e continuou a fitá-la com interesse.) – Por que me olha, bruxa? Não vê que a detesto? – e se abaixou para apanhar um seixo. Foi a senhora quem fez Amparinho cruel.

D. Nini ainda não compreendera a razão por que a jovem a encarava, à distância de uns vinte metros. Alguma cousa, porém, lhe dizia que se transtornara, a ponto de cometer uma loucura.

– Veja que menina petulante! – exclamou para o juiz, que, sentado à cabeceira do Velho, espantava as moscas ao redor.

Dulce comprimiu a pedra nos dedos e recuou, a fim de lançá-la dentro do salão. Nunca estivera assim, tão enraivecida: os lábios brancos e trêmulos, os cabelos soltos, os olhos avermelhados nos cantos.

O Dr. João Mendes aproximou-se sem nada entender. Vendo-o ao lado de D. Nini, Dulce perdeu as forças, sufocada pelos soluços. "Como odeio essa gente!" E abaixando a vista, em lágrimas, ela abriu a mão que segurava o seixo.

O Sobrado vencia de novo.

•••

Digitalizado com CamScanner

PARTE II

Digitalizado com CamScanner

AMPARINHO

Abafada pela ausência do noivo, Amparinho não sabia como evitar a lembrança de seu encontro com Dulce, a ex-amiga. Naquela manhã, ela se recolheu ao quarto com a sensação de que já não lhe importava viver. Dulce dissera cousas tão amargas sobre Raul! Como fora perversa! Naturalmente queria que rompesse o namoro por causa de uma leviana como Pedrina. Ah, isso nunca! Haveria de casar-se com ele: nada, em absoluto, o impediria.

"Dulce tem é ciúme". Por mais, entretanto, quisesse convencer-se disso, não se conformava à insinuação de que Raul vivia com Pedrina.

– Mas se ele me ama! – exclamou em voz alta, como se isso lhe desse a certeza de que tudo não passava de mentira, de despeito, de inveja.

Recordou-se deles no baile, dançando agarradinhos; no morro, interrompendo a conversa quando se aproximava; na volta do passeio, escondendo-se no mato como duas crianças. "Por que não desconfiei logo?" Dulce é quem a advertira. Por que ela? E por que sopitara a emoção sob a aparente frieza? Não tardou a desconfiar a razão. "Quer que eu sofra. Conseguirá?" – inquiriu-se, cheia de dúvida. "Nunca! Mostrar-me-ei superior: com fé em Deus ninguém me verá triste".

Um sentimento vago, cinza, não percebia de quê, começou, porém, a afligi-la, dominando-lhe os nervos de modo avassalador. "Preciso controlar-me". Estendeu-se de bruços na cama, com o rosto entre os travesseiros, sem resistir à idéia de que fora enganada por Dulce. "Pedrina pouco significa para Raul. Ele me adora". Verdade? Não mentira ao dizer que a amava desde menino e que jamais poria os olhos em outra mulher? "Gostou de Dulce antes de mim. E talvez me procure apenas para ver se assim lhe desperta ciúme". "Não! Nem tudo é fingimento". Suspirou. "Ou será? Como tortura esta incerteza".

Sem que pressentisse, Pedrina sentou-se a seu lado, soprando-lhe ao ouvido maliciosamente: "Não seja boba, Amparinho. No "Junco", longe de todos, Raul refletirá melhor, pensando com ternura no filho que me

Digitalizado com CamScanner

deu. Já reparou como aprecia as crianças? Pai é pai". Impotente para dominar o desespero que a pouco e pouco lhe corroía o coração, Amparo esperneou na cama, aos gritos, sentindo nas pernas uma sensação nova, envolvente, um tanto a luxúria, como se o próprio noivo as acariciasse.

Etelvina acudiu, forçando a porta:

– Que foi, D. Amparo? A senhora treme, da cor da parede.

– Quero ficar só – respondeu ela, num tom de queixume. Deixe-me em paz...

A copeira saiu, regressando depois com um copo d'água.

– Eu lhe pedi alguma cousa, sua... sua?

Amparo ergueu o corpo a seguir, cobrindo a face com as mãos nervosas. "Raul nem sequer se despediu direito de mim. E tanto que insisti que viesse me ver na manhã da viagem". Reviu Etelvina e não pôde conter a indignação:

– Saia, cretina – bradou-lhe, divagando o olhar à procura do chinelo. Se permanecer aqui um minuto mais, eu... (A empregada retirou-se incontinenti, fechando a porta atrás de si.) Não, Raul não pode continuar assim. Vou dizer tudo ao velho, agora mesmo.

Amparo levantou-se sem ânimo, quase a desfalecer. Um passo e... *Ui!* Apoiou-se na mesinha da penteadeira, para evitar a queda. O espelho refletia um semblante carregado, que não era bem o seu: o coque em desalinho, o rosto inchado, olhos fundos. "Devo empoar-me novamente, corrigir a pintura. Não convém que seu Joaquim me receba intrigado com meu sofrimento. Ah, se eu pudesse exprimir resignação!" Como enfrentá-lo? Imaginou logo a cena: começaria pedindo-lhe a bênção, e depois indagaria se passava melhor. Na certa ele se queixaria de dores, e então:

– "Se apenas o senhor sofresse!

"O Velho se admiraria:

– "Como? Você também, Amparinho? Raul não lhe passou nenhum remédio?

"Haveria de abaixar a cabeça, compungida:

– "Mas se é ele a causa de minhas apreensões! Inventam, torturam-me tanto!

"Era mesmo que irritá-lo:

– "Raul saiu ao avô materno: um refinado idiota! Certamente quis romper o namoro. Deixa estar que o chamarei à ordem.

Digitalizado com CamScanner

– "Ainda não se trata de rompimento, *vovô*. (O coronel riria lisonjeado.) Corre que abusou de Pedrina... Ela engravidou".

Ficaria bem começar assim? Talvez fosse melhor entrar chorando, para em seguida reclinar o rosto no peito do ancião. Desse modo convencê-lo-ia depressa.

– "Ajude-me, que estou desesperada".

Com esses planos na mente, Amparinho atravessou a Praça da Vitória, então abrasada pelo calor reverberante do sol. Sem querer, olhou para as ruínas da cadeia velha. Dois jumentos comiam ramagens das jitiranas e mais longe uma galinha ciscava a terra, com a ninhada em volta. Noutros tempos, essa visão a alegraria, mas agora! "Assim não, meu bem". Por que Dulce descera aos mínimos detalhes? "Assim não, meu bem". Por que fora tão cruel?

Nesse momento, o relógio da Matriz badalou uma dúzia.

– Meio-dia, e papai não chega.

Ela viu o Sobrado em frente, e só aí reparou que ia procurar o Velho. Escutou a voz de D. Nini dizendo: "Apareça. E Amparinho, por que não vem? Dê-lhe lembranças minhas". O Dr. João Mendes saiu à porta, e ficou surpreso ao encontrar a filha.

– Que... Ah, vieste buscar-me. Etelvina já serviu o almoço?

Amparinho sorriu com tristeza:

– Esperava por ti... – observou, abaixando a vista.

– Depressa, então.

O juiz deu-lhe o braço, e no íntimo se reprovou por ter demorado tanto. Amparinho devia almoçar sempre na hora. Que diria o Velho, ao saber que a menina de seus olhos passava fome?

•••

Se Amparo dormia, de repente acordava com uma sensação de angústia: se pegava no croché, esquecia o nó, errava o ponto; se fazia doce, queimava o açúcar e o dedo: sempre a lembrança de Pedrina a sobressaltá-la como um remorso, alquebrando-lhe o espírito a pouco e pouco, até aniquilar-lhe as últimas resistências morais.

"Não posso viver assim. Tenho de desabafar, se não enlouqueço como a pobre da Celina". Mas a quem? Ao Velho? Agora temia aborrecê-

Digitalizado com CamScanner

lo. Ao pai? Compreenderia ele a extensão de seus sentimentos? Era tão comum a existência de amantes na vida dos homens de Oeiras! Chegava a ser uma tradição... O bisavô de Raul, por exemplo, tivera algumas. Diziam que morrera na cama do delegado de polícia: um alvoroço.

Amparo sabia que hoje ou amanhã Raul teria as suas, porém não se conformava. Os tempos já não eram os mesmos. Estavam em '29. As mulheres da Europa vinham há muito lutando por igualdades de direitos. Até em Teresina se falava nisso. Só em Oeiras é que se admitia uma situação esdrúxula daquelas, e ai de quem ousasse combatê-la. "Se Deus Se serviu de uma costela de Adão para moldar Eva – explicou o padre num sermão – é porque quis tornar a mulher dependente do homem".

Uma vez, após o jantar, estranhou o juiz que ela quase não comesse, preferindo esmigalhar o feijão com a colher. Estava triste e silenciosa.

– Doente, minha filha?

– Pareço?

– Sim. Andas abatida. E deste para levantar depois das nove. Etelvina me disse que passas a noite desperta. Alguma cousa te atormenta?

Amparo abaixou a cabeça, os olhos fitos no cálice de vinho.

– Se são saudades de Raul, tranqüiliza-te: ele não demora.

Como não respondesse, o Dr. João Mendes tomou-lhe as mãos geladas, aquecendo-as nas suas.

– Então já sabes? – perguntou comovido. E como ela confirmasse com um aceno: Não sofres sozinha.

A jovem mirou-o com profunda tristeza:

– Como? Também o senhor? Eu imaginava...

Nessa hora Etelvina entrou, para servir a sobremesa: doce de ovos e requeijão. O juiz aguardou que se retirasse.

– Pensei muito nisso. Mas sossega, que ainda há jeito.

– E que pretendes fazer, paizinho? – inquiriu Amparo, sem qualquer esperança.

– Deixa tudo por minha conta.

•••

Nessa tarde, o juiz foi ver Pedrina. A casa era pequena, constituída de duas únicas peças: a saleta de estar, e o dormitório rústico. No quintal,

Digitalizado com CamScanner

sob a mangueira, ficava a cozinha: a trempe e algumas panelas antigas. Nos fundos, uma cerca viva ocultava a latrina. E um tanque d'água, junto da parede de adobe, servia de banheiro.

Quando ele entrou, a rapariga se encontrava só. O sacristão tinha ido para a igreja, tocar os sinos para a bênção: de lá seguiria para os cabarés, onde levava as noites desde a morte de Morena. Aos domingos passava antes pelo Sobrado, para receber de Aninha o auxílio que o Velho destinava ao sustento de Pedrina e que, não poucas vezes, esbanjava em orgias.

Pedrina acabara de beber e agora punha o caneco no gancho da cantareira. Tão logo viu o Dr. João Mendes, assustou-se, cobrindo o decote com as mãos ainda manchadas de gordura.

– O senhor? (Fez uma pausa, recuando.) Sente-se. Nessa não; pode quebrar. Tem uma perna solta.

O pai de Amparinho olhou ao redor: não havia outra cadeira na sala.

– Ficou lá dentro... Não adivinhava que o senhor... – ela não sabia como tratá-lo. Aqui o tamborete. Oh, está sujo. Espere, por favor, que eu limpo na saia.

– Não tem importância, menina. Estou bem. Ia passando e me lembrei de vir cá, para saber de sua saúde.

Envergonhada de não ter um cafezinho para oferecer-lhe, ela se apressou em pedir desculpas. Ainda não tivera tempo de comprar.

– Não precisa. Tomei agorinha e...

Calou-se, para observá-la melhor. Em pé, no outro lado da mesa, Pedrina atrapalhava-se entre cobrir os seios, quase à mostra por um rasgão na blusa, e o ventre para onde ele olhava. Como emagrecera nos últimos dias! Na testa estreita havia algumas rugas; os olhos antes expressivos já não brilhavam; parecia maior o queixo, os lábios murchos, a pele sem viço.

– Você vai bem? – insistiu, conduzindo o assunto para o que o interessava. Carece de alguma cousa?

Pedrina respondeu que não, sem encará-lo.

– Não tenha receios, minha filha. Disponha... É da vida. Uns podem mais; outros menos. Nunca a reprovariam por aceitar a ajuda que lhe ofereço de todo o coração.

Digitalizado com CamScanner

– Mas se eu tenho tudo, doutor! Vivo como Deus quer.

– Terá mesmo, Pedrina?

Ela silenciou. Percebia aonde o Dr. João Mendes queria chegar. Não era necessário inquirir para que soubesse. A expressão de seu rosto, o tom da voz, a persistência do olhar cedo o traíram.

– Creia-me, não censuro seu procedimento. Você é jovem; nutria esperanças.

– Mas eu... – balbuciou a rapariga, nervosamente.

– Imagino que não quer abortar. Respeito-lhe os sentimentos. Outra atitude, aliás, não seria de se esperar de mim; não lhe parece?

Pedrina coçou a cabeça, aflita:

– O senhor está confundindo. Não é bem isso... Eu...

– Inútil esconder a verdade, Pedrina. Sei de tudo – continuou o juiz, retirando a carteira do paletó. (Hesitou entre duas quantias: um conto ou só quinhentos?) Aqui. Rogo-lhe que aceite com os protestos de minha amizade.

– O senhor me desculpe – replicou a jovem, com dignidade. Não quero que meu filho nasça devendo favores.

O Dr. João Mendes pôs um conto de réis em cima da mesa.

– Pedrina, minha filha! – exclamou, comovendo-se. Não me leve a mal.

A rapariga empurrou o dinheiro, os olhos lacrimejantes.

– Perdoe-me... mas eu... eu não posso! (Sentia-se a ponto de desmaiar: a respiração difícil, o coração quase sem pulso.) Por favor, deixe-me. – E num misto de desdém e amargura: Não está na hora de ir ver o Velho?

O juiz ergueu-se acabrunhado e tentou dissuadi-la mais uma vez. Estava escurecendo; a noite caía. Ela ainda adquiriu forças para acompanhá-lo até a porta, e com as mãos trêmulas devolveu as cédulas.

– Para o dote de D. Maria do Amparo.

– Fique com elas, Pedrina – implorou o magistrado, cheio de pena e vergonha. Pelo amor que você tem a... Raul.

Pedrina amparou-se no umbral e soltou as notas. O vento que vinha do Rosário levou-as pela rua batida de areia, onde as vassourinhas começavam a fenecer, com os ramos nus e amarelos pelo sol.

– De onde provém seu orgulho, Pedrina? Diga-me: de onde?

Digitalizado com CamScanner

Ela não respondeu. Compreendendo que não adiantava insistir, o Dr. João Mendes afastou-se, um tanto ofendido pela recusa. Esperava sinceramente que Pedrina aquiescesse à sua vontade, com que tudo sairia bem: não mais arrastaria esse remorso. Tão depressa, porém, se sentiu longe de seu olhar, abaixou-se e recolheu as cédulas:

– Deus sabe que tive boa intenção! – exclamou para si mesmo, acariciando-as com inusitada alegria.

•••

O Dr. João Mendes contou à filha que ainda nessa noite procurara o Velho, inteirando-o do ocorrido. Seu Joaquim ficara contrafeito, e, com a fisionomia séria, o punho cerrado, prometera tomar providências. Todo o mundo sabia que não era pai de Pedrina, mas fora por sua causa que Morena se corrompera, terminando os dias nos bordéis, corroída pelo mal-de-amor.

– "Pedrina não pode ficar desprotegida.

– "E como pretende o senhor ampará-la?

"O Velho rira então: adorava fazer sentir nos outros a importância do Sobrado:

–"É tudo tão simples! Arranjar-lhe-ei casamento; basta escolher. Vinvim... Não, esse não serve: gosta de vadiar. Raimundo... Pedrina merece alguém melhor. (Calara-se refletindo.) Ananias? Sim, talvez. Mas quero falar antes com Raul. Esse moço me está saindo um imbecil, um doutor de merda. Veja só: abusar de uma virgem!"

Satisfeita com os novos rumos dos acontecimentos, Amparo sorriu nervosa:

– E mandou chamar... Raul?

– Deixei-o escrevendo uma carta nesse sentido.

– Que bom, paizinho! – ela o abraçou comovida.

O magistrado bocejou de sono.

– Hum, já é tarde, e ainda preciso ler uns processos.

Amparo não adormeceu logo, enredada em seus pensamentos. Na manhã seguinte, quase depois do café, apareceu no Sobrado. O Velho dormia: passara a noite desperto, com cólicas no intestino. Havia jantado com gulodice e no fim quisera uma compota inteira de mangaba. Ela se

Digitalizado com CamScanner

retirou com um alívio no coração. É que, se bem desejasse vê-lo, temia que o coronel tocasse naquele assunto. Não saberia o que dizer-lhe. Sua posição era muito delicada...

De volta para casa, estirou-se na rede da varanda, permitindo que o sol lhe beijasse o rosto, agora sem qualquer mancha de dor. O canto do sabiá parecia mais belo, como se, passada a nostalgia dos primeiros tempos, o passarinho se houvesse conformado com a prisão na gaiola e sentisse de novo que valia a pena viver. A própria aragem que vinha do morro, tépida e perfumada pelas roseiras do jardim, era uma carícia em suas faces. Embalou-se de leve, receosa de que a mínima cousa lhe perturbasse a ventura de que se achava possuída nesse instante. "Como sou feliz!"

De repente, entretanto, lhe ocorreu uma idéia triste: "Raulzinho não se zangará quando souber?" Levou horas pensando nisso. "Se ele brigar, eu até morro. Que desculpa lhe darei?" Era imaginosa; não se embaraçaria facilmente. "Fingirei que ignorava tudo. Mas querido! Acha então que eu!" Sim, deveria também mostrar-se ressentida. "Tem suas amantes, e ainda me culpa. Depois diz que me ama..." Uma nova suspeita alvoroçou-a. "E se Raulzinho... Oh, não! Não pode romper. Todos sabem que é meu noivo. Demais, o Velho não consentiria. O que convém é casar logo. Assim ele não procura a outra, ah, disso tenho certeza".

Temerosa de perder Raul, Amparinho começou a justificar-lhe o procedimento. "Coitado, vive tão só, e eu lhe negando o verdadeiro amor. Quando me abraça, esquivo-me logo. Não é que não anseie também, mas sinto que não me fica bem ceder já. Ainda não chegou o tempo..." Riu-se à lembrança do desapontamento dele nessas horas. Empalidecia e silenciava, apenas tornando a palestrar quando ela, na despedida, punha a mão atrás de seu pescoço e dizia sorridente:

– "Beije-me, querido. Não gosto de vê-lo zangadinho.

"Raul enlaçava-a com tanto ardor, tal desejo, que daí a instante sentia a presença do sexo dele. Um estremecimento no corpo, um arrepio, e se desvencilhava de súbito.

– "É assim que você diz que me ama? – perguntava ele, com os olhos acendidos. Adeus.

– "Não se vá, Raulzinho. (Apertava-lhe as mãos quentes, com força.) Não me deixe agora.

Digitalizado com CamScanner

– "Impossível. Vou jogar pôquer com seu Ernesto.

– "Só alguns minutos, meu bem. E amanhã, se vier, prometo não afastá-lo. Eu até acho bom!

"Seu noivo ficava, e tinham momentos de amor, que a encheriam de vergonha mais tarde".

Na noite mesma em que Raul devia chegar da fazenda, fortaleceu-se no espírito dela a convicção de que não era amada. "Ultimamente ele só vem quando lhe prometo carinho. E sábado de manhã partiu para o "Junco" sem ao menos aparecer aqui. Ainda bem que sei a razão pela qual Pedrina o encantou. Dá-lhe o que recuso, eu que o amo como jamais amei alguém. Doravante hei de fasciná-lo, embora me exponha à incompreensão de paizinho. Farei o possível para trazer Raul a meus pés. Minha vida agora se resume nele".

De certo modo confortada por esses pensamentos, Amparinho recomeçou a fazer planos para o futuro, para quando o Sobrado também lhe pertencesse e ela fosse a senhora mais importante e feliz de Oeiras. O que convinha era apressar o casamento, isto sim. "Raul, por que não oficializamos nosso noivado? Completarei dezoito anos no dia vinte de junho. Assim teremos liberdade." E então sem querer lembrou-se de Dulce:

– Como não sofrerá! – exclamou, antegozando-lhe a derrota. Ela o perdeu para mim.

Correu para a porta da rua e, novamente sorrindo, olhou o Sobrado com um sentimento estranho, como se ele encarnasse o próprio Raul.

•••

Encostada há algum tempo na banda da porta, Amparinho principiava a descrer em Raul. Fazia *bem uma hora* que chegara do "Junco" e ainda não saíra para a rua. "Na certa virá", pensou, na tentativa de esconder a decepção. Ele, porém, demorava. "É possível que não venha só para me aborrecer. Parece que adora contrariar-me. Não, ali está. Como não o reconheci logo, Menino Jesus?"

Com efeito, Raul já se aproximava, caminhando vagarosamente, com o rosto sério. Estaria zangado? "Na certa D. Nini contou-lhe tudo. Oh, meu Deus, ajudai-me".

Digitalizado com CamScanner

– Sabia tanto que você vinha! – exclamou ela, a sorrir sem jeito. Paizinho mandou-me deitar, mas eu não quis.

O jovem cumprimentou-a sem interesse.

– Só vim para o boa-noite. Preciso descansar.

– Ao menos podia entrar um instante – e ela abaixou a vista, para que percebesse a mágoa que lhe revolvia o coração.

– Um minuto apenas.

Amparo não pôde conter-se, e olhou para os lábios dele, com insistência. Era como lhe pedia um beijo, nessas horas.

– Se não demorar é porque não me ama. (Calou-se um segundo, com a voz embargada.) A culpa é minha... Reconheço que não tenho os atrativos que encontra em outras.

– Amparo! – e Raul puxou-a para si, beijando-a seguidas vezes. Eu morria de saudades.

Os carinhos foram bastantes para dissipar-lhe o desapontamento do início.

– Você não devia abraçar-me, aqui na porta – observou ela, rindo-se. As malucas podem ver.

Raul virou-se para a casa das irmãs Costa:

– Não vê que estão dormindo? E agora é que a lua começa a nascer.

– Vivem socadas. Não aparecem nem na igreja, e sabem tudo. Uma língua!

– Deixemo-las de mão. Você não renova o convite para entrar? As pernas estão que não me agüento.

– Por que não? Papai se deitou, mas não importa. Lá ficaremos a salvo da malícia do povo.

Entraram para o salão de visitas.

– Espere, que vou acender a petromax.

– Não precisa: bem assim mesmo.

Ela hesitou com a caixa de fósforos na mão. O velho candeeiro iluminava pouco, lutando por falta de querosene, e era fraca a luz da vela sobre a mesinha do oratório. Não se estaria arriscando demais na penumbra?

– Meus olhos doendo... – explicou Raul, convidando-a, com um gesto, a vir para o sofá.

– Então está bem.

Digitalizado com CamScanner

A rapariga sentou-se ao lado dele, pondo uma almofada entre ambos. Percebendo, todavia, que Raul se aborrecera, atirou-a à poltrona mais próxima. Era-lhe tão difícil lidar agora com ele!

– Não se zangue, hem?

– Não estou zangado. Há razão para isso?

Emudeceram em seguida, imóveis como dois estranhos na sala de espera de um dentista. "Por que Raul não fala"? Ela se inquietou com seu mutismo, pensando na melhor maneira de quebrá-lo. Pedrina? Não, não tocaria nesse assunto. Não tinha coragem. "Ah, a fazenda! Como pude esquecê-la?"

– Gostou do "Junco", meu bem?

Raul olhou-a com interesse.

– ("Hum! Está atraente esta noite. E mais bonita"). Muito. Apenas você não me permitiu...

– Não me culpe – interrompeu Amparo. Embora me consumisse de tristeza na sua ausência, por mim não o faria regressar logo. Disseram-me que você adora estar longe de mim.

– Como você é incompreensiva, menina. Acha então que eu, às vésperas de nosso noivado, a menosprezaria desse modo? Fui passar apenas um mês, com a intenção de refazer as forças antes de abrir o consultório. Era meu pensamento voltar antes de dezoito de junho. Não é esse o dia de seu aniversário?

Ela ficou tão contente de vê-lo falar assim, que não quis retificar. Completaria anos a vinte. Mas não importava senão a certeza de que noivaria logo. "Uma festa e tanto! Pena que Dulce não esteja mais aqui. Garanto que chorava, do jeito que é invejosa!"

– Como me sinto feliz, Raulzinho! – e descansou a cabeça em seu ombro, ternamente. Agora sei que me ama de fato. O resto não importa. Se for de seu agrado, criaremos o menino.

– Que menino? – e afastou-a, para fitá-la melhor.

Amparinho enrubesceu, embaraçando-se.

– Soube que Pedrina ia dar-lhe um. Creia, porém, que não me preocupo pensando nisso. No começo sofri muito, demais até. Foi um choque para mim. Depois é que compreendi.

– Compreendeu?

Digitalizado com CamScanner

– Sim. Você vive só e como todo rapaz deseja ter uma mulherzinha. Eu fui egoísta em recusar-lhe certas cousas, mas já amadureci.

– Deveras? – Raul sorria, com ar zombeteiro.

– Juro!

Ele a enlaçou para beijá-la e esqueceu a mão entre suas pernas. "São macias".

Ao primeiro contato, a jovem se perturbou. Temia ofendê-lo retirando-a. E sutil, femininamente, segurou-a com a sua, para imobilizá-la. Esse novo abraço foi bem mais excitante, fazendo com que estremecesse toda. Supondo que ela cedia, Raul tentou beijar-lhe também o colo, e até os seios, se permitisse.

Eis que os assustou um pigarro. Era o juiz, que vinha no corredor, denunciando-lhes a presença, a fim de não vê-los abraçados, aos beijos.

– Oh, paizinho, vieste sempre! – exclamou Amparo, bastante aborrecida.

O Dr. João Mendes apertou a mão de Raul, constrangendo-se com o calor que dela emanava. "Nem com minha filha ele se porta dignamente. Convinha evitar esses excessos de paixão".

– Como se saiu do passeio? – interrogou-lhe.

– Eu? Muito bem.

Insatisfeito com a penumbra da sala, o juiz foi à mesinha do oratório. Mas encontrou apenas uma vela: a que bruxuleava ali.

•••

O Dr. João Mendes pensou em acender a petromax, desistindo da idéia ao perceber que lá fora o luar esplendia.

– Uma bela noite. Há meses não temos uma assim... – observou, após abrir a janela.

Os noivos se aproximaram para ver. Tudo silencioso. As ruínas próximas, a igreja, as casas distantes jaziam ao plenilúnio, com suas cores amortecidas e um aspecto melancólico, de abandono. Apenas o Sobrado permanecia desperto; a luz de um candeeiro brilhava num dos dormitórios.

– O Velho continua acordado.

Digitalizado com CamScanner

– Não creio – disse Raul, sorrindo. É que não sabe dormir no escuro. Vovô tem medo de alma.

Riram-se.

– Como vai ele? Melhorou? – inquiriu Amparo. Pela manhã estava bem ruim.

Raul contou então o que ocorrera à sua chegada, quando o avô, mesmo doente, insistiu em jantar.

– Não há quem possa com ele.

Minutos depois, o relógio batia um sinal.

– Nove e meia! Ficando tarde: vou sair.

– Agora não, meu bem – protestou Amparo. Você ainda não falou nada do "Junco".

– Fique mais um instante – rogou o juiz, num tom cuja contrariedade não escapou a Raul.

Amparo aproveitou o ensejo para insistir com ternura:

– Só um instante, Raulzinho. Nem matei as saudades.

Levado pela mão dela, Raul sentou-se novamente no sofá, encabulando-se porque o Dr. João Mendes preferia permanecer à janela, com uma expressão de aborrecimento no rosto pálido.

– Meteu-se em alguma caçada? Diga como foi. Quero saber...

O jovem confirmou, narrando tudo de modo sucinto. Teve, entretanto, o cuidado de esconder a angústia que o invadira logo que os cães se inquietaram sentindo a presença da onça. Amparo ouviu-o com o maior interesse, pedindo-lhe que nada omitisse. No fim não pôde conter a desilusão.

– Imaginei que houvesse luta. Estou desapontada.

– Tem razão. Os únicos heróis foram os cachorrinhos.

– E meu bem sentiu medo?

– É impressionante, Amparo – disse ele, após um minuto de silêncio. Até os caçadores mais espertos se arrepiam quando a canguçu dá aquele rugido ao ser baleada. Os vaqueiros contam que se ouve a léguas de distância.

– Eu garanto que desmaiava. Creio que nem vou dormir esta noite. Posso sonhar com a fera. Costumo ser vítima de pesadelos.

A luz bruxuleante do candeeiro extinguia-se aos poucos, deixando a sala às escuras, não fosse o luar que invadia a janela. O juiz impacientou-se.

Digitalizado com CamScanner

"Só o que faltava". E se aproximou deles, ficando em pé defronte do sofá.

– Senta, paizinho.

Ele não quis. Era imperioso mandar Raul embora; estava se excedendo.

– Sabe quem chegou? – inquiriu-lhe contrariado. Pedro de Helena, o irmão de D. Odete. Veio ontem. Disse-me que trouxe sua encomenda.

Amparo surpreendeu-se e olhou para Raul com apreensão.

– E você se dá com o tio de Dul... Marieta? Onde o encontrou?

– Casualmente no Rio. Pedro tinha ido fazer compras e de súbito esbarrou comigo, na Rua das Laranjeiras. "Vem cá, menino. Você não é filho de Joaquim Ribeiro?" Sorri. Neto, e o senhor? É escusado dizer que logo nos tornamos amigos. Estávamos ambos muito sós. No Rio ninguém se conhece: os vizinhos nem se falam. E eu há muito sentia necessidade de ter com quem trocar idéias.

– Mas Raul! Ele é inimigo de seu avô.

– Quem? Pedro? Um *bon-vivant:* não se envolve em política. Depois que terminei o curso, passando por Teresina, onde mora, achei-o de novo, num restaurante, e insistiu para que jantássemos juntos. Que noite aquela! Música, vinhos e...

– Você próprio vai receber a encomenda? – perguntou Amparinho, mortificada com a perspectiva de outro encontro dele com Dulce.

– Por que não, minha filha? – interveio o Dr. João Mendes. (Temia agora que o azedume de Amparo aborrecesse Raul.) – Afinal são amigos. E tenho certeza de que D. Odete o acolherá bem. Não se esqueça de que é tão educada quanto nós.

Amparo calou-se ressentida. O silêncio generalizou-se. Era uma situação agradável para Raul, perceber que ela sofria de ciúmes.

– Depois lhe contarei tudo, querida. Você nem imagina o que Pedro de Helena trouxe: nossas alianças. Pena é que hajam vindo sem gravação.

– Tu sabias, papai? – interrogou ela, com despeito.

– Sim. Raul e eu combinamos o noivado na véspera de sua ida para o "Junco".

Amparinho abaixou a cabeça:

– Acertam as cousas, e nada me dizem.

– Ora, bobinha! Queríamos surpreendê-la.

Digitalizado com CamScanner

– Então esperassem pelo dia. E por favor, já lhe pedi não me chamar de bobinha.

– Pelo que depreendo, você não se alegrou com a notícia – observou o médico, erguendo-se para sair. Supus que lhe agradasse a *certeza* de nosso casamento.

Ela se levantou, sorrindo-lhe.

– Perdoe, Raul. É que fiquei nervosa.

– Está bem; então até depois.

Amparo bateu com o pé no chão, a exemplo de D. Nini:

– Não quero que se vá ainda.

– Boa noite, Raul – e o juiz retirou-se pela porta dos fundos, encerrando a entrevista. Recolha-se logo, Amparo – acrescentou com determinação.

Na calçada, ela ainda o tentou prender:

– Veja só quem está ali. As Dengosas. (Dois vultos espiavam a noite, de camisola, na janela da casa das irmãs Costa.) Levam o dia enfurnadas como corujas. E sabe quem agora toma café, almoça e janta lá?

Raul bocejou:

– Não faço nem idéia.

– Imagine! Marieta.

– Até amanhã. Já devo ir; são bem dez horas. (Ele apertou-lhe a mão friamente.)

– E nem me beija?

– Aqui? Antes, quando as malucas não viam, você se afastou. E eu não quero que maldem de nós.

Na verdade, ele não tinha esses escrúpulos. É que se sentia exausto, com o pensamento na rede onde iria repousar depois. No Sobrado, era o único que detestava cama. Talvez porque nos hotéis do Rio o colchão fosse duro.

– Promete que virá amanhã?

– Não sei ao certo. Boa noite.

A jovem esperou que se afastasse. Seu coração batia depressa, cheio de dúvidas e apreensões. Não estaria Raul se desinteressando dela? E por que não escrevera mandando gravar os anéis em Teresina? Namoravam-se há *tanto* tempo! "É de Dulce que ele gosta. A mim é que nunca amou...", concluiu com pesar, pressentindo que nessa noite

Digitalizado com CamScanner

não conciliaria o sono, atormentada pela suspeita. Vivia tão nervosa de uns tempos para cá, um instante certa de ser feliz, outros desventurada e só!

•••

Raul saiu também inquieto. Que reação teria Dulce ao vê-lo em sua própria casa? Saudá-lo-ia com indiferença, com aqueles olhos brilhantes, azuis da cor do céu? Ou fugiria para o quarto, a fim de entrevê-lo detrás da porta? "Pedrina!" Saberia ela alguma cousa a respeito? "Tomara que não".

– Gosto dos carinhos de Amparo. Entretanto, com Dulce é diferente. Admiro-a e não ouso tocá-la. Quero-lhe bem e me intimido diante dela. Não será isto o verdadeiro amor?

•••

Digitalizado com CamScanner

O ABORTO

Embora satisfeita com a vinda do irmão, D. Odete reprovava de vez em quando a alegria das moças. José morrera ainda há pouco tempo, e queria por tudo que respeitassem sua memória. Pedro tomou o partido das meninas.

– Não seja tão severa – disse ele. Estão contentes porque vim. Deixe-as brincar. Ou pretende que só vivam de luto?

– Não é tanto assim. Podiam externar o contentamento sem esses excessos.

Marieta, que gostava muito do tio, ajudou-o na defesa:

– Mamãe briga porque quer. Sabe que todos sentimos a morte do pai, e que nunca o esqueceremos. De minha parte, eu... – calou-se, com os olhos em lágrimas.

– Sim, eu sei, minha filha – e D. Odete pôs a mão em seu ombro. E tanto sei, que não me importo freqüente a casa das malucas. Não desejo é que nos reprovem ter esquecido seu pai.

– Diga-me uma cousa, mamãe. Por que a senhora as trata com desprezo? Filó e Antoninha gostam da gente: são boas e tão delicadas!

D. Odete não pôde deixar de sorrir.

– Não lhes quero mal; chama-as assim o povo. Ninguém aqui passa sem alcunha.

– Alcunha? Que é isso? – perguntou Glorinha.

– Alcunha é apelido – explicou Pedro, sorridente. Eu próprio tenho um.

– E qual o seu, titio?

– Ora, menina, Pedro *de Helena.* Deram-me o nome de sua avó, assim como Raul se chamava Raul de Nini, quando garoto.

– Por falar em Raul, você já entregou a encomenda? (Era a senhora quem inquiria.)

– Já não. Espero que me visite primeiro. Soube que agora está na fazenda.

Digitalizado com CamScanner

– Filó me contou que ia chegar ontem. Se é assim, deve aparecer aqui hoje ou amanhã. Mas não quero vê-lo, titio. Tenho muito ódio daquele sem-vergonha. Dele, de Amparo, de D. Nini, do Velho, do Dr. João Mendes, de todos do Sobrado.

– Não se esqueça de que ódio não dignifica as pessoas, Marieta – observou sua mãe. Se Raul vier aqui, recebê-lo-ei com...

– Estima? Amizade?

Foi o tio quem respondeu:

– Com educação, menina. Em nossa casa, até ao inimigo se respeita. Não custa tratar bem os outros. E além disso, Raul não é homem de querer mal ao próximo.

Glorinha quis satisfazer a curiosidade e perguntou qual era a encomenda de Raul. O tio meditou um segundo antes de responder. Sentia que o momento não propiciava a revelação. Vendo-o hesitar, D. Odete estimulou-o com um *sim.*

– Duas alianças – disse Pedro, pausadamente. Ele as havia encomendado a um ourives na Rua Bela, e deixou-me encarregado de remeter por um portador de confiança.

– Quer dizer que já vinha com o propósito de casar-se? – interrogou Maria da Glória, para ver se eram fundadas suas desconfianças.

– Penso que sim.

– E o senhor sabe com quem?

D. Odete interveio. Sofria porque o irmão lhe contara tudo.

– Que importa saber, minha filha? Estamos às vésperas de partir, e Raul agora se acha comprometido com Amparinho.

– Realmente. As cousas tomaram um curso imprevisto. Penso que nada nos resta a fazer, a menos...

– Cale-se, Pedro, que assim me aflige.

Ele olhou para a irmã, como se dissesse: "Ainda há esperanças", e levantou-se para sair. Precisava ver o Dr. João Mendes, a fim de ultimar o processo de inventário e partilha dos bens. O juiz não concordava com o preço atribuído por seu Ernesto à "Varjota"; achava-o ínfimo em relação ao das outras fazendas de Oeiras. Era necessário convencê-lo de que a viúva não poderia pagar os impostos, se se desse a esse bem o seu valor real.

Foi nesse instante que alguém bateu palmas.

Digitalizado com CamScanner

– Corre, menina; vai ver quem é.

Maria da Glória obedeceu e voltou depressa, com a respiração ofegante.

– Raul, mamãe. *É ele.*

D. Odete ficou atarantada, o que fez o irmão sorrir:

– Não se preocupe. Eu o receberei sozinho.

– Não, Pedro. Não fica bem que me esconda. Afinal sou uma senhora. – E para Marieta: Onde está Dulce, minha filha?

– Saiu cedo dizendo que ia à casa de Pedrina... – respondeu a moça, inteiramente pálida.

– Ainda bem que Deus nos ajuda. Vamos, Pedro. Mandá-lo-ei sentar e depois você entra.

•••

"Não sei o que se passa comigo" – pensou Raul, momentos antes de bater palmas. "Estou com as mãos frias". Se José ainda vivesse, viria à sua residência sem a mínima emoção, e enfrentaria tudo com naturalidade. Mas agora que as cousas tomaram rumo diverso, sentia-se como um rapazola tímido que quer ver a namorada e hesita à última hora.

– ("Evitarei olhar para ela".) Ó de casa.

Alguém se aproximou. Seria Dulce? "Tomara que não". A porta entreabriu-se e um rosto assustado, o de Glorinha, recuou insensivelmente.

– Seu tio está?

– Um momento.

A jovem retirou-se depressa, quase a correr. No instante seguinte caiu um silêncio pesado, que carregou a atmosfera já quente da manhã. Raul suava, num terno de tropical inglês, que lhe assentava bem e distinguia a elegância. Depois, uns passos miúdos, e eis que D. Odete convida-o a entrar para o salão. Este era arrumado com gosto, no estilo rústico comum aos lares do interior.

– Bom dia, Raul. Tenha a bondade – e D. Odete lhe indicou uma cadeira de palhinha. Pedro já vem.

– Com sua licença.

O médico sentou-se, ficando logo à vontade. Em seguida olhou para a mãe de Dulce: ela o fitava igualmente. Sorriram a medo.

Digitalizado com CamScanner

– Faz calor, não é?

– De madrugada fez frio. Não supus que a manhã viesse a ser calorenta – explicou ele, para justificar-se.

– É porque o doutor esteve a maior parte do tempo fora. Aqui é quase sempre assim. Ou não?

– Vejo que fui precipitado em vestir esta roupa.

D. Odete percebeu-lhe o constrangimento:

– Ora! Nunca saí de Oeiras e também me engano. É natural. Ainda outro dia eu comentava isso com Dulce. Nós fomos...

Calou-se, enrubescendo. Sem querer, tocara no nome da filha. Felizmente, Pedro entrou nesse instante.

– Que alegria, rapaz! Então como se foi do passeio? (Abraçaram-se.) Imagino que deve ter caído do cavalo...

Raul sorriu, afastando o corpo sem desvencilhar-se:

– Respeita, velho! Pensa acaso que sou carioca?

– Eu é que não duvido... – fez o outro, alisando-lhe a lapela do paletó. Como vai? Já marcou o dia do casamento? Eu trouxe as alianças.

O médico voltou a sorrir, meio encabulado.

Pedro era mais idoso; andava pelos trinta, aparentando ser mais jovem. Ninguém o encontrava sério; tinha sempre um riso sonoro a rebentar na garganta. Levava o tempo na loja, em Teresina, e à noite ia para os cafés, esquecer a solidão. Ainda não quisera casar-se: "Eu, hem? Há tantas mulheres! Só me amarro quando sentir que estou envelhecendo. Procurarei então quem cuide de mim".

– Você vai sair agora? – perguntou Raul.

– Como é que adivinhou?

– Muito simples. Nunca vi você de gravata. E que aprumo! Um esnobe, quem diria!

Pedro olhou para a irmã, que os observava em silêncio:

– No Rio se anda esportivamente. Em Teresina, vá lá! Mas aqui? Deus me acuda! Odete apenas descansou quando me meti nestes trajes. Em Oeiras é diferente, disse-me ela.

– Não precisa zombar de mim, Pedro – admoestou a senhora, levantando-se também. Raul pode pensar que tenho preconceito.

Digitalizado com CamScanner

– Por que pensaria? No Sobrado é a mesma cousa. Mamãe não admite que me sente à mesa sem gravata. Até vovô se sujeita a essas imposições. É encantadora a simplicidade de nossas famílias.

– E o senhor acha que devia ser de outro modo? – inquiriu D. Odete, ironicamente.

– Cada terra com seu uso. Não é assim que dizem?

– Gostei da resposta, Raul – falou Pedro, a sorrir. Manteve incólumes as tradições da cidade e ressalvou nossos direitos. Prova que é inteligente, de fato.

D. Odete compreendeu então por que se tomaram amigos em tão pouco tempo. Havia profunda semelhança nos seus modos de pensar e até de agir.

– Bem, vou levar Raul comigo. Vá trazer a encomenda, Odete. Está em cima da cômoda.

– Já? Mas se nem mandei servir o café?

– Raul terá outras oportunidades.

O médico concordou com um aceno:

– Se a senhora permitir, virei uma noite dessas.

– Certamente que nos dará prazer. A casa é sua – observou D. Odete, cativada pela gentileza do jovem. Quase nunca saímos, e muito menos de noite.

A viúva pediu licença e se afastou. Ia buscar as jóias. Quando voltou, eles já tinham sumido. "Raul me parece um bom rapaz"– pensou, abrindo a caixa com emoção. "Pena é que..." Abaixou a vista, sem coragem de rever as alianças.

– Pobre Dulce!

•••

Dulce tinha saído de casa logo depois do café, para atender a um pedido de Pedrina, que se achava doente e queria vê-la. "Estou sozinha, D. Dulce, e cheia de pensamentos maus". Tão modesta, tratando-a com respeito! Nem parecia a mocinha de alguns meses atrás, expansiva, alegre, insinuante. Desde o último encontro, na véspera de sua entrevista com Amparo, que não a via, mas soubera que andava

Digitalizado com CamScanner

escondendo-se de todos, inclusive do próprio pai, devido à vergonha da gravidez que dia a dia mais se acentuava.

– Eu não *devia* tê-la abandonado – reprovou-se a jovem, enquanto rumava para o Canela. Pedrina necessita de ajuda, de apoio moral. Sem este, ela não terá forças para suportar a maledicência, as censuras, as alusões maliciosas.

Lembrou-se de Raul e seu coração estremeceu. Já não o amava; não o amaria mais nunca! O que ele fizera à outra impossibilitava qualquer reaproximação, mormente agora que se ia casar. Por culpa dele, nenhuma porta jamais se abriria para Pedrina, e se acaso o fizessem seria para desvendar-lhe os sentimentos mais íntimos, na ânsia de satisfazer uma curiosidade perversa, que não se detém nem diante da desgraça do próximo. "Assim é Oeiras".

– Se ao menos eu pudesse convencer mamãe...

D. Odete faria tudo ao seu alcance para amparar Pedrina; dar-lhe-ia remédios, roupa, dinheiro. Mas saberia respeitar as conveniências, aferrando-se aos preconceitos daquela sociedade provinciana, orgulhosa de suas tradições, de suas ruínas, de seus sobrados, e até de seus doidos. Difícil convencê-la a convidar Pedrina para sair do casebre e viver algum tempo em sua casa, pelo menos enquanto não partissem para Teresina. "Está louca? Que não pensarão de nós?"

Dulce imaginava que um simples gesto salvaria Pedrina, e que o desprezo somente a poderia arrastar para os cabarés, levando-a a vender o corpo até que um dia a tuberculose a mandasse para o túmulo, em plena juventude. E ela não queria que a pobre tivesse um destino como esse, sobretudo porque merecia era compaixão e carinho, para se reabilitar para a vida. "Deixa estar, Pedrina, que lutarei por ti".

Quando Dulce se deu conta, já havia transposto a rua em que a colega morava. Distraíra-se tanto, que instintivamente chegou à beira do riacho, nos limites do Canela com o Rosário. O Pouca-Vergonha secara por ausência de chuvas, restando no leito uma ou duas poças d'água enverdecidas pelo lodo, onde o sol da manhã se refletia de maneira ofuscante. Nas margens, a areia grossa cedia aos pés de Dulce, cobrindo-lhe as sandálias.

Ela voltou ligeiro, sem se importar com os sorrisos das pessoas que encontrava e queriam saber o que estava fazendo sozinha num lugar

Digitalizado com CamScanner

daqueles. "A senhora se perdeu, D. Dulce? O caminho é por ali". Dulce logo encontrou a casa de Pedrina. A cancela fechada: conviria bater? Empurrou-a levemente, com as mãos frias, cheia de apreensão. Pedrina devia estar muito doente, para não vir recebê-la.

– Pedrina! Sou eu, Dulce.

Escutou um gemido e se precipitou porta adentro. Pedrina encontrava-se na rede, lívida, com os olhos bem abertos e a roupa manchada de sangue.

– Que fizeste, Pedrina? – e Dulce se ajoelhou a seus pés, chorosa.

– Foi... uma loucura – balbuciou a rapariga, quase no último alento. Não suportei a vergonha. Sou uma miserável, Dulce, uma assassina!

Dulce limpou o suor que escorria da testa da outra e correu para a rua. Ia passando um velho com seu jumento, e ela pediu que fosse chamar seu Ernesto, pelo amor de Deus.

– Diga-lhe que Pedrina está morrendo.

•••

Desde que Raul saíra para a fazenda, Pedrina via desolação em tudo. Ele lhe destruíra as esperanças de modo tão cruel, que nem mesmo podia aguardar uma solução menos infeliz para seu caso. "Que horror tornar-me mulher da vida!" No seu sentimento de culpa, exagerava o próprio infortúnio, sem forças para resistir à idéia de morrer, que aos poucos lhe dominava os pensamentos.

É verdade que Dulce prometera intervir em seu favor. Mas, que poderia obter, se era escrupulosa, a ponto de não querer magoar Amparinho? Por sua vez, Raul jamais se casaria com ela. "Não sou de sua laia", dissera-lhe naquele dia, olhando-a de cima do cavalo. "Não compreendes, Pedrina? Ele é do Sobrado", repetira Dulce à noite, a caminho da igreja.

Nos poucos instantes em que saía para fazer compras, Pedrina encontrava pessoas que não escondiam as suspeitas, observando-a atentamente com um sorriso malicioso que lhe traspassava o coração. "Que é isso, hem, menina? Está com verme? Magra e de barriga!" "Algum homem lhe fez mal, minha filha?" Outras não tinham a menor compaixão, e até mostravam alegria: "Bem que adivinhei. Aquela descarada

Digitalizado com CamScanner

não tem vergonha de aparecer assim na rua? Padre Miguel devia dar-lhe um ensino..."

O bodegueiro, que há tempos a cortejava, sentiu-se com ciúmes e reclamou o débito. "Diga ao doutor que venha liquidar a conta. Não sustentarei mulher para os outros". Nenzinho, que também a cobiçava, passou a segui-la, e até varou a cerca do quintal, uma noite dessas: "Deixa eu entrar, Pedrina. Só quero hoje; amanhã não te procuro mais". O próprio Dendém, um garoto de treze anos em quem confiava, amiudou as aparições nas horas ermas, e tentou beijá-la quando ela ia para o banheiro, quase nua:

– Que é isso, Dendém!

Seu pai não desconfiou logo. Mas vinha olhando para ela em demasia, silencioso, carrancudo, e isto a magoava que nem uma recriminação direta, um castigo corporal violento. Pedrina gostava dele, apesar de tudo, e durante o café – uma das poucas vezes em que o via – mortificava-se ao perceber o sofrimento que se estampava em seu rosto envelhecido. Por que não a censurava? Antes uma briga daquelas, a expulsão de casa, um murro que fosse! Longe disso, ele a cercava de atenções, talvez com o fito de humilhá-la como a Morena, sua mãe.

E Dulce não vinha dizer o resultado do entendimento que tivera com Amparo. "Importa alguma cousa? É inútil, inútil, meu Deus". Nessas horas de solidão e amargura, ela apenas encontrava uma saída: a morte. No começo, afastara a idéia por absurda; precisava viver, e quanto! Tinha um filho, um inocente. No entanto, já entrevia um futuro doloroso para ambos, sem o estímulo de qualquer amizade, sem a compreensão dos mais velhos. Para todos, não passaria de uma prostituta, e o menino um bastardo a quem recusariam até mesmo a convivência das outras crianças de sua idade.

Foi no dia em que o Dr. João Mendes a procurou, que Pedrina resolveu suicidar-se. Após repelir-lhe a ajuda, encheu-se de pressentimentos. "Deseja é que meu filho nasça, para depois... Não, não posso entregá-lo. Não devo. O coração não quer". Teria, porém, forças para tanto? O Dr. João Mendes era juiz, lidava com leis. Ela própria se vira arrebatada, em plena meninice, por ordens dele. Como o detestara até mocinha! E como a recordação de Morena a perseguiu nessa noite, como um fantasma! "Me deixem com minha filha", gritava sua mãe em desespero. "Assim eu morro". Nada impedira a separação, nem súplicas nem lágrimas.

Digitalizado com CamScanner

Na manhã seguinte, com os olhos fatigados pela insônia, e um enjôo que até não a incomodava muito, Pedrina foi para a igreja do Rosário. No silêncio de sua nave estreita, de pedra, quis rezar, mas não pôde. O "Padre-Nosso" fugia-lhe da mente; esquecera quase tudo. "Sou uma infeliz, meu Deus". Lá fora, as crianças brincavam de gangorra, e o eco de seus risos estridentes chegava-lhe como um agouro, acentuando-lhe a tristeza em tempo de sufocá-la.

Afastou-se a correr pelos grotões da encosta do morro, ferindo-se nos galhos ressequidos de velame que se entrançavam à toa, na vereda. A própria cruz que se erguia sobre a laje, em frente ao pé de Deus e junto à pata do Demônio, não deteve seu olhar. O horto do Menino Jesus somente lhe dava recordações melancólicas, porque ali gravara outrora o nome de Raul, num lugar escondido, para que ninguém suspeitasse que lhe queria bem. Era então novinha, e mal conhecia o mundo.

Em casa, sentou-se à sombra da mangueira, com o corpo curvado para a frente, as mãos nervosas cobrindo o rosto. O estômago se lhe revolvia em náuseas, e ela começou a suar frio, com a impressão de que ia morrer. "Ah, quem me dera que acontecesse agora! Que eu não visse mais ninguém, e não tivesse de arrastar esta vergonha! Como seria bom para mim, para todos... Até para Raul, bem mais para ele". A agonia, contudo, foi passando, e com ela a sedução da morte.

Ergueu-se a custo. O ventre intumescido, acochado por cordões, maltratava-a muito. Olhou o chão e estremeceu. Como sempre, estava escorregadio, cheio de lama e resto de alimentos. "Se meu pé falsear aqui..." Sim, talvez levasse um tombo violento – o aborto! Já tinha ouvido falar de algumas mulheres que perderam o filho desse modo. Uma simples queda! Quem poderia acusá-la? "Sem querer... Me distraí".

•••

A idéia do aborto, sucedendo à da morte, foi aliciando Pedrina sem que sentisse. Conscientemente, só a admitira aquela vez, no quintal, logo a afastando do pensamento. "É um pecado monstruoso, um crime sem perdão. E eu não posso..." Ao dormir, porém, tinha sonhos curiosos, nos quais continuava donzela e bonita, cada vez mais cativante. Morena estava viva; uma senhora respeitada por todos. Antônio, seu pai, era

Digitalizado com CamScanner

dono de fazendas sem fim, que se estendiam por léguas nos chapadões às margens do Mocha.

Viviam no Sobrado, e Raul, jovem médico sem recursos, ambicionava sua mão. Pedrina amava-o às escondidas, receosa de que a mãe soubesse. Numa manhã de sol, fresca e saudável, ele a encontrou no caminho da igreja e lhe sorriu. Casaram-se instantes depois, com duas testemunhas apenas: o bodegueiro e uma jovem amiga, a quem chamavam Dulce. Quando terminou a cerimônia, D. Nini veio cumprimentá-los, beijando-a no rosto com ternura: "Queridinha!"

O alarido de gatos na vizinhança acordou-a, mas se sentia ela tão bem, que voltou a adormecer e a sonhar. Agora era uma menina sem família, que o Velho acolhera no Sobrado. Raul vivia em volta dela, e lhe prometia um futuro brilhante. De repente veio D. Nini, que a mandou embora: "Rua, moleca! Que pretensão querer casar-se com meu filho". O outro correu para os braços da bruxa, deixando-a só em meio ao desapontamento. "Rua, moleca".

Pedrina pôs-se a chorar, e ainda sofria quando despertou, a urina a escorrer-lhe pelas pernas, quente como se fosse sangue. Não estava perto a hora do amanhecer: havia silêncio no quintal do vizinho. "Meu Deus, que sorte horrível!", exclamou com as mãos sobre o ventre. "Será que... Que é isto?" Ergueu o corpo, para sentir melhor as pulsações que julgou notar na barriga. "É ele que se move!" Essa impressão apenas a amargurou: estremeceu e cobriu-se com a varanda da rede, como se mil olhos perversos lhe verrumassem os sentimentos. Na sua aflição, até imaginou ouvir risadas escarninhas.

A manhã, contudo, não desabrochava. E ela tinha medo de ficar só, medo dos ruídos da noite deserta, medo do abandono, medo de seus próprios pensamentos. Levantou-se no escuro, com dificuldade, e vestiu a roupa por cima do chambre. À porta do quarto, tropeçou no baú, ferindo o joelho de encontro à fechadura. A dor, embora grande, não lhe cresceu o sofrimento: sentia-se como que anestesiada para emoções dessa natureza. O que lhe importava era o filho, que se aninhara em suas entranhas com um peso que já excedia suas forças.

A fim de que o tempo passasse logo, Pedrina fez café, que tomou sem açúcar. Este acabara na véspera, quando também se findou o

Digitalizado com CamScanner

dinheiro. "Quem podia ajudar-me agora? Quem?" Recordou-se de Dulce. Precisava vê-la, pedir-lhe socorro, ao menos para suportar os incômodos da gravidez. Se ela manifestasse compreensão, encontraria jeito de lutar contra todos, reclamando direito à vida para o pobrezinho que era seu filho e a quem amava, ainda que sem esperança de ventura.

Procurou o caderno de receitas e, à luz mortiça da lamparina, escreveu um recado, implorando à amiga que viesse vê-la quanto antes. Não iria à sua casa, porque amanhecera doente, a ponto de desesperar. Foi à porta da rua e entregou o bilhete a um menino, que ia passando com um prato de verduras para o Sobrado. "Não se esqueça, pelo bem que você quer a sua mãe". O rapazinho prometeu entregá-lo em mão da própria D. Dulce. "Se estiver dormindo, dê para a criada".

A aurora, que tanto queria, já despontava no horizonte. Brevemente o sol inundaria o céu de luz, e uma nova manhã, alegre e cheia de calor, despertaria a cidade. Não para ela, que só tinha amargura no coração e uma vontade louca de nunca haver nascido. "Se eu pudesse vazar os olhos e o tímpano! Cega e surda, não penaria tanto!" E seu pai? Na certa, ainda dormia na zona, indiferente à sorte ou até satisfeito com sua desgraça. "Nunca me quis bem, desde que me achou parecida com mamãe".

– Se eu banhar agora, talvez o abatimento diminua.

Apanhou a toalha e dirigiu-se ao banheiro. O chão acordara escorregadio como nunca. Ela não se desviou das poças de lama, porque somente pensava no instante de rever a amiga. "Dulce me ajudará". Eis, porém, que o pé resvala, fazendo-a cair de bruços no solo, com uma dor terrível no ventre.

– Meu Deus, juro que não queria! – exclamou, para convencer-se de que não tivera culpa. Que eu morra, mas salve meu filho. Ele é inocente.

Na casa vizinha, a dona dava comida aos porcos e de súbito chamou a cozinheira aos gritos:

– Veja que bela ninhada. Os bacorins estão nascendo.

– Quatro... cinco...

– Como é pródiga a natureza!

Pedrina ouviu as expressões jubilosas que se seguiram, e deixou-se prostrar chorando. "Meu filho vai morrer...", balbuciou, com a cons-

Digitalizado com CamScanner

ciência ferida pelo remorso. "Sou uma assassina, meu Deus". O sol, coando-se nas folhas da mangueira, era como um látego em seus ombros.

•••

A custo Pedrina conseguiu arrastar-se até a rede. A dor aumentara e em suas pernas corria agora um filete de sangue. Sozinha na casa, na desesperança de rever Dulce, temia finar-se sem a assistência de uma só pessoa. O ventre começava a revolver-se, contraindo-se para expelir um pequeno ser ainda em formação, que fecundara e morrera em suas entranhas.

A fim de conter um grito agoniado, ela mordia o lençol e tinha às vezes de segurar a varanda fortemente, para vencer as contrações musculares que de quando em quando lhe agitavam o corpo. "Dulce, será que Dulce não vem? Preciso tanto dela!" Na angústia em que se debatia, não se apercebeu dos passos da outra. Súbito:

– Que fizeste? – inquiriu Dulce, ajoelhando-se ao pé da rede. Diga!

Pedrina estranhou as lágrimas. Após um instante é que compreendeu. Sentia-se tão assim!

– Foi... uma loucura – balbuciou, sem ânimo. Não pude suportar a vergonha. Sou uma miserável, Dulce, uma assassina.

– Cala-te – replicou a amiga, enquanto lhe limpava o suor da testa. Já volto – e saiu a correr.

Com uma dor mais forte, aguda, Pedrina desmaiou, inteiramente suada. Toda ela empalideceu: os próprios lábios morenos destingiram-se – como se estivesse morta.

Dulce, voltando, sobressaltou-se.

– Pedrina! – foi tudo o que disse, enquanto se inclinava sobre o colo da amiga. Tu não morrerás! – exclamou chorando.

Passado o primeiro momento, de ansiedade e medo, Dulce auscultou a respiração de Pedrina: era tão amortecida, que mal chegou a percebê-la. Ainda bem que o coração pulsava. De repente, uma lembrança. Haveria álcool entre os remédios da mesinha? Não encontrou. Mas ali estava um vidro de loção, de cheiro forte. Abriu-o e derramou um bocado nas mãos, levando-as às narinas da colega. Com um longo suspiro, Pedrina descerrou os olhos.

Digitalizado com CamScanner

– Por que me reanimaste? – perguntou a Dulce, com voz fraca. Tanto que eu queria morrer...

– Pedrina, estás é confusa.

Ela abanou a cabeça:

– Não, Dulce. Já não sou digna de viver.

– E por que não?

– Caí sabendo que poderia abortar.

– Não foi de propósito, estou certa.

– Não... De propósito não foi. Mas eu sabia que uma queda seria fatal, e não tomei precaução. No íntimo eu até queria... Sabes? Eu queria! Tanto sofrimento que... – silenciou, abafada pelos soluços.

Dulce não quis crer. Pedrina devia estar imaginando cousas... Também, coitada!

– É o desespero que te obriga a falar assim. Mas tem calma, que não te abandonarei. Quero que sorrias de novo, que voltes a ser alegre...

Não pôde continuar. Pedrina jamais tornaria a ser como dantes: no fundo do coração, viveriam a amargura, o ressentimento, a desconfiança. Quando estivesse à beira da ventura, lá viria a lembrança desses momentos, como se lhe dissessem: "Que direito tens à felicidade?" Sim, ela nunca sorriria como antigamente, despreocupada e provocante. Nunca mais! Aonde fosse, tal recordação assaltá-la-ia de chofre, como num pesadelo de condenado.

– Ajuda-me! As dores...

Pedrina ofereceu as mãos para Dulce apertar e pôs-se a morder os lábios, em tempo de feri-los. Pálida e mais trêmula do que há pouco, remexia-se na rede, em contrações sucessivas: o lençol, a saia, as pernas – tudo ensangüentado.

– Valei-me, minha Nossa Senhora! – rogou Dulce, a ponto de desmaiar também.

Foi nisso que entrou seu Ernesto.

•••

O boticário colocou a valise sobre o baú e olhou detidamente para Pedrina. "Era o que eu imaginava". Em seguida, escancarou a janela, a fim de que a luz da manhã facilitasse o diagnóstico.

Digitalizado com CamScanner

– Salve-a, doutor, que ela está morrendo.

– Calma, Dulce – observou seu Ernesto com um sorriso. Assim mesmo.

– Mas... – ia replicar a jovem, a quem escandalizou a indiferença do farmacêutico. O senhor bem que podia...

– Espere lá fora. Não lhe fica bem presenciar essas cousas. Vá para a cozinha e ponha água a ferver. Apenas volte quando eu chamar.

Dulce desprendeu-se da colega e saiu para o quintal. O fogo ainda estava aceso; por pouco não se apagara. Ela soprou as cinzas, ajeitou as brasas em cima dos gravetos, e repôs a panela na trempe. Ao fazê-lo, sentiu uma emoção nova, um quê de contentamento misto de pesar. Foi quando escutou os gemidos de Pedrina. Correu para o quarto. Mas estacou à porta, quase a desfalecer com o que viu: Pedrina meio nua, com as pernas afastadas, fora da rede, o ventre a expelir um pequenino ser com vaga aparência humana.

– Meu Deus, o aborto!

Dulce tremia, encostada na parede em que se amparou. Nunca imaginara que houvesse tanto sofrimento no parto. Até num simples aborto! Não estaria a Natureza exigindo demais de uma pobre mulher, a quem roubou o filho em gestação? E Pedrina a gemer, com as partes íntimas à mostra, sujeita à humilhação da pior espécie. Por quê?

– A água, Dulce.

Era seu Ernesto que aparecia à porta, com a roupa salpicada de sangue. O suor escorria-lhe pelo corpo inteiro, grudando-lhe a cambraia ao peito cabeludo e gordo.

– Deve estar fervendo – respondeu Dulce com os olhos rasos. E Pedrina?

– Se eu conseguir debelar a hemorragia, ela se salvará – explicou o parteiro nervosamente. Se não, vamos ver.

– Posso entrar? (Dulce começou a mexer com a volta, comprimindo a medalha entre os dedos.)

– Ainda não.

Seu Ernesto saiu e logo voltou com uma bacia de água fervente. Daí a instantes, Dulce sentiu o cheiro ativo de clorofórmio e de iodo. "Meu Deus, salvai Pedrina. Padre nosso, que estais no céu, santificado

Digitalizado com CamScanner

seja vosso..." Raul! Sim, ele era culpado de tudo. Se Pedrina morresse, haveria de recriminá-lo, para que todos soubessem de sua baixeza. "Como o detesto agora. Jamais o perdoarei".

– Entre, Dulce – chamou o farmacêutico, sem que a voz traísse qualquer preocupação.

Dulce atendeu e sentou-se no baú, ao lado da valise entreaberta. Pedrina dormia profundamente, sob o efeito do anestésico. Seu corpo, cobria-o um lençol limpo. No rosto descorado permanecera o sofrimento: era como se sonhasse que padecia as dores de um parto.

– Fiz o que pude... Agora é com Deus – disse o boticário, de frente para a janela. Creio que Pedrina resistirá bem; é jovem.

– Quer dizer que ficará boa?

– Talvez. O sangue estancou, mas nunca se pode prever se a hemorragia não voltará. De qualquer modo, Pedrina necessita de ajuda. Está fraquíssima, e só, então! Sem assistência, poderá morrer.

– Nesse caso, não me afastarei daqui. Noite adentro, velarei por ela.

– Sempre muito generosa, hem menina? Mas não será este o ambiente adequado. Aqui não há conforto de espécie alguma, e Pedrina necessita de quem olhe por ela.

– Falarei com mamãe. Ah, se acolhesse Pedrina em casa! Como seria bom...

O farmacêutico virou-se, com os olhos úmidos:

– Não sei se D. Odete consentirá. Se não, conte comigo. Naná é muito boa e gosta de proteger os infelizes.

Dulce abaixou a vista, também emocionada.

– Diga-me uma cousa, seu Ernesto – perguntou em seguida, para satisfazer a curiosidade. Qual a razão por que o senhor não deu a anestesia logo no começo? Pedrina não teria dores.

Seu Ernesto, que já havia apanhado a maleta para sair, parou junto à porta:

– Sim, eu poderia tê-la anestesiado antes. Mas preferi que ela sofresse tudo consciente.

– Como? – insistiu Dulce, abismada.

Seu Ernesto não respondeu. No entanto, o brilho de seus olhos explicava tudo.

•••

Digitalizado com CamScanner

UM RIBEIRO DA GEMA

O Dr. João Mendes amanheceu indisposto. Mas a noção do dever não lhe permitia afastar-se do escritório: eram tantos os processos que requeriam saneamento, que ele os olhava com fastio, desejando nunca tivessem empilhado sobre a mesa.

Há uma semana, o inventário de José achava-se concluso para julgamento. Ele, que tinha toda a sorte de atenções para com D. Odete, não queria concordar com os preços atribuídos à "Varjota", aos semoventes, à casa e à loja. "Imaginem: tudo por vinte contos. Um escândalo! Seu Ernesto andou metendo o dedo aqui. Se eu concordo, na certa depois..." Não queria nem pensar. *Então deixou de ser impoluto?* O boticário seria impiedoso.

Cuidava disso, quando Pedro de Helena entrou em companhia de Raul.

– Já decidiu, doutor?

– Vocês juntos? Sentem-se. Nesta aqui, Raul. – E ante o olhar insistente de Pedro: Ainda não. Não me sinto inclinado a aceder. Quarenta contos de réis vá lá, mas vinte!

– Bem que o senhor podia! – interveio Raul. D. Odete tem outros compromissos a resgatar, além dos impostos.

– Você acha? – inquiriu o Dr. João Mendes, ansioso.

– Sinceramente. Ademais, vovô tenciona comprar a "Varjota", segundo me disse durante o café. Não custa nada admitir um preço ínfimo agora, se na escritura de compra e venda o governo tira compensação.

– De fato – concordou o juiz, sorridente. Se o Velho comprar tudo, o acordo está feito.

– Como tudo? A casa também? – interrogou Pedro.

O Dr. João Mendes assentiu com o olhar.

– D. Nini não quer a abertura do consultório no Sobrado. E é importante que Raul comece logo a clinicar. Não lhe parece, meu filho?

Digitalizado com CamScanner

– Nos meus planos abrir até já. Mas os instrumentos só chegarão para o mês.

– Ótimo – fez o Dr. João Mendes. Se é assim, por que não combinar o negócio com o Velho? Eu poderia dar uma ajuda.

Pedro de Helena, para quem tudo saía melhor do que esperava, levantou-se ligeiro:

– Pronto, doutor; às suas ordens.

– Já querem ir?

– Vamos liquidar o assunto, enquanto está quente – observou Raul, a sorrir, porém inquieto por causa da mãe. ("Por que não permite o consultório no Sobrado?")

Entretido nesses pensamentos, Raul atrasou-se. O juiz e Pedro aguardavam-no à porta da rua, quando saiu para o corredor. "Não sei o que tem pôr num dos salões térreos. Fica mais decente e não incomoda mamãe. Vou explicar isso a ela; se relutar, armarei uma briga".

– Raul, espere por mim.

Era Maria do Amparo, que vinha a seu encontro. Pedro achou-a tão atraente, apesar do vestido caseiro, que não pôde esconder a admiração:

– O senhor tem uma bela filha – sussurrou para o magistrado, enquanto fazia um gesto de ir embora. Vamos, que Raul nos acompanhará depois.

– Tem razão. Amparinho não o livrará tão cedo.

O tio de Dulce compreendeu afinal por que Raul preferira Amparo à sua sobrinha. "Ela tem uma beleza mais viva, é insinuante e sabe prendê-lo. Que menina!"

•••

Amparo não dormira direito, na véspera. Raul deixara-lhe a impressão de que nunca lhe quisera bem. "É de Dulce que ele gosta. A mim é que não ama", pensara repetidas vezes, com um vazio no coração. "Tudo perdido! E eu a sonhar que um dia..." Ela se remexera na cama e abrira os olhos: o quarto às escuras, com os móveis envoltos na tênue luz do luar que descia pela cumeeira.

– Fracassaste? – dissera-lhe então uma voz.

Digitalizado com CamScanner

Ela se assustara; não havia ninguém perto. Só se alguma alma a perseguia. Celina? Apurara o ouvido: silêncio em toda a casa. Mas uma sombra se refletia no espelho. *Quem está aí?* O vulto, entretanto, não se movia; era a rede pendente do armador, ao lado da cama. "Devo é dormir. Amanhã encontrarei forças novas. Ainda não me considero vencida. Dulce irá ver".

Com tais pensamentos, logo conciliara o sono, apenas tornando a acordar de manhãzinha, com o movimento de Etelvina a varrer na copa. Uma única idéia – reconquistar Raul – se fixara em sua mente. "Preciso alinhar-me. Depois apareço no Sobrado. E quando estivermos a sós:

– "Diga-me, Raul: você ainda me ama?

– "Naturalmente.

– "Descobri que você já não sente por mim o mesmo afeto de antes. Não imagina como me preocupo por isso.

– "Fui eu quem disse ou você adivinhou?

"Dessa vez não se incomodaria com seu olhar.

– "Suas ironias são o melhor testemunho de que digo a verdade.

– "Mas se eu sempre...

– "Espere; deixe-me terminar. Não vim discutir, porém... (Os olhos na certa se encheriam de lágrimas.) Eu é que sempre o amei, Raulzinho. Meu coração é todo seu.

"Ele lhe tomaria as mãos.

– "Perdoe se insisto. – E com doçura: Por favor, Raul, conceda-me uma oportunidade. Uma só.

– "Oportunidade de que, bobinha?

– "De reaver o amor perdido. Você não faz nem idéia de como minha vida depende agora da sua.

"Raul sorriria:

– "Eu a amo. É isto que quer escutar? – e a beijaria com ardor, mas sem os excessos que tanto a envergonhavam".

Embalada nessas ilusões, Amparinho viera a adormecer de novo, para somente acordar às dez, com a impressão de que Raul estava no escritório. Ouvira seu pigarro: "é ele sim". Erguera-se depressa, e ainda de chambre fora ao alpendre assear o rosto. Ansiosa com a perspectiva do encontro, não escolhera uma roupa adequada, saindo mesmo com o vestido caseiro, porque mais fácil de pôr.

Digitalizado com CamScanner

– Estarei bem assim? – dissera à própria imagem, refletida no espelho da varanda. Não há jeito de acertar com o coque. Mas o cabelo solto também é bonito.

As horas de insônia haviam-lhe acentuado as olheiras, tornando seu rosto mais belo, pois a falta de retoque na pintura lhe ressaltava a juventude e o negror dos olhos grandes, inquietos, expressivos. Ao chegar ao corredor, viu que Pedro de Helena e seu pai já saíam em direção à porta da rua. Daí a segundos, seu noivo apareceu, meditativo que nem assuntou nela. Em que estaria pensando? Em Dulce? "Não, talvez Pedrina".

– Raul, espere por mim.

– Você aqui? – perguntou ele, com ar idiota.

– Estou em casa, Raul.

Só aí o médico se deu conta do lapso em que incorrera. Apertou-lhe a mão, gentilmente:

– Ando tão distraído! Desculpe, sim?

Era o que Amparo queria.

– Por que não? – disse ela, olhando-o com brandura. Sabe muito bem que o adoro.

Raul limitou-se a ouvi-la, com tal frieza que ela gelou.

– Eu queria, meu bem...

– Continue – observou ele, começando a interessar-se. (Amparinho estava atraente e cheia de viço. "Ela acaba por seduzir-me"). Eu ainda gosto de você.

– Deveras? – A rapariga ganhou alma nova.

– Por que duvida?

Raul enlaçou-a, e não encontrando resistência, compreendeu que os outros tinham ido. "Estranho o que acontece comigo: *agora* amo minha noiva. Eu antes queria apenas os carinhos e terminei me afeiçoando a esses olhos e a essa boca sensual, tanto que já os antevejo nos meus filhos".

– Por que me fitas assim? – perguntou ela, emocionada porque descobrira ternura em seu olhar.

– Amparinho, meu bem: tu me perdoas? Eu te fiz sofrer, não fiz?

Ela não respondeu logo.

Digitalizado com CamScanner

– Mas se nunca me fizeste sofrer! – exclamou enfim, corando. Muito ao contrário, tenho é sido feliz.

– Quero-te tanto bem!

Amparo entreabriu a boca sumarenta, deixando-se beijar sem reservas.

– Sei agora que me amas, Raul.

O médico apertou-lhe as mãos e saiu, deixando-a encostada na porta da rua, invadida de um sentimento misto de carinho, paz e doçura.

– Ele já me trata por tu – e Amparinho começou a chorar, assim, totalmente, sem ver de quê.

•••

Tão logo se viu distante da noiva, Raul se confrangeu.

– Que é que eu quero, afinal? – perguntou com alguma apreensão. Há bem pouco fui à casa de D. Odete na esperança de rever Dulce; agora digo a Amparo que a amo e chego a tratá-la infantilmente por tu, idiota!

Sim, alguma cousa estranha se passava. "Casarei com uma; mas também gosto da outra. Será que..." Estaria amando as duas? Se não, por que se intimidava na presença de Dulce? "Essa fogoió!" Deixa estar, menina, que muita cousa poderá acontecer. O mundo dá voltas. Pedro sabe de tudo e poderá influir em nossos destinos.

– Essa fogoió! – tornou a dizer, imaginando quão trabalhoso seria reconquistá-la, agora que a gravidez de Pedrina viera a público. Haverei de encontrá-la a sós um dia, e então... Veremos.

Nisso Raul chegou ao Sobrado, detendo-se no pórtico um instante, com a súbita impressão de ruína iminente: a madeira das escadas corroída nos pontos de maior acesso, as paredes necessitando de pintura e até de reboco, o assoalho sem verniz de espécie alguma. "Se mamãe não olha, vem tudo abaixo". Essa observação tirou-lhe o pensamento das raparigas, restituindo-lhe a paz interior. "Tolice preocupar-me".

D. Nini, que controlava as despesas do Velho, ultimamente se vinha queixando de que o sogro não dava dinheiro para essas obras, a seu ver imprescindíveis. "Ora, sua desdentada, não me venha com essa. Quem necessita de conserto é sua boca, que está murcha como jenipapo quan-

Digitalizado com CamScanner

do despenca". Ela se queixava, menos do gracejo que da sovinice: "Agora virou avarento. Na certa junta para o demônio".

Raul prometia falar com o avô, mas logo esquecia. Nascera e se criara ouvindo que o Velho constituía a maior fortuna de Oeiras, e por isso jamais se preocupou em inquirir o montante de suas rendas. "Manias: que me importa?", meditara no começo, quando a mãe viera falar-lhe naquele assunto. Tantas, porém, foram as queixas, por motivos fúteis, que ele hesitava entre a decrepitude e a falência do Velho.

– Deve ser maluquice – pensou agora. Se tenciona comprar outra fazenda é que tudo vai bem.

Nesse momento, Raul ouviu vozes que vinham do quarto do ancião. Era o Dr. João Mendes, que o chamava em tom circunspecto, mais que de costume:

– Venha, Raul. O coronel fechou o negócio, como eu previa.

O médico entrou com ar de espanto:

– Já? – inquiriu. Nem participei.

Pedro de Helena foi a seu encontro, sorrindo:

– Melhor do que eu esperava. Sessenta contos, metade amanhã e o resto dentro de dois meses. Que tal?

Antes de responder, Raul fitou o Velho nos olhos. Tinha a fisionomia serena, de algum modo alegre. Estirado na cama, com o lençol a cobrir-lhe até o pescoço, como de hábito, seu Joaquim rodava um dos anéis entre os dedos magros. Parecia alheio a tudo; dava a impressão de sozinho com seus pensamentos.

– Há razões secretas nisso... – observou Raul, também sorrindo. Vovô age de maneira estranha, porém segundo sua lógica.

– E que imagina? – perguntou-lhe o juiz, que por um momento se afastara para atender a D. Nini, e que também não continha o pasmo. Pedro me disse há pouco que ficava satisfeito com uns cinqüenta contos.

– Não faço nem idéia, mas haverei de descobrir. Só se é para contrariar mamãe. Vive desgostosa com o desleixo do Sobrado, e vovô emprega uma pequena fortuna em adquirir novas propriedades.

– O coronel nunca pecou por imprudência – disse o magistrado, no tom que convinha a seus interesses. – E alteando a voz, para o Velho: O senhor talvez pretenda...

Digitalizado com CamScanner

– Não pretendo nada – replicou seu Joaquim, que ouvira tudo e ansiava por uma intervenção. Será que terei de dar conta de meus atos a quem quer que seja?

Inteiramente desapontado, o juiz gaguejou:

– Bem... eu...

A fim de que a cousa não azedasse com novas diatribes do avô (nesses últimos dias, passara a desfazer-se do Dr. João Mendes com observações mordazes), Raul perguntou a Pedro de Helena se já conhecia o Sobrado.

– Certamente que sim. Fui eu quem parlamentou com D. Nini em '26, quando os revoltosos atacaram Oeiras. Não se lembra, Raul?

– Lembro; como não? Dias angustiosos, aqueles.

– Foi quando seu pai morreu, Raul – disse o Velho, com emoção. Meu filho soube portar-se à altura dos acontecimentos, honrando a memória dos bravos que nos antecederam na luta pela Liberdade. – Calou-se, as mãos trêmulas, os olhos mortiços brilhantes pelas lágrimas. – Ah, Fernandinho de meu coração, o tempo não me fará esquecê-lo nunca!

Pedro, discreto como sempre, convidou o juiz para retirar-se, e o fizeram em silêncio, com o respeito de quem sai de um culto aos mortos. Esperariam Raul na varanda.

•••

Depois que ficou a sós com Raul no quarto, o Velho ainda levou algum tempo a recordar-se do heroísmo de Fernando. Era sempre com tristeza e orgulho que se lembrava dele, o melhor de seus filhos, o único a quem amara deveras. Os outros viviam cada um em sua fazenda, e só apareciam quando necessitavam de empréstimo. Um que vinha ao Sobrado com freqüência é Valburgue, mas esse porque enviuvara com crianças de colo e queria arranjar mulher em Oeiras.

– Seu pai tinha têmpera de homem, Raul. Nunca o vi senão erecto, de cabeça bem erguida. Era Ribeiro da gema: honesto, altivo, cordial.

Embora antevendo o rumo que a conversa ia tomar, Raul aventurou com um leve travo de ironia:

– De fato... Um Ribeiro da gema.

O ancião afastou o lençol e ergueu-se com veemência:

Digitalizado com CamScanner

– Cachorro, o que você é! E ainda desfaz da família – esbravejou, ameaçando-o com o olhar.

A cena tinha um quê de ridículo, que não escapou a Raul. O Velho, assim de chambre, perdera a autoridade para repreendê-lo dessa forma. Começou a sorrir, mas se conteve ante a indignação crescente do avô.

– E ri; que desfaçatez! Vive enganando, seduzindo as moças, e nem respeita a memória do pai.

– Mas, vovô! Que disse eu?

O Velho confundiu-se, amarelou.

– Que disse você? Acabou de afirmar... Bem, não importa o quê. Não sou obrigado a repetir suas asneiras, sua falta de vergonha. Você não presta, Raul, puxou a não sei quem, é um errado. E diga que não, seu...

Raul abaixou a cabeça.

– Infelizmente o senhor tem razão de sobra para pensar assim. Não me venho pautando pela moral de nossa família. (Deteve-se um instante, para fitar o avô). Só não é justo acusar-me de desrespeito à memória de meu pai.

O coronel, que não esperava a confissão, voltou a deitar-se, com um ricto nos lábios murchos:

– O reconhecimento do erro quase sempre leva o homem a corrigir-se. Mas você, Raul? Seu coração é uma terra onde não frutifica a boa semente. Nunca lhe perdoarei ter abusado de Pedrina, uma pobre moça... virgem. Há tantas mulheres a quem...

Sentindo, pelo tom da voz, que a irritação do Velho estava passando, Raul ousou interrompê-lo:

– Pedrina levava horas a perseguir-me. Marcava encontros à beira do Mocha, deixava-me fazer-lhe carinhos, beijá-la na nuca. Quase sempre fingia desmaios, de puro excitamento. Eu já não podia adormecer, pensando nela. Aonde ia, mesmo durante a novena, meu sexo... Vovô compreende?

– Sim, compreendo, mas não perdôo. O defloramento é covardia. Por mais que uma jovem seja leviana, compete a nós defender-lhe a honra. Ou julga que devemos proceder como os cachorros?

– Eu procedi – observou Raul, com humildade. Na manhã em que a possuí, igualei-me aos animais quando em busca de amor. Pedrina

Digitalizado com CamScanner

escrevera-me que queria encontrar-se comigo, nas ruínas da cadeia velha. Segui para lá cedo ainda, disposto a tudo. Ela já me esperava, e bastou-me vê-la para sentir que nessa manhã Pedrina... Havia alguma cousa em seu olhar que me deu essa convicção.

– E ela não engravidou? – inquiriu o Velho com frieza. (Passado o arroubo, ele esquecia as ofensas.) – Como tenciona ampará-la? Sustentando-a?

Raul deteve-se um instante em pensar. Não estaria o Velho a submetê-lo à prova?

– Não sei se Dulce concordaria...

– Dulce? – fez o Velho, com assombro. Por que Dulce? Pretende trocar Amparinho por ela?

Aborrecido com essa observação, que desnudara seus sentimentos mais íntimos, Raul resolveu pôr fim à conversa. Detestava abrir-se, e logo ao Velho. "Hoje tudo me sai pelo avesso. Dulce não estava; depois a mentira que preguei em Amparinho, fazendo-lhe crer que a amava com ternura; agora mais esta". Encarando o avô, respondeu calmamente:

– Ainda que eu gostasse de Dulce, não me casaria com ela. Um Ribeiro da gema não esquece o apelo do sangue...

– Tolice, o que você está dizendo. Eu quero que se case com Amparinho, mas também aprecio Dulce. Ela puxou à avó e eu tinha uma dívida a resgatar. Paguei hoje, ao adquirir as propriedades de José pelo dobro do preço.

– A rivalidade morreu, então?

O velho respondeu logo:

– Há anos que só existia no coração de José. Com a morte dele, tudo acabou. – E esboçando um sorriso: Desejo que Odete compreenda isso quando a for visitar.

– E o senhor pretende ir à casa de D. Odete?

– Assim que fique bom.

•••

Raul saiu do quarto, cheio de lembranças. Desde que fora para o Rio, muito jovem ainda, alimentava a esperança de um dia casar-se com Dulce. Primeiro, o encontro perto da igreja, quando guris, ele obsequioso, ela

Digitalizado com CamScanner

sorridente: ambos assustados em seguida, à advertência de que *eram* inimigos. Depois, o conceito de Dulce, a quem elogiavam não só a formosura do corpo, como a da alma. "Que coração! Vai ser uma excelente esposa. Feliz de quem ela gostar".

Uma vez (recordava-se bem), D. Nini lhe dissera, a apontar Dulce, que ia passando em frente do Sobrado:

– Aí uma menina com quem gostaria que você se casasse... se não fosse nossa inimiga.

"Por que inimiga?" Não quisera, porém, interpelar. Naquela hora, não lhe importava a opinião de ninguém. É que se acentuara em seu espírito a convicção de que, se existente, essa inimizade seria um elo a mais a romper, alguma cousa que o prendia a Dulce, ao invés de separar. E em sua imaginação, sentia-se como um cavaleiro medieval, que tudo sacrifica em favor da bem-amada, a quem liberta enfim da prisão familiar. "Eu gostarei sempre dela".

Embora nunca passasse sem namoro no Rio, vez em quando ele se lembrava de Dulce, principalmente após alguma decepção. Logo que regressava a Oeiras, durante as férias, procurava vê-la, mas com discrição, para que José não se precavesse e impedisse o enlace. Agora que obtivera o diploma, convencera-se de que todas as dificuldades seriam vencidas, porque tinha um grande defensor em Pedro de Helena, cuja amizade lhe era tão útil.

Voltara, assim, certo de unir seu destino ao de Dulce. "Um casamento de arromba", com a pacificação das duas famílias, após quatorze anos de luta e até hostilidades nas eleições. Dessa vez, seu avô desistiria de candidatar-se à prefeitura, oferecendo o mandato a ele, Raul, fiador da concórdia dos oeirenses. "Ah, como seria bom se tudo acontecesse segundo nossa vontade!"

Nada ocorrera como previa; ao contrário, os acontecimentos lhe foram adversos. Com a morte do pai de Dulce, perdera a esperança de esposá-la e, por isso talvez, aceitara o amor de Amparinho, a princípio para fazer ciúme na outra, em seguida porque apreciava seus carinhos, suas lamentações, seus queixumes e suspiros. Amparo não era bem a jovem que queria; faltava-lhe delicadeza de sentimentos, tinha o coração egoísta. A tudo, porém, compensava com a sedução de seus lábios carnudos, de sua pele macia, dos olhos negros e brilhantes.

Digitalizado com CamScanner

"Acho que estou gostando de você", dissera-lhe ele, uma tarde, após saber que Dulce, ainda abalada com o falecimento do pai, se restabelecia pouco a pouco. "Aliás, tenho a impressão de que não é de agora". Amparinho abaixara a vista, trêmula de emoção: "Raul!" Ele insistira, mansamente: "Eu me enganava a mim mesmo, supondo... Você não compreende?" Como não respondesse, permanecendo de vista baixa junto à porta, beijara-lhe a testa, a medo. "Raulzinho!", exclamara ela depois, fitando-o com um leve rubor na face. "Nossos sentimentos são recíprocos. Eu também..." Fizera uma pausa, para sorrir-lhe: "Adoro você, Raul, há longo, longo tempo".

Depois disso, tudo correra fácil. O Dr. João Mendes pusera-se a tratá-lo melhor, interessando-se por sua vida, por suas idéias, insistindo para que aparecesse no "lar humilde". Sua mãe não ocultara o contentamento: o namoro dele com Dulce, iniciado sob suas vistas, durante o baile, era um pesadelo que a vinha atormentando. O próprio Velho, que não costumava envolver-se em tais assuntos, dissera que devia casar-se, agora que concluíra os estudos. "Já pensou em Amparinho? Ela tem um quê do meu agrado, não sei bem o quê". Estimulado pelos parentes e sobretudo pelos carinhos de Amparo, ele logo a chamaria "minha noiva", com que se foi comprometendo, a ponto de não estranhar que um dia ela falasse em casamento.

– Quando estiver com o consultório montado... – respondera-lhe pensativo. Não quero continuar vivendo à custa de meu avô.

Na verdade, queria dar tempo ao tempo. Dulce estava um pouco abatida, quase não saindo. E ele, em absoluto, não desejava comprometer-se a sério, sem antes dizer-lhe duas palavras e ouvir um *não!* categórico. Apesar de saber que a situação era outra, tinha a veleidade de crer que, apesar de tudo, ela o aceitaria quando lhe confessasse seu amor. "Dulce, eu preciso de você, Dulce. É você, e só você que amo". Sim, Dulce não resistiria ao aceno da felicidade.

Eis, todavia, a atrapalhação de Pedrina. Sua gravidez seria um muro de pedra a afastá-lo de Dulce. Com Amparo fora diferente: limitara-se a dizer que convinha criar o filho. Mas, Dulce! Talvez nunca o perdoasse, desprezando-o como a um ente vil, que não pudesse viver em sociedade. Dulce era orgulhosa, e esta certeza lhe enchia o coração de angústia, contribuindo também para crescer-lhe a ânsia de ser amado

Digitalizado com CamScanner

por ela. Quanto mais Raul reconhecia que estava longe de merecê-la, mais lhe ambicionava o afeto.

– A gravidez de Pedrina estragou tudo – repetiu, encaminhando-se para a janela, já em seu próprio quarto.

Romper com Amparo, ainda que para desgosto do Velho, de sua mãe, do juiz, de Aninha, não o preocupava deveras. Toda a vicissitude residia em Pedrina, ou antes, na resistência de Dulce em aceitá-lo depois do que fizera à outra. Dulce não se casaria com ele agora. E porque a sentia cada vez mais distante, aguçava-se-lhe o desejo de um encontro a sós, antes que a separação fosse definitiva.

– Quem sabe se Pedro não me ajuda? Deve estar esperando por mim na porta.

•••

D. Nini não se atreveu a acreditar. Não, não era possível. Ninguém contara aquilo a Aninha; pura invenção. Ultimamente, não a deixavam em sossego; tudo parecia conspirar para fazê-la infeliz. Além de ter um sogro impertinente, que se comprazia em vê-la aperreada, ainda mais esta: seu próprio filho, o Raul de seu coração, a abusar de uma pobre moça, comprometendo o nome do Sobrado.

– Você não está brincando, Aninha? Então, é verdade que abortou? Não acredito.

A preta, vendo a senhora empalidecer, não quis adiantar tudo o que lhe disseram.

– Falam isso, minha santa. Mas deve ser história.

A viúva suspirou, desalentada:

– Eu sei – disse ela, tocada de um pressentimento. O que é ruim me acontece agora. Conte-me o que sabe: não quero que me oculte nenhum pormenor.

Um tanto alegre por ter de narrar aquilo que há muito a vinha inquietando, Aninha levou D. Nini para o outro extremo do saguão, ao pé da escada de serviço, e contou: que Raul cortejara a filha do sacristão; que a perdera e a abandonara prenha; que Amparinho pedira a Raul para tomar o nenen quando nascesse; que Pedrina abortara de manhã e fora socorrida pelo farmacêutico; que D. Odete a acolhera em casa.

Digitalizado com CamScanner

– A valença foi Dulce – arrematou a criada. Que Deus abençoe essa menina.

D. Nini escutou tudo de vista baixa, com os olhos duros e os lábios a tremer. Tantos anos levara incutindo no espírito de Raul a grandeza do Sobrado, as tradições da família, e ele, que se educara nos melhores colégios, de repente procedia daquele modo, como um adolescente que não sabe conter o impulso e estraga a vida com a primeira mulher que namora. Não lhe importaria, em absoluto, se ele tivesse relações com casadas; era Ribeiro, descendia de homens sensuais, com a volúpia no sangue. Mas com uma rapariga, e logo de cor!

"Não, Raul precisa explicar-se cabalmente. Não permitirei que essa história macule o Sobrado. Aqui me casei e tenho vivido com dignidade: espero morrer sem uma desgraça dessas na memória", pensava a viúva, enquanto subia as escadas, ofegante. Ela sentia o coração pulsar forte, a ponto de querer fugir pela boca. Mas não tinha lágrima nenhuma nos olhos: nunca chorava, embora se afligisse com freqüência e muitas vezes se imaginasse às portas da loucura.

Ao passar pela varanda, deparou com o vulto de dois homens: seu filho de costas a conversar com o Dr. João Mendes. Sem controlar a emoção, tomou o braço de Raul, e:

– Meu Deus! – deixou escapar um grito, morta de susto. Quem é o senhor?

O juiz se assustou também, sorrindo logo depois para D. Nini:

– É Pedro de Helena, irmão de D. Odete. Não se recorda?

Ela fitou a visita, reconhecendo-a. Não pôs nenhuma simpatia no olhar.

– Lembro, sim. Foi quem veio falar em nome dos revoltosos, querendo a rendição do Sobrado. Uns bandidos!

Pedro de Helena quis defender-se. Viera apenas evitar derramamento de sangue.

– Desculpe-me. Não foi bem isso. Eu...

– O senhor espera Raul ou deseja falar com o Velho? –perguntou D. Nini ao magistrado, com altivez. Se é meu filho, não sairá agora. Ainda não almoçou.

– Então é melhor nos irmos – comentou o Dr. João Mendes, deixando na voz um travo de amargura. (Ele se sentia decepcionado com o

Digitalizado com CamScanner

tratamento que D. Nini dispensou a Pedro, a quem sequer encarava.) – Até a noite, D. Nini.

– Passe bem – respondeu ela, afastando-se para ir à procura do filho.

•••

Raul ia abrindo a porta do quarto, quando D. Nini entrou. Pelos gestos de nervosismo com que ela o empurrou para dentro, compreendeu que deveria estar muito aborrecida com o Velho. Certamente vinha queixar-se dele, como das outras vezes, e foi com impaciência que lhe perguntou o que queria:

– Tenho de falar agora com Pedro – ajuntou, para induzi-la a ser breve.

– Acaba de sair – informou ela. E você me vai ouvir, quer queira, quer não.

– Eu? Que fiz para que a senhora me fale nesse tom?

– Nada, meu filho; segundo sua consciência, nada. Mas perante a minha e a de seu falecido pai, você é um monstro, um desrespeitador. O que fez àquela rapariga é inominável.

Sabendo, afinal, o motivo da zanga, o jovem hesitou se deveria brigar de vez (o consultório longe do Sobrado lhe parecia uma ofensa) ou humilhar-se, como fizera com o avô. Decidiu-se pela última hipótese.

– Sim, mamãe. Sou um errado, vovô disse agorinha. Mas não suponha que não me preocupo com a situação dela. Quando estive no "Junco", conversei com Ananias e ficou-me a impressão de que se casaria com Pedrina, se o Velho pedisse.

D. Nini levou a mão à testa, para limpar o suor:

– Não é má idéia, porém não resolve tudo. Pedrina acaba de parir, quero dizer, de abortar. – E ante a surpresa de Raul: Foi horrível, quase morre...

– Mamãe! – exclamou o médico, sem acreditar direito.

– E sabe, meu filho, onde se encontra ela? Você nem imagina como isso me magoa. Em casa de Odete!

– Por que lá? Ela...

Digitalizado com CamScanner

– Você não entende, Raul? – inquiriu a senhora, agoniada. São nossos inimigos, acolheram-na para dar de luva em nosso rosto! Eu não posso suportar essa humilhação; é demais para mim.

Raul perguntou se Pedrina ia mal.

– Que ela morra! Constitui agora uma vergonha para o Sobrado. Vê-la, ouvir tocar em seu nome, é mesmo que... Espere, Raul: para onde vai, meu filho?

– Examiná-la. Se Pedrina tiver infecção, será horrível. (Raul empalidecera, mortalmente ferido no coração.) – Deixe-me passar, mamãe.

Horrorizada com a idéia de ele ir à casa dos Barbosas, por quem ainda nutria o mais ferrenho dos ódios, D. Nini pusera-se à porta do quarto, para impedir que Raul cometesse nova desonra para o Sobrado:

– Não! – disse enérgica, num tom de firmeza inquebrantável. Não permitirei que se rebaixe a esse ponto, meu filho.

– Deixe, mamãe – voltou a pedir Raul, com tristeza. (O sofrimento lhe embotava o ânimo.) – Preciso salvar Pedrina: ela pode morrer nas mãos de seu Ernesto.

O jovem pegou no braço da mãe, para ver se a demovia.

– Nunca, nunca! – gritou a viúva, fora de si.

Ele recuou insensivelmente:

– Mamãe!

•••

Digitalizado com CamScanner

PÃO E VINHO

Quando ouviu a história de Pedrina, D. Odete duvidou:

– Será certo? Tão boa menina, tão amiga da gente!

O farmacêutico apelou então para sua memória.

– Não se lembra daquela noite em que discutimos, o juiz e eu? Foi sobre Pedrina.

A senhora fez um gesto de confirmação.

– Isso mesmo. O senhor suspeitava da gravidez dela.

Seu Ernesto sacou o relógio da algibeira (quinze para as dez) e insistiu:

– É Dulce que manda pedir. De qualquer modo, não permitirei que a pobre fique sozinha no casebre. Em última hipótese, levá-la-ei para casa. Pedrina necessita de assistência moral para que enfrente a crise.

D. Odete fitou o boticário, esperando vê-lo prosseguir. Ele continuou:

– Se recusarmos não digo carinho, mas nossa convivência, ela entrará para a escória. E é desumano ver alguém cair por falta de quem lhe dê a mão.

– Sim... eu sei – falou a viúva, após morder os lábios. *Nós* não permitiremos que isso aconteça, não é? Gostaria, no entanto, de saber quem...

– Peço-lhe que não me pergunte o nome dele. O que importa é amparar Pedrina.

– Certamente, doutor, mas eu gostaria de saber. Ou o senhor teme que eu mude de idéia?

– Não, em absoluto – disse o farmacêutico, compreendendo que seria indelicado esconder-lhe esse pormenor. Quem infelicitou Pedrina... foi Raul, o neto de Joaquim Ribeiro.

As mãos da viúva tremeram, e ela desviou a vista para que seu Ernesto não lhe desvendasse a profunda emoção que a dominou nesse

Digitalizado com CamScanner

instante. "Impossível". Por que Raul? A impressão que tinha dele era a melhor possível. Um cavalheiro, um *gentleman!* Ou um refinado hipócrita? Isto sim. Quem sabe se... Não, não queria pensar nessas cousas. Dulce jamais lhe daria a mínima atenção, principalmente agora que conhecia o caráter dele.

– E Dulce, como ficou?

O boticário, associando seu nome ao de Raul, quis acalmar a senhora:

– Dulce é uma menina notável. Deixei-a tomando conta de Pedrina. Com que abnegação e coragem ela me assistiu! E como se porta bem diante de tudo, sempre com altivez: uma Barbosinha legítima.

– Não por ser minha filha, mas Dulce é bastante ajuizada – observou D. Odete com orgulho. Diga-lhe que pode trazer Pedrina e que receberemos essa infeliz com toda a amizade.

Seu Ernesto sorriu:

– Sua dedicação me comove.

– A cruz pesa muito, porém às vezes posso levá-la – explicou a viúva, com os olhos cheios de lágrimas. Que Deus abençoe Dulce por mim.

O farmacêutico voltou a consultar o relógio.

– Vou providenciar a remoção agora mesmo, para que o calor não maltrate Pedrina. Com este sol, depois poderia fazer-lhe mal. (D. Odete assentiu com a cabeça.)

– A senhora não quer mandar uma das meninas ajudar Dulce?

– Marieta saiu e não voltará logo. Serve Anita?

– Serve sim. Mande-a já já, por obséquio, que vou na frente.

– Então, até à volta – e a viúva chamou Anita, ordenando-lhe parasse de varrer e fosse ao Canela.

A copeira perguntou se havia algum recado.

– Nenhum. Somente diga a Dulce que... Não, não é preciso dizer nada.

Nervosa pela expectativa de receber Pedrina em casa, e ter de assisti-la até que se restabelecesse, D. Odete dirigiu-se à alcova. Desde a morte de José, há alguns meses, ninguém dormia lá. Não era por medo, mas alguma cousa a impedia ao deitar-se na cama que repartira com ele.

Digitalizado com CamScanner

Todas as manhãs arrumava os lençóis, mudando-os como se em uso, e isto lhe dava a impressão de que o marido não morrera de todo. Ainda vivia em seus cuidados.

– Ficará bem trazer Pedrina pr'aqui?

Verdade é que, embora não o admitisse, D. Odete a pouco e pouco se entediava de tudo que dizia respeito à memória do esposo. Longe de enternecê-la, sua lembrança sufocava-a, envelhecendo-a a olhos vistos. Ela, que depois do desenlace sempre vivera pensando em José, agora se entretinha em mil e um pequenos afazeres, como o náufrago em luta com as roupas que lhe embaraçam os movimentos e impelem para o fundo. "Eu também preciso viver", matutou, olhando para a própria imagem no espelho. "Estou acabada, e tão velha! Mas haverei de resistir. Pedrina me ensinará como".

...

Não muito distante de casa, Pedrina despertou. Antes continuasse sob o efeito do anestésico, num mundo estranho, misto de realidade e fantasia; ausente de tudo, sem dor nem desespero, a entressonhar. Desperta, a vida cobrava seu tributo: sofrimento, calafrios, febre; vergonha, angústia, nojo de si mesma. "Ah, meu filho..." Dulce abre a varanda e pergunta se está bem. Mulheres e homens, meninos, todos olham para ela, com decepção de não vê-la morta. Seu Ernesto diz aos cabras que não se detenham, continuem com a rede.

– Estás bem? – insiste Dulce com o semblante preocupado e um tom meigo na voz. Queres que eu cubra de novo?

Pedrina acena que não; pode deixar aberta. O sol bate em seu rosto um instante, mas Dulce se movimenta e faz sombra. "Dulce é tão boa. Por quê?" Não compreende. A última impressão que restou, antes de ter caído no quintal, é que ninguém seria capaz de ter simpatia por ela. "Desejam que eu sofra, tomar-me o filho, e por cima querem humilhar-me". Entretanto, Dulce não era assim; tratava-a sem desprezo. "Não entendo nada".

– Chegamos, Pedrina – disse Dulce, sorridente.

Digitalizado com CamScanner

Instantes depois, os homens pararam, esperando que viessem abrir a porta. D. Odete apareceu, mandou-os entrar, seguindo-os até a alcova. O boticário deu instruções para que baixassem a rede cuidadosamente sobre a cama, e depois despediu os cabras. Foi quando Dulce chegou, pálida pelo excesso de sol na rua e um tanto sem jeito na presença da mãe. (Detivera-se impedindo a entrada dos curiosos; havia muita gente, e Dulce era fraca para conter a todos.)

Ajudada por ela e por Anita, a viúva afastou a parturiente para um dos lados da cama, com toda a delicadeza. Cada movimento, contudo, era como se apunhalassem Pedrina no ventre, tal a dor em que se debatia.

– Paciência – rogou-lhe D. Odete, ao retirar a rede. Agora repouse; sinta-se como se estivesse em casa.

Dulce pôs a mão em sua testa:

– Ficarás boa logo.

A rapariga balbuciou que sim e pediu água. O sangue havia estancado, mas a febre ainda lhe queimava o corpo, dando-lhe sede e vontade de dormir, permanecer ausente de tudo. D. Odete perguntou ao boticário se podia atendê-la e, ante o consentimento, ordenou a Anita que trouxesse um copo com a moringa. "Daqueles bordados".

– O senhor não vai receitar nenhum remédio? – inquiriu Dulce a seu Ernesto, que agitava o termômetro com a mão gorducha.

– Não se afobe, menina. Vou examiná-la primeiro.

Seu Ernesto sentou-se na cadeira de palhinha (a mesma que aleijara ao assistir Dulce) e colocou o instrumento nos lábios de Pedrina:

– Aperte bem, minha filha – sussurrou. Já a deixaremos em paz.

Em seguida, ajeitou os óculos sobre o nariz e leu o resultado:

– Trinta e oito. Hum, rum! Não é grave, a menos que a febre suba.

– E se infeccionar? (D. Odete temia o pior.)

O boticário não respondeu logo; compreendia que uma infecção agora seria fatal.

– Não creio – disse, franzindo o cenho. Entretanto, estarei prevenido para essa hipótese. Vou à farmácia. Mandarei os remédios por um portador. Não. Prefiro trazer: não custa.

D. Odete agradeceu a atenção e acompanhou-o até a porta:

– Recomendações a Naná. Diga-lhe que apareça.

Digitalizado com CamScanner

– Obrigado; dir-lhe-ei – e seu Ernesto se despediu, olhando desanimado para a rua cheia de sol. (Era longo o caminho, e a barriga imensa, pesada.)

•••

Ao conhecer a razão por que seu Ernesto apenas anestesiara Pedrina após o aborto, Dulce não pudera conter um *ai!* de repugnância e surpresa. As idéias embaralharam-se em sua mente, deixando-a emudecida pelo choque. Alguém fizera Pedrina sofrer de propósito, e esse louco era o farmacêutico, logo ele que aparentava eterna bonomia. "O padecimento deliberado não limpa o coração das impurezas do mundo", concluíra, ainda cheia de espanto.

Ela intentara dizer-lhe que devia ter a consciência suja, de erros até maiores, para deixar a infeliz com aquelas dores. Mas desistira ao compreender que seu Ernesto poderia ser-lhe útil, e quiçá recorresse a seus préstimos, se a mãe não lhe permitisse ter Pedrina em casa.

– E agora, Dulce? – dissera-lhe ele, jogando na lata de lixo o algodão do clorofórmio. Eu falo com a velha?

Ressentida de sua maldade, Dulce não lhe respondera imediatamente. "Será possível?" Anos após anos, vira em seu Ernesto um homem de boa índole, dedicado à mulher e aos cachorros, pilhérico, sempre a zombar de tudo. Fizera-se seu amigo durante a doença, em especial porque, sabedor de seus sentimentos em relação a Raul (que tolice!), não os revelara a ninguém, nem mesmo a Naná. Vendo-lhe agora o sadismo a respeito de Pedrina, toda a impressão que dele guardava se diluíra, para ceder à outra: a de um gorducho perverso e imoral, cheio de rancor pela vida. E eis que, inesperadamente, seu Ernesto se oferecera para intervir em favor de Pedrina.

– O senhor falará mesmo? – inquirira Dulce, num tom duvidoso.

– Ora se! Em sua casa, a recuperação não será difícil nem demorada, com tantas jovens a entretê-la.

– Sim... – e ela se desculpara, sem que o outro soubesse de quê. Mas o senhor assim vai cansar-se.

Digitalizado com CamScanner

– Será? O velho deixou o jumento aí na rua. Vou montado e já volto.

Dulce quisera acompanhá-lo à porta, a fim de vê-lo trepar no burrico (uma cena burlesca, considerando a gordura e a idade de seu Ernesto), mas recuara do intento ao perceber que deixaria Pedrina só. E ficou a seu lado, ansiosamente, esperando que o farmacêutico regressasse, ora apreensiva com a saúde da colega, cuja palidez a impressionava muito, ora na esperança de que tudo se resolvesse bem: Pedrina restabelecida, alegre de novo, casando-se com algum rapaz de sua condição e de sua cor. "Com a graça de Deus, aquilo não deixará manchas na consciência dela. Pedrina necessita viver".

Os minutos passavam, e seu Ernesto não vinha. Na porta da rua, entretanto, havia alguns curiosos, a falar em segredo, assuntando. Uma dessas pessoas – uma mendiga andrajosa – abrira a cancela e fora entrando. Dulce, que percebera seus passos leves, quase mudos, saíra para a saleta, ordenando-lhe ir embora. A mulher não obedecera logo, demorando-se em correr a vista pela casa, querendo espiar, saber de tudo. E, assim, quando o farmacêutico regressara toda a vizinhança fazia a idéia de Pedrina morta, com enterro para daí a pouco.

Que momentos difíceis, aqueles! Pedir aos homens que tirassem a rede dos armadores sem qualquer estremecimento; levá-la para fora, em meio a uma multidão que a custo queria afastar a varanda para ver o rosto de Pedrina; conter-se diante de perguntas estúpidas e indiscretas, e por cima o temor de que a infeliz não agüentasse a remoção sob o sol ardente – eram emoções fortes demais para Dulce. E a confundir-lhe os sentimentos, a íntima certeza de que fora injusta para com a mãe, ao supor que recusaria Pedrina em casa e talvez dissesse em tom de advertência: "Viu quem é Raul? Bem que seu pai não queria..."

Sim, antes não houvesse ido ao Sobrado, naquela noite. Como se arrependia agora! Que ingênua, confiar em Raul, abrir-lhe o coração em troca de um amor que julgava puro. Aí estava Pedrina, vítima da própria inexperiência e da baixeza do médico. "Ah, se paizinho vivesse, para ficar conosco nesta hora! Na certa..." Não, não adiantava insistir nessas lembranças, Dulce percebia-o. "Viver é o que importa; dedicar-me a alguém, ser boa para com o próximo, dar assistência a Pedrina, que me considera sua amiga. Não a desapontarei".

Digitalizado com CamScanner

– Seu Ernesto disse que já volta – segredou D. Odete, interrompendo-lhe o curso da imaginação.

Dulce reviu-se novamente na alcova, pondo sentido em Pedrina.

– Mamãe, a senhora deixa eu passar a noite aqui? Gosto tanto dela! – rogou, fitando a parturiente com carinho.

D. Odete analisou a rapariga, antes de concordar. Pedrina trazia os olhos entreabertos, com sinais de esgotamento no rosto lívido. Dava a impressão de querer repousar, dormir seguidamente, para esquecer as dores, e a febre que lhe insensibilizava o corpo.

– Você pode ficar aqui, querendo.

Dulce lembrou-se da injustiça que cometera:

– Confesso que não esperava isso da senhora, mamãe.

– Isso o quê? Passar a noite junto dela? – inquiriu a viúva, sorrindo. Ora, veja só!

Como não se contivesse de emoção, Dulce caiu nos braços de D. Odete, a chorar baixinho.

– A senhora é tão boa, mamãe!

– Que bobagem a sua! – exclamou D. Odete. Bom é ter uma filha com seu gênio e disposição. José teria orgulho de você, se visse o que está fazendo por Pedrina.

•••

Tão logo se despediu do Dr. João Mendes, à porta do Sobrado, Pedro rumou para casa, aborrecido com a mãe de Raul. É que percebera na sua voz, no seu olhar, nos seus gestos um tom de frieza e de hostilidade. Sinceramente, ele não compreendia como, passados todos esses anos, D. Nini ainda o odiava com o mesmo calor de quando os revoltosos invadiram Oeiras.

Naquele ano tinha ido visitar a irmã, que se achava enferma. Era seu fito regressar logo a Teresina, pois que ali deixara alguns negócios por fazer e que reclamavam sua presença. Mas eis quando os rebeldes em fuga invadem o município: morte, roubos, violência contra mulheres. "Não devo sair agora". Sim, não podia deixar Odete e as meninas sem sua assistência. "A hora é grave. Preciso conter José, para que não lute em vão. Ele não suporta a idéia de Oeiras dominada por bandidos". Enfim,

Digitalizado com CamScanner

convencera-o de que a tropa não permaneceria na cidade, uma vez que o exército vinha em seu encalço.

Foi quando soubera que o Sobrado ia resistir; uma imprudência, uma loucura. Pedro discutira com seu Ernesto, mostrara-lhe as inconveniências dessa luta. Falara ao juiz, ao sacerdote. Todos lhe deram razão; nenhum, porém, procurara o Velho, no temor de que D. Nini se ofendesse. Nisso, os revoltosos passaram o Canindé, aproximando-se lentamente. A expectativa fizera muitos sofrer; outros rezaram. Feitos antigos vieram à memória.

– Morreremos todos, mas nenhum desses bandidos põe os pés no Sobrado.

Não podendo conformar-se com essa disposição, da qual resultaria correr sangue à toa, Pedro dirigiu-se ao Sobrado, na manhã mesma em que os homens invadiram algumas quintas próximas do morro do Leme. As ruas estavam desertas, silenciosas, feridas de luz: ninguém ousava aparecer. As portas e janelas das residências, no entanto, continuavam abertas, por ordem de D. Nini. E de longe vinha o rumor dos cavalos, tantos que a poeira subia aos céus.

E os revoltosos foram entrando, o rosto envelhecido de canseiras, o coração pedrado pelo horror. Para muitos deles, a vida ou a morte de uma criatura pouco valia. Eram jovens que perderam a fé nos ideais da revolução e, batidos pelas forças do exército, internavam-se no Piauí, rumo ao sul. Ai de quem lhes opussesse resistência: um fazendeiro, sangraram-no como a um porco, e ainda chamaram a mulher para ver; outro, porque tinha ocultado as bestas, despiram-no e fizeram-no correr, sob o estímulo do chicote, num animal sarnento e em pêlo. "Para que sirva de lição".

Pedro lembrava-se bem daquele instante: D. Nini em frente ao Sobrado, de vestido escuro, com um punhal no cinto. Seu semblante exprimia ódio, decisão de lutar: a boca comprimida, com o suor a escorrer no buço, os olhos castigados pela insônia. Ela o recebera com ar hostil, suspeitosa, querendo saber quem era, o que desejava, por que não permanecera junto dos seus. Revelara o nome, dizendo ao que viera, e D. Nini lhe rebatera a pretensão, com a voz rouca:

Digitalizado com CamScanner

– Nem pense. O senhor devia é ter vergonha de ser covarde. Um homem desse!

Não valeram as explicações. "Inútil". E de tarde, ao sol poente, a tragédia que eletrizou Oeiras: o corpo de seu Fernando curvado sobre o parapeito de uma das janelas de cima, com o sangue a cair na calçada. "Uma cena horrível, dolorosa. Nunca a esquecerei". Os sinos, que deveriam convocar o povo para a luta, puseram-se então a planger horas a fio, a ponto de irritar os rebeldes. Temia-se que prendessem o sacristão e até que profanassem o templo. Noite sinistra, aquela!

Pedro comparou a D. Nini de agora com a de '26 e não observou diferença. Era a mesma senhora inflexível no mando, segura de si mesma, que vivia para o Sobrado e as tradições dos Ribeiros. Estranho é que não pertencesse à família; entrara nela pelo casamento. Mas de tal modo se identificara, que os meninos de Oeiras não a consideravam nora, e sim filha verdadeira do coronel Joaquim. Chegava-se ao extremo de tratá-la com mais respeito do que ao Velho.

– D. Nini deve estar doente – ponderou Pedro, um tanto magoado com sua incompreensão. Não é para menos, com a vida que leva, presa dia e noite no Sobrado.

Ainda havia umas pessoas à porta da casa de sua irmã, quando lá chegou. Ele pressentiu que ocorrera alguma cousa, para ensejar aquele ajuntamento, mas não fazia a mínima idéia. Ao sair com Raul, horas antes, deixara todos bem.

– Odete!

Instantes depois, Marieta surgiu com o cenho carregado:

– Veja o senhor, titio, o que fez o monstro! – exclamou ela, mandando-o entrar. Eu sabia tanto que Raul não presta. Meu coração nunca me engana.

Pedro inquietou-se.

– Que aconteceu, menina? – inquiriu, apertando-lhe o braço nervosamente. Diga logo.

Nesse momento, D. Odete apareceu. Vinha da alcova, onde deixara Pedrina a dormir, sob os cuidados de Doninha, a costureira. (Dulce fora buscar as drogas que seu Ernesto ficara de trazer, e até agora!)

Digitalizado com CamScanner

– Tudo vai bem – disse para o irmão. Aconteceu uma desgraça, mas tenho a esperança de que Pedrina se restabelecerá depressa, com a ajuda de Deus.

– Como? Quem é Pedrina? – fez o rapaz, todo confuso. (Não havia jeito de se lembrar dela.)

A viúva fê-lo sentar-se e explicou o ocorrido.

– Que acha? – perguntou no fim, ao vê-lo meditativo e sério, cousa tão incomum nele. Fiz mal trazendo Pedrina pra casa? Alguém devia socorrê-la.

Pedro esfregou as mãos e deteve-se em pensar bem, antes de dar a resposta. Odete agira acertadamente, sem dúvida, ainda que sua ação pudesse ser mal interpretada. Raul talvez não se ferisse; era tolerante. Mas a mãe dele nunca perdoaria a *insolência*. "Até na hora de partir, procuram ofender-nos". Convinha, entretanto, compartilhar essas suspeitas com a irmã? Para empanar-lhe a beleza do gesto? Em absoluto. "D. Nini que se dane".

– Acho que procedeu como devia – observou Pedro, com o olhar distante.

E para surpresa de D. Odete, contou o negócio que acabara de ter com o Velho.

– Ele nos pode pagar? – interrogou Marieta, com admiração. Antoninha me disse que há dois meses não honra o contrato de arrendamento.

– Ora, minha filha! – D. Odete deu de ombros, sorrindo.

•••

A história do aborto correu a cidade. Para uns, Pedrina caíra de propósito, a fim de livrar-se de um incômodo; para outros, a maioria, não o quisera. "A pobrezinha escorregou... Também, coitada, com uma lama daquelas!"

Quando a notícia chegou aos cabarés que se estendem à margem do Mocha, o sacristão ainda dormia, atirado à cama de ferro, imunda de poeira, suor e vômito. Passara a noite nas festas, bebendo, dançando ao ritmo da harmônica e do cavaquinho, a lutar pela posse de uma dama que viera de Belém fazer a vida. No fim, ébrio e tonto, ficara mesmo com

Digitalizado com CamScanner

Zefinha, mulher que só uns poucos queriam, por já não ser nova e ter um tumor no seio.

– Acorda, homem. Vai ver Pedrina.

Antônio abriu os olhos, ramelentos, viu que Zefinha já se levantara, e em seguida se espreguiçou. De manhã, à luz do sol que entrava pela janela, sentia pena dessa infeliz: o rosto cheio de manchas, o nariz aquilino, o olho direito quase cego. Momentos antes ele a amara, fizera-lhe carinhos. Mas agora! O estômago um pouco enjoado, a cabeça doendo muito.

– Não quer ir ver? – insistiu Zefinha, puxando-o pelo braço. É tua filha, homem de Deus.

– Que espere – e Antônio bocejou.

– Ela ainda não está aqui, idiota! Está é morrendo.

Antônio pulou da cama:

– Morrendo? Não é possível.

Zefinha contou-lhe o que sabia, exagerando a fim de apressá-lo. Depois, vendo-o emudecido, com uma expressão sofredora no olhar, condoeu-se e lhe afagou o peito nu:

– Te veste, Toinho, e vem tomar café com bolo e manuê. Anda, que passei agora.

Antônio obedeceu, como um autômato. Há algum tempo vinha desconfiando da filha, querendo ajudá-la, mas sem jeito. Nessas horas, tudo o que fazia era fitá-la com tristeza, esperando que ela caísse em seus braços, para dizer-lhe o que realmente se dera. Pedrina, contudo, abaixava a vista, evitando a presença dele. Para mais ninguém constituía segredo que engravidara, e na véspera, durante o forró, Nenzinho, não contente de lhe tomar a mulher, ainda o censurara por haver-se esquecido de Pedrina: "Cuide, que um dia vem bater aqui..."

Naquele instante, nem reagira. Tinha um pouco de culpa, sentia-o bem. Tal como a Morena, abandonara-a para viver em orgias, nunca lhe assistindo em cousa alguma. Nem mesmo lhe entregava todo o subsídio que o Velho destinava a seu sustento, e semanas havia que não punha os pés em casa: do cabaré para a igreja, da novena para as farras alucinantes. Também, a natureza não o ajudara, fizera-o louco por bebidas, por gente alegre, sem preconceitos. Ah, como o divertia passar o tempo no meio daquelas pobres damas noctívagas, repartindo sua miséria, e os ressentimentos de suas almas sofridas.

Digitalizado com CamScanner

– Seja feliz, meu velho – soprou Zefinha, ao deixá-lo à porta. Apareça de noite para contar pra gente.

O sacristão afastou-se vagarosamente. Parecia mais confortado agora, com o estômago cheio, mas ainda não passara de vez a sensação de enjôo e fraqueza que sempre o acometia ao despertar. E o sol quase a pino encandeando-o, um cachorro querendo brincar com ele, um enxame de mosquitos ao redor da cabeça – um inferno! Embaixo, por entre marias-moles e capim, corria o Mocha no seu leito de pedra, de tal modo brilhante que era um espelho de luz. A zona dormia, silenciosa, cansada de amor e em tédio.

Aos poucos Antônio ia-se distanciando dos cabarés. Aqui uma morada ainda suspeita, um armazém mais adiante, de súbito as primeiras casas de família.

– Que péssimo exemplo de pai. E imagine se não fosse sacristão. Hipócrita e canalha!

Essa voz feriu-o lá dentro. É verdade que servia a igreja da Vitória desde os tempos do finado cônego Humberto, mas sempre com o maior respeito. Embora lhe censurasse os desregramentos, padre Miguel consentira em tê-lo às suas ordens, porque ninguém era mais pontual e solícito, atencioso e obediente. Desconhecia-se nas redondezas quem tocasse o sino com mais devoção ou batesse as matracas com tanto vigor. Na sacristia ou no adro, durante um festejo ou na procissão, no batistério ou em frente do altar, tinha Antônio palavras bondosas, e para muitos havia piedade em seus olhos castanhos transparentes.

Bastava, contudo, sentir-se longe da igreja, para que se transformasse, agindo como um pecador convicto, sem a mínima aparência com o Antônio dos responsórios cheios de fé. Ao amor de Deus, preferia agora o das mulheres, o vinho e a cachaça, as vertigens de uma embriaguez voluptuosa. E em casa, quando lá aparecia, não tinha um gesto menos rude para com a filha, não se importava com o que lhe pudesse acontecer. Só há pouco é que cogitara de inquirir-lhe da saúde, mas essa lembrança passara, como muitos outros pensamentos generosos que tivera para com Morena.

Digitalizado com CamScanner

Eis que chegou à casa de D. Odete.

– Estará morta? – interrogou-se, antes de bater palmas. Eu queria tanto vê-la com vida!

Daí a instantes apareceu Dulce. Pisava de manso, para não incomodar Pedrina, que estava cochilando. D. Odete e os outros se encontravam na copa, ao almoço.

– Já esperava o senhor – disse a jovem, em segredo. Entre.

O sacristão, sentindo a bondade com que era recebido, comoveu-se quase até às lágrimas.

– Minha filha morr...

– Não, não: felizmente! – interrompeu Dulce. Sente-se aqui, que logo mais o senhor a verá.

Antônio atendeu e então Dulce lhe pediu que não castigasse Pedrina:

– Ela necessita de compreensão – concluiu, enquanto punha a mão sobre a dele, num gesto de solidariedade.

•••

Enquanto isso Pedrina sonhava. Não havia gente no sonho: só telhados e nuvens e morros, ora a correr a ponto de dar-lhe vertigens, ora tão parados, que tinha a impressão de estar presa de monotonia. Depois, assim de repente, o campo na época da vaquejada, com os bois apinhando a terra e os homens na esteira, a soltar aboios. E ao longe, vindo das entranhas d'alma, o vagido de seu nenen. *Ai!* Pedrina acordou, com uma sensação de vazio a torturar-lhe o pensamento.

Ninguém permanecia no quarto. Na certa a família se encontrava almoçando àquela hora, pois ouviu D. Odete reprovar Glorinha pela algazarra que fazia à mesa. Sozinha entre aqueles móveis severos, sem saber se deveria fechar os olhos novamente (tão ruim, se viesse a sonhar de novo!) ou permanecer desperta, com a lembrança do filho que matara ainda em gestação, Pedrina angustiava-se, fazendo maior a dor nas pernas e nas cadeiras. Sentia-se febricitante, com dormência nos braços e secura na boca. "Beber". A moringa estava a seu alcance, na mesinha de cabeceira.

Ela estendeu a mão para o copo e pegou-o sem firmeza, deixando-o cair:

Digitalizado com CamScanner

– Meu Deus! Quebrou...

Na sala, Dulce ouviu a exclamação e se precipitou porta adentro. Ia nervosa, com o coração aos pulos, receando que Pedrina já não passasse bem. Ao ver qual era o motivo de sua apreensão, não pôde deixar de sorrir:

– Vou trazer outro copo, querida. – E como Pedrina permanecesse calada: Sempre me acontece quebrar um: tenho as mãos de cisco... O meu agora é de alumínio. Queres usá-lo?

– De alumínio? – inquiriu a outra, com assombro. Estava crente que...

– Fosse de prata! Mas não é não, Pedrina. Aqui em casa nenhuma de nós ostenta riqueza.

Elas em seguida se fitaram sorrindo, e Dulce, julgando haver chegado o momento, sentou-se na beira da cama. Com um ar bem feminino, ajeitou o chambre da colega, e em seguida esfregou os olhos, como fazia toda vez que tinha algo importante a fazer.

– Olha uma cousa, Pedrina. Alguém, que te ama, está aqui. Quer ver-te, mas tem vergonha. Acha que não merece senão teu desprezo.

– Será ele? – perquiriu a outra, com angústia.

– Não, Pedrina, não é ele. Nunca Raul porá os pés na soleira desta casa enquanto vivermos aqui. Eu não permitirei. – Vendo-a tranqüilizar-se, Dulce prosseguiu: Quem veio procurar-te é...

Pedrina começou a chorar, pressentindo tudo:

– Papai! É ele, sim. (Dulce abanou a cabeça em afirmativa, mordendo os lábios para conter a emoção.) – Diga-lhe que entre, mas amanhã ou depois, que agora desejo ficar sozinha.

Dulce retirou-se em silêncio e com vagar. Se houvesse demora na realização desse encontro, talvez nunca mais se entendessem, como convinha a pai e filha. O sacristão continuaria freqüentando os bordéis, sem dar assistência a Pedrina, e esta permaneceria sujeita às solicitações do mundo. Era preciso tomar uma atitude logo, antes que fosse tarde.

Em pé na sala, com a vista no chão a percorrer os ladrilhos, Antônio esperava ansioso a volta de Dulce. E quando esta apareceu, aproximou-se com tal desencanto no olhar, tal inquietação, que ela sentiu pena e se apressou em desanuviar-lhe o espírito.

Digitalizado com CamScanner

– Entre, seu Antônio, que Pedrina espera o senhor.

O sacristão deu um longo suspiro e encaminhou-se para o quarto. À porta, deteve-se com a respiração suspensa. É que Pedrina lhe parecia à beira da morte, assim estirada na cama, empalidecida, com o corpo magro entrecoberto pelo lençol: somente no brilho de seus olhos fundos encontrou a chama da vida, como uma pequena vela acesa numa sala às escuras. Seu coração partiu-se, e ele se atirou aos pés da filha, com a cabeça enterrada entre as mãos.

– Papai! – exclamou a rapariga, enquanto lhe afagava os cabelos revoltos com as mãos geladas. Perdoa-me; não fiz por mal.

Ela se referia a tudo: à sedução, à vontade de morrer, ao abortamento. Antônio entendeu que pedia desculpa de não lhe ter confessado o segredo no devido tempo, quando as cousas ainda podiam tomar outro rumo, e se apiedou dela, de suas fraquezas, do abandono em que a deixara.

– Tenho sido ruim para você – murmurou, contrito.

– Papai! – No rosto de Pedrina as lágrimas corriam com abundância.

– Não a abandonarei; nunca mais.

Ela procurou sorrir-lhe. Mas, como era tristonho o seu olhar, e efêmera a esperança que aflorou aos lábios sem viço!

•••

De tarde, questão de cinco horas (a família estava toda reunida ao redor da cama), seu Ernesto veio examinar Pedrina novamente. Para sua satisfação encontrou-a melhor, sem febre. "Vai se restabelecer logo", pensou, contente de vê-la sorrir para Ivete, a caçula da casa.

– Então?

Foi D. Odete quem inquiriu, preocupada tanto pela saúde de Pedrina, como pelo retardamento nos seus planos. Agora que tudo se ajeitara (já recebera do Velho o pagamento da primeira prestação), desejava sair quanto antes de Oeiras, onde vivia abafada desde a morte de José.

Digitalizado com CamScanner

– Pedrina dentro de uma semana estará restabelecida – respondeu o boticário, olhando para Ivete por cima dos óculos.

Dulce alegrou-se e sorriu para a colega:

– Ouviste, Pedrina? Cura-te depressa, para ires conosco. – E voltando-se para D. Odete: Mamãe a levará para Teresina; não levará, mamãe?

Era um pensamento que ainda não ocorrera à senhora.

– Depende dela – informou sem convicção. Não posso obrigá-la a ir com a gente.

Pedrina, que ouvia tudo calada, esboçou um sorriso de contentamento. Que bom seria deixar também Oeiras, partir para longe, esquecer essas noites e esses dias que tanto marcaram seu destino! "Se D. Odete consentir, ninguém me impedirá de ir para Teresina, servir de aderente, e até de criada, não me importo. Eu me dou tão bem com Dulce!"

– E você quer, Pedrina? – interrogou Maria da Glória, para quem fora magnífica a lembrança de Dulce.

A parturiente quis responder que sim. Mas não vendo estímulo no olhar de D. Odete e desconfiando que Pedro de Helena não recebera a idéia com agrado, hesitou um segundo antes de falar. E com os olhos brilhantes pelas lágrimas:

– Em qualquer lugar se vive – murmurou, virando a cabeça para um lado.

Em seguida, fez-se silêncio. Quase todos os assuntos podiam levar a Raul, e ninguém ousava dizer o nome do sedutor, embora não lhes saísse da mente. Tal situação aborreceu seu Ernesto, que se pôs a brincar com a nenen. Ivete, envergonhada daquele homem barrigudo, de óculos e tão feio, se escondia no colo da mãe, a quem fitava pedindo socorro.

– Vem cá, boneca. Senta aqui.

A garotinha não atendeu. Temia que o boticário quisesse pôr-lhe o termômetro, abrir os olhos para ver dentro, ouvir o que se passava no peito. Estranhava-o por isso, e apenas à custa de bombons e outras guloseimas é que perdia o acanhamento, mas só durante os agrados. E nessa noite, o homem não lhe trouxera nada.

Digitalizado com CamScanner

Seu Ernesto insistiu mais uma vez, e compreendendo afinal porque ela não vinha, começou a fazer-lhe mogangas com a boca, o nariz, a papada, os olhos. Era uma cena ridícula: todos começaram a rir sem se conter, menos Ivete, que amuou, querendo chorar.

– Vem, menina – ordenou-lhe o velho, com a voz postiça e a dentadura à mostra. Quero comer esse bracinho gordo.

Um tanto perversamente, Marieta empurrou a caçula, que se pôs a gritar transida de medo. Ninguém então se controlou. Seu Ernesto foi o primeiro a gargalhar, trêmulo, sacudindo a barriga, a ponto de arrancar um dos botões do suspensório.

– Ela teme a mim! – exclamou, entre risos. Que graça...

– Ora, você assim? – perguntou Maria da Glória, admirada porque ela abrira o berreiro. Imagine se fosse o bicho-papão.

Como o choro a irritasse, D. Odete mandou a criança calar-se.

– Ande. Não chore.

Ivete engoliu as lágrimas e olhou-a com tristeza:

– Oh, mãezinha... Mãezinha...

Bastou isso para enternecer D. Odete. Apertou a caçula nos braços e cobriu-a de beijos.

•••

Digitalizado com CamScanner

OS OLHOS NO CÉU

Logo que D. Nini deixou o quarto, Raul entregou-se ao abatimento. Ele, que se julgava forte, emaranhou-se num mundo de emoções contraditórias e, vencido, atirou-se à rede, à procura de uma saída para o caso. É certo que não queria bem a Pedrina: tiveram duas ou três relações e se afastou. Mas ao saber do abortamento, enciumou-se porque nem sequer o havia consultado e, ainda, fora pedir proteção a D. Odete, tornando impossível, assim, qualquer entendimento dele com Dulce.

–Amparo não creio, porém Dulce me desprezará.

"Talvez nem a própria Dulce". Quem pode inquirir o coração de uma mulher? Dulce teria pena dele porque Pedrina o arrastara a uma situação vexatória daquelas, e voltaria a amá-lo, se é que o desamou algum dia. E quando ele rogasse perdão pelo sofrimento de que fora causa, responderia logo: "Eu compreendo. Você não é culpado..." De repente a dúvida: não estaria com alucinações? Esses pensamentos eram tão distantes da realidade!

– Tolice minha – falou Raul, erguendo-se da rede. Dulce não me quer... nunca me quis.

Lembrou-se de Amparo e sorriu com desencanto. Se aquela bobinha adivinhasse, como não haveria de sofrer! Felizmente não tinha muita sensibilidade, acomodando-se a seus caprichos. Antes que ele se explicasse com relação a Pedrina, fora dizendo que convinha tomar-lhe o filho... um pobre que mal tivera aparência humana. E agora, que diria quanto ao aborto? Longe de penalizar-se, ela ficaria contente porque perdera a rival. Que ingênua! E no entanto, Raul gostava dela, ainda que de uma maneira diferente, atraído pelo calor de seus beijos.

Nesse estado de espírito, passou ele o resto do dia, ora andando silenciosamente nos corredores abandonados, ora à janela dos fundos, olhando, sem ver, dois homens a cortar lenha à sombra de um pé de cuia. Recusara o almoço, e até a merenda que sua mãe lhe fora levar. Não sentia fome, nenhuma. Também queria estar sozinho: os serventes

Digitalizado com CamScanner

esguelhavam, como se quisessem conhecer sua reação ao acontecimento que tanto rebuliço trouxe à cidade.

Já perto da hora do jantar, e estando Raul ainda à janela, imóvel, absorto em seus pensamentos, mãe Aninha entrou com um copo de leite:

– Tome, Raulzinho. Vancê não provou nada. Só o café da manhã.

Ele se virou, de tal modo deprimido, que a preta começou a chorar baixinho:

– Vancê tá sofrendo; não é, meu santo? Uma desgraça!

Sem querer, Raul deixou escapar um grito:

– Pedrina morreu?

A velha tranqüilizou-o:

– Deus nos livre da morte! Pedrina não tá passando bem, diz-se, mas tenho fé no Divino que não vai morrer.

– E a desgraça? (Raul deu mostras de impaciência.)

– O que aconteceu não foi desgraça, meu santo? Uma rapariga pobre, sem ninguém no mundo para cuidar dela...

– Sim... – monologou ele, inconsciente.

Na verdade Raul queria permanecer só. Mãe Aninha falava muito, e a cabeça já lhe doía. Tomou o copo de leite que ela lhe apresentava e bebeu dois goles.

– Vem pro jantar, meu filho? O Velho perguntou por vancê; Nini é que não respondeu. Anda preocupada desde que soube.

– Não, não irei jantar.

Raul depositou o copo na bandeja, e saiu de súbito. A noite começava a cair: o sol afogando-se no poente, as andorinhas em busca do esconderijo, com as sombras indo aos poucos para a cumeeira do Sobrado.

•••

Pedro jantou casmurro. Um só pensamento na cabeça: encontrar-se com Raul, a fim de entregar-lhe as alianças. Já agora queixava-se de as haver trazido: antes tivesse mandado por um portador de confiança. Mas após o falecimento de José, decidira-se a visitar a irmã, e no primeiro recesso dos negócios rumara para Oeiras, com as jóias na valise.

Quando as recebera do ourives, não contivera a emoção, e remirara-as longo tempo, ora com tristeza, ora com esperança. Em sua

Digitalizado com CamScanner

passagem por Teresina, Raul dissera do propósito de unir os Ribeiros e os Barbosas. Não compreendia a existência dessa rivalidade quatorze anos após a tragédia. "Um casamento talvez resolva" , falara-lhe sorrindo discretamente. "Pelo que ouvi dizer, Dulce puxou à avó: dedicada aos seus, gentil para os estranhos". Sim, era patente que ele vinha com intenção de casar-se com Dulce. Na sua boca, o nome dela soava docemente.

E eis que a morte do cunhado trouxera luto à família. José, que ia ser conquistado agora a fim de permitir o enlace, se fora para sempre, o coração ainda cheio de rancor, às vésperas da reconciliação. "Somos nós quem menos influímos em nossas vidas. Esse acontecimento", imaginara Pedro em Teresina, naquela ocasião, "talvez facilite as cousas, mas é bem provável que aprofunde o abismo que vem separando Raul de minha sobrinha". Guardara os anéis e saíra pensando. "Quem sabe se minha presença em Oeiras não ajudará? Eu quero esse casamento. Simpatizo com Raul: o resto não importa..."

– Você devolva as alianças, Pedro – disse-lhe D. Odete, em tom baixo, logo depois da sobremesa.

Pedro sobressaltou-se:

– Estava pensando nisso agorinha.

– Pensando em quê, titio?

A viúva olhou para Marieta com severidade.

– Não é de sua conta. Não se pode nem conversar, que fica em cima, querendo saber de tudo.

– Não era nada importante – disse Pedro para a sobrinha. (Ele não apreciava os modos da irmã quando repreendia as meninas).

Marieta franziu o cenho e retirou-se para o quarto de Pedrina, para que Dulce pudesse vir jantar.

– Já voltarei, Odete.

Pedro de Helena meteu a mão no bolso, como para certificar-se de que as alianças se encontravam ali, e ganhou a rua. Era então quase noite. Logo mais Raul deveria aparecer no bar da esquina, para distrair-se no jogo com seu Ernesto e alguns parceiros de circunstância. Teria coragem, hoje? Para Candinha e seus filhos era um monstro, que, além de ter seduzido Pedrina, arrastara-a a uma atitude daquelas. "Não, Raul não virá; seria imprudente".

Digitalizado com CamScanner

Como pensasse assim, Pedro decidiu-se a procurá-lo nas imediações do Sobrado. Se aparecesse à janela, far-lhe-ia um aceno. A preço nenhum queria continuar guardando os anéis, especialmente depois de Odete haver recebido Pedrina em casa, acabando de vez com a possibilidade de uma reaproximação entre as duas famílias. Ainda bem que o Velho mandara num envelope os trinta contos da primeira prestação. Haviam combinado para o dia seguinte, mas o coronel se enchera de escrúpulos.

Nisso encontrou Raul. Vinha do Sobrado, e trazia no rosto uma expressão melancólica que o levou a compadecer-se. "Coitado, não é para menos".

– Raul – disse-lhe, aproximando-se – vim trazer-lhe as alianças. Nos esquecemos delas de manhã.

O médico olhou para o amigo, e encabulado recebeu o estojo. Compreendia a razão por que Pedro apressara a entrega.

– Obrigado – falou com voz enrouquecida. Fez bem em vir à minha procura. A sorte me tem sido adversa, em tudo.

Pedro abaixou a vista.

– De fato, Raul. Infelizmente para você e seus bons propósitos.

Vendo nisso uma alusão a seu namoro malogrado com Dulce, o neto de seu Joaquim animou-se a inquirir se ficaram todos bem.

– Sim, todos... inclusive ela.

Somente aí Raul percebeu que era maliciosa a intenção de Pedro, mas preferiu ignorá-la.

– Quem? Dulce?

– Ela também.

Calaram-se um instante, constrangidos pela presença de uma mulher que passava no rumo da igreja. Raul abriu a caixa e olhou as alianças. Estava escurecendo, no entanto o brilho delas ressaltou no veludo escarlate que guarnecia o estojo.

– Eu nunca lhe disse, Pedro, mas quero que saiba agora. Vim do Rio pensando casar-me com Dulce. E confesso que ainda não perdi as esperanças.

Pedro apertou-lhe o braço, comovido:

– Já desconfiava disso, desde Teresina. Só que não se alcança tudo o que a gente deseja. Não está em nós, Raul, decidir sozinhos de

Digitalizado com CamScanner

nosso futuro: somos arrastados na corrente. O melhor que você faz, em benefício comum, é esquecê-la.

– Sinceramente?

– Decerto que sim. Você tem agido como se não a amasse. Despreza-a pela amiga, abusa daquela pobre, e ainda se julga com direito ao amor de minha sobrinha. Não compreendo.

– Não tive culpa. Você próprio reconhece que somos levados na...

– Aí que está a questão: saber onde terminam nossas responsabilidades e começam as vicissitudes. Já encontrou alguém que se sentisse único culpado dos erros? Todos, no íntimo, toleram suas faltas, perdoam-se com palavras de compreensão que não têm para com o próximo.

– Fui eu acaso que me fiz? Ajo segundo minha natureza.

– E a razão, Raul? Ela pode modificar o curso da vida, algumas vezes.

– A razão, como os sentimentos, é fruto de reações químicas.

– Você nega a Religião? Deus?

– Só acredito na Ciência.

– Entretanto, Raul, seu materialismo tem muito da religiosidade da mulher que passou agora. Nem você nem ela aceitam a culpa sobre os ombros: você se perdoa levado por suas convicções; ela, invocando o testemunho de Deus. Embora diferentes suas concepções do Céu, ambos têm os olhos fitos nele.

– Você fala assim porque é um místico.

Pedro de Helena fingiu não entender. Que lhe adiantava a discussão? Raul morrera para sua sobrinha, e agora também para ele. Fixou a vista no relógio e não divisou os ponteiros. Já era noite escura.

– Odete está esperando por mim – disse, num tom de quem pede desculpas. (E se afastou depressa, com a sensação de que Raul o perseguia com o olhar.)

•••

– O destino parece querer brincar comigo.

Na véspera, à noite, Amparo sofrera crente de que Raul não gostava dela. Pela manhã, todas as dúvidas desapareceram ao ouvir-lhe algumas

Digitalizado com CamScanner

palavras de carinho. Já agora sentia que tudo desmoronava novamente, como se até Deus a perseguisse. Era sempre assim: quando mais próxima da felicidade, mais empecilhos tinha pela frente. Não quisera o aborto de Pedrina: desejara mesmo que o nenen nascesse, para educá-lo junto de seus filhos. Raul haveria de orgulhar-se dela.

Morto, entretanto, o anjinho pesava em sua consciência, com tal força que receava uma crise de nervos. "Pedrina só se jogou porque não ouvi Dulce". E Amparo mergulhou na rede da varanda, escondendo as lágrimas entre os lençóis. Não podia conformar-se em perder Raul: quem sabe se não se casaria com Pedrina, como compensação pelo sofrimento que lhe dera? "Não, D. Nini não deixa". E se deixasse? Queria tanto ter um neto!

Agoniada, chamou Etelvina, ordenando-lhe passar a ferro seu vestido novo.

– Ande depressa, sua lesma.

A criada estranhou o tom da voz (Amparinho parecia-lhe histérica) e lhe indagou aonde ia, àquela hora:

– A cozinheira tá acabando o almoço.

Amparo ergueu-se com ar hostil e avançou para ela.

– Malcriada! Por que não me obedece? Eu não mandei? – e empurrou-a.

Etelvina hesitou um instante, também possuída de raiva, mas terminou se contendo. É que compreendera a causa daquela agonia. A história do abortamento andava na rua.

– Tenha calma, D. Amparinho. O Dr. João Mendes não gostará de saber que saiu. E estou crente que D. Dulce não vai receber a senhora.

Essa observação imobilizou a rapariga. Ainda não lhe ocorrera pensar na hipótese. Queria rever Pedrina, conversar com ela, ver como ia de saúde. Se morresse, nunca mais encontraria sossego. Além da criança, teria Pedrina a assombrar-lhe as noites.

– Mas se eu preciso! – exclamou nervosamente, com as mãos entrecruzadas. Não posso permanecer aqui esperando a tragédia.

– Amparo, minha filha!

Ela se virou e correu ao encontro do pai:

– Que falta de sorte, paizinho...

Digitalizado com CamScanner

O juiz abraçou-a. Soubera agora mesmo, mal saíra do Sobrado. Vinha pensando na desfeita que D. Nini fizera a Pedro de Helena, quando do padre Miguel, a quem não vira, o chamara ansioso. "Lastimo o que aconteceu. Vou rogar a Deus que isto não impeça a felicidade de Amparinho". Ele sorrira com desencanto para o sacerdote, agradecendo-lhe o interesse: "Reze também por Pedrina". Curioso, ficara-lhe a impressão de que o reverendo dissera aquilo para magoá-lo. Desde o discurso, no enterro de José, que não se cumprimentavam.

– Sim... eu sei – e o Dr. João Mendes desfitou a filha.

Ele sempre tinha frases sonoras para dizer, mas dessa vez se achava todo inibido. Amparinho necessitava de ajuda, de um conselho amigo. E entretanto a mente não o estimulava, era uma folha de papel em branco.

– É Deus que me castiga – murmurou Amparo, ainda mais inquieta pelo silêncio que constrangia a ambos.

– Não digas uma cousa dessas... eu... ("queria tanto consolar-te neste momento!")

Encaminharam-se para a copa, ela esperando ouvir alguma cousa do pai; este em luta com a imaginação, atrás de um dito eloqüente. Enfim sentaram-se à mesa. Amparinho suspirou:

– Estou tão triste!

O juiz pôs a mão sobre a dela, sem fitar-lhe os olhos. Convinha dizer algo... "Qualquer observação, idiota!"

– Lamento, querida, lamento muito... – sussurrou, envergonhado porque era tudo o que sabia.

Calaram-se, e mudos permaneceram até que Etelvina acabasse de trazer o almoço. Eram os pratos de todo dia: arroz, feijão, assado, frito de ovos. Amparo se serviu bem, como se nada houvesse acontecido. O Dr. João Mendes quase não comeu, preocupado com D. Nini, com Pedrina, com Raul, com a própria falta de eloqüência.

– Estive pensando – falou Amparo. Que lhe parece eu ir ver Pedrina?

O magistrado chocou-se com a pergunta:

– Pedrina? Não sabes quem a protegeu?

– Só queria ver se passa bem... E quanto a Dulce, não creio que se importe – respondeu Amparinho, com um brilho no olhar. Pelo menos ela diz toda hora que já não se interessa por Raul.

Digitalizado com CamScanner

O Dr. João Mendes não ficou satisfeito com o tom insincero da observação. Amparo não iria ver Pedrina apenas por causa da saúde. Não eram de seu feitio atitudes desse quilate. Algum sentimento recôndito impelia-a a tomar aquela resolução.

– Paciência, que eu mesmo vou. Não agora nem amanhã. Deixarei passar uns dias. Não quero que nos envolvam nesse assunto. Afinal não temos culpa.

– Mas, paizinho! Que tem eu ir? Posso até levar um de meus vestidos para Pedrina. Ela anda quase nua.

– Não, minha filha, não permitirei. Não é generosidade o que te move. Tampouco te interessas pela saúde de Pedrina. Temes é sua morte, isto sim...

– Não sejas injusto comigo, papai.

Vendo-a empalidecer, o Dr. João Mendes compreendeu que atingira o ponto nevrálgico:

– Não estou sendo injusto – disse, com voz rouca. Estás nervosa, porque se ela morrer Raul não se casará contigo. Imagino que não.

Amparinho levantou-se, com um aperto no coração. No íntimo ela sabia que o pressentimento do pai era verdadeiro.

•••

Nesse dia Amparo esperou até que anoitecesse. Precisava ver Raul, para inquirir-lhe os sentimentos com relação a Pedrina. Uma cousa era abortar com assistência dele, outra sob a provocação de uma queda consentida. Neste caso, Pedrina não lhe quisera o filho, e a recusa naturalmente despertaria ciúmes, renovando o interesse de Raul por ela. "Devo ir procurá-lo?" Achou melhor permanecer em casa: morreria de vergonha se o Velho tocasse naquele assunto. Devia estar sofrendo, pensando no que fazer agora.

A tarde, entretanto, não corria: o sol parado, empalidecendo o azul do céu; os canários em silêncio, nas gaiolas de buriti; os ponteiros do relógio a se arrastar – em tudo uma sensação de ermo, cansaço, abandono. Imóvel na rede da varanda, Amparo ouvia os menores movimentos da rua: um homem que passa a vender lenha, a voz de um menino empinando

Digitalizado com CamScanner

papagaio, um som indistinto que o vento carrega. Seu pai dorme, pelo menos não se mexe no quarto. Etelvina foi à loja comprar açúcar. E a cozinheira bate com a urupemba, separando as escolhas, o milho para o cuscuz da manhã seguinte.

Aos poucos invadiu-a a sonolência. Fechou os olhos, procurando não pensar. Que bom se pudesse esquecer, dormindo! "Adormeço e quando acordar tudo bem de novo: Dulce já em Teresina, aquela sem-vergonha fora de Oeiras, Raul dedicando-me todo o carinho deste mundo..." Bocejou. Alguém pisa de leve no corredor: Raul! Não, ainda não era ele. Quiçá nem viesse vê-la hoje. "Que direi quando entrar? Oh, Raulzinho, sou tão sem sorte!" Abraçá-lo-ia chorando.

– Ah, meu Deus! – suspirou.

Etelvina acercou-se dela, para saber o que carecia.

– A senhora anda que nem rolinha quando é presa... Vive tão abafada!

Normalmente Amparo não lhe daria confiança. Mas nessa tarde não se conteve e desabafou:

– Uma desgraça, Etelvina. Estou cheia, não agüento. Quando tudo parecia correr tão bem, acontece aquilo. Não sei... Me sinto confusa, com a cabeça fervendo.

– Vou trazer um copo d'água com açúcar. É calmante.

Amparo sorriu tristonha:

– Calma não é tudo: não move o tempo – Mordeu os lábios com a vista nas flores que decoravam o peitoril da varanda. – Se eu adivinho, teria evitado.

– E a senhora deixava seu Raul?

– Não. Mas impedia Pedrina de se aproximar dele. Pelo menos abria os olhos dela.

Etelvina pediu licença e se afastou. Era pobre, e como a filha do sacristão tinha sido tentada a perder-se. Vivia então em Simplício Mendes, com os pais. Um dia conhecera um homem que trabalhava numa bodega e respondia pelo nome de Quincas. Simpático como ele só, atencioso, com jeito de quem queria casar. "Vancê gosta aqui do moreno?" Disse-lhe que sim. "Então venha se deitar esta noite comigo. Depois nós casamos..." Estaria doido? Ele a agarrara. Que susto! A valença fora uma mulher que ia com a trouxa para a fonte.

Digitalizado com CamScanner

– Beba – disse Etelvina para a patroa, após voltar com o copo. Sei o que é cegar por um homem, querer todo o tempo os braços dele. Já tive uma loucura assim.

Amparo olhou-a de viés. Etelvina enrubesceu:

– Mas não caí. Pedrina é que errou: tá pagando agora.

– Bem, vou dormir. Deixe-me.

Mal a copeira se ausentou, Amparo cobriu-se com a varanda da rede. Oculta assim de todos, era como se não conhecesse o que se passava ao redor. Mas quanto mais se escondia, mais Pedrina lhe dominava a imaginação, em tempo de enlouquecê-la.

•••

Enfim veio chegando a noite, e com esta maior inquietação. Amparo, que desde as onze horas queria ver Raul, passou a preocupar-se justamente com esse encontro. Antes desejava inquirir seus sentimentos a respeito da amante; agora sofria crente de que, sensibilizado com a morte do filho de Pedrina, Raul a amaria de todo o coração.

"E Dulce é que está reconciliando os dois. Que infiel!"

– O quê? – interrogou o juiz, ao sentar na sua cadeira de balanço. Não ouvi bem.

A jovem sobressaltou-se:

– ("Devo ter dito alguma cousa em voz alta".) Não, não falei. Estava pensando apenas.

– Ah, sim – fez o magistrado, retomando a leitura dos *Sermões* de Vieira. (Sentia necessidade de conforto íntimo.)

Ela continuou voltada para seus pensamentos. "Raul virá romper hoje. Horrível para mim. Que não irão dizer? Foi castigo!, chega estou ouvindo. E eu não posso suportar, não posso, santo Deus!" Desmanchou-se em lágrimas.

– Eu não posso... já não agüento, paizinho! – exclamou, atirando-se aos braços do juiz. Ajuda-me!

O Dr. João Mendes acariciou-lhe os cabelos. Também sofria, e quanto!

– Acalma-te, que nem tudo está perdido.

Digitalizado com CamScanner

Amparo desprendeu-se e fitou-o com os olhos vermelhos:

– Isso mesmo disseste da outra vez: lembras? No entanto já antevejo o fim... – Pôs-se a soluçar.

– Minha filha!

– É tudo o que sabes dizer? – observou ela, em tom de lamúria. Até para os estranhos tens palavras bondosas, mas para mim? *Minha filha!* Minha filha não consola.

O juiz ficou bem magoado com o queixume. Outrora experimentara essa mesma sensação. Fora nos últimos instantes de Albertina. A pobre padecia dores cruciais, com uma úlcera no estômago, e olhava-o apreensiva pela sorte de Amparinho. Era preciso confortá-la, dizer-lhe que velaria pela menina. "Dá-lhe o amor que só raramente me deste". E ele, nada! Nenhuma ternura, nenhum consolo, nenhuma promessa. Deixara a esposa morrer na mais terrível das dúvidas.

– Reza, Amparinho... Já pensaste nisso?

Amparo afastou-se, cobrindo os olhos com as mãos:

– Levei a tarde rezando... Mas não aliviei.

– É porque nunca amaste a Deus verdadeiramente.

Ela deu as costas.

– Se é, a culpa não é minha. Fui criada longe da igreja, apesar de mamãe ser devota. Naquele tempo eras ateu... Chegaste a escrever artigos contra o clero, para os jornais de Teresina.

– Então ousas condenar-me? Tu não amas a Deus porque és egoísta: nada ofereces sem compensação. E Ele não negocia o Seu amor.

– Como sabes ser eloqüente agora! Disseram-me que torturavas mamãe, que a fazias sofrer de propósito. Já compreendo como.

– Cala-te, menina!

O silêncio caiu de novo entre eles, como que os separando na vida. E calados permaneceram até que, assim às oito horas, alguém bateu palmas.

•••

O coração de Amparinho gelou ao ouvir as palmas. Era Raul! Nos primeiros dias, ela também se emocionava – de pura alegria. Agora uma

Digitalizado com CamScanner

sombra de tristeza anuviou-lhe os pensamentos. "Que é que me dirá? Amo-te, apesar de tudo, ou: Chega de fingimentos, Amparo. Enganei-a todo esse tempo, supondo que gostasse de você. Perdoe-me se lhe falo assim, mas é para nosso bem. Depois de casados seria uma tragédia".

– Não vais receber Raul?

Amparo remirou o juiz, com profunda desolação. "O fim!", parecia dizer o olhar. Ela enxugou duas lágrimas furtivas e encaminhou-se em silêncio para a porta, cuidando de ajeitar as pregas do vestido, disfarçadamente. Dessa vez Raul não a observava: devia estar absorto, inquieto com a sorte. Sem dúvida fora antes à casa de D. Odete, ver Pedrina e pedir-lhe desculpas, com promessas de melhores dias. "Ah, meu Deus" – e Amparo suspirou, momentos antes de estender-lhe a mão.

– Boa... Não queres entrar? – perguntou-lhe como de costume, porém num tom que traía forte emoção.

Raul nem a cumprimentou.

– Um só instante – disse ele, com voz arrastada. Hoje quero dormir cedo.

Enquanto entravam para a varanda, Raul perguntou-se o que ali vinha fazer. Ao deixar Pedro de Helena, saíra sem rumo pela cidade, nas ruas desertas e pouco habitadas. Queria entregar-se a seus pensamentos, achar um meio de se libertar da aflição que o invadira desde que a mãe o repreendera com severidade. Ele, que nunca se preocupara com o julgamento dos outros, sentia-se mal agora, não tanto pelo que pudessem imaginar mas por se ter abatido. Não se recordava de outra depressão assim. Era necessário reagir... Como? Indo jogar pôquer com seu Ernesto; gamão com o padre? Divertindo-se com mulheres na pensão da Zefinha?

– Sente-se, Raul – falou o pai de Amparinho, oferecendo-lhe a cadeira de balanço. Um... ("prazer que se renova"). Você nos deixou esperando no Sobrado e não apareceu.

Raul, que sempre recusava o baloiço por educação, preferindo sentar-se na rede, aonde a noiva ia quando a sós, não se fez rogado. Aceitou.

– O Velho me reteve, falando de negócios.

– Vão bem? – inquiriu o magistrado. E sorrindo ante o duplo sentido da pergunta: Quero dizer, D. Nini e o Velho passam bem?

Digitalizado com CamScanner

– Vovô é um doente imaginário.

– Oh! – fez Amparinho, desapontada. Eu vivia crente...

– Pois é – interrompeu Raul, disposto a magoá-la. Em nossa família, poucos são equilibrados. Tia Celina morreu doida; não se recorda?

Percebendo o ânimo agressivo do médico, o Dr. João Mendes desculpou-se que tinha de ler uns autos e saiu para o escritório. Não queria ser testemunha da briga. Sua intervenção poderia piorar tudo. Mas deixou a porta aberta, a fim de ouvir.

– Celina enlouqueceu com o sofrimento... – observou Amparo, abaixando a vista. Eu também, no lugar dela... Horrível perder o amor, Raul. É como a morte... no fundo do poço.

– Às vezes uma tragédia abre-nos os olhos – disse ele, vagamente. Outras julgamos a felicidade inatingível, porém se encontra perto de nós, ao alcance da mão.

Como supusesse que aludia a Pedrina, Amparo comoveu-se em tempo de chorar. Lembrou-se, no entanto, do que D. Nini lhe dissera uma noite acerca das lágrimas: "No primeiro dia, o homem se comove, no segundo fita-nos com suspeita, depois se aborrece".

– De fato, Raul – confirmou, após um minuto de silêncio. Mas não se deve confundir amor com piedade. Este último é um sentimento que desaparece logo, porque, em geral, a moça que é protegida não tem a mínima gratidão.

– Não misture as cousas. Não falei em piedade.

Ela tomou a deixa para lembrar os votos ardentes que lhe fizera pela manhã:

– Quando me abraçaste hoje, senti que era tua e a ninguém mais querias bem. Até me chamaste de tu, tratamento que não sei por que não te agradava. Ah, Raulzinho, como me fizeste feliz naquele instante!

– E já não se sente feliz agora? Acaso a desprezei?

– Não, ainda não me disseste nada.

– Ainda? Espera, então, o fim de tudo?

– Não, Raul – murmurou, com a respiração presa. Imagino que não romperás: essas rusgas passarão. Apenas me pões doida, ora com ternura, ora com indiferença, às vezes até com azedume. Jamais me deixas segura de teu amor, e esta incerteza só me tem amargurado.

Digitalizado com CamScanner

– Julga que é de propósito?

– Como saber o que se passa no teu coração?

Raul não insistiu. Era sua intenção sair logo; não compreendia mesmo o que viera fazer. Poderia ter deixado para outra vez, quando os acontecimentos estivessem meio esquecidos. Amparinho devia estar dando cavaco em razão do aborto, e ele, por seu turno, não tirava o pensamento de Dulce. Queria-a com ardor, agora mais do que nunca. Não lhe permitiria deixar Oeiras: era no Sobrado que ainda ia vê-la, cercada de atenções e carinho. Por ela, seria bem capaz de esquecer o jogo, a vida licenciosa a que se entregara ultimamente.

Olhou para Amparo, e sorriu, ao perceber-lhe o amuo. Os lábios dela comprimiam-se um pouco, os olhos pregados no chão, imóveis como os de um cego. "Estranha, essa menina. Diz que é louca por mim, e não comenta sequer o aborto. Ambição? Na certa receia contrariar-me e por isso finge que ignora tudo. Eu é que não tocarei no assunto. Mas bem que eu preferia vê-la zangada, ou queixosa... Pelo menos me daria a impressão de que tem vértebras".

– Por que essa tristeza, Raul? – perguntou a rapariga, nervosa com o silêncio dele. (Como das outras vezes, ela tomava a iniciativa da reaproximação.)

O médico fez um muxoxo:

– Eu, triste? Estou é cansado... de tudo.

Amparo angustiou-se mais ainda. Raul confessava agora que já não lhe queria bem.

– Até de mim?

– Se eu estivesse cansado de você, não viria à sua casa.

– Creio no que dizes – observou a jovem, sem a mínima convicção. Mas procedes como se fosse eu a causa de tudo... Por favor, eu te peço, não me culpes. – E em lágrimas: Se soubesse, juro que teria evitado... (Calou-se, para engolir os soluços.)

– Evitado?

Raul queria que ela falasse em Pedrina: desabafando, era possível que se entendessem logo.

– De te amar assim loucamente – concluiu Amparo, cobrindo o rosto com as mãos.

Digitalizado com CamScanner

– Se está arrependida do amor que me tem, há um recurso: acabar. É simples. (Raul ergueu-se para sair.) Não posso casar-me com quem não me ama.

Compreendendo todo o significado dessa declaração, Amparo correu a abraçar o noivo, chorosa:

– Não, Raul! Assim tu me matas. Não me abandones.

Ele a afastou, para fitá-la nos olhos.

– Não estava arrependida? – indagou sardônico.

– Foi sem querer, Raul. Não me arrependo. Estou é confusa. Passei a tarde sentindo palpitações, tonturas. – E após controlar-se: Perdoa-me, Raulzinho. Eu te amarei sempre – disse, tomando as mãos dele entre as suas.

Raul desprendeu-se bruscamente, e saiu sem uma palavra. Tão surpreendida ficou Amparinho, que permaneceu imóvel, vendo a imagem dele apagar-se aos poucos. Uma névoa cobriu-lhe os olhos, e quando ela se deu conta o noivo já se achava na rua, a alguns passos da porta.

– Raulzinho... – gritou-lhe, com a voz engasgada.

Correu a segui-lo, mas alguém a deteve no corredor.

– Deixa-o ir. Com o tempo ele volta.

Amparinho olhou para o pai, e não o reconheceu. É que toda a sua mente estava possuída pela idéia de que Raul a abandonava – para sempre.

•••

Digitalizado com CamScanner

RIO SUBTERRÂNEO

Digitalizado com CamScanner

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito.
CAMÕES

Digitalizado com CamScanner

LIMBO

Nada distraía a atenção de Lucínio, preso, há dias, na doença do pai. Era doloroso suportar o afastamento: saber que o velho sofria, escutar-lhe os resmungos noite afora, ouvir sua respiração desde o corredor – e não poder fitá-lo nos olhos indormidos.

Muitas vezes, detendo-se ante a alcova, mal continha o impulso de entreabrir a porta, se não para entrar, ao menos disposto a revê-lo. Lá dentro, zonzo de angústia ou em delírio, José febricitava, sob a vigilância da mulher, que o assiste em tudo e quase nunca o deixa só.

"Por que papai evita minha presença?" Lucínio não compreendia. A mais ninguém José detestava nas crises; somente por ele é que se trancava naquela solidão enfermiça, como se vê-lo fosse causa de novos sofrimentos. "Entretanto, sinto que não me odeia. Bom, é louco por mim".

Imerso nesses pensamentos, o jovem afastou-se da quinta e desceu o barranco à beira-rio, coberto de jitiranas, detritos das enchentes e espumas que as ondas traziam num baque surdo, profundo. A correnteza impetuosa era um convite à loucura: arrastava a imaginação remoinho adentro, com um rumor de vozes abafadas, atraindo o espectador desprevenido para a morte. Lucínio arrepiou-se, recuando a tempo. De novo, o pai: sua alienação fazia-o padecer, aguçando-lhe a vontade de substituir a mãe nos desvelos, em especial nas noites frias de inverno.

Nessa tarde escura, cor de cinza, a atmosfera parecia fechar-se, impregnando-lhe os sentimentos, já desolados, dos tons soturnos da natureza. O vento gelado feria-lhe o rosto, zunindo nos coqueirais e vergando as mangueiras pendentes de frutos. O céu enegrecido por densas nuvens prenunciava desespero: o pai aos gritos, a mãe querendo acalmá-lo em vão, e ele impotente diante dessa tortura, a reprimir a dor em silêncio. "Basta de chuva!"

Um apito prolongado desviou-lhe os olhos para a ponte. O trem se aproximava, despedindo fagulhas pela chaminé abrasadora, a estremecer

Digitalizado com CamScanner

o chão em volta, ao compasso de seu trepidante movimento. A fumaça branca subia aos poucos, num vivo contraste com as nuvens cinzentas e as águas vermelhas do rio, onde um vareiro ainda jovem lutava contra a força da correnteza, tentando descobrir um porto seguro para a balsa.

O Parnaíba há muito transbordara do leito, submergindo as coroas que se formavam ao longo do curso, nos meses de estio. Engrossado pelos afluentes e pelo aguaceiro constante que despencava, fora alagando os baixios, desfazendo roças, subindo ribanceiras, até se tornar indômito. Já fizera duas vítimas, que engolfara no turbilhão, à vista dos canoeiros assustados.

Porém a fase aguda ia passando. O volume reduzia-se lentamente, permitindo que um lençol de lama e sujeira amortalhasse os capins submersos e os arbustos desgalhados, que resistiam assim à erosão do solo e à voragem da torrente. Um martim-pescador correu ao nível das águas, e voou para o céu. No outro lado do rio, morcegos ondulavam aos bandos, por sobre o arvoredo do bosque e o campanário da matriz.

Logo mais, a noite. Lucínio estremeceu só em pensar na insônia que iria sofrer, contendo-se ante a porta do quarto, enquanto a chuva amorteceria as imprecações do pai doente. Até sua mãe se ocultava dele nos últimos dias. Quisera arrancar-lhe uma confissão, e não pôde. Marieta ouvira-o reservada, a roer as unhas, os olhos fitos num ponto longínquo. Nunca ele desvendara o mistério que envolvia essas criaturas estranhas, que vinham emagrecendo com o passar dos meses, como se uma chama interior lhes devorasse as energias.

E não apenas o corpo que definhava. Também o espírito. Distante era o tempo em que sua mãe, alegre e cheia de vigor, enchia a casa com a ruidosa presença, a tomar conta do sítio, de ânimo forte. Hoje está envelhecida, meio absorta, com uma expressão dura no olhar. Não se importa com o asseio, deixando essa parte sob a vigilância de Odete, que ainda não sabe impor-se às empregadas e, por sua vez, não é muito zelosa, preferindo subir na cerca, perto dos umbus, a ter de empunhar uma vassoura.

Sua irmã tinha o corpo adolescente e a impulsividade de uma menina. Por falta de assistência materna, crescia solta à beira do rio, voluntariosa, brigando com os moleques e os granjeiros vizinhos, de todo

Digitalizado com CamScanner

alheia ao drama que amargurava a família. A mãe queria protegê-la contra tais dissabores, e por isso sempre a conservava longe da quinta, durante as crises. Agora mesmo Odete se encontra em viagem com Dulce, tia velha que a estima e em cuja residência ela costuma passar semanas inteiras.

Ah, se Lucínio pudesse apagar a frustração da consciência! A fuga já não lhe parece covardia: nada pode fazer para minorar as angústias do velho, diminuir-lhe a tortura das noites agitadas. No entanto ele não se esquece um só minuto de que sua própria vida refletirá eternamente esse drama doméstico. "Admirável, saber que o destino de um homem sofre as repercussões de existências alheias". Poderia falar assim? Existiria ele divorciado dos seus, de sua essência íntima, como uma árvore sem raízes?

"O que não devo é pensar", refletiu, verificando com surpresa que se distanciara do sítio, estando próximo de Timon. O frio era mais intenso e o céu mais negro. O vento trazia as primeiras bagas de chuva – violentas como pedras. Gentes que vinham da capital, após o labor, saíam ligeiro dos botes e das lanchas, e procuravam abrigo nas bodegas, ou debandavam em correria rua acima, na esperança de ir ter em casa antes que a tempestade caísse.

•••

A água era medonha, descendo pelas biqueiras da mercearia como pequenos córregos encachoeirados. Telhas partiam-se ante o ímpeto da chuva, e a todo momento um clarão rasgava a noite, fazendo estremecer a terra após um ribombar ensurdecedor. As mangueiras do quintal retorciam-se ao sopro do vento, que chiava nas copas e por entre os ramos desfolhados, pendentes pelo aguaceiro.

– Santo Deus! – exclamou alguém.

A vela apagara-se. Assim no escuro, sem se verem, aumentava a sensação de esmagamento e fraqueza que a todos possuía, e se acentuava, de modo estranho, a cada novo relâmpago, especialmente se vinha depois de um estampido mais forte, do raio que se desprende e endoidece.

Digitalizado com CamScanner

O quitandeiro a custo reacendeu a estearina: o fósforo estava úmido, e a ventania, entrando pelas frestas das portas, respingava tudo. Lucínio ofereceu-se para segurar a vela, protegendo-a com as mãos frias. A chama, menos incerta agora, aos poucos o aquecia, restituindo-lhe a serenidade que perdera, ao sentir-se sob a chuva, no pequeno porto de Timon.

– Ninguém contava com esta – disse-lhe um ancião, que não tinha com quem conversar. Veio tão de repente...

– Sim – fez o rapaz, sem interesse no diálogo.

O velho aproximou-se mais, perguntando-lhe se era de Sergipe. Como resposta, Lucínio analisou sua fisionomia fechada, cheia de rugas, com um traço de sofrimento nos olhos amortecidos.

– Você se parece com um moço que eu conheci em Aracaju. – Vendo compreensão no olhar do jovem, ele continuou: A gente sai de casa só para sofrer. É sempre assim...

Lucínio não soube o que dizer. O pobre homem devia viver amargurado, para aquela confissão. Mas a dor alheia não o sensibilizava, a ele que também era infeliz. Há alguns anos, sem ter ainda na consciência o drama que enredava todos os seus, encontraria palavras de consolo para o estranho. Agora preferia o silêncio, no receio de que o desalento do velho lhe despertasse novas emoções acabrunhadoras.

– Afinando um pouco. A tempestade não dura... – disse um vareiro, acendendo o cigarro.

O quitandeiro arrumou o trocado na gaveta sob o balcão e acenou em negativa:

– Qual! A noite inteirinha vai chover.

– Mas não grossa assim.

– Menos mal – interveio a mulher de branco, após um vermute. Outra chuvarada desta, e o rio engrossa como em '26. O senhor se alembra?

– Eu era menino nesse tempo... – disse o canoeiro, sorrindo. Quem pode saber é aqui seu Manoel.

Lucínio olhou para a mulher e só a custo conteve a vontade de rir. Os anos envelheceram-na, porém ela resistia, cobrindo a idade a pó e ruge.

– Foi uma enchente dos diabos – recordou o dono da mercearia. Ainda estou por ver uma igual.

Digitalizado com CamScanner

– Qualquer ano desses teremos outro inverno assim. E é pena, porque o rio incha e arrasa tudo, deixando só doença e fome. Horrível!

O vareiro observou a meretriz com olhos de espanto. A chuva serenava. Já se ouviam vozes de pessoas na rua, e a porta, entreabrindo-se, mostrou a escuridão, em que luziam alguns focos, embaciados, trêmulos, mal conseguindo romper o negrume circundante. O vento amainara um pouco e vinha agora com um cheiro de folhas sumarentas esmagadas, de terra limpa, de pano ao coradouro.

Lucínio, vendo a noite, dirigiu-se para fora. Era preciso voltar à quinta, antes que a chuva viesse a engrossar novamente.

•••

Parou junto à roça de milho, à espera de outro relâmpago. O terreno fendia-se na beira do caminho, ameaçando desmoronar-se. E o rio furioso precipitava-se à direita, quase invisível no escuro; dele era o ronco, e ameaçador o vai-e-vem das ondas que se formavam perto.

Um trovão irado rebentou no horizonte. Apenas aí compreendeu Lucínio que a chuva não cessaria logo. Todo o céu estava envolto de nuvens cinzentas e fecundas, prontas a despejar. Nenhuma estrela; nenhuma esperança. Só a noite impenetrável e densa. Figuras sombrias ao lado – espectros de troncos, de galhos e folhas e frutos agitando-se no espesso véu das águas. Um pensamento escapou-lhe do fundo da memória: a vigília. Assustadora, a certeza de que aquela porta nunca se abriria, enquanto o pai estivesse doente.

Água escorre pelos cabelos e pela camisa pregada no corpo. Os pés deslizam no chão lamacento; arbustos açoitam-lhes as pernas. Um sapo mostra-se indiferente à carreira; outros coaxam alhures, cavernosos, fúnebres. Ali o muro; o arame farpado da cerca de sua quinta, a cancela que range. Lucínio detém-se agora. Há luz na janela da alcova: tênue, bruxuleante. Ela se filtra por entre as rótulas e vem ao jardim derramar-se sobre as açucenas. Como estariam os velhos? Tudo silencioso. Só o breve peneirar da chuva; o sopro do vento na copa das árvores; o longo clamor do rio soluçante.

Digitalizado com CamScanner

A aléia afunda-se na lama. O ar recende a seiva: mangas apodrecidas, olor de goiabas maduras, perfume de bogarins na latada próxima do alpendre. Um vulto move-se na penumbra: as alvas presas aparecem no arreganho, que logo se desfaz. Buque reconhece o dono e tenta lamber-lhe as mãos, à subida do batente. Lucínio afaga-o, num gesto mecânico. Nenhuma voz, nenhum ranger de armador, nenhum ruído familiar. O silêncio oprime-lhe o coração, pegajoso, úmido.

Sob a porta encostada, uma tira de luz. Há gente na sala, percebe-o agora. Não que ouvisse nada: apenas o cachorro se anima; a casa não desperta. Entretanto Lucínio sente que não está só: uma pessoa espera-o do outro lado, talvez segura no trinco. Essa presença estranha perturba-o. O corpo frio, onde a água ainda escorre, enregela-se. Alguém o aguarda. Impossível desconhecê-lo. É seu pai, que o chama. "Lucínio, meu filho".

Empurra a porta, sem se conter. Uma força impele seu braço. Carabina, frutas, um faisão morto. A tela antiga: "Natureza-morta". Ao lado, a cristaleira: copos e taças de vidro, licores e vinhos diversos, um paliteiro de prata, em forma de abacaxi. No centro da sala, a mesa recém-posta, com a terrina fumegante no meio. Sentada de costas, sua mãe faz tricô, como sempre tão distraída que se esqueceu de altear a chama do candeeiro. Era tudo: ele não pode deixar de sorrir – nervosamente.

D. Marieta vira-se, o rosto assustado:

– É você, Lucínio? Eu já estava aflita com sua ausência. Viu que temporal? Noite terrível.

A um só tempo ambos fitam a alcova. A porta continua fechada; nenhum movimento na rede. A luz amortecida coa-se pelas frestas, brilhando no vime das cadeiras recém-polidas, sobre as quais também se projeta a sombra da terrina. Ele se demora em observar aquele recanto; o claro-escuro deslumbra-o, absorve-o. Sua mãe percebe a inquietação desse olhar, e remira-o com tristeza. Era formoso o seu rapaz! O queixo firme, com uma covinha no centro, os lábios finos, o nariz bem proporcionado, os olhos de um castanho vivo, a testa...

– Nesse estado, Lucínio? – perguntou, aborrecida com o desleixo. Troque de roupa e venha jantar.

Digitalizado com CamScanner

O jovem passou a mão nos cabelos molhados, caídos pela chuva, e espirrou. Sapatos cobertos de lama; sujas as calças, com um rasgão no joelho; a camisa transparente sobre a pele – tudo encharcado, e frio. O corpo repele esse contato, quer roupa quente e limpa. Estranho que apenas agora se apercebesse disso. Lucínio se afasta rumo a seu dormitório, que fica no corredor, perto da cozinha.

– Não se demore, que a sopa esfria.

A voz da mãe é aguda, quase histérica. E ele se sente mal.

•••

No alpendre dos fundos, a cozinheira bate a paçoca no pilão, compassadamente, enquanto a gordura ferve e estala na frigideira, e a lenha nova crepita no fogão. A fumaça, como nuvens róseas, dança ao sopro do vento, e traz até o corredor o cheiro de resinas, essências e perfumes da floresta distante, que a madeira ainda conserva e se desprendem de súbito, libertados pelo fogo.

Lucínio detém-se à porta do quarto, ébrio pela magia das sombras que o envolvem. Ruídos estranhos dominam a noite: chuva no telhado, biqueiras caindo na pedra, fora das latas; ressonâncias de folhas que se agitam, de porcos que grunhem, pios de aves agourentas, soluços perdidos (quem chora?); cabeças-de-cuia que gemem à flor das águas inquietas – assombrações do rio. Cores nostálgicas adormecem a retina, e se acinzentam, e logo se embranquecem como o gelo, dando-lhe sentimentos frios, de solidão e esquecimento.

Ele está só no mundo, abandonado em si mesmo. Tudo é branco agora. De longe, do alto talvez, vem uma luz, tênue, esgarçada, amarela ou rósea, já não se lembra. Procura mover-se e não encontra apoio em nada. Suas mãos, seu corpo flutua, sem peso, ou é arrastado para o fundo, onde a luz escasseia e o frio aumenta. Alguma cousa segura-o, comprime-lhe o peito. Foge-lhe o ar, em bolhas. Afogamento? É levado para cima, quase à força.

– Lucínio, não se demore, meu filho.

A voz ressoa longe, pura, nervosa, única a romper o silêncio. Sons familiares, da cozinheira que frita ovos, se fazem presentes, ainda cheios

Digitalizado com CamScanner

de mistério. Lucínio respira afinal, trêmulo e medroso. Quantos minutos permaneceu ali? Por que tinha o rosto quente, os pés e as mãos gelados? Febre! Desconfia que sim. Da outra vez o desfalecimento terminara por adoecê-lo. "Algo esquisito. Já não fumo e a tontura persiste. Mas pode ser fome". Inútil acreditar.

No dormitório concentra-se a escuridão. Não havia luz elétrica, faz uma semana. Lucínio não tem fósforo, e não procura acender a vela sobre a cômoda. Foi desabotoando a camisa, desfazendo-se das calças, das meias sujas de lama. Atirou-se à rede assim, com os músculos relaxados, abandonando-se e a seu corpo inerte. Deixassem-no sozinho. Não queria pensar; não quer. Sente-se morrer.

A chuva engrossa de novo e respinga as vidraças das janelas, aonde vêm bater as folhas de um arbusto que se agita no quintal. Um clarão ilumina as rótulas: fios d'água deslizam em silêncio; gotas límpidas caem.

– Lucínio!

Ele volve o rosto, assustado. É o vulto da mãe que se aproxima. Instintivamente, cobre-se com as varandas da rede; não quer ser visto nu. Pede-lhe que se afaste; espere no corredor, que irá logo em seguida. D. Marieta regressa à sala.

A insistência dela em vê-lo inquieta-o. Quantas vezes não tem jantado sozinho! Odete passando o dia com Dulce; a mãe na alcova (ou no túmulo?); as empregadas fugindo da presença dele, ocultas atrás das portas, aos cochichos. Por que sua velha o procura agora? Aconteceu alguma cousa, para que ela sinta necessidade de sua companhia?

Algo terrível, cujo segredo começa a torturá-la?

•••

Lucínio acorreu à sala.

Sua mãe, ao vê-lo empalidecido, assustou-se. O olhar dele perturba-a, reavivando-lhe antigos pressentimentos: angústia e desolação. Ei-lo que volta menino, a esconder-se de todos, sempre fugidio e ensimesmado. Em vão ela procura atraí-lo, fazê-lo brincar com os outros. Lucínio recusa o apelo: gosta é da solidão e do silêncio.

Digitalizado com CamScanner

De manhã bem cedo, antes do café com beiju, ele foge para o quintal, ocultando-se sob uma das mangueiras novas, cujas folhas mais tenras servem de almofada. Ali tem seu ninho; ali enterra os brinquedos, em caixas de papelão. Ninguém o interrompa: grita e chora. Luz tênue às vezes lhe atravessa a retina e no entanto parece não sentir nada, o corpo imóvel, as mãos recaídas sobre as petecas (azuis) que se empilham no capim.

Outros instantes desce para o rio e se põe a mirá-lo, sem um gesto, horas perdidas. A sua sombra ondula-se, projeta-se e se agiganta no leito onde a noite se estende para dormir. Flores da cajarana que se ergue defronte do sítio caem em seus cabelos; libélulas detêm-se ante seus olhos, em vôo quase imperceptível, dominadas pelo estranho fulgor; muriçocas afinam a cantilena ao redor do ouvido – sem que ele pressinta nada.

É numa postura assim, fechado em si mesmo, que Dulce o encontra naquela tarde de abril. O sol esgueira-se por entre as árvores e esmorece em flocos de luz: para quem atravessou o rio num bote, sem proteção contra o rebrilho das águas, a quinta aparenta um bosque sombrio e úmido, onde não murmura o vento. Pássaros não gorjeiam; nem se ouvem os ruídos inextrincáveis que perambulam nas florestas. Tudo é silente e frio.

Dulce ainda vem deslumbrada, no seu vestido rosa vaporoso, a abanar-se com o leque madrileno. Nisso vê o sobrinho. Ele está com a roupa azul de marinheiro, de cócoras sob a latada do alpendre. Os cabelos grandes caem, lisos, na testa enrugada. Que o preocupa? (Pára e observa). Os olhos dele fitam dentro do canteiro de rosas La France, com uma alegria selvagem, um quê de mórbido. E a boca, meu Deus! Abre-se num sorriso repugnante e debochado, como se num gozo perverso.

A tia recua, cheia de pasmo. Um medo aviltante apossa-se dela, a paralisar-lhe os movimentos. Mas, assim como veio, inapelável e súbito, o horror desaparece sem deixar vestígio, exceto a palidez do rosto, que logo se esvai, e um tremor nas pernas, que dura algum tempo. Ela se recompõe, disposta a enfrentar o sortilégio. Diz a si mesma: "Lucínio é apenas uma criança", embora lhe inspire secretos receios quando a procura, nos dias em que se encontra sozinha em casa.

Digitalizado com CamScanner

Sem se fazer notar, aproxima-se do garoto pelas costas. A sua imobilidade seria absoluta, não fosse a respiração ansiosa que lhe agita o corpo magro e ossudo. A mão direita parece tocar em alguma cousa no estrume, algo que Dulce não percebe, pois a cabeça do sobrinho lhe toma a vista. Um passo na terra fofa – e eis que solta um grito agudo, estridente, não sufocado na garganta. Ao pé da roseira, há uma coleção de lagartas, insetos e rãs mortos, alguns já ressequidos, outros apodrecendo. Naquele instante, Lucínio acariciava a pele de um rato seco, em cujo rosto havia coágulos de sangue.

Arrancado à força do devaneio, o menino olha para a tia com uma expressão que a deixa abalada. A boca treme, lívida, e a espuma borbulha nos cantos. Os olhos quase se fecham, como se doloridos; a pouca luz que há neles é envenenada pelo ódio. Por segundos Dulce tem a impressão de que ele vai assaltá-la, para feri-la nos seios com as unhas, enquanto a ofenderia com nomes chulos que ainda hoje a fazem enrubescer. E entre os apodos, o supremo insulto: "Velha!"

Na sala Marieta ouve o grito, abandona as costuras e vem ao quintal. Não imagina o que acontece, e nem por isso está menos nervosa. Há dias, que se assusta à toa: José lhe queima a paciência; irrita-a com suas implicâncias; leva-a, nos delírios, a sofrer e a chorar. Tudo a exaspera agora.

Ante Dulce paralisada, em dolorosa expectativa, e o menino ameaçador e soturno, com o sorriso bestial dos idiotas, ela se sente fraquejar. E se ajoelha aos pés do filho, e o abraça chorando, abatida por mais essa desgraça.

•••

Ele continuou fitando D. Marieta, mas a fisionomia já não era preocupada. Vendo-a ansiosa, em lágrimas, seu coração se apiedou, e uma ternura mansa desliza agora em seu olhar.

– Que atormenta a senhora, mamãe? – interrogou, a voz não inteiramente tranqüila. Alguma cousa com papai? – E terno, a alisar-lhe os cabelos: Diga, sofreremos juntos.

Digitalizado com CamScanner

Ainda sob a evocação daquela tarde de abril, D. Marieta observou que não; ia tudo bem. Em seguida procurou controlar-se, pondo o tricô na cadeira mais próxima, como quem afasta uma idéia ruim:

– Seu pai melhorando. Receio apenas que a chuva... (Esta parecia serenar: as biqueiras já caíam na calçada, longe dos tonéis e das latas cheias). Olhe, a sopa esfria. Vamos jantar.

Sentaram à mesa, um em frente do outro. A luz do candeeiro batia no rosto dela, acentuando as rugas da testa e ao redor da boca. Era muito jovem ainda, pensou, analisando-se no espelho que decora a sala, e já se sentia mais velha do que Dulce. Ah, esta sim, uma criatura feliz: não se casara.

– É verdade que tia Dulce nunca namorou?

A senhora deixou a colher cair dentro da terrina, intrigada com a coincidência. Pensava na irmã, e lá vinha o filho falar nela. Não sabia por que o nome de Dulce lhes ocorria à lembrança.

– Deixe de histórias, Lucínio. Onde você ouviu?

– Odete que me contou.

– Essa menina está impossível. Vou lhe queimar a língua com ovo quente, logo que regresse.

Lucínio sorriu da ameaça: tinha um quê de cômico.

– Ah, ia-me esquecendo – disse D. Marieta, olhando para cima do bufê, onde havia um envelope. Glorinha me escreveu perguntando se posso receber Helena. Está ficando moça e vem cursar o científico. Que é que você acha?

Não era costume dela pedir-lhe opinião. Apenas o fazia quando insegura e nervosa.

– Ela não vai querer. Há muita solidão aqui na quinta. Talvez fosse melhor ir morar em Teresina, com tia Dulce. Pelo menos não atravessará o rio todas as manhãs.

– Sim, eu sei. Mas prefiro tê-la perto de mim. Ser-nos-á útil. Além disso, é sua prometida: não fala senão em casar-se com você.

– Ora mamãe. Isso foi há anos. Éramos meninos, e eu nem me lembro dela. Aliás, a única recordação que guardo de minha permanência em Oeiras é do sobrado em que vivi uns tempos. Quantas semanas foram mesmo?

Digitalizado com CamScanner

– Um ano, acho que sim. Já não me recordo direito. Que lhe interessa o passado? ("Agora você está bem").

– Minha memória falha sempre. Não consigo lembrar-me da infância. Estive doente; não? – e ele fitou de relance a porta da alcova, que o vento abrira.

D. Marieta levantou-se depressa e puxou o trinco, com delicadeza. Lucínio mal pôde ver as mãos do pai, enormes e duras, a segurar a corda com que dia e noite se embala na rede. Tudo em silêncio: talvez durma. Ou estará pensando, pensando?

– Você andou abatido, é só – disse a mãe, ao sentar-se novamente, sem encará-lo. Levou um ano em Oeiras, até engordou cinco... não, seis quilos. Voltou uma bola, corado que fazia gosto. – Remira-o com desânimo: Agora anda pálido de novo. Não vá adoecer, meu filho.

– Assim *como ele*?

A mãe censurou-o, enquanto regulava o candeeiro, para que desse mais luz.

– Que despropósito, menino! Sabe de uma cousa? Você devia era casar- se logo. E vai ser com sua prima Helena. Ajeitarei tudo: deixe estar.

– Nunca me casarei, mamãe – replicou o jovem, com o pensamento em Afonsina, sua namorada. As mulheres são hipócritas.

•••

Após a janta, a copeira levou os talheres e os pratos, e tornou a cobrir a mesa com a toalha de linho. Mãe e filho permaneceram sentados, olhando-se em silêncio. Nada tinham a dizer. O assunto que a ambos interessava (a doença de José) doía-lhes na lembrança; não tocavam nele, para que não se abrisse sob os pés o alçapão da angústia. Sentiam-se bem, com o estômago cheio, e tinham o natural egoísmo de quem se quer poupar de novos sofrimentos.

A chuva, até há instantes serena, voltou a castigar as telhas. Logo mais não se ouviam os pingos a esparramar-se pela noite adentro, e sim o rumor confuso do aguaceiro que se despenha, implacável e irritante. O

Digitalizado com CamScanner

vento precipitou-se pelo quarto de Lucínio, e perambula nos corredores, batendo as portas com estardalhaço. D. Marieta, temerosa pela saúde do marido, lança-se para a alcova, na qual se fecha resoluta. Vêm de lá um gemido forte e o murmúrio de uma queixa.

Mais Lucínio não ouviu, porque sua consciência o obrigou a recolher-se, com tempo, ainda, de segurar as bandas da janela, que se iam arremessar de novo contra a parede. A lufada zune em seus ouvidos e lhe sufoca a garganta. Mas tudo voltou a ser como dantes, muito quieto, embora a chuva, desnorteada pela ventania, açoite os pés de manga (caem as frutas uma a uma) e destelhe o galpão perto da cozinha, onde fica o depósito de lenha.

Que lhe adiantam agora os ruídos da tempestade? Os resmungos do velho são cada vez mais fortes. Escuta-os com nitidez, apesar da distância que o separa da alcova. Mesmo assim não entende essas maldições que seu pai solta contra a noite, febril, diante da rede em que a mulher vigia e ora. Suas palavras não têm nexo; assumem às vezes formas estranhas: babel de sons guturais, ininteligíveis. Como estará sua mãe em frente ao delírio? Calma, entregue à resignação, ou atormentada até o desespero? Oh, não convém pensar nisso, senão ele próprio adoece, a exemplo de Joana. Sabe que não pode dar jeito, e é sua impotência que o aflige. Melhor recordar, prender-se a lembranças; elas aliviam as dores da hora presente. Contudo, para onde fugiu o seu passado? Onde o esconderam? Todo o mundo guarda, com carinho, as boas recordações, que as más o tempo se encarrega de reviver. Só Lucínio não tem nenhuma: é um jovem sem infância, sem raízes, sem nada. Sempre que faz um esforço de memória, não consegue ir além do sobrado de D. Filomena, como se tudo se resumisse naquela manhã em que nele penetrou sozinho. Joana! Como o persegue esse fantasma. Ainda não era nascido, quando a pobre endoidou. Parece-lhe que a vê agora, de chambre e de cabelos soltos, recomendando cuidado ao filho que se dispõe a matar a cobra-preta, que de noite fazia a ronda pelo telhado. O menino tem nove anos: não conheceu o pai, morto à traição, num bosque perto de Oeiras. A casa é numa fazenda velha, distante de tudo. Impossível chamar um médico; e inútil o socorro: não chegaria a tempo. Ele se despede da mãe, a sorrir,

Digitalizado com CamScanner

armado com uma tranca de ferro. Joana ajoelha-se diante do oratório, reza em meio a uma angústia crescente, incontrolável. Anseia pela volta do filho e sofre pressentimentos funestos, deixando-se empolgar por eles. A *cascavel* enrosca-se na barra e desce vertiginosamente – sobre o menino. Joana tudo vê e o horror lhe petrifica os olhos: dá-lhe a transparência dos lagos tranqüilos e profundos. Até hoje não sabe se o filho morreu; nem sequer o olhou quando, na volta, lhe veio mostrar o ferro sujo de sangue da cobra-preta. Lucínio não era *nada*, e como se lembra! Estranho. Que força reside nessas histórias de que nunca participamos, e nos seguem pela vida, como uma parte de nosso ser? Joana, ao invés de morta, desliza ainda no sobrado de D. Filomena, sem consolo para o seu abominável desespero, ignorando tudo o que se passa no mundo, até mesmo que o filho a oculta de propósito, no ermo de uma ala sombria. Nem ela própria cuida que está sozinha: os dias lhe são indiferentes. Enquanto isso, outras criaturas... Deve existir algo, uma lei, um princípio sobrenadando no fundo de nossas fraquezas; uma harmonia misteriosa, que leva à desgraça por nadinhas pessoas absolutamente sãs, e lhes poupa a vida anos afora. E se pergunta: para quê? Somente para que desesperem, embrutecidas, presas de todas as aflições, a testemunhar a miséria, a extrema pequenez de nossa condição humana? Ah, esses resmungos que vêm da alcova, essas pragas que se alternam com gemidos, e doem tanto!, já não o assustam, comparados com o eterno silêncio de Joana, ainda tão cheio de presságio. Essa avó de Helena, pequenina e frágil, dantes meiga, agora parece que o convida a entrar outra vez no sobrado, tal como naquela manhã feita de sol e nuvens.

•••

O sobrado, ao amanhecer, vem recoberto de nuvens brancas, e não tarda a abrir as portas para Lucínio. A quem oferece um vestíbulo estreito e nu, por onde se enrosca a escada. As paredes brilham na penumbra, alvas e leitosas: pedras ressurgem onde o reboco não se firma, escuras e tão grossas que ninguém as consegue espalmar. E o corrimão, sujo de poeira, mostra laivos de sangue debaixo da pintura verde-bronze. Gostoso o primeiro contato; repugnantes os outros.

Digitalizado com CamScanner

Ele pressente que não está sozinho. Não é sua tia que o acompanha agora: ela ficou embaixo, distraída em conversas e lembranças. A presença a seu lado, muda (e cruel porque silenciosa), provém de algum fantasma, desses que habitam os castelos em ruínas, e impregnam o tempo de receios. Não se anima a olhar o vulto que desliza e o espreita, quase íntimo, agrudando-se-lhe ao corpo. Não quer refletir ao menos, para que não penetre em seu pensamento, e o domine, sufocando-lhe a alma.

Em cima há a luz do sol e a brisa que desce do morro, longe. As janelas se escancaram: ele pode ver restos da cidade, as quintas e o lento fluir do Mocha. As colunas do parapeito em que se apóia são da cor dos sinos velhos e aparentam vime grosso contorcido. Não parecem seguras, pois rodam na mão da gente. A pintura é áspera e quebradiça no lado da rua, talvez porque mais exposta ali ao calor dessa e de outras manhãs.

Lucínio ouve passos rangendo: as tias que sobem. Afasta-se da janela e caminha. Sente-se mais confiante, ao ver que pende sobre a porta uma imagem de Nosso Senhor, iluminada por uma vela a óleo. Já ninguém o acompanha no corredor enorme e ensolarado, porém imagina que os fantasmas não estão mortos: poderão surgir depois, quando retornar à penumbra.

E assim de repente o salão comprido, que se prolonga em novos corredores sem fim, aprisionados por janelas com rótulas que nunca se acabam e se fecham sobre o pátio interno – onde não existe senão um poço, e a roldana que se movimenta enquanto o balde desce. Os móveis são poucos e rústicos: mesa, sofá e cadeiras de palhinha num dos cantos; uma preguiçosa perto da sacada para onde Lucínio se dirige.

Agora é um quintal, sem fruteiras. O muro sobe até ao peitoril, estranhamente coberto por vidros de garrafa que reluzem ao sol, com lâminas afiadas repartindo o vento. No chão sem relva, entre alecrins e margaridas, ergue-se uma palmeira nobre e solitária, de folhas em leque, pontiagudas, em posição de defesa contra o inimigo que tarda. Galinhas gordas ciscam o estrume dos canteiros: o jardim é desprezado.

Repetem-se os passos, uns firmes, de Dulce, outros arrastando os chinelos, da tia Glorinha. Elas não o vêem; continuam a conversar e a rir, e penetram na ala direita, no outro extremo do salão. Lucínio fica de

Digitalizado com CamScanner

novo só. E é como se o sobrado inteiro estivesse vazio de tudo, solto no mundo, com ele apenas e os fantasmas adormecidos.

Extasiado pela solidão, deseja abrir a porta em que se oculta a ala esquerda. O trinco não cede, ele necessita de usar força para que a lingüeta recue. Nisso fere as costas da mão no aço fino que recobre a madeira e que se levantou nos bordos, devido à violência com que, antes, tiveram de rebentar a fechadura. O sangue aflora à pele alva – rubro e quente. Prova-o: é adocicado. Suga-o em seguida, com avidez.

Depois a porta range, empenada. Não há luz, exceto a que se coa por entre as rótulas. O corredor comprime-se na quase penumbra, silencioso e estreito. Lucínio anda com cautela, querendo gozar à plenitude aquele instante de paz e recolhimento. Nada se move ali: os quartos, com suas paredes brilhantes de tabatinga, estão emudecidos e trancados. A poeira acumula-se nos batentes: o próprio assoalho desconhece o roçar da vassoura.

No entanto a terceira porta está *apenas* encostada. Lucínio assusta-se e empalidece. Passa cauteloso e olha o trinco: não se movimenta. Por que ficou aberta, se ninguém mora nessa ala sombria? Nunca lhe disseram tal, mas pressente que essa banda é esquecida, abandonada de propósito para poupar canseiras à sua tia. Somente não pode furtar-se ao impulso de abrir a cela. Não por simples curiosidade: lá dentro *há* uma força hipnótica a influir nos seus desejos.

Então empurra, e a porta obedece mansa, sem ruídos. O quarto é bem escuro: um pano recobre as frinchas da janela. Dois olhos repousam nele, com uma imobilidade terrível: são azuis claros, transparentes, de uma frieza que incomoda. Vendo-os, Lucínio se arrepia todo, e continua presa de ansiedade, ainda depois que a visão se corporifica.

É Joana (a de cabelos compridos que descem, soltos, pelas costas), quase sumida no seu chambre sem cintura. O rosto, antes limitado aos olhos, já se apresenta em toda a sua estranheza: a pele rugosa, com o brilho e a cor de estearina, os lábios dentro da boca chupada, que se afunda sob o nariz, a mastigar o vento. As unhas, grandes e sujas.

A mulher não o acolhe nem o expulsa. Apanha a colherinha atrás da porta, e se põe a cavar na parede inúmeros buraquinhos simétricos,

Digitalizado com CamScanner

com um repuxar de boca. (Sorriso?) Lucínio olha-a sem medo, admirando-lhe as bolas de ouro amarelo que pendem, como brincos, de suas orelhas de abano, logo entrecobertas pelos fios ruivos do cabelo.

Joana faz tudo em silêncio. Ela não fala nunca.

•••

Entrementes, a chuva alonga-se pela noite: fina, rumorejante como riacho em leito de pedras. A brisa escorre por entre as frinchas do telhado, das janelas e das portas, tão perfumada que parece trazer bogarins consigo. É doce o seu roçar nos lençóis da rede, suave o carinho com que envolve o rosto. Tudo convida ao sono, até mesmo o balanço do pêndulo no relógio da sala. Contudo Lucínio não adormece, exaltado pelas recordações da avó de Helena, prisioneira de si e do sobrado. Ela não o intimidou senão a princípio, quando de sua descoberta. Viu-a outros instantes, de surpresa, maravilhado com o seu eterno mutismo, com os seus olhos translúcidos e indiferentes. Sentia-se invejoso dela; queria a sua solidão, a sua quietude, a palavra deserta de seus lábios sem viço. Nem sempre eram fáceis aqueles encontros. Viviam de olho em seus passos, como se ele próprio estivesse doente. Uma cousa: nunca lhe falaram em Joana. Esqueciam-na de propósito; decerto morrera em seus corações endurecidos e já não lhes ocupava os pensamentos. Sensível ao mistério em que se refugiava aquela pobre existência, Lucínio não aparentou interesse algum na ala sombria, o que, de resto, não pareceu estranho às suas tias e às negras. Não gostava delas, nem de seus modos esquisitos. Às suas perguntas indiscretas não respondia senão depois de prolongado silêncio. Mentia-lhes por gosto e astúcia; um tanto por capricho. Elas se entreolhavam, e às vezes insistiam, com uma expressão pesarosa, sem razão de ser. Felizmente um *sim* ou *não* lhes bastava nessas horas. Saíam cheias de alvoroço, aos cochichos, e não importunavam durante algum tempo. Então ele abria a porta do corredor, sem as dificuldades da primeira manhã: é que agora conhecia uns truques. Apenas receava ser ouvido no salão, se ali reaparecesse alguém. Caminhava, por isso, na ponta dos pés, trêmulo e emocionado. Oh, como era delicioso seu segredo! Participava do mundo de Joana, em

Digitalizado com CamScanner

sua própria cela, via-a com a colherinha a esburacar a parede, outros instantes sentada na rede imunda, com o prato de comida no chão, intocado – e tudo sem que ninguém tivesse a mínima suspeita. Joana não se apercebia de sua presença, nunca o fitou deveras. Havia minutos em que o castigava, de repente, com o seu olhar frio, quase duro, mas Lucínio não se sentia observado. A inquietação vinha-lhe da firmeza, da força que vivia naqueles olhos azuis claros, transparentes como o céu em junho. Ela não lhe dizia nada, quieta em seu mutismo. Não se agitava nunca. Ou era na rede sem varanda, as mãos esquecidas sobre as pernas dolorosamente magras, ou junto à parede corrigindo a assimetria dos buracos, com uma paciência digna de Jó. Ele, por seu turno, não lhe dirigia a palavra, contentando-se com o silêncio dela. Seria Joana imune ao medo? Tal idéia começou a agitar-lhe o espírito. Levava horas em dúvida, debruçado no peitoril da janela de seu quarto, com a vista correndo as quintas do Mocha. Até que uma tarde, reparou no pé de umbu que crescia no quintal dos fundos, e de cujas folhas pendiam algumas lagartas. Havia duas espécies. Uma, redonda, com o corpo vermelho escuro riscado de anéis coloridos; era atraente como uma cobra-coral, mas inofensiva e tola: costumava envolvê-las com linha grossa, que ia apertando alheio à sua lenta agonia, até que se rebentavam ao meio, esparramando *pus* pelo capim. A outra, pequena, conservava-o à distância. As costas brancas tinham inúmeros pêlos eriçados, cujo toque doía a valer, alastrando-se em febre. Joana não olharia com indiferença para essa lagarta-de-fogo: temeria a sua aproximação, a queimadura terrível que ela provocava. Decidido a fazer sua experiência, Lucínio esperou um dia melhor, em que as criadas estivessem presas na cozinha, ajudando suas tias a fazer uns doces; e correu para o quintal. O umbuzeiro era grande, não lhe foi difícil escolher a sua lagarta num ramo pequeno. Quebrou-o com cuidado, saindo pelo portão à beira do Pouca-Vergonha. Preferia rodear o muro de pedra, e subir pela frente, a vir pelos fundos: as mulheres não deixariam de estranhar. Eis que alcança o vestíbulo: a escada em caracol. Lucínio sentia-se impressionado com a proeza. Nem se lembrava do vulto que pressentira junto, naquela sua primeira manhã no sobrado. Joana teria medo? Aproximou-se dela, com as mãos para trás. A pobre louca não o via, se bem que os olhos

Digitalizado com CamScanner

estivessem virados em sua direção. Esse desdém atormentou-o. Queria vê-la agitada, e ia ser agora. Com um gesto brusco, esticou o braço para Joana, o mesmo cuja mão prendia o galho. Imóvel na rede, ela não se perturbou, sequer moveu as pestanas. A lagarta-de-fogo, porém, aparecia diante de seus olhos, quase suspensa da folha. Irado, desejando, a todo custo, ouvir a doente dizer uma palavra, uma só que fosse, Lucínio moveu o ramo. A lagarta desgarrou-se, caindo entre as mãos da pobre. Ele tudo viu, atemorizado com as contrações do *verme*, e com a aparência calma, fria, da mulher enferma. Nenhum músculo se repuxava em seu rosto, nenhuma repugnância parecia ter o seu corpo magérrimo. E o olhar? Alheio, firme, puro – como sempre. Lucínio não se conteve, dominado de estranho pavor. O silêncio dela confundia-o, esmagava-o. Nunca vira nada tão assustador, tão deprimente. Joana agora lhe infundia pânico: não era um ser igual aos outros, e sim um demônio. Sem querer, abandonou a cela, sentindo o coração aos pulos. A porta do corredor, que ele havia deixado aberta, por esquecimento, aparecia-lhe como a salvação: fechou-a por fora, rápido, e se encostou à parede, com a respiração opressa e o rosto lívido de suor. Quis passar a mão na testa e enxergou o ramo do umbu, que tremia. Correu a atirá-lo pela janela, indo depois para o quarto, onde se trancou. Nesse dia ou em outro, já não se recorda, ouviu gente se entrançando nos corredores e vozes de surpresa e pesar. Saiu para ver: era seu tio que providenciava a remoção da louca para a fazenda. A pobre estava febril, extremamente agitada, mas silenciosa. Quando saíram com ela na rede, o relógio, lembra-se, batia cinco da tarde.

•••

O relógio soa uma vez apenas, e Lucínio se inquieta, porque não sabe que horas são. Horrível, essa incerteza do tempo à noite, para quem, desperto, há muito imagina que todos dormem. A insônia é para ele a pior das torturas. Deprime o espírito e cansa-lhe o corpo: um, maltratado pelo pensamento, roda até a vertigem; o outro, irrequieto, sofrendo na carne os destemperos da imaginação.

Digitalizado com CamScanner

De súbito, o retorno ao sobrado de D. Filomena. Desta feita repudia a memória, o seu gesto de extrema impiedade para com a pobre Joana. Desconfia que tudo foi simples pesadelo, ou alucinação da febre em que se consome. Teme pensar de novo. Sempre que se põe em devaneios, ou analisa os próprios sentimentos, assusta-se com a sua inclinação para o mal. Sente cousas: domina-as, recalca-as como pode. Mas, talvez um dia, *às cinco da tarde*, já não tenha forças e se entregue, vencido, à compulsão.

Vira-se na rede, e abre os olhos, dilatando as pupilas. O quarto permanece escuro. Enfim não chove mais. É o que vislumbra fitando as vidraças das janelas. Lá fora o vento agita as folhas do arbusto, brilhantes pelos pingos d'água que escorrem, à luz intermitente dos relâmpagos. Não lhe parece de todo serena a madrugada. Vai chover ainda. O céu não deixou de ser cinzento; e, líquidas, as nuvens como que se roçam nas palmas dos coqueiros distantes.

Agora novamente Lucínio escuta o Parnaíba: um rumor profundo e forte, inquietante como um choro. Sorri, porém. Essas vozes, tão íntimas suas, matam a solidão que o enerva. Já não está sozinho: tem o rio, o mesmo a cujas margens, indiferente ao declínio do sol, ele mergulha em cismas, através de longos passeios solitários. Nesse instante perdoa a loucura do amigo, o temor, as mortes e enfermidades que gera. Ama-o na aparente quietude da noite deserta e fria.

Estará tudo assim muito calmo? Levanta-se e abre as rótulas. Buque ressona no alpendre, encolhido junto à parede da cozinha. Nada se movimenta no sítio, exceto a ramagem nova e tenra, e a cancela que range em surdina, como se alguém a abrisse. Rápido, o cachorro desperta, levanta as orelhas, e corre para o portão. Não late, nem estranha a figura silenciosa que vem na penumbra da aléia. Lucínio emociona-se, o medo imobiliza-o. Não pode ver o homem que se aproxima.

Sente: é seu pai.

•••

Digitalizado com CamScanner

MÃOS E BRAÇOS

No outro lado do rio, junto ao grande cais de pedra, fica o depósito de cera de propriedade de *Santos & Cia*. Há muitas casinhas na vizinhança, sombreadas pelas imensas figueiras que dominam a avenida marginal. No intuito de ampliar seus armazéns, a firma comprou alguns desses imóveis, porém a idéia morreu, ante as perspectivas ruins para a exportação da carnaúba.

O velho Luís Santos, que nascera pobre e enricara no comércio, tinha planos de expandir os negócios, até que a empresa pudesse rivalizar com outras mais antigas, sólidas e tradicionais no ramo. Dois de seus filhos, adolescentes ainda, foram empregados no escritório: um deles, o mais idoso, já chefia a sucursal de Floriano; o outro, mais preso ao pai, ajuda-o na administração, como gerente da loja e intermediário junto aos produtores da baixada maranhense.

Segundo a tradição da família, deverá o caçula obter um diploma. Hermes, todavia, não sente entusiasmo algum pelos estudos: é emotivo e franzino, gosta de romances, tem vagos anseios intelectuais. A mãe estimula-o, procurando despertar-lhe o "sentimento do belo". É uma senhora baixinha, quase gorda, que ensinara bandolim em Oeiras quando o marido ainda não ganhava bastante. Teve um tio poeta e músico, que faleceu corroído pela tuberculose, na ilha da Madeira. Gaba-lhe a inteligência e o coração; acha seus versos maravilhosos.

Hermes ainda cursa o ginásio. Não é dos piores alunos. Certa manhã o professor pediu à turma um desenho natural. Tudo simples para o jovem Santos: desenhou uma marreca sonolenta, com uma perna encolhida, que não se apercebera de sua presença no quintal. O esboço recebeu elogios e uns retoques, foi mostrado no colégio inteiro. O lente enviou carta ao velho, assinalando as qualidades artísticas do aluno, sua "inegável vocação" para a pintura; um êxito completo.

Digitalizado com CamScanner

O comerciante exultou. Tinha um diletante na família! Cor e forma, luz e sombra, natureza e arte – esses assuntos foram discutidos, durante o almoço e a merenda, e até em serões que se prolongavam noite adentro, com D. Elisa no bandolim, a reviver as serenatas da juventude. Todos se embeveciam de seus dotes, de seus conhecimentos técnicos, olvidavam a sua irritação nervosa: eram felizes.

O próprio velho teve, um dia, a lembrança de desalojar um dos inquilinos do armazém, para que Hermes ali instalasse o futuro *atelier*. Isso na condição, logo aceita pela mulher, de que os estudos não se interrompessem. O pergaminho não seria desprezado, mesmo porque, afora o comércio, somente duas profissões valiam: a do médico, pela possibilidade de um bom casamento, um matreiro "golpe do baú", e a de advogado, pelo brilho e posição, quer na magistratura, quer na política.

Petrônio é que não viu com olhos amigos o interesse dos pais na indolência de Hermes. Insensível às artes e à literatura, preocupado apenas em enriquecer, julgava uma extravagância, uma loucura, perder a firma o aluguel de uma das casas, para que o irmão mexesse com tintas e pincéis. Numa das caminhadas para a loja, sondou o velho a respeito, contudo não pôde externar o pensamento, visto que, logo de saída, seu pai bateu-lhe no ombro, sorrindo:

– Uma idéia maravilhosa, não?

Sentindo que era inútil insistir, o rapaz confirmou. Deu vários argumentos em prol do caçula, inclusive o de que não se parecia com esses poetas que não trabalham, e só se ocupam em fazer versos nas noites de boêmia. Tal alusão desagradou ao velho. Ele se fechou em silêncio, com ar taciturno, e levou o dia sem falar a ninguém. Petrônio, que cobiçava uma promoção, cuidou que o inquilino saísse naquela tarde mesma.

•••

D. Elisa escolheu uma cena bucólica para o primeiro quadro. Segundo sua descrição, haveria nele um córrego de águas cristalinas, com extensa relva nas margens, e um boi pastando sob a copa do juazeiro, tudo coroado pelo incêndio do sol, que se põe atrás das serras longínquas.

Digitalizado com CamScanner

– Uma paisagem... maravilhosa!

No começo Hermes achou muita graça. Não sentia real atração pela pintura: o cheiro das tintas enjoava-o. Com o tempo é que se acostumou. Aprendeu a manejar os pincéis, foi adquirindo prática, e gostando. Levava dias aparecendo em casa às refeições e para dormir: se não o aprendizado, era a leitura dos romances que o prendia no *atelier*, sempre ventilado e silencioso.

Uma tarde, pilheriando numa roda, um de seus colegas apontou-o e disse baixinho:

– Um felizardo. Tem um *rendez-vous* às ordens.

Ele ouviu e corou. Ainda não lhe ocorrera tal idéia, mas passou a considerá-la com insistência. No porão do bangalô tinham esquecido alguns móveis em desuso, entre os quais uma cama de ferro. Ser-lhe-ia fácil transpô-la para o estúdio, desde que encontrasse uma razão plausível. Entendeu-se com a mãe, dizendo-lhe que a umidade dos tijolos mancharia as futuras telas. O professor sugerira comprar outros cavaletes, e por fim conviera em que um estrado serviria bem.

Onde achar um? A senhora no mesmo instante se lembrou de suas velharias. Mandou espanar a poeira, corrigir as molas, endurecer o colchão de palhas. E cobriu a cama com um lençol novo, barato, dos que adquirira para as negras. Mestre Lucas poderia, assim, descansar também de sua longa peregrinação pelas escolas. Hermes sorriu e beijou-a na testa: "Quanta bondade!" Agora já não teria de freqüentar a Palhinha. Aquela pobreza, as danças lúbricas, o amor às claras e sem conquista, as doenças-do-mundo, não só o repugnavam, como o enchiam de surdos receios. Por isso evitava a zona: continha-se a seu modo.

Apesar da aparência viril, que lhe embelezava o rosto, ele ainda não conhecia mulher. Sua experiência limitava-se a umas tantas carícias nas empregadinhas, à sombra das figueiras do bosque ou ao pé dos muros acolhedores. Gostava de sentir os seios delas em suas mãos: carne macia e tépida, que os dedos modelavam ansiosamente. Tudo, no entanto, ficava nisso, e na volúpia que lhe envolvia o corpo, quando imaginava que elas, obedientes, carinhosas, vinham para a sua rede, na solidão da noite velha.

Digitalizado com CamScanner

Nunca namorara: repartia o coração entre as colegas de turma. Em geral era bem aceito; dizia-se até que algumas disputavam o seu amor, fingindo indiferença para não despertar ciúmes nas outras e desconfianças nele. A todas, Afonsina ultrapassava em ousadia, não só porque fosse desembaraçada, como porque tinha grande prazer em chamar a atenção para seus dotes físicos. Pequenina, quase *mignon,* atraía os rapazes pela correção das formas, e a tolerância algo fútil com que ouvia os gracejos e as provocações: sorridente.

Hermes, sem o saber, gostava dela, muito, e aparecia às vezes em sua casa. Aos poucos iam-se tornando íntimos. Ela contava a história de seus namoros, os arrufos, pedia-lhe conselhos, brigava quando não era assíduo. Se estava de bom gênio, ria de qualquer cousa, deixava a mão gorducha entre as dele e, enrubescendo ante o seu olhar, desprendia-se com um gesto brusco: "Você tem um ar de doido, Hermes!" Vendo-o encabulado, sorria-lhe, para que logo a cordialidade se restabelecesse.

A mãe de Afonsina permitia-lhes inteira liberdade. Se fosse um qualquer, não concordaria. Porém, um rapaz bom como ele, de família ilustre, e por cima parente! D. Elisa já dissera do parentesco? Ainda não? Pois o finado major Cândido era primo de seu marido. Aliás, só de longe o conhecera, no dia em que se libertou da cela, onde apodrecia na pior degradação.

Que esquisito! Também o jovem Santos passeava em Oeiras, quando o avô, num tremendo acesso de loucura, fez ruir a prisão de adobe, e desceu para a cidade, assustando a todos com a terrível catadura e a mórbida nudez. Hermes lembra-se de tudo. Foi de tarde, e o vento corria pelas ruas estreitas, manso que nem o olhar dos bois.

– Chegou a conhecer o velho?

Ele olha para D. Judite, para seu rosto moreno claro, a sua boca sumarenta, que sorri, o decote da blusa amarela, que realça os seios aparentemente duros, para os braços roliços, a pele sedosa como a de uma adolescente – e estremece, sentindo-se observado. A perturbação dele é visível, exceto para Afonsina, que se distrai limpando as unhas com um alfinete, o vidro de esmalte entre as coxas.

– Não me recordo se o conheci; eu era pequeno – disse, confuso ante o interesse dela, quase um carinho. Por que a senhora pergunta?

Digitalizado com CamScanner

A mãe de Afonsina não respondeu. Fingiu-se de zangada:

– Prometa que nunca mais chamará de novo assim; nem senhora nem dona. Trate-me por você, como se fosse meu filho mais velho.

•••

Afonsina tomou a mão de Hermes, naturalmente, e levou-o à porta, onde se sentaram nas cadeiras de palhinha, abandonadas por Judite depois que as colegas de repartição foram embora. A rua, sufocada pelos oitizeiros, parecia mais escura ainda. É que ameaçava chover, e do poste não vinha luz alguma. De manhã, ao sair da escola, um garoto quebrara a lâmpada, num exercício de baladeira.

Os dois ficaram em silêncio, olhando-se distraídos.

Ela estava nervosa com a ausência do namorado, que não revia desde as provas. Lucínio era bom, satisfazia-lhe os desejos e até a ajudava nos estudos, resumindo os pontos. Terno, beijava-a com pudor, sem nunca querer bolinar; não procedia como os outros. Porém tinha aquelas esquisitices: semanas sem aparecer, oculto na quinta de Timon. Zangava-se ao vê-la com blusa da moda, decotada em excesso, e de suas brincadeiras, quando lhe contava ter ido à última festa com um amigo. Nesses instantes, nada fazia para adormecer-lhe o ciúme; aguçava-o mesmo, com alusões pueris, a fim de matar o tédio.

Sua mãe não ia com ele, embora sempre o tratasse com atenção. Aquela aparência meditativa, por vezes soturna, preocupava-a deveras. Não se sentia bem quando a encarava com a expressão severa, fria, alheia a tudo. Em que estaria pensando, absorto a ponto de olvidar-lhe a presença? E por que se calava de súbito, franzindo o rosto com ar de profundo sofrimento? Remorso? Ou uma lembrança funesta, uma dor íntima represada?

Afonsina sorria de tais suspeitas, pedindo-lhe que tivesse paciência: no começo ela própria o estranhara. Mas terminou acostumando-se, não se interferindo nos assuntos dele. De resto, afora esses dias, Lucínio redobrava em ternura, comunicativo e alegre, divertindo-a com anedotas picantes, narradas em tom malicioso.

Digitalizado com CamScanner

– Qual, minha filha! Esse rapaz termina é adoecendo. Nele qualquer cousa misteriosa me inspira um sentimento... assim de repulsa, quase de medo.

Judite estava séria, ao fazer tal confissão. Isso desanimou Afonsina. E seu abatimento só se desvaneceria à chegada de Hermes, a quem contou as apreensões do momento, com pormenores inexpressivos e confusos. Para surpresa do colega, apressou-se em mudar de assunto, receosa de que tudo não passasse de despeito da mãe, por ter repelido um viúvo que ambicionava seu afeto, em troca de uma granja e dois filhos pequenos.

À tarde, ao ver Lucínio, lembrou-se com angústia dos pressentimentos da manhã. Ele fugira dos outros, e estava em cima da gigantesca pedra que se erguia, abrupta, no largo do liceu, e via o córrego fluindo embaixo, por entre o verde macio da relva e o bronze escuro do lodo. O olhar, firme; o próprio corpo, encurvado sobre as pernas duras, parecia imóvel. Os cabelos é que se agitavam, soltos pela viração morna que se desprendia do nascente, com promessa de chuva.

Quis surpreendê-lo assim, e aproximou-se em silêncio, cuidando que os sapatos de trancinhas não se prendessem nas fendas da rocha, em que despontava um capim miúdo, amarelo, sem viço. Galgou também o cume, e se pôs ao lado dele, evitando distrair-se com a alvura do riacho, no temor de entontecer e cair. Lucínio sequer se alterou com a sua presença; talvez nem a notasse. O rosto, empalidecido, tinha uma rigidez impressionante; os olhos, se bem translúcidos, exprimiam assustadora compunção.

– Lucínio! – gritou ela, quase em pânico.

Liberto do *pesadelo,* o jovem encarou-a trêmulo, com a fisionomia ainda carregada de assombro. Depois, reconhecendo-a, tomou as mãos dela entre as suas, frias, e as apertou de modo estranho, não carinhoso, mais como se pedisse ajuda. Os lábios tremiam, hesitantes, e o seu olhar era inseguro e medroso. Algo lhe comprimia o coração. Um segredo monstruoso, que a própria alma repele? Afonsina já ouvira alguém falar dessa tortura interior, em que o espírito fenece, aniquilado pelo remorso de viver.

Os dentes rilhando, no supremo esforço de controlar-se, ele como que sofria agora uma dor intestina, se bem passageira. Aos belos olhos

Digitalizado com CamScanner

castanhos aos poucos voltava a quietude recém-perdida. Como um suor brilhante porejasse na testa, enxugou-o na ponta da camisa azul, e assim a pele da barriga ficou à mostra, macilenta e sem pêlos.

O umbigo! Afonsina estremeceu com uma sensação de langor, breve roçar de pluma nos seios cor-de-rosa. Até sentiu o rosto quente, assaltado por acariciante e súbita febre. Visto que Lucínio nunca usava roupa de verão, ainda não pudera observar-lhe a musculatura nem o pigmento do corpo. Daí por que se detinha naquela cicatriz, presa de doce ansiedade.

Atentando para o êxtase dela, Lucínio ajeitou o paletó. Não sorriu sequer. Ternura alguma escorreu-lhe da boca, nas palavras: *tudo bem querida?* Nem carinho pôs nos gestos; só frieza. Todavia, mal notou prenúncio de chuva no horizonte, retomou de imediato a aparência taciturna que ela surpreendera há instantes.

E sem lhe dar tempo de reagir, abandonou-a de inopino, no alto da pedra. Nem disse como se fora nas provas; não perguntou nada a respeito dos exames dela. Simplesmente: desapareceu, apressado, nervoso, fitando a cada segundo as nuvens prenhes, como se logo fossem cair, dilúvio, na quinta dos pais em Timon.

•••

Hermes também pensava, em Judite. Nova, trinta e oito anos, casada com homem magríssimo, e feio, era pouco dedicada à família. Alguns, por despeito, julgavam-na infiel; riam-se entre muros do tratamento, por demais acolhedor, que dispensava aos colegas de Afonsina. Impossível saber a razão dos sussurros. Com freqüência a cidade adormecia inquieta, na sede do último escândalo. Depois, ia-se ver: mentira grossa, e a emoção se esvaziava, para desapontamento de muitos. Conquanto não suspeitasse de Judite, Hermes se sentia orgulhoso do interesse dela, encantado com a formosura de seu rosto e o brilho alegre dos olhos negros. Não raras eram as noites em que, esquecidos do baralho disperso na mesa, fitavam-se mudos, enquanto os mosquitos voavam em torno do candeeiro e lá fora a chuva batia no zinco da latada, com um furor crescente. Morta de sono, Afonsina punha a revista na cadeira e vinha apreciar o jogo,

Digitalizado com CamScanner

sentando-se displicentemente, com o queixo sobre as mãos cruzadas. Então os dois faziam novos lances, sem um descuido, sem um gesto cordial; discutiam à toa. Mas no pensamento ele continuava com os olhos nela, nos seus braços redondos e desnudos, atormentado com a consciência de que estariam melhor sozinhos, sem pessoa alguma a observá-los. Silveira, o marido ausente, passava semanas no interior, como fiscal de obras do Governo. Conheciam-se à distância. Era Afonsina, pois, a única a testemunhar aquelas fitas, não lhe descobrindo qualquer intenção menos pura. Aliás, era possível que nada ocorresse de estranho: ou devia ser tudo comum para elas, ou a impressão de que Judite o tratava com ternura vinha da inexperiência dele. Na dúvida, levava-lhes bombons e magazines, fazia pequenos obséquios, desenhava-lhes o perfil e o busto, e até monogramas para os lençóis. Amiúde se permitia confidenciar sobre questões domésticas. Isto as maravilhava, a ponto de, ao revê-lo, indagarem logo: "Tudo bem? E D. Elisa, como vai dos nervos?" Comovida com o presente de uma rosa, Afonsina exclamou um dia, após beijar as pétalas rubras: "Você é um amor, Hermes. Mamãe o adora". "Deveras?" E sorriu de modo tão insinuante, que a fez ruborizar. "Como um filho, naturalmente!" Tal reserva, longe de perturbá-lo, fortaleceu a sua admiração por Judite, com quem se animou a falar sobre assuntos íntimos: felicidade, resignação e egoísmo no casamento. A mãe de Afonsina, pegando na costura, aconselhou-o a ter prudência, a refletir. "Mulher se escolhe pela raça". Ao que respondeu, com os olhos nos braços dela: "Quanto a mim, não importaria se minha sogra viesse poupar-me da continência, durante a gravidez da filha". Pálida, com a boca a tremer, ela o mirou em silêncio. "Você é ainda criança", disse recolhendo-se à alcova. Só reapareceu de tardezinha, para o jantar, com uma blusa velha – de mangas compridas.

•••

Melhor seria Afonsina acabar com o namoro, esquecer o timonense e suas esquisitices. Já não lhe suportava o desprezo, as longas ausências fortuitas, o tédio em que sucumbia por causa dele, branco e deprimente como uma tarde de agosto. Pudesse viver sem amar! Ao menos não

Digitalizado com CamScanner

teria aquelas ânsias, com o pensamento voltado para o encontro na esquina, para os beijos, as declarações sopradas ao ouvido, o calor de suas mãos nos braços, nas costas, premendo os ombros nus.

– Não devo pensar em Lucínio, em ninguém.

Ela reclinou a cadeira, encostando-se no umbral da porta, e se deixou ficar assim, indiferente a tudo, alheia à própria companhia de Hermes. Para não vê-lo fechou os olhos, mas os reabriu incontinenti, com medo da tontura que a enjoava desde a manhã. Mais densa era a noite agora. As nuvens já recobriam o céu, velozes, compactas, negras, fendidas à luz incerta dos relâmpagos. Um ventinho gostoso descia a rua, coleante, sem poeira, trazendo só folhas limpas, que a chuva de ontem lavara as pedras do calçamento e os ramos frondosos dos oitizeiros.

Alguém se acerca, arrastando-se penosamente. E logo Afonsina é assaltada pela impressão de ter ouvido esse caxingar, em uma noite assim, nessa *mesma* hora. A sensação da vivência anterior cresce à medida que o vulto se aproxima: um homem doente que passa. Oh, sim, que recordação nítida! Estava à porta com Hermes, tal como nesse instante. E como agora, vinha uma pessoa na calçada. A escuridão não lhe permitiu reconhecê-la de pronto. Imaginou então: "Neusa, a filha do desembargador Honório". Eram seus os passos, um curto, outro longo; femininos os contornos da sombra que abeirava.

– Neusinha!

A pobre não ouviu. Quase à sua frente, chamou-a com doçura. Ela se deteve, cumprimentando Afonsina, que apenas reconhecia agora. Era mulata e feia: a pele amarelenta, o rosto manchado de espinhas, grossos os lábios, e escuros, o nariz carnoso, respeitável pela saliência.

– Desculpe, Afonsina. Estava distraída.

Falando, ou sorrindo, Neusa se transfigurava. Os olhos grandes pareciam faceiros, com o ar inquieto das crianças. A boca abria-se, rasgada, alegre, projetando os dentes fortes, certinhos sem serem postiços. Logo contagiava o ambiente de simpatia. E quando dava a mão, com seu jeito simples, ignorando a doença, inspirava ternura e admiração. Diziam que tinha um tumor no cérebro, extirpado a tempo. Mas o corpo se ressentia ainda, pesadão, com o lado direito mole, o braço caído e sem força.

Digitalizado com CamScanner

– É seu namorado? – inquiriu, recusando a cadeira.

– Somente amigos. E você, como vai?

– Ando ruim. Peguei uma gripe que não me abandona mais.

Ela tirou um lenço do cinto, pediu desculpas, e assoou-se ruidosamente. Hermes, que tudo ouvia calado, se aproximou, mexendo com Afonsina:

– Você com ciúme! Nem sequer me apresentou.

A princípio surpresa, Afonsina remirou-o como se estivesse zangada, no que muito se assemelhou à mãe; teve, aliás, consciência disso. Não era a sua primeira imitação; já se descobrira a reviver outros gestos de Judite, sentindo-se às vezes estranha, duas numa só pessoa. E lá veio Hermes provocá-la. Ciúme... Que absurdo! Virou-se para a amiga, que a fitava rindo, como que desconfiando de alguma cousa.

– O convencido imagina que estou apaixonada por ele.

– Está certa de que não? Vocês... eu acho...

Ambos intervieram ao mesmo tempo. A opinião de Neusa lhes interessava sobremodo:

– "Eu acho..."

Neusa tentou sentar-se, esquecida da observação que tencionava fazer. Hermes ajudou-a, segurando-lhe o braço sadio, e se acomodou na cadeira mais próxima, a fim de examiná-la. A luz do corredor, tênue e hesitante, espargia tristezas em volta dela. Com um vestido de tule branco, leve e juvenil, os lábios vermelhos de carmim, o rosto bem coberto de ruge, sequer assim conseguia esconder o envelhecimento precoce, que a deixava abúlica, absorta o dia inteiro.

– Já me haviam falado em seu nome – disse ela, virando-se para o jovem. Ouça: não confunda as tintas. A arte é para os eleitos.

Hermes tremia ao escutá-la. Intentou responder que era simples estudante de pintura, sem pretensões a artista. Vendo-lhe o embaraço e desconfiando por que, Afonsina mudou de assunto, logo se ocupando do inverno, das chuvas que desabavam impiedosas, da fúria do rio a encher.

– Eu ia me casar com um homem talentoso... – prosseguiu Neusa, reacomodando sobre as pernas o braço enfermo. Ainda somos noivos, em certo sentido.

Digitalizado com CamScanner

– Noivos como? – inquiriu Hermes, sem se dar pela indiscrição. Gostaria de saber.

– O noivado é um sentimento, sabia? A comunhão... – e buscou o céu, os olhos iluminados pela recordação da juventude. Se você for um dia lá em casa... Nunca me apareça antes das nove. Minha vida dará um romance.

– Hermes não entende disso, Neusinha. É pintor.

– A eterna confusão! Como distinguir a forma das artes? – Fez um gesto de desalento. – Desculpem, estou cansada. E parece que vai chover agora. Bem que podiam ir deixar-me. Não gosto de romper a escuridão sozinha.

•••

Como é escura a noite! Afonsina viu a calçada deserta, sem ninguém na esquina, e achou melhor entrar. Foi quando percebeu o vulto de Hermes no outro lado da porta, fitando-a em silêncio, com olhos analisadores, quase ternos. Sentiu-se como se ele a cobiçasse; não o encarou.

– Você aí? Estava crente...

– Há muito que a observo. Você parecia enleada, num sonho de amor. Nem se apercebeu de mim.

– Nada de sonhos comigo – respondeu, ainda assustada com a extensão do próprio alheamento. Pensava em Neusa. Lembra-se dela? Fomos deixá-la um dia, com uma escuridão assim.

– Ora se não! – e ele sorriu. Uma pobre doente.

Por baixo das janelas, na altura da cabeça de Afonsina, que permanecia reclinada na sua indolência, vinha agora a luz firme de um candeeiro. Judite mudava o lençol da cama, decerto para dormir. Às vezes a sombra de seu corpo derramava-se no peitoril, disforme e estranha. Hermes tudo sondava, atento ao ruído dos chinelos, ao cheiro doce da colônia que ela esfregava no busto, às molas que fugiam ao peso de suas carnes.

Digitalizado com CamScanner

Imaginou-a de chambre, supimpa, com os braços fora da coberta. Mas os que se estendiam não eram os seus, arredondados, tenros, voluptuosos, e sim os de Neusa, chatos, frios, e peludos, um quase inerte. Tal associação repugnou-o. Quis rever Judite em diversas posições, com o baralho à mesa, por exemplo, contudo logo a reconduzia para o leito, o braço inânime sobre o ventre. E como que seduzido por esse sortilégio, aproximava-se da *futura amante,* devagarinho, e lhe beijava a mão doente, repulsiva, de um amarelo clorótico.

– É tarde, Lucínio, e parece que vai chover.

Olhou meio confuso para Afonsina. Ela o tomava pelo outro, forçando a despedida – os olhos bem abertos, brilhantes, talvez em lágrimas. Ou seria efeito da noite a aparência triste, amorosa, que encontrava no rosto dela? Também não proviria das trevas em que se ocultam os oitizeiros, do sopro do vento em seus ouvidos cansados, das emanações do corpo dessa adolescente a visão de Judite enferma, a esperá-lo para as núpcias?

Retirou-se pensando. Já sentira esse alumbramento, que o deixava assim, numa deliciosa tontura, como um ébrio às primeiras libações. A noite era escura, e ia chover como agora. Ventava até. Neusa pediu-lhes que a fossem levar: não queria romper o negrume sozinha. Ele concordou e saíram. As ruas afogavam no mistério, com ilhas de penumbra à distância. Soltos nos jardins, cães medrosos latiam à passagem deles. A solidão do ambiente constrangia a todos; nem falavam.

Numa incerta, pegou a mão de Afonsina, que o repeliu:

– Comporte-se, hem?

Sorriram a medo. E foi tudo.

Quando chegaram ao palacete do desembargador Honório, imponente devido à altura e aos canteiros de flores no pátio, Neusa abriu o portão de ferro, que rangeu nos trilhos. A campainha soou. Uma vela acendeu-se no alpendre.

– Sinto-me exausta, Hermes – disse a pobre, estendendo-lhe a mão. Veja como estou gelada.

Ele mal tocou na ponta dos dedos:

– Realmente.

Digitalizado com CamScanner

Silenciaram, à espera da iniciativa uns dos outros. Neusa não se decidia a entrar, como que esquecera as horas, o cansaço, o frio no sereno. De súbito, virou-se para Afonsina, e com a voz seca, arrastada, pediu que não o pusesse atônito, a ele, um artista... *um escritor!*

– Não o seduza, menina. Vocês não dariam certo.

– Mas... – fez Afonsina, ansiosa e quase lívida.

– Você não desperta nenhum amor verdadeiro. E não é a carne, somente esta... Ah, você chora por isso? Quanto a mim, desesperei tanto, que hoje nem lágrimas possuo.

Neusa agitou a mão doente, num gesto quase imperceptível. Os dedos, longos e nodosos, sem dúvida bem mais frios, tinham unhas esmaltadas de ouro, que pareciam crescer até o chão, e se alongaram ainda aos olhos dele, não obstante a consciência de que ela se fora, e seu vulto intangível deslizava agora nas sombras, por entre os ciprestes do jardim, num pálido convite à morte.

•••

Os sinos batem a desoras. E a chuva pega-o de rijo, mal entra no jardim. Canteiros novos: é ácido o odor do estrume. Roseiras em que fere a mão. Alguns jacintos caídos. Adoidados, e em fúria, os ramos dos alecrins se vergam sobre ele, detendo-o, açoitando-o. O terraço. Mas sua mãe se esqueceu e trancou a porta. Não encontra a chave no batente. E não há réstia de luz no corredor: a casa dorme. Ali respinga a valer. Encosta-se num canto; a parede é quente, apesar do frio. Melhor que o aguaceiro serene um pouco. Não lhe adianta gritar agora. O irmão, na sua rudeza, não se incomodaria, e os pais moram no outro extremo, as janelas se abrindo sobre a mangueira do quintal.

Perdidos na rua, vêm a espaços os acordes de um minueto. Era um músico excêntrico a lamentar-se no violino, talvez em plena escuridão. Que impelia o vizinho, após meses soturno, a tocar repentinamente aquela mesmíssima composição pela noite afora? A lembrança da esposa, que o abandonara na juventude e viera morrer a seu lado, com os sentimentos feridos pelo remorso? Ou a loucura já o persegue, na solidão em que se fecha, esquivo, rabugento e misantropo?

Digitalizado com CamScanner

Esses restos de música, unidos na memória, trazem-lhe fundas inquietações. O amor, que chora nos trêmulos, não é lascivo, não se debruça sobre a carne: simples e comovente, fala direto ao coração, num dorido queixume, agridoce como a saudade. Apenas agora ele percebe, diluída na sua emoção, a angústia em que Afonsina se debate, entre a sede de afeto, obsessiva e generosa, e o temor que a deprime, de não vir a encontrar quem a deseje com boas intenções.

Seria Lucínio também um explorador? Difícil imaginar. Os íntimos, se os possui, não devem conhecê-lo bem. Inesperado, junta-se aos grupinhos, conversa e ri-se à toa, mas quase sempre se isola, ou se oculta num recanto, a moer a casmurrice: um mistério. De modo geral, julgam-no orgulhoso, e não se aproximam dele quando está a sós, em cisma. Afonsina é que se insinua; no colégio ninguém ignora: uma gatinha que nos dias de chuva se abrigasse no fogão, para aquecer-se.

E Neusa a afligir a pobre, ulcerando-lhe os sentimentos. Naquela noite, tão humilhada se sentiu Afonsina, que levou algum tempo silenciosa, sem ânimo de encará-lo. Ele, comovido, respeitou a amargura dela, não lhe dirigindo a palavra. Viu-a com os olhos no chão, a morder a boca, enquanto as lágrimas desciam, caindo a seus pés. Depois, como que despertados pelo relógio da matriz, puseram-se a caminhar de volta, ainda que lentamente, juntos, os braços nus roçando-se por vezes.

Em dado instante, Afonsina olhou-o de viés, com um suspiro:

– Mostrava-se tão boa para mim! E agora...

– Esqueça aquilo, pelo menos esta noite. Não se torture.

– Você sugere então que eu perdoe Neusa?

– Sim, por que não? Dizem que ela age assim desde o aparecimento do tumor. Sabe quando fere os amigos, mas não pode deter o impulso. Já imaginou sofrimento igual? Ofender as pessoas a quem ama.

Calaram-se em seguida.

– E você, Hermes, acha...

– Que só inspira desejos?

Ela parou na esquina, para olhá-lo de frente. O rosto na penumbra era belíssimo: tinha uma suavidade que o encantou. Nos olhos: ternura e medo. Os lábios úmidos entreabertos... E os dois ali, sozinhos e tão próxi-

Digitalizado com CamScanner

mos, fitando-se rente ao muro, aninhados sob o dossel de uma buganvília em flor.

– Diga-me a verdade. Por que me cobiçam tanto? Porventura não terei alma, assim como as outras?

– Que importa? O corpo não é uma indecência – respondeu, excitando-se. Quem fala só no espírito desconhece a natureza do amor. E não será uma pobre doente como Neusa...

– Isso não me interessa, Lucínio, mas o que pensam de mim.

Desconfiou que ela necessitava de ajuda, e por isso o coração bateu-lhe mais forte. Vendo-a ante si, frágil e tentadora na sua patética inquietação, quis tê-la nos braços, com volúpia, chorosos os dois. Amava-a naquele instante, ali ao menos, sentindo-a cúmplice da demora, e em lugar propício aos beijos e carinhos emolientes.

– Se quer saber o que acho... – murmurou ele, tímido, com súbita emoção. Não vá rir. Você sempre se ri de tudo! – e lhe prendeu as mãos quentinhas, úmidas de suor. Se me pede a verdade, acredite-me. Gosto muito de você, e não é de hoje. Lembra-se da tarde em que nos encontramos, no caminho do bosque?

– Desculpe, Hermes, mas não acredito. Nem um pouco. Você tenciona confortar-me – replicou Afonsina, desprendendo-se. Conheço quando uma pessoa gosta. Tenho visto... com os outros.

A recusa feriu-lhe o amor-próprio:

– Nem Lucínio?

– Não me fale nele esta noite.

Um trovão avermelhado estalou de surpresa; e logo as nuvens fendidas se recompuseram, saindo, em fração de segundo, do róseo para o cinzento-escuro.

– Vai chover agora.

Seguiram às pressas. A chuva, grossa, se bem que indecisa no começo, vinha-lhes com estos de tempestade. Na rua de Afonsina, o vento nos pés de oiti atirava frutos a esmo: um atingiu-o no ombro, túmido, aquoso. Adiante, a casa em silêncio. A porta deserta. Isso da esquina. Pois, nua sob a camisola esvoaçante, de jérsei, e tonta de perfume, Judite escudava-se numa das bandas, olhos dentro da noite.

Digitalizado com CamScanner

•••

Música longe, em surdina. Chuvarada ruidosa, quizilenta como a daquela noite. E a lembrança de Judite à porta, imersa na luz de um raio: um todo sanguíneo, com manchas escuras nos seios, o corpo que renasce lentamente, ainda ébrio de perfume: as mãos nos olhos, os braços nus, os ombros aparentes. Judite sorrindo da tempestade, e a outra medrosa, chorando perto dele.

Terrível clarão ilumina o terraço. A parede antiga ressurge impressa na retina: uma fenda úmida, o tijolo vermelho, o rosa esmaecido da pintura. Ele se aquieta no canto, sentindo-se entorpecer. O sono já se insinua, doce, aliciante, delindo a sensações do frio, as trevas, o gemer das águas no vento solto. Ficam os acordes (uma linha pura, de muita emoção), e esses já se enfraquecem, e agonizam, em ondas que se aprofundam em busca da claridade tenra da manhã.

Eis o bosque: um sombrio quintal sem fim; abundância de frutas e relva; passarinhos que não levantam vôo à passagem da gente. Hermes deita-se de bruços na grama, ao lado de um canteiro de zínias, e se embevece contemplando a azáfama das abelhas zumbindo ao redor das flores. Entre as raízes de um pau-d'arco, que toca no céu, dois olhinhos espreitam o mundo. Vendo-os, ele estremece de alegria, o coração aos pulos.

Era um dia ameno, quase sem sol. Sua irmã vestira-o bem cedo, calçando-lhe os sapatinhos velhos, e o trouxe ao parque. O guri adora os passeios: brinca só ou na companhia de outras crianças, esconde-se atrás dos bambus, em que muitas vezes se corta, ou assusta com grãos de milho os patinhos que nadam, serenos e em grupos, sob a ponte nova do riacho.

Apenas, nunca tivera surpresa tão agradável como agora. Esses olhinhos seduzem-no, e em fitá-los esquece o tempo, mordicando o capim macio. Não se contém em vê-los: quer pegá-los, senti-los nas mãos inquietas. Oh, cadê os bichinhos? Sumiram. Espera ansioso que tornem a aparecer. Impacientando-se, corre para a irmã, que está num banquinho de pedra, na companhia do rapaz de azul, o mesmo dos bombons.

Digitalizado com CamScanner

Aproxima-se e lhe puxa os dedos:

– Vem cá, vem.

Ela não olha: toda a sua atenção é para o companheiro, a quem sorri. O moço falava num tom de voz meigo, e se interrompe de súbito ao ver Hermes:

– Olá, Maninho – e o cumprimenta afetuoso.

– Meu bem, vá brincar. (Ela se desprende, repelindo-o com brandura). As marrecas estão chamando.

O guri ouve a algazarra delas bebendo, mas são os olhinhos que o atraem. E como não consegue demovê-la, volta na esperança de encontrá-los dentro do oco. Já se desiludia, quando percebe uma cousa. Oculto no folheto, um rabinho se move com vagar, à procura de sol para aquecer-se. É gozado: todo repartido, contas amarelas e vermelhas, parecendo a volta que a irmã costuma pôr nos dias de festa ou quando vai ao cinema.

Ele se curva para apanhá-lo. O rabinho corre em esse, e pára adiante, para ver quem o perseguia. Entrementes o menino enxerga-lhe os olhos, que um raio de luz fazia límpidos. Choca-o esse fulgor, e se detém assustado, as mãos frias de medo. Depois, reconhecendo os olhinhos de há minutos, passeia na sua direção. O rabinho move-se para um lado, hesitante; no fim pressente que o outro é seu amigo, e o espera.

Estando os dois assim bem próximos, Hermes lhe estende as mãos, quase num murmúrio:

– Vem cá, vem – e sorri, pleno de satisfação.

O rabinho dos anéis vermelhos de repente endoidece: horrível e má a expressão de seus olhos. Ele sente os passos do inimigo, e olhando uma última vez para o menino, corre depressa para o oco, a tempo de ser visto pelo rapaz de azul.

– Maninho! – grita o moço, arrebatando-o nos braços.

– Que foi? – pergunta Irene, tomada de susto.

– Uma cobra-coral.

– Meu Deus! – e a rapariga começa a chorar, de remorso e pena. Maninho foi mordido.

O rapaz de azul leva-o correndo pelo bosque:

– Vamos à casa de saúde.

Digitalizado com CamScanner

Hermes tem a impressão de que se acha num pé-de-vento. Tudo tão estranho e belo. O rabinho de olhos vivos, listrado de vermelho, é seu coleguinha: para que o alvoroço? E por que essas luzes que põem nele – enquanto um velho o apalpa todo – quentes como o sol febril de outubro?

•••

Só a custo Hermes abriu as pálpebras. "Um relâmpago", imaginou, a cobrir com as mãos dormentes os olhos magoados. Mas a luz permanece viva em seu rosto, enquanto uma gargalhada corta o úmido silêncio, e ele imerge numa sensação de frio e pesadelo, imobilizado pelo terror. O vento? Escondera-se no bosque. Já não caía a chuva. E um véu de insânia envolvia a noite, e a ele, numa atmosfera de eflúvios adocicados.

Misterioso como veio, diluiu-se afinal o clarão. Trevas agora, penumbra depois. Sons indistintos passeavam na rua, vozes talvez, adormecidos pela distância. Alguém vinha de automóvel. Ou boêmios a divertir-se com a lanterna? Pôs-se à escuta. Nada além de um cocoricó longínquo. Ou seriam vagabundos na espreita, aguardando a hora do furto? Olhou as sombras: felizmente *ainda* pertenciam às figueiras novas, desgalhadas pela intempérie que destruíra o jardim.

No entanto, aos poucos se deformava a aparência das plantas e das flores: cobras se retorciam no escuro; o avô imundo que, rindo, mostrava o pênis; demônios agachados nos canteiros; dois olhos acendidos na cancela. Nervoso e arrepiado, sabendo embora que esses vultos nasciam da imaginação, Hermes desviou a vista para a clarabóia do terraço, em cujo peitoril gatinhos de porcelana bebem leite.

Algo redondo dentro do pires. Moeda? Aproximou-se para ver. E quase chorando de alívio, verificou que era a chave da porta. Meu Deus, enfim!

•••

Digitalizado com CamScanner

OEIRAS

Deixar a terra e os seus, esperar que não ocorra nenhum acidente (havia tantos aviões caindo!), certa desconfiança de que não se daria bem na quinta em Timon, eram tais as apreensões de Helena, na noite que precedeu a viagem. O velho sonho ia realizar-se enfim, mas agora, depois que reviu Orlando, um sentimento novo, de que talvez não conviesse ir, começava a prendê-la de modo inquietador. Não atinava por que lhe vinham esses pensamentos, como se a sua felicidade fosse depender de prosseguir ou não nos estudos.

Curioso é que Orlando tivesse alguma cousa com isso. Ela estava disposta a não se despedir dele: fora à pracinha somente para falar a umas colegas. Percebendo-o tão distraído junto do coreto, com o semblante melancólico, e banhado pela luz verde que se desprendia de uma lanterna, não pôde conter o impulso. E ao balbuciar o adeus, dominou-a sensação de que ele esperaria a sua volta, sendo inevitável que se quisessem um dia, mesmo tardiamente.

Nunca entendera bem é por que Orlando se retraía, se nos olhos punha tanto amor. Disseram-lhe que por causa do último encontro com Pedro. Seria uma razão necessária? Pedro ainda gostava dela: sentia-o pela maneira brusca com que passou a tratá-la. Naquela manhã, porém, fora só devolver o anel, com que a presenteara no início do namoro. Nada íntimo; ao contrário, constrangera-a a lembrança do perdido afeto. E já não tinha a cálida emoção do primeiro amor.

Orlando, mesmo ciente da verdade, não se decidia, escondendo-se no muro, sob a ponte ou nas árvores para não ser visto por ela; conversando e rindo com as outras sempre que a pressentia perto. Esse fingimento, se lhe aguçava o ciúme, feria o seu orgulho. Acostumada a ser querida e a ver a expansão natural dos sentimentos nos jovens com quem convivia, estranhava que pudesse alguém ser tão assim, a ponto de desprezá-la em público, amando-a dentro de si e a perseguindo à distância, nas cercanias do sobrado.

Digitalizado com CamScanner

Logo que ele apertou a sua mão fria, e a envolveu num súbito e terno olhar, seu coração reagiu com um estremecimento. Orlando pareceu notá-lo, e ela corou, saindo com um arrepio e levando no corpo a presença desse rapaz estranho e tímido, porventura tão belo! Não se conheciam há muito? Antes não o tivesse encontrado na pracinha, todo verde sob a luz. Pelo menos não guardaria a recordação daqueles olhos doces, fixos nela.

Não o amava, embora se visse confusa diante dele. Até o estimaria se fosse menos sozinho e procedesse como os outros rapazes de suas relações, que iam vê-la em casa, e sempre recorriam a ela, quando organizavam passeios aos morros e sítios umbrosos, ou festinhas de aniversário. Orlando era diferente, e seus modos sutis, a sua extraordinária beleza, o fascínio que exercia nas moças, tudo nele a perturbava, ainda que o admitisse com relutância.

A inquietude dessas horas deixou-a distraída dos afazeres. Foi a mãe quem lhe arrumou as malas, cuidando que os vestidos estivessem em ordem. Helena deitou-se tarde, esperando dormir logo. Geralmente o sono vinha depressa, e agora não queria aparecer. Os pensamentos dela assustavam-no. "Sei que não gosto de Orlando". Bocejou e sorriu. "Bem, gostar eu gosto. Mas não amo. Não é o mesmo. Só se estou enamorada e não me sinto". Virou-se na rede.

•••

Mal desceram do ônibus, Lucínio tomou a mão de Helena e detiveram-se a olhar o beco. Os casarões pareciam recortados no céu nebuloso, e junto às calçadas de pedra as vassourinhas cresciam livremente. Eis a nossa rua, disse ele, fitando-a nos olhos. É triste à noite, mas alegre pela manhã. Helena não o ouviu; achava-se presa ao fascínio da rua. As velhas casas penumbrosas, oprimidas entre quintais, tinham um quê de estranho e mágico. Que mistério não guardariam as suas paredes, e as janelas sem rótula? Vamos, chamou Lucínio. Você verá melhor de dia. Enquanto caminhavam, Helena escutou o estalido de um trinco, e estremeceu, sem conseguir ocultar a emoção. Reparou? Alguém nos espiava. Impressão. É mais de meia-noite. Mas, Lucínio... Seguiram em

Digitalizado com CamScanner

silêncio, até uma casa de boa altura, recém-pintada a tabatinga. Na porta da rua encontraram uma negra, de vestido engomado, que os recebeu sem mostra de alegria. Lucínio fez as apresentações. A copeira, Helena. Ela demorou a estender a mão para a empregada, e a recolheu logo que lhe tocou os dedos. Não estaria confiando demais? – pensou, olhando-a de cima. Os três entraram a seguir. Para Helena, o largo corredor às escuras, as salas espaçosas, apenas sob a luz pálida das velas, tudo a atraía e simultaneamente lhe estreitava o coração. Quem não se sentiria melancólico ante essas paredes alvas e nuas? Com essa interrogação chegou ao quarto de dormir. E foi com surpresa e enternecimento que avistou, na mesinha ao lado da cama, um pequeno vaso de flores. Eram jasmins, cujo perfume aspirou contente. Por um instante, pareceu-lhe que brilhavam os olhos da negra, e dominada por um sentimento de gratidão disse-lhe sorrindo: Obrigada. A mulher correspondeu ao sorriso e revelou que estavam ali desde a noitinha, quando os patrões deveriam ter chegado. O caminhão atrasou, interveio Lucínio. E ansioso por descanso: Muito obrigado por tudo. Espero que goste da Rua do Fogo, dona Helena – e a copeira saiu com as flores. Quando ficaram a sós, Lucínio beijou-a querendo e se pôs a desabotoar-lhe o vestido nas costas. Helena, no entanto, se desprendeu e pediu que deixasse para a próxima noite. Sentia-se bastante cansada. No fundo, não era assim, bem o sabia. É que a intrigava a estranha beleza dessa rua triste. Nunca pensara que uns casarões velhos, postos entre quintais, viessem a impressioná-la tanto. Quis convencer-se de que não valia a pena insistir nessas lembranças; convinha adormecer. Num momento, achava-se na cama, disposta a tudo olvidar. Mas uma interrogação dominou-a: por que falara a negra apenas na rua, e não lhe desejara boas-vindas também a Oeiras? Ia perguntá-lo a Lucínio, quando um grito irrompeu na noite. Era uma criança que pedia ajuda para a velha tia quase à morte. Ouviu? – sussurrou ele, pedindo silêncio com o dedo indicador nos lábios. Da rua vinham algumas vozes e um choro. Não acha melhor irmos ver? – e ela o fitou com esperança. Não; você fica. Lucínio levantou-se, vestiu a calça sobre o pijama e saiu. Deteve-se no corredor, pensando se conviria levá-la; sua presença talvez fosse útil. Venha logo. Helena estava pronta à

Digitalizado com CamScanner

espera do chamado. Conhecia-o bem: a princípio negava tudo, para depois, sem que insistisse, dar além do pedido. Quando foram ver, sentiu ela que a brisa lhe refrescava o rosto e punha em desalinho os cabelos mal penteados. Na porta da casinha em frente havia algumas pessoas: uma senhora de chambre, um homem de meia-idade fumando charuto, e um casal jovem que acabava de unir-se aos dois. Morreu agora mesmo, disse a mulher em voz baixa, olhando para Lucínio. Helena contraiu a boca, como se tivesse pesar, e foi nesse momento que viu encostar-se à porta uma garota de seus dez anos, franzina, de tez amorenada. Pobre menina!, exclamou a senhora, apertando-a nos braços. Tão novinha e infeliz. A moçoila se comoveu, logo voltando a chorar. Não a deixem assim, que tenho medo – e puxava a vizinha para a saleta em que a tia agonizara, o corpo encolhido na rede, tendo na boca um estranho sorriso. Helena observou quando a mulher cobriu a morta com uma toalha de mesa e trouxe a menina para fora. Apiedou-se dela e perguntou seu nome. Divina. Pois, meu bem... Você quer morar comigo? A garota não respondeu; chorava apenas. Deixe estar que cuidarei dela, falou a senhora, enquanto a afagava. E com amargura: Não temos filhos. Helena adiantou-se, mas Lucínio a deteve. Ela sentiu no braço a pressão de seus dedos, e recuou, encostando-se em seu ombro. E ali mesmo, de pé, exausta e sonolenta, fechou os olhos, vindo a cochilar. Quando despertou, viu-se numa espreguiçadeira, na sala em que se fazia sentinela à morta. E reconheceu a seu lado as mesmas fisionomias de há pouco, agora cansadas pela vigília. Lucínio veio lá de dentro, e ao perceber que já era dia, apagou o candeeiro sobre a mesinha do oratório. Tomou a mão de Helena e em seguida levou-a para casa. Os primeiros raios do sol começavam a bater na copa das árvores, nas cumeeiras, nos altos muros de pedra da Rua do Fogo. Os passarinhos cantavam alegremente, saudando o novo dia. Em toda parte, menos no coração de Divina, havia luz e calor.

•••

Da janela do sobrado, Helena olhou a ponte, o filete d'água que dormia ao sol, por entre tufos de muçambê, e mais além, a confundir-se

Digitalizado com CamScanner

com o horizonte, as verdes quintas do Mocha, de leve tocadas pela brisa. A manhã ainda não nascera de todo. O sereno na relva e sobre o muro tinha a veludez das rosas: puberdade. No azul-celeste as andorinhas ensaiavam o seu vôo, em círculos preguiçosos.

Revendo-as, ela se comoveu. Sentia-se como se fosse abandonar a infância, que transcorrera ali, envolta em névoa, tendo nos olhos essa mesma paisagem e no coração uma ternura sem fim. Dentro em breve Oeiras viveria só na lembrança; adeus, velhas ruas, pontes e riachos, morros e sítios; adeus, fazendas: os bois, as ovelhinhas, o tanque. Oh saudades, aboios dolentes, florescer de mandacarus:

– Ei, menina.

Ela se vira assustada. Ninguém à porta ou no corredor. De quem, então, essa nítida voz? Sua mãe está no jardim, aguando as roseiras; viu-a há pouco, com o balde na mão, no seu eterno vestido cinza. E no quarto, afora o baú, apenas existe a rede de sua avó, pendente no armador. Tudo é branco: as paredes leitosas; as ripas, caibros e telhas; a luz do sol que vem brilhar na poeira do chão, com auréolas que fascinam, e prendem, e deslumbram o seu olhar. Por que te escondes, Helena? Lucínio aparece à porta, rindo loucamente. Os olhos dele já não têm o ar sombrio de quando chegou. São alegres, mas não a deixam tranqüila. Há qualquer cousa de inquietante nessa boca vermelha que se abre agora, tensa e sinistra. O primo era quase recluso, brincando só, sem querer ninguém perto. Nunca falava aos outros espontaneamente. Sua aparição inesperada, e lesta, atemoriza-a; recua. Também vinhas aqui, hem? Ela não diz; teme o enredo. Sem que desconfiassem, aparecia naquela banda a fim de estar com a velha, por quem sentia grande carinho. Dava-lhe pena o desprezo com que a esqueciam. As criadas não lhe tinham o menor respeito: xingavam-na ao vê-la suja de porcaria; não lhe trocavam as vestes, e para cúmulo ficava toda nua, horas seguidas, enquanto passavam a ferro a sua encardida túnica de algodãozinho. Às vezes Helena assistia a essas cousas pelo buraco da fechadura, contendo a revolta, para depois atirar-se às pernas de Joana. A sua avó nem reparava nela, os olhos no vazio. Tal indiferença magoava-a que nem uma surra. Não compreendia o aviltamento a que relegavam a pobre, como se tivessem vergonha. Mas não

Digitalizado com CamScanner

com o horizonte, as verdes quintas do Mocha, de leve tocadas pela brisa. A manhã ainda não nascera de todo. O sereno na relva e sobre o muro tinha a veludez das rosas: puberdade. No azul-celeste as andorinhas ensaiavam o seu vôo, em círculos preguiçosos.

Revendo-as, ela se comoveu. Sentia-se como se fosse abandonar a infância, que transcorrera ali, envolta em névoa, tendo nos olhos essa mesma paisagem e no coração uma ternura sem fim. Dentro em breve Oeiras viveria só na lembrança; adeus, velhas ruas, pontes e riachos, morros e sítios; adeus, fazendas: os bois, as ovelhinhas, o tanque. Oh saudades, aboios dolentes, florescer de mandacarus:

– Ei, menina.

Ela se vira assustada. Ninguém à porta ou no corredor. De quem, então, essa nítida voz? Sua mãe está no jardim, aguando as roseiras; viu-a há pouco, com o balde na mão, no seu eterno vestido cinza. E no quarto, afora o baú, apenas existe a rede de sua avó, pendente no armador. Tudo é branco: as paredes leitosas; as ripas, caibros e telhas; a luz do sol que vem brilhar na poeira do chão, com auréolas que fascinam, e prendem, e deslumbram o seu olhar. Por que te escondes, Helena? Lucínio aparece à porta, rindo loucamente. Os olhos dele já não têm o ar sombrio de quando chegou. São alegres, mas não a deixam tranqüila. Há qualquer cousa de inquietante nessa boca vermelha que se abre agora, tensa e sinistra. O primo era quase recluso, brincando só, sem querer ninguém perto. Nunca falava aos outros espontaneamente. Sua aparição inesperada, e lesta, atemoriza-a; recua. Também vinhas aqui, hem? Ela não diz; teme o enredo. Sem que desconfiassem, aparecia naquela banda a fim de estar com a velha, por quem sentia grande carinho. Dava-lhe pena o desprezo com que a esqueciam. As criadas não lhe tinham o menor respeito: xingavam-na ao vê-la suja de porcaria; não lhe trocavam as vestes, e para cúmulo ficava toda nua, horas seguidas, enquanto passavam a ferro a sua encardida túnica de algodãozinho. Às vezes Helena assistia a essas cousas pelo buraco da fechadura, contendo a revolta, para depois atirar-se às pernas de Joana. A sua avó nem reparava nela, os olhos no vazio. Tal indiferença magoava-a que nem uma surra. Não compreendia o avil-tamento a que relegavam a pobre, como se tivessem vergonha. Mas não

Digitalizado com CamScanner

inquiria os pais, no temor de ser privada da doente, que, *para todos os fins,* não se ausentava da "Selga", presa às lembranças do marido. Podes confiar em mim. Não digo a ninguém. Lucínio corre ao encontro dela. O seu rosto é mais sereno agora; já não a assusta. Prometes não dizer nada a ninguém? Nunca, priminha; eu gosto de ti – e ele a agarra de repente, como um ébrio, e lhe dá um beijo úmido na boca.

•••

Olhos fechados, longos cílios recurvos, pretos, um terçol que intumesce a pálpebra superior, levemente vermelha, pés-de-galinha que já enrugam os cantos, a pele morena e áspera, uma espinha madura no pômulo direito, que uma lanugenzinha enegrece, cravos bons de espremer, respiração ansiosa e quente, o negrume do bigode cheio, sabor de fumo nos lábios, seios comprimidos, mãos que apertam as suas, sensações nervosas, esvanecentes; bocas que se despedem com um estalo, olhos bem abertos, brilhantes, imensos, nariz deformado que logo se recompõe, e Pedro a sorrir-lhe, terno: *eu te amo.* Doçura. O sol não queima, a aragem é fina, deslizam as águas do Mocha no seu leito de pedra, com perfumes em volta; ou tudo é sonho? Borboletas amarelas nos cachos das marias-moles; tenro das folhas que vibram, de leve. Pedro, sorrindo de novo, toca-lhe a face. Veias salientes, unhas roídas: ternura por essa mão, vontade de mordê-la, até ferir. Em cima, verde rasgado de azul e branco, um ninho na copa do angico. O rosto de Pedro se descortina agora contra as nuvens: lábios roxos, trêmulos; olhar fixo nela. *Não, meu bem...* "Não perturbes a minha felicidade. Não vês que também te amo? Ainda há pouco me deste um beijo; sinto-me emocionada. Quando te vi à porta, observando a nave singela, em que o povo endomingado assistia à novena, longe de mim que um dia tu, garboso na tua farda de cadete, te interessarias por mim, tão alheia a namoros, ora no sobrado, ora na fazenda. Tu me viste e na manhã seguinte, a pretexto de visitar os monumentos, foste lá em casa, e não saíste senão depois que me apresentaram a ti. À janela,

Digitalizado com CamScanner

de costas para a sala, eu ouvia as tuas perguntas e as respostas de minha mãe, detalhes sobre o estilo, época e lendas de todos esses casarões, em que o tempo parece ter adormecido. A tua voz, segura, quase rouca, fez com que minha respiração acelerasse; embora distante, me sentia como se estivesse a teu lado, numa das velhas cadeiras de palhinha, olhando-te sem que me visses, eis que tu ignoravas minha presença. E sem razão disseste algo sobre teus novos amigos – Adelino, Xerxes, Olavo – pessoas de nossas relações, de famílias tradicionais. Apenas para te ser gentil, mamãe indagou se chegaste a conhecer, de nome ao menos, o pai de Ulisses. Não? Na infância, costumava aparecer aqui, como, de resto, tudo quanto é menino de Oeiras. Os sobrados exercem uma sedução enorme na criançada. Uma vez, olhou o quintal das galinhas e estendeu o braço para uma delas. O balaústre apodrecido soltou. Ambos despencaram. E quando a velha D. Filomena deu pela falta do garoto, correu à janela, morta de ansiedade, e viu, sabe o quê?, viu o malino de cócoras, num monte de areia destinado ao reboco do muro. Ela desceu as escadas, receosa de que estivesse ferido. Qual o quê! Juquinha segurava um ovo nas mãos, em êxtase, crente de que o pinto estava prestes a nascer... Foi dali? – perguntaste. Sim, o senhor quer ver a altura? Vieste atrás, pisando firme. E quando te colocaste entre mim e mamãe, envergonhei-me de ficar à tua espera. Vocês já se conheciam? Mamãe fitou-me, suspeitosa. E rindo: Não seja encabulada, Helena. Este moço é nosso vizinho. Como é mesmo o nome do senhor? Pedro. E tu me olhaste de relance, com maior interesse na conversa do que em mim. Mas eu sabia que desejavas vencer a desconfiança da velha, para, sem dar na vista, aparecer freqüentemente no sobrado. Tanto que, ao te despedires de mim, eu já me sentia tua namorada; tu, o primeiro amor de minha vida. Oh manhãs, oh tardes, oh noites despertas... Alegrias, medo e esperanças. E agora tu me beijas; sou feliz. Deixa-me assim, nessa emoção diferente, olhos cerrados, sentindo a tua presença, o teu olhar em mim. Não quebres o meu encanto. Não ouves a música do riacho nas pedras, a brisa nas mangueiras distantes, o berro de uma rês no silêncio da tarde? Não desconfias que estamos sós,

Digitalizado com CamScanner

imersos um a pensar no outro, enquanto eles dormem na casa-grande do sítio, em redes ou encostados às vigas do alpendre? A festa morreu de cansaço, após o almoço. Desde cedinho pulamos e corremos atrás de frutas, varremos o chão sob o mangueiral, dançamos ao ritmo da viola e do pandeiro, sorridentes, alegres – nós dois: um par constante, nos passeios, nas danças, em tudo. Oh como é doce amar, ter alguém que me adora, gostar desse alguém; sofrer juntos. Não achas, Pedro?" O céu está mais longe, todo azul, sem flocos, limpo. Um urubu adeja quase rente à copa do angico, leve como uma pluma. É um urubu-real, maior do que os outros, belíssimo na sua cabeça escarlate. *Vês também?* Pedro não responde. E súbito, a suspeita; o tronco da árvore, as flores das marias-moles, o verde da relva: os olhos de Pedro fechados, a boca entreaberta, a respiração tranqüila de quem dorme. "Pedro, por que foste dormir? Não sabes que te amo em silêncio? Eu esperava cousa diversa de ti. Pensava que tu, por carinho..." Névoa; o branco das lágrimas. E este soluço!

•••

Do sol apenas restava um leque de estrias róseas e azuis. Envolta, assim, no embaciamento da tarde, a ponte de madeira parecia mais íntima aos olhos de Helena. Era ali que se encontrava com Pedro, nos últimos dias de seu namoro: silêncios, frases sem ternura, o amor constrangido. Tudo começou diante das ruínas do Sobrado, que a lua revivescia, no seu esplendor funéreo. O casarão dos Ribeiros guardava ainda a imponência antiga, uns restos da loucura que o escravizou. Assustada com o seu aspecto sinistro, e o repentino vôo de um pássaro branco, Helena não soube vencer a angústia; vinha-lhe de longe, da meninice, um surdo pavor ante aquelas paredes cinzentas, impregnadas de sangue e de gritos; sepulturas do tempo. Os corredores, desertos; o salão, úmido. No velho consolo de mármore, um camafeu partido. A escada escura: vozes na despensa. Ranger de açoites no pelourinho; lágrimas e maldições. Vultos lívidos à janela, em noites cheias de luar. E Celina de chambre, cabelos soltos, olhos sofridos e inquietos, a atirar-se na cacimba, levando consigo a imagem última do noivo. Oh, sofrer assim, amar em solidão, e até ao

Digitalizado com CamScanner

desespero, a memória de um gesto e de um sorriso. *Ah, Luizinho!* Os donos eram teus parentes? Pedro apertou-lhe as mãos frias. Também nervoso, olhava-a com uma expressão difícil de esquecer. As nuvens agora bloqueavam o céu, impedindo a visão da lua. E o vento penumbroso arrojava-se no beco, tépido e acariciante. Devemos ir. Ela se afastou, sentindo nas costas a pressão dúctil da seda. Logo adiante parou à espera do namorado, a quem indagou sorridente: Por que será que me amedronto ao ver aquelas ruínas? Pedro nem ouviu. Alguma cousa preocupava-o desde a véspera. Não ria, não falava muito. Os donos eram teus parentes? (Ele a fitava sério, a voz soturna). Oh não; nem correia de alpercata... Deveras? Por que haveria de enganar-te, meu bem? Um sorriso confuso acomodou-se nos lábios dele. Tenho confiança em ti. Detiveram-se à ponte, com os olhos no sobrado de D. Filomena: restos de nuvens; plenilúnio. Embaixo, roçando o limo das pedras e dos muçambês, estagnava-se o Pouca-Vergonha, cheio de borbulhas e detritos. Tu escondes algo de mim – lamentou-se Helena, de bruços no peitoril. Ele não se incomodou em replicar, tão diferente parecia agora de quando o conheceu. Estaria absorto? Crianças na rua brincavam de roda. Queres saber o que me preocupa? – disse enfim, pausadamente. Então ouve calada. Eu não dormi essa noite, pensando que Celina era tua parenta... Um menino pobre descia o barranco. Não entendo, Pedro. Que mal haveria se fosse? *Mens sana in corpore...* Sê claro, eu te peço; não sou instruída como tu. Pedro riscou um fósforo, para reacender o cigarro. O brilho das chamas demorou nos seus olhos. Disseram-me que existiam muitos loucos entre os Ribeiros. Celina, por exemplo, vivia gritando numa cela, com grade e tudo. Eu, por mim, se pudesse... Sabes, Helena? Se pudesse, eu limparia o mundo. Os doidos seriam mortos, os descendentes internados. A loucura é um estigma que não desaparece nunca; constitui verdadeira maldição para a família e a sociedade. Oh Pedro! Como ousas falar assim? Conheces tão pouco a vida! Silêncio. Só a noite palpitava, tecida de luz e de anseios.

•••

Tênue luar envolvia de mistério as ruínas do Sobrado, que à noite pareciam reviver nas centenas de insetos, ratos e corujas que ali

Digitalizado com CamScanner

proliferavam. Do interior vinham ruídos estranhos – correntes de ferro que se arrastavam, estalidos na madeira, asas em vôo e o cicio do vento no telhado. O muro fora o primeiro a cair, e perto do lugar onde outrora ergueram o pelourinho, havia uma brecha deixando à vista o quintal cheio de mandacarus. Ninguém queria atravessar o beco quando a lua, empalidecendo, mergulhava o casarão na penumbra e a brisa dos campos assustava os caburés friorentos. Uma vez, após a serenata, um dos cantores ainda sorria de prazer quando notou o Sobrado à sua frente. Indomáveis receios invadiram-no, e chegou a ver o fantasma de D. Nini balançando-se na rede, com um osso de galinha atravessado na garganta, e a ouvir Celina em queixumes de amor, numa voz que se perdia no fundo do poço. Entrementes um vulto assomou nas pedras do quintal, pendendo nos chifres inúmeras cobras ondulantes. O seresteiro assombrado desatou a correr, tão às cegas, que quase foi mordido por um cão leproso vagabundo. Instantes depois, o nevoeiro encobriu a lua e mergulhou o Sobrado em negros vapores. As corujas brancas regressaram ao ninho. E o silêncio invadiu o casarão, apenas desfeito por um contínuo ruminar. Quando o relógio da matriz badalou mais de trinta vezes (eram duas horas), o vulto urrou e saiu do quintal, em louco tropel. O cachorro, meio adormecido, ergueu-se à sua passagem e latiu. A cousa, entretanto, já ia longe, correndo nas ruas calçadas e investindo contra os animais noctívagos. Seus uivos e a respiração violenta enchiam de medo as pessoas insones. E isso até de manhãzinha, quando desapareceu, após esmagar dois cães que o perseguiam, e morreram estrebuchando, a gritar. Bem cedo voou a notícia. Os que não acreditavam no monstro admitiam pelo menos que algo insólito ocorrera de madrugada. A explicação somente veio mais tarde, quando um touro enfurecido, com ramagens entre os cornos, acossou um moleque no largo da feira. Tendo fugido na véspera, escondera-se nos arredores, onde se alimentara de ervas e folhas de algumas trepadeiras. À noite invadira as ruínas e aí enlouquecera comendo sebes murchas. Agora não admitia ninguém na praça, saindo logo em perseguição, a baba a escorrer do focinho. No começo foi divertido, e muitos gozaram à distância os sustos de uma pobre velha que levantou a saia para correr melhor. Quando, porém, se sentiram presos nas lojas, a situação tornou-se ruim, e o Velho mandou Ananias pegar o boi. Era o vaqueiro um homem rijo,

Digitalizado com CamScanner

queimado de sol, afeito à violência, e que tinha no coração uma ternura desajeitada para as crianças e os bichos. Nesse momento brincava com um dos netinhos do patrão, a quem chamavam Ulisses. Num instante Ananias montou no alazão e saiu para o largo. O touro não se moveu à aproximação do inimigo, limitando-se a escavar a terra. De súbito investiu: o vaqueiro desviou o cavalo e, pronto, laçou-o. Os curiosos encheram-se de entusiasmo. Apenas o menino é que não aplaudia: aproveitara a distração para comer o sal úmido da loja. O rostinho moreno estava sujo e nas têmporas o suor fizera-se cristal. Eis quando o boi, afrouxando a corda retesada, avançou contra o cavalo que, de porte inferior, perdeu o equilíbrio e lançou o vaqueiro ao chão. Em seguida, para horror da assistência, chifrou o homem na barriga, e deixou-lhe à mostra os intestinos encordoados. Com os gritos e pedras, o monstro recuou, entretendo-se em ver os moleques empoleirados nos oitizeiros. Foi a salvação de Ananias, que se arrastou a um armazém, depois de embeber a terra com um rastro de sangue. De repente sentiram falta do menino. Procuraram-no em toda a casa, nos depósitos de açúcar, escondido no balcão. Se olhassem a rua, veriam que ele estava caminhando em direção à fera, à qual estendia as mãozinhas frágeis. O susto generalizou-se, em silêncio. Todo o mundo gostava de Ulisses, mas ninguém queria pegá-lo, no receio de que o touro o vitimasse. Ora, enquanto isso o menino aproximou-se do animal e, rindo, virou a cabeça para considerar o tamanho dos chifres manchados de vermelho. A seguir, olhou o pretume das narinas ofegantes, o rabo inquieto, o cupim volumoso, e, avançando mais, tentou mexer nas barbichas do focinho. Para surpresa do pirralho, o bicho lambeu o sal de suas mãos e do rosto. Ele a princípio achou graça, e sentiu tanta cócega que no fim procurou fugir, meio indócil com a aspereza da língua. *Virgem do Céu...* Num minuto abateram o boi com um tiro, e a multidão correu para abraçar Ulisses, que, estranhando os beijos, põe-se a chorar convulsivamente.

•••

Não era noite ainda, quando Helena saiu da igreja, impressionada com o perfume do incenso e a agitação das bandeirolas. Desejando

Digitalizado com CamScanner

rever o pé de Jesus, tomou o caminho de dentro. Algumas pessoas iam adiante: o vulto delas se diluía em meio às sombras túmidas do morro. A espaços, o vento surpreendia-a com o burburinho das rezas, cada vez mais surdo. E as rãs nas grotas pontilhavam o silêncio de agouro, lembrando o quê? O açude e os misteriosos ruídos de suas águas dormentes. Prisioneira da avó, distraía-se olhando a campina pela vidraça, cujo embaciamento envolvia a natureza de um tom lúgubre, mas sedutor. Interessante ver o gado solto na relva, a luta de um jumentinho por alcançar os brotos do tamarineiro, os umbus inchados que pendiam do ramo – tudo assim nebuloso, como se à fazenda houvesse descido uma nuvem. Na ânsia de enxergar melhor, Helena bateu com o rosto e, estranho!, um círculo límpido de repente reconquistou para os olhos a sua antiga visão. Passou o lenço: a manhã despontou sol e chuva, com um arco-íris a nascer além, a perna maior voltada para o tanque. Ninguém mais devia estar percebendo aquelas tintas que surgiam no céu, roxazulverde, úmidas de orvalho e subitamente lívidas, como uma impressão de retina. Pois não sucedeu instante em que não se sentisse lá, ouvindo o rumor do arco-íris a beber o açude, um som indistinto que apenas ela percebia. Sua avó levava os dias e as noites na rede, silenciosa até a agonia. Inútil querer decifrar o sortilégio de seus olhos azuis parados, a impassível frieza de seus gestos. As criadas viviam em constante labor, imersas no pensamento: umas loucas. Semanas retida pela chuva, Helena se fechou no quarto, porque era ali que o prazer lhe vinha – a olhar o arco-íris imóvel, indelével no horizonte. Só as noites é que incomodavam, frias, chuvosas e ruidentas, cheias de grilos e rãs. Lhoque... Lhuque... Assim como estes magoados, que vêm do fundo das grotas, ao pé do morro. Oh, uma luz entre os alecrins do mato! Doce, e tão verde... Ela se lembra. As reses ruminavam ainda. Tudo na escuridão; até um vaqueiro a cavalo. Foi quando viu o jasmim do alpendre iluminado de vagalumes. Devia haver dezenas, algo semelhante a uma lanterna. Que os prendera dentro do arbusto? O calor do perfume ou a brancura generosa das flores? Talvez mandinga. Mistério ou acaso, que deslumbramento! Como essa visão noturna de Oeiras, que se insinuava ante seus olhos: luzes fugindo das sombras. O morro se alargava ali, plano, uma imensa clareira de pedra. Junto do declive, uma cruz inclinava-se para as grotas, reu-

Digitalizado com CamScanner

nindo em torno de si a devoção de alguma gente. Uma velha de cócoras escrevia na laje, num recanto de sebes. Só um menino lhe observava os movimentos. E quando ele se acercou: *Gravo seu nome, Ulisses.* Era o sobrinho da professora. Não querendo ser vista, Helena afastou-se e desceu pelo caminho das cabras. Nenhum pirilampo luzia agora. Mas as estrelas já recamavam o céu escuro: límpidas gotas de orvalho. Silêncio no pé do morro. À direita, uma roça abandonada; além, uma tapera e um libambo de ovelhas em repouso. Segundo a direção, o vento ora trazia o cheiro dos alecrins, ora o das miunças – como na fazenda. Ah, se pudesse ali adormecer, a contar, em solidão, as luzes que ressumam no firmamento! São poucas, até: uma, duas... Olha, que nasce uma verruga na ponta do dedo. A voz não tinha idade. Aqui, nenen. A ama erguera-a de bruços. No velho poço de roldana, bem no fundo, havia outro céu, tão claro e puro quanto o de cima. E Helena se maravilhara com a lua redonda escondida no seio da terra, cousas de Deus. Teria alguém falado agora? Ou o aviso era de seu anjo da guarda? Virou-se lentamente. Sobre uma pedra, estava um menino em cismas. A penumbra apagava-lhe as feições, envolvia-o de segredo. Estás sozinha aqui? Não temas. Conheço estas bandas. Ela corou, reconhecendo-o não só pelo timbre, como pela ternura que punha no falar. Eu não preciso de ajuda; não estou... Mesmo assim podemos seguir juntos. Ou tu preferes... Helena não lhe perdoou haver quebrado o seu encantamento. Sentia-se tão bem a sós com a noite! Deixa-me em paz; não gosto de ti: pareces uma mulherzinha, de cabelo fogoió. Orlando não replicou. Se ele se irritasse, iria a seu encontro. Porém se limitou a fitá-la, como a um muro. Ela não suportou o constrangimento e saiu a correr. Quando chegou à rua do sobrado, tinha as pernas feridas. E um desejo louco de gritar.

•••

Todas as manhãs, ao vê-lo passar com o terno encolhido, Helena se comove, e lhe persegue o olhar, na esperança de que termine volvendo o rosto para a janela em que se debruça – a mirar as quintas, o sol na relva, o casario, e a ponte de madeira. Nunca mais Orlando pôs nela os

Digitalizado com CamScanner

seus olhos doces de menino; faz meses que não a cumprimenta. Esse capricho lhe fere o coração, e a deixa absorta, enternecida à sua passagem silenciosa. Tudo porque, numa velha tarde de abril... Ó infância, escuta-me: por que será que magoas a gente? Diante do marido inútil, a vomitar a embriaguez no urinol, dona Santinha chorou desesperada. Confiante na sua promessa, colhera a hortaliça de quase todos os canteiros. Com o apurado na venda, e nas costuras por fazer, ajeitaria uma roupa nova para o Landinho, que já estava andando nu, com aquela mesma farda, dia e noite. Agora a verdura... Nem era bom pensar. Embora há instantes perdesse os sentidos na oficina, e as costas lhe doessem horrivelmente, os músculos em brasa, Orlando saiu com o tabuleiro para a escola, tão cauteloso que a mãe nem viu. Depois da aula de aritmética, iria com ele pelas ruas, calças serzidas nos fundos, e de tamancos, a apregoar *Olha o verdureiro!* Quando o infeliz entrou na classe, foi aquela balbúrdia. Uns riam, deixa que outros gritavam. Me dê uma pimenta de cheiro, moço. Alhos e coentros, quem quer? Adelino: vejam as calças dele; um molambo. Helena tinha pelo jovem carpinteiro uma admiração secreta, visto ser louro e cantar nas missas, com a sua voz limpa e apaixonada. Mas nem de longe entendia o retraimento dele, a solidão a que se condenava, único a não ir para o quintal durante a hora da merenda. Orlando era tímido. Nunca lhe pedia a régua emprestada; nem a caneta. Lia sempre no "Coração" de Sabina, uma preta das bandas do Canela. A professora vivia a elogiar a aplicação dele nos estudos, o seu temperamento dócil, a sua força de vontade. Sequer escondia a preferência; tratava-o com desvelos de mãe. *Landinho.* De tudo Helena se ressentia, talvez por inveja, ou porque gostasse da companhia dele, mais ainda depois de seu ingresso no coral da Vitória. E Orlando nem reparava direito nela! Assim, ao vê-lo entrar na escola feito um judas, não soube calar a zombaria, e deu uma risada aberta, que os outros imitaram em seguida. Se ele ao menos... – Cochichou para Adelino. O quê? Nada. Os olhos de Landinho exprimiam resignação. Se chorasse, ela teria pena, impedindo novas brincadeiras. Longe disso, continuava silencioso, lívido, sem um gesto de revolta. Ante a sua humildade, Adelino balançou o tabuleiro, que o pobre ainda trazia no ombro. Com o movimento, alguns tomates maduros caíram; e depois

Digitalizado com CamScanner

a latinha das moedas. Todos riram de prazer, nem Sabina se lembrou de ajudá-lo. Sem querer, Helena pisou num dos frutos, sentindo-o macio e úmido sob o pé. Como que estimulada por esse exemplo, a classe inteira avançou, e em disputa, aos empurrões, os meninos esmagaram as cebolas, morderam os coentros, a ferir uns aos outros com um bombardeio de tomates e pimentões. E Landinho? Num misto de terror e desalento, estava imóvel, junto à lousa, a torcer a rodilha nas mãos nervosas. O tabuleiro passeava, de leve, à cabeça de alguns, nos ombros de outros, entre exclamações e súplicas, e gritos. Olha a pimenta malagueta. Alho a tostão, quem quer? Só Helena não participava da anarquia, e de pé num canto olhava para o rosto de Landinho, no qual surpreendeu uma expressão profunda, de ódio contido. Súbito, o tropeço. Meninos correndo, se entrançando, arrastar de pés e cadeiras. Agora: o silêncio. Lábios a tremer, vincos de ira na testa, olhos chamejantes, a professora fazia tudo por controlar os nervos. Helena gelou. Nem sentiu que continuava ali no canto, perto de sua vítima. Naquele momento o medo como que a paralisou: já não via nada, senão aquelas duas fisionomias bem marcadas, e entre ambas uma nesga de céu, um pedaço de muro em ruínas, entrevistos de relance através da porta. Ficaram malucos? – goelou dona Julinha, dedo em riste nos tijolos manchados de sumo. De quem a idéia de trazer hortaliça? Sente-se, menina. E branda: Fizeram mal a você, Landinho? Aí que o pranto veio, explosivo, sacudindo-o todo num prolongado soluço. Olhos no chão, ele se limitou a acenar em negativa, e apenas à custa de muito esforço e reticência é que disse para que trouxera a verdura. Mamãe vai bater em mim... Só não acusou ninguém, por mais que ela insistisse. Oh, e você é generoso! Dona Julinha riu trêmula, como que inspirada. Não denuncia os que o ofenderam, não reclama sequer o pagamento, você, Landinho, o mais pobre. Que magnífica lição você lhes dá, meu filho. Ainda bem que Nossa Senhora lhe mandou estes cinco mil-réis, como prêmio à sua bondade. Aqui. Landinho se aproximou, entre surpreso e comovido. Ela não conteve a emoção e o abraçou. E estranhamente resoluta: Pode ir para casa. Vocês também. Hoje quero ficar sozinha. Helena retirou-se pensativa, alfinetada pelo remorso. Levou bem um mês pisando em tomates, ouvindo os gritos, vendo-o entrar na escola feito um judas. Com o

Digitalizado com CamScanner

tempo voltou a ser festiva, entretanto nunca se esqueceu daquela tarde. Na sua roupa encolhida, belo e cada vez mais forte, Orlando todos os dias vai para a oficina. Da janela do sobrado o vê: indiferente a seus gestos súplices, louro que nem um príncipe. Não agora, que está doente. Mas noutra destas manhãs de junho, claro é o sol, doce a brisa dos campos, terminará descendo para a rua. Um defronte do outro. Ele a sorrir. Ela em êxtase, mergulhada na ternura de seus olhos sonhadores.

•••

A chuva ainda escorre nas biqueiras, umedecendo o barro viscoso da cozinha. Na copa uma goteira apaga o amarelo da pintura e mancha a parede. O relógio de pêndulo alerta a dona da casa: é hora de Landinho ir para o emprego. Corre ao quarto dos meninos, e chama-o. Ele mantém os olhos abertos, contemplando o fio luminoso que pinga na bacia quase cheia. O som do mergulho entristece-o, e fica a apurá-lo. Dormindo? Assusta-se, apanha as alpercatas e veste-se. A roupa cheira a suor; repugna-o. A camisa já secou? Landinho dirige-se, sem resposta, para o café. Sua mãe está à mesa, de onde observa os coentros soterrados, nos canteiros do saguão; a chuva maltratou a hortaliça, desgalhando os tomateiros e impelindo os pés de cebola no rojão das águas. A bênção, mamãe. Landinho beija-a na face. Ela sorri, passando-lhe o bule. A camisa ainda não enxugou, meu filho. Deus... Contém-se: o marido aparece na porta, o corpo derreado, a saliva a escorrer, pegajosa, na barba hirsuta. Bebeu novamente? – balbucia Landinho. Às vezes me envergonho e me esforço para não chorar. A mãe pende a cabeça, suspirando. Não era assim, meu filho. Considera o tempo. Vá, que a chuva passou. Cuidado com as poças. Ele sai em silêncio. Embora a manhã seja clara, e os pombos nas cumeeiras já arrulhem, seu espírito escurece à lembrança de que não pode cantar hoje. Por não ter concluído a encomenda, seu pai mandou-o à oficina, à subida do morro. Logo que chega, limpa as maravalhas, reúne as ferramentas, e começa a plainar a madeira. Da sala contígua, mestre João pergunta por que vem tão cedo. Ainda quero ir cantar. Deixe para a missa das nove, sugere o marceneiro, aparecendo no corredor.

Digitalizado com CamScanner

Na d'agora é que se canta, mestre, e eu... estou para perder a voz. Os sinos dão a segunda chamada; o povo já sobe para a igreja. Passa uma bandolinista, com o instrumento a tiracolo. E olhando para dentro, vê o menino: Não vai cantar? Hoje é o dia da Padroeira. Silêncio, que o velho corta intrigado: Primeiro a obrigação. O acólito vem sobre as pedras, para não sujar a batina. A mulher acompanha-o. Mestre João se ri. As beatas sempre na vida alheia; não é? Landinho não responde, o pensamento no coro. O velho assunta, e toma a lixa, mandando-o preparar o grude. Ligeiro. Entrementes, os sinos tocam de novo. Ele aviva as brasas, que as cinzas encobrem; ajeita a trempe. Depois mestre João lhe grita: Vá-se embora. Landinho sorri, emocionado: E se vier a saber? Não se preocupe, meu filho. Se o cretino de seu pai lhe der outra surra, vai-se haver é comigo. E mostra o peito largo, cabeludo. Ele se despede e corre. Quando chega ao templo, já tinha passado a Elevação. Sobe as escadas íngremes do coro, e ri triunfante para os companheiros. A dona do bandolim leva um susto. Ele dá as costas e se aproxima da balaustrada, aspirando profundamente o ar fresco, impregnado do perfume dos alecrins que crescem nas torres. Os músicos afinam os instrumentos; logo irrompe a melodia do *Agnus Dei.* O Rosário não possui órgão; apenas violões e bandolins, que emprestam à missa um acento nostálgico. Landinho ajoelha-se. Ergue-se em seguida e põe-se a entoar seu canto. O timbre não é firme, mas à proporção que a música se funde em su'alma, vai se tornando puro. Há uma vez em que os fiéis se voltam para o solista, cujas mãos tremem. A missa está findando. Súbito, aparece o pai de Landinho. Todos o vêem; um murmúrio corre a nave. O ébrio cambaleia entre a multidão. Ao acercar-se dos músicos, o coro emudece. Só o menino continua cantando, alheio à presença do pai. Quando a percebe, ele se atemoriza e destoa, a voz esmagada no peito.

•••

Aqueles olhos ternos humilhados, espanto no rosto alheio, uma blusa amarela que recorta a vista de Helena. E ela deprimida ao entrever Orlando sob a fúria dos brogues, com que o pai o atormenta. A

Digitalizado com CamScanner

parede branca descascada. Dor aguda na testa. Vertigem: confusão de dentaduras linheiras, colos magros, brincos de ouro em pele de azeviche. Roda, roda carrossel. Silêncio. Os bancos na penumbra. Cheiro de estearina e de flores ressequidas. De repente, a intimação de uma bengala no tijolo. Mão inquieta, unhas sujas, órbitas vazias. O cego se aproxima, roça os dedos em sua boca, e pára. O grito não o assusta; nos lábios dele, um sorriso torpe, borbulhante. Toca no busto dela e apalpa os seios nascentes. Estranho pavor, esse que a excita, que lhe desperta sensações dolorosas mescladas de luxúria. Ela se debate em vão: ninguém aparece em seu socorro. A igreja está só: friúme. E aquela mão sebenta a apertar-lhe os mamilos; mão gélida, cor de areia; mão dura, rugosa. Os dentes cravam-se-lhe com força, o sangue rebenta. Um rugido de fera. Bater à toa: pancadas firmes, na porta, no chão, na lousa da parede. Helena se abaixa e foge sem rumo. Vê as calças encardidas, com um remendo no joelho: loucura. O batistério, a pia a que se agarra. Silêncio medonho. Ele se vira, à procura dela. As órbitas encarnadas lacrimejam; a boca espuma ainda mais – palidez de morte. Helena estremece e recua. O outro levanta a bengala *(oh meu Deus),* mas se volta para o vento que lhe agita os cabelos: o adro, a rua deserta. Desafogo. Suor a umedecer-lhe o ventre. Respira aliviada, com um tremor nas pernas. A tontura vai passando; já não se sente febril. Uma voz soa longe, longe:

– Ei, menina.

A manhã da viagem renasceu ferida de sol. De tão azul, o céu parecia dilatar-se, abaixando até à cinza torre da igreja, e às bandeirolas dos telhados antigos. Helena escutou arrulhos em redor dos ninhos, e um silvo metálico que emudeceu os pombos. Embora não inteiramente lúcida, aproximou-se da janela, a mesma em que há instantes se debruçara para ver as quintas do Mocha, o casario, a ponte, o riacho sonolento.

Não orvalhado o muro, senão triste e úmido, com pedras verdes de lodo e capim. Perto das roseiras, um lagarto subia cauteloso, olhos faiscantes como uma peteca. Helena tinha medo das lagartixas e dos gongolôs; repugnância sem memória. Mas ali, sob a intensa luz, não pôde desfitar aquela cabeça verdoenga, chata, repulsiva como a das cobras. E acompanhou-lhe os meneios, a tímida ondulação da cauda.

Digitalizado com CamScanner

O réptil atingiu o alto da parede, e logo se imobilizou, hipnotizando uma borboletinha amarela, entontecida de sol, que adejava da carnaubeira ao muro. Ela esvoaçou em volta, sem reagir, mais se aproximando cada vez. Helena tudo presenciava com emoção, num crescendo de dor e angústia. E quando a língua se estendeu, tão depressa, para enviscar a pobre:

– Mamãe! Oh meu Deus.

O grito ressoou no pátio interno, indo surpreender D. Glorinha no momento em que se inclinava ao poço. A voz de Helena, fria e desesperada, atemorizou-a, e tanto, que se esqueceu. A lata caiu: tibungo. Pensamentos confusos assaltaram-na; pôs-se lívida, quase aos tropeços. Não reparou no semblante dos criados; sequer viu a compoteira que alguém guardava e se espatifou no chão. Queda. Teria Helena caído? Tomara que não. Ela não poderia viajar doente. O corredor; a porta negra: fechada.

– Minha filha!

Helena não atendeu, se bem ouvisse o chamado, com um eco distante. Só depois é que lhe veio à consciência o minha filha! Sobressaltou-se, hesitando se deveria correr. Estava nervosa, roendo as unhas e a pele. Sentia-se estranha a si mesma. Começou a andar em direção à porta e se viu dentro de uma nuvem. *Aquela moça ali chama-se Helena: parece zonza. Seus dedos finos a puxar o ferrolho, e eu aqui, ausente, espelho de minha própria imagem.*

– Você está se sentindo bem?

Era alheio e profundo o olhar de Helena. D. Glorinha tomou-lhe as mãos, apreensiva com o silêncio dela. Estaria noutra de suas tristezas, logo hoje que iria pegar o avião? Desde que fora obrigada a romper o namoro, tinha dessas crises, passando horas no quarto. "Ainda bem que irá para Timon. Vendo o primo amiúde, acabará por esquecer o outro. Ela diz que não, mas o ressentimento não se apagou. Talvez não se apague nunca".

Na rua branca de sol, novamente o amolador rodava a sua pedra, levando a tesourinha a um gemer dilacerado.

•••

Digitalizado com CamScanner

O ROSTO NA VIDRAÇA

Lucínio voltou à rede, agoniado com o silêncio. Já não chovia; emudecera o parnaibano. As árvores frondosas, e inertes, fundiam-se com as nuvens. Rãs sem coaxo; goteiras sem pingo: noite morta. Até o rio calava o seu lamento. E o cachorro, encolhido à parede da cozinha, não tirava os olhos do vulto no canto do alpendre; orelhas para cima, respiração forte, como que intimidado por aquela presença estranha e sombria.

Embora fosse tudo calmo, Lucínio temia a revelação do mistério à sua espreita. Se fitasse em derredor, pensou, certamente não veria senão a latada obscura: teia de ramos e flores, bogarins. Mas se perdia em dúvida. O homem que ali se ocultava, esperando por ele, era seu pai. Rosto hirsuto na penumbra, olhar imóvel deprimente, mãos endurecidas contra o peito – nem bom imaginar. Oh, vê-lo assim, febril e túrgido, sofrendo com a idéia da morte; senti-lo perto, e não o defrontar por medo!

Se ao menos se decidisse! *Não o quero ver agora.* Entretanto, voltava de novo, e com angústia, à lembrança da cancela a ranger; dos passos comedidos na aléia, surdos e vagarosos; do cão a despertar, correndo sem latido e logo retornando medroso, o rabo entre as pernas. Se afrontasse o horror menos de um segundo, terminaria rindo da própria imaginação; ou descobriria a figura de alguém: José enfermo, abandonado a seus caprichos; um ladrão quieto, nos pormenores da fuga; ou, talvez... o diabo!

Nunca Lucínio vira o demônio. Porém acreditava que deveria ser belo, olhos azuis, sorriso doce, assim como a imagem do Coração de Jesus; de outro, não se animaria a perverter a gente, em troca do inferno. Por isso não receava a sua aparição. Em Oeiras, quando lá morou, chegara a ver a cadeira de balanço em que ele fazia a sesta. Após o almoço, enquanto os tios bebericavam o cafezinho, ia para o refúgio, na banda esquerda do sobrado, à espera de sua prima Helena. E ao atravessar o salão cheio de sol, quase sempre via a cadeira se embalando sozinha.

Digitalizado com CamScanner

Sem que nada lhe dissessem a respeito dos anjos, desconfiava que ninguém, a não ser Lúcifer, ousaria àquela exibição teimosa. Assim, vezes sem conta se encostava à janela, na esperança de que o espírito se encarnasse, ou pudesse vê-lo sob a transparência dos sonhos. Tal nunca aconteceu, ainda que pusesse todo o ânimo nesta súplica obstinada:

– Vem, ó meu príncipe.

Depressa fez Lucínio a invocação, luz fortíssima o encandeou. Imediatamente proveio do céu um estampido de bala. O chão tremeu, a porta do guarda-roupa abriu-se, quebraram-se copos na cozinha. O vento furioso zuniu, inchado, asfixiante, rompendo telhas e frutos. Longe, o entrechoque vertiginoso das palmas. E a chuva no seu império, apedrejando a casa e o sítio, num tumulto de vozes e lampejos infernais.

A violência arrastou-o para a porta, afastado dos pingos que irrompiam goteira adentro. O seu assombro não tinha limite. Se há instantes era o silêncio... Olhou o espelho que se movia, agitado: o rosto branco apareceu, e logo uma fisionomia tétrica. A parede; a cômoda sob a luz de um raio. Eis a visão terrível: olhos doidos, riso macabro, pele negra de úlceras.

Lucínio ensangüentou as unhas nas lascas. Crescia-lhe a angústia, e o próprio coração; esfriavam-se-lhe os pés. Um bater forte, e o espelho imergiu no guarda-roupa. Penumbra. Não mais o espectro, senão o furor da tempestade: ventania, aguaceiro, trovões. Um monólogo longínquo: José em desespero, a murmurar cousas, enquanto a rede gemia ao embalo da corda. E ele temente, seduzido pelo horror que o espreitava desde a janela.

"Enlouqueço".

Ofegante e úmido de suor, deteve-se um momento, de olhos fechados, sentindo que um bafejo envolveria seu corpo, como prenúncio da morte. Porém não via razão para a tortura a que se entregava: insônia e medo. "Se continuo assim..." Lembrou-se de Joana. Devia enfrentar logo o sortilégio, para adormecer os sentidos exaltados. Só a chuva, e a ventania assobiando nas frinchas; nada além.

Na luta contra a inquietação, descerrou as pálpebras e reviu, sim, a figura do espelho, a penetrá-lo com seu riso escarninho, solerte, imundo.

Digitalizado com CamScanner

Estremeceu, disposto a tudo. De inopino um relâmpago iluminou o alpendre, e o monstro se desfez em pequeninas folhas de acácia. Oh! Somente aí, num assomo de ternura e de alívio, percebeu Lucínio que a "cousa" não era senão um pobre arbusto desfeito, batendo na vidraça.

As pernas tremiam-lhe, quando alcançou a rede.

•••

Agora a chuva descia leve, e Lucínio não ensonava. É que Benoni punha nele os olhos salientes, banhados em doce ironia, tal como na última palestra a sós. Fora na esquina do liceu. A manhã, serena, lhes desatava a imaginação – límpido céu de junho, despido de nuvens e de asas. Discutiam a existência de Deus, o valor das escrituras. Ele negava a religião:

– Cristo é o sol.

– Já me falaste nisso – murmurou o colega, sorrindo. Mas eu te conheço bem. Logo dirás o *mea culpa.*

– Na velhice ou igual fraqueza de razão, sim.

Benoni apertou-lhe o braço:

– Ouve, menino. Daqui a uma semana estarei morto, e saberás que Deus existe. Juro que te farei acreditar.

– Morto? Tu vais morrer, Benoni? Com essa aparência saudável, esses músculos que eu tanto invejo? Tu, que nunca vi doente? Assim, nessa calma toda! Oh, não...

– Será que nem em mim acreditas? Lembra-te, incrédulo: eu posso suicidar-me. Tomo um narcótico, e durmo para sempre. Ou estricnina... Contam que a agonia é dolorosa; não sei.

Lucínio riu, crente de que o outro brincava:

– Se tu morreres antes de mim, aparece-me. – Pôs na voz um tom faceto. – Mas não interrompas as minhas leituras. Tenho muito que estudar. As provas estão aí.

– ... é uma dura prova.

A sineta convocou-os, nervosamente. Ergueram-se às pressas.

– Não vens à aula?

Digitalizado com CamScanner

Benoni respondeu que não.

– Agora vou faltar – disse, olhando a rua. Não te esqueças de minha promessa. Sábado à noite estarei contigo.

Enquanto ele se afastava pensativo, Lucínio quedou-se vendo-o. Tão meigo, tão simples! De todos, era o único que o compreendia; o único a quem narrava os segredos; o único que se não ria de suas idéias. Cabelos sedosos, rosto sujo de espinhas, olhos pidões, lábios sorridentes, a todos Benoni levava na galhofa. Por ser o mais velho da turma, homem feito, atraía certa admiração, a que Lucínio também não se furtava.

Cometer suicídio, um rapaz assim, tão alegre, sem uma queixa, mágoa ou ressentimento? Oh, decerto gracejava. De outra feita, ia matar a avó, e tudo não passou de brincadeira. Assassino quem nunca perseguira uma tanajura? Quem jamais se enfurecera? Quem vivia num ócio delicioso, com dinheiro, bons ternos e amante? E Benoni a envenenar a doçura luminosa da manhã, predizendo o fim quando em torno a brisa sussurrava alentos!

Lucínio foi para a classe e absorveu-se nos estudos. As provas tomaram-lhe a semana toda, até à fadiga. Quando veio sábado, pressentia-se de tal modo doente, que buscou descanso no velho *Olympia.* Não quis saber qual o gênero do filme, se de terror ou seriado. Qualquer um o faria esquecer a tortura da análise lógica e as complicações da aritmética. "Tão temerosa vinha, e carregada, que pôs nos corações um grande medo". *Uma oração apenas?* "Revoada de Heróis". *Emocionante! Não percam.*

Estava por adquirir o ingresso, quando alguém lhe tocou no braço. Era um estudante do liceu. Olhos ébrios, boca trêmula, respiração difícil, pele macilenta, tentava dizer-lhe alguma cousa. Supondo-o na iminência de um ataque, Lucínio estremeceu e recuou para a bilheteria. Tinha horror aos epiléticos: sentia-se mal só em vê-los.

– Benoni, Lucínio! Benoni... – exclamou o colega, após vencer a emoção. (Lágrimas desciam-lhe do rosto, lentas, unindo-se ao suor: máscara de angústia e desespero).

A noite de inverno caía densa, misteriosa, mais escura ainda por causa dos oitizeiros, que absorviam na sua fronde os últimos raios do sol. As luzes do cinema destacavam-se contra um céu negro, baixo, sem

Digitalizado com CamScanner

contorno; *Olympia* acendendo e se apagando, verde e amarelo, na agonia daquela tarde e daquele espanto. Benoni à morte, num sono profundo, letárgico; Benoni que Lucínio conhecera à porta do *Rex,* diante do cartaz de Harold Lloyd; Benoni imune à dor, e já se valendo de barbitúricos para dormir.

– Como? – indagou Lucínio, empolgado pela suspeita.

O anúncio do alto-falante irritou-o; a música era estridente e chiava. Ele avançou para o colega, a fim de ouvir a resposta, porém um homem com a mala passou no meio, rispidamente, forçando-o a novo recuo. Verdes: *l m i.* Amarelos: *o y p a. Olympia.* Agora Benoni estava à sua frente, em dobro. Imagens sobrepostas, confusas. A sirena do filme. Pessoas se entrançando. No fundo da consciência, o eco de uma voz:

– Benoni acaba de morrer, Lucínio. Suicidou-se.

•••

A porta range ao abrir-se. Lucínio obedece ao impulso, e entra. O recinto cheira à morte: há velas derretidas, flores desbotadas pelo tempo. As paredes brancas incham, de tão úmidas; gotas de chuva porejam do teto e vêm cair, sangüíneas, na lousa do pequeno altar. Um Cristo de bronze pende da cruz, e à esquerda, faz cinco anos, a avó Dete fixa o vitral poeirento, com os seus olhos azuis de porcelana.

Mas de súbito um grito dilacera o silêncio. Choram nos fundos. Rosto deformado pelo pranto, uma rapariga estende a mão para Lucínio, que dá os pêsames, com a insólita sensação de que se repete. O estudante remira-o surpreso, e abraça a irmã de Benoni, oferecendo-lhe o carinho de sua dor. Soubera agora mesmo, e vinha para ajudar a família. Estranho que *ele* não houvesse deixado nenhum bilhete, explicação alguma para o gesto.

– Onde o corpo?

O quarto era logo em frente. Um caixão de livros; escrivaninha com o tinteiro aberto e a pena enferrujada; chinelos junto do guarda-roupa, o espelho partido; uma flâmula do *Botafogo* de Teresina; e ao lado da porta a velha cama-patente, com Benoni em decúbito, na semi-

Digitalizado com CamScanner

obscuridade da noite. Amortecida nos ramos de uma figueira, a luz pauta-se pelas rótulas da janela, confundindo os grilos com a sua aparência de luar: estridulam por aí, num canto qualquer da parede.

Senta-se o outro na beira da cama, e a Lucínio mostra uma cadeira. A namorada funga, mete o lenço no cinto e explica o seu assombro. Sexta, depois da merenda, Benoni, os pais e ela consentiram em ficar à mesa; tempos que não se reuniam, pois cada um tinha sempre o que fazer nessa hora. Conversavam tranqüilos, já não se lembra do assunto, quando Felino se encolheu, todo eriçado, pupilas deste tamanho, ou maiores, e começou a fazer pupu, a mijar. Nunca se dera isto, e sem cão!

– Que tem esse gato?

O canarinho belga, que há instantes soltava gorjeios, calou-se de repente, a debater-se na gaiola. Olharam em torno, irresolutos, e ela, não atina por que, sentiu uma cousa. A mãe prendeu-se no braço do velho, também inseguro. Benoni como nós: temeroso do que estava prestes a acontecer. O bichano encolhia-se em cima da radiola, a bufar; e o passarinho feito um louco, deixando penas amarelas nos talos de buriti.

Um bode preto entrou porta adentro, indo direto para o cômodo de Benoni, quebrar o espelho do guarda-roupa. E rápido como veio, retornou à copa, desaparecendo em segundos, sob o olhar atônito da família. Após o susto, ela se persignou nervosamente, com a mão suada, e viu palidez no rosto do irmão, que sorria de tudo, qual idiota, enquanto o velho estalava as juntas dos dedos, e a mãe ardia os olhos de tanto fitar o comedouro, em que o belga tremia arquejante, no berço da morte.

– O demônio, meu Deus!

Cala-se, vencida pelo desânimo. A voz era rouca, cheia de ressentimentos, e ela tossia de quando em quando, cobrindo a boca miúda com o lenço. Agora já não sabe o que dizer. Algumas tiras de luz apertam-lhe o ombro. Muriçocas voam atraídas pelo negrume do cabelo, e pairam. Hesita, torcendo as mãos. Acerca-se do corpo *(Eu... Oh, Benoni...)* e soluça ao se reconhecer sozinha, sem novos perfumes, sem pulseiras, entregue ao desamparo.

O estudante arrota. Somente aí como que se reanima:

– Traga uma vela. E a lâmpada, por que não acende? Há luz no poste da esquina.

Digitalizado com CamScanner

– O fusível queimou. E só temos um candeeiro velho.

– Não podemos é deixar Benoni assim.

– Espere. Já volto.

Lucínio se levanta, meio tolhido por um formigamento nas pernas, e roça os dedos na face do morto, cerrando-lhe os olhos sonolentos. Depois retoma o seu lugar, tão absorto que nem percebe quando os namorados vão para dentro. O cabaré da Palhinha. O sol já se escondera. As árvores empalideciam na penumbra, suavizando o calor de outubro. À sua frente, três homens falavam do crime ocorrido na véspera. Um senhor amanhecera numa poça de sangue, bem ali na esquina, de mãos atadas e em pêlo. Vingança, pois o sexo tinha sido lançado a um monturo, onde os porcos da vizinha o comeram ao raiar do dia. Com a imaginação excitada por esses pormenores, Lucínio seguiu rumo à zona. Encontrou as ruas desertas. Sombras pelos corredores, nos terrenos baldios, no fundo verde da grota. Moscas, nuvens delas. Em meio ao silêncio, um choro entrecortado, sentido. Alguma relação com o assassínio? Aproximou-se da janela e surpreendeu uma adolescente despida, cuja cabeleira rebelde se harmonizava com a exuberância das formas e dos seios. Um moço igualmente nu tentava seduzi-la, preso à cintura dela. Ambos gemiam, um a querer, outro a negar. "Vem, eu te amo!" – e ele a mordia no pescoço, com lágrimas de ternura. "Mas eu não posso, Benoni. Estou doente". Lucínio encheu-se de espanto. O fauno, que as cortinas ensombreciam, era ele, o Benoni de sua afeição mais pura. Sentiu-se desconcertado, e fugiu para os oitizeiros do bosque.

De novo, a cama, o quarto em que Benoni adormece para sempre, alheio à inquietação do amor: tudo para que existiu não o interessa agora, eis que o coração não pulsa mais. A seiva da vida, tão forte nele, está apodrecendo na intimidade das artérias e dos músculos; uma doce fermentação incha-lhe o ventre, contorce os lábios num sorriso abjeto. Ontem, o prazer, a gula, os desvarios de quem ama; hoje, sequer a memória, nada! Apenas um corpo, que o amigo vela sozinho, com as muriçocas, e aos poucos vai crescendo no escuro, diante do espelho ferido. Entrementes, algo se revela mais perturbador ainda. É que a fronte do morto pende no travesseiro, como a certificar-se de sua presença.

A família janta na copa, à luz do candeeiro.

Digitalizado com CamScanner

•••

Enquanto decidem qual a roupa do sepultamento, Lucínio começa a temer os olhos de Benoni, que relutam, inconformados com a morte. Duas motonetas disparam na travessa, morre a buzina no tempo, e é como se tudo fosse ontem. O enterro de sua avó acaba de sair: numa dessas manhãs ardentes, tal como ela desejava. Sol na varanda; luz febril em todas as peças – na copa, nos retratos a creiom, no espelho suspenso que, à força de refleti-la, assimilara a sua natureza taciturna. Lucínio está só, mas não sente. Gritam os pombos na cumeeira, embatem contra as panelas vazias, ou retornam ao muro, às bicadas, aturdidos pela fome. Desde que a velha se prostrou, não se animam a comer na palma de outras mãos. Os arrulhos *Odete vem, Odete vem* irritam Lucínio, arrancam-lhe remorsos. Ao sair do liceu, uma tarde, seu coração logo se apertou: nuvens cinzentas fechavam o céu, e o vento úmido tinha o cheiro das queimadas. Parou de súbito, antevendo-se no meio do rio, com águas nos pés, e a canoa afundando, sob a inclemência da chuva. Um menino disse *avó,* e ele se lembrou da sua. A casa era pertinho, três quarteirões. Há tempos não aparecia na hora do lanche: Dulce empalidecia na sua presença, e ele não suportava os seus olhos azuis. A velha recebia-o em silêncio, desconfiada. Algumas vezes, durante o café, Lucínio percebia o olhar de ambas em seu rosto; então, por brincadeira, pegava nos talheres e fazia menção de atirá-los: as bruxas tremiam, e se afastavam a correr, trancando-se na cozinha. Naquela tarde entrou sem ruído, e as surpreendeu a cochilar nas suas preguiçosas. O medo se dissipou; sentia-se forte sob os troncos de carnaúba, aparentes no telhado. À janela, pontas de capim surgiam entre flores de cerâmica: o jarro pequeno mal cabia. Desprendeu uma folhinha nova, acercando-se da tia no momento em que se virava na cadeira. A penugem loura das têmporas sugeria-lhe cócegas. Mas Dulce estremeceu, lívida, perplexa. Que faz aqui? Mamãe, mamãe... – gritou nervosa. A velha atendeu a custo, quase sem fôlego: aquieta, menino. Que levado! Vendo-o sorrir, desconcertou-se, voz branda: Merendar? Tem aí um resto de cuscuz e leite. Lucínio intentou explicar-se; logo reagiu. Para que dizer-lhes do temor que se ocultava em seu coração? Depressa

Digitalizado com CamScanner

encaminhou-se para a copa, distraindo-se com um pedaço de rapadura e uma tira de limão azedo. Pombos em festa, esvoaçando, aos pios. Ele estranhou. (É que sua avó lhes dava xerém, alheia ao barulho e à firme pressão das garras). Como a janela reduzisse a visão, precipitou-se para o jardim. Entretanto, frondescentes loucuras tomavam o passeio. Afastou os ramos, bem de leve: e as aves fugiram para o muro, outras para a mangueira, uma porção em debandada para os céus além. Tinha de se intrometer, não é? A senhora abaixou-se, e Lucínio correu para os fundos antes que o chinelo o atingisse. Pingos de chuva estalavam nas fruteiras, caíam folhas pelo chão. A latrina era o único abrigo. Encostou a travanca na porta, a fim de não ser incomodado. Pelas frestas viu metade da avó, e depreendeu que chamava os pombos, do alpendre da cozinha. Escurecia. As goiabeiras amarelavam de frutos suculentos, cheirosos. Um pé crescia junto do beiral, com uma trinca de goiabas verdes, maduras por dentro. Lucínio, no afã de tirá-las, galgou os tijolos, sem qualquer proveito. Os galhos iam e vinham ao sabor do vento. E a chuva engrossava, de escorrer, desveludando as folhas que, assim, se tornavam corredias às mãos. Presos, e quentes, os gases da sentina eram agora bem mais penetrantes que o olor das frutas. Lucínio principiou a inquietar-se. Prisão: lá fora, o cerco do temporal; aqui, um recinto de fezes borbulhantes, o ar podre. Na sua agitação, bateu numa pilha de lenha, arrumada em pé num canto. Alguma cousa no escuro, sob as achas. Cobra? Deteve-se à espera da mordida. Porém o clarão iluminou um ninho doméstico. Curvou-se para ver. Um pombo chocava. Teria algum filhote, ou apenas o indez? Avançou a mão, devagar, rindo dos golpes com que o outro o acolhia. Asas abertas, duras como tendões, ele o bicava, aflito, gemebundo. Lucínio exultou, embora as picadas lhe doessem. No íntimo divertia-se. A busca de novos prazeres levou-o a deschocar o pombo; na areia morna viu dois ovinhos. Entrementes a chuva adoidava, respingando a latrina inteira; a ventania derrubou a travanca, veio a porta abaixo. Era no fundo da vazante: sucumbindo ao rio, querendo libertar-se das mãos que o apertam, que o sufocam. Quanto tempo? Noite de agonia: fruteiras em desordem, pingos, ralos a tremer. Uma luz no alpendre: Lucínio... Lucínio... Olhou para o chão, e entonteceu: as suas pernas aqueciam um corpo – o pombo es-

Digitalizado com CamScanner

trangulado. Nunca a avó esqueceu tal desatino. Ela os amava com um fervor mórbido, um tanto opressivo. Não é que, depois da extrema-unção, ainda teve forças para recomendá-los a Dulce? Certamente perdera a memória, pois a filha mais velha, solteirona, nem mesmo disfarçava o rancor pelos "agourentos". Estão famintos agora, aí pelos muros e no telhado vermelho, aos gritos de *Odete vem, Odete vem.* Choram a sua dona? Ou pressentem a traição? Lucínio descobre a lata cheia, milho e gorgulho, tranca a despensa e vai para o jardim. Os pombos assustam-se, mas voltam atraídos pelo sacolejo. Arde o sol, quente é a manhã. Ele os observa com um pouco de ternura da avó: imponentes na sua singeleza, olhos de boneca, asas tão branquinhas! Comovido estende-lhes a mão: depressa vêm todos, dóceis, confiantes, macios.

Dispara uma motocicleta na rua.

Ao longe buzina.

•••

Sábado à noite estarei contigo. Lucínio recorda a promessa, com um estremecimento no corpo. E se Deus... Tanto alardeara a sua inexistência, que o assunto se tornou objeto de discussões; houve insultos e brigas, até que a pobre da freira velhinha chorou na aula de religião, de ver um tão herege. O inesperado sussurro, o espanto e a palidez feriram-no cruamente. E, por cima, aquela voz de gelo; as moscas.

– Filho sem entranhas.

Tudo cessou de vez, por ordem de padre Miguel. Não obstante, Lucínio pressentia nos outros a secreta intenção de evitá-lo; e daí a pouco se ergueu à sua volta um muro de silêncio. Benoni foi o único a continuar fiel. Na sua presença Lucínio se sentia outro, nunca revelando inquietude. Porém mal entrevia a quinta, ó flores, ó verdes relvas, apertava-se-lhe o coração, e uma dor surda, íntima, lhe reabria o sentimento para o menosprezo com que o fitavam agora.

Dia e noite, na solidão do quarto, ou imóvel no alpendre às escuras, ele repassava ante os olhos tristes os gestos de reprovação de uns, o dobrar de esquina, a mudez recalcitrante em que se diluíam os alunos

Digitalizado com CamScanner

todos. De mãos suadas, trêmulo de angústia, preferia vê-los cegos, ou nunca, para em seguida chorar baixinho, que nem um doido, a injúria que lhe fincaram no peito. Benoni é que não. Fingia desconhecer tudo, e sempre o esperava no corredor, naquelas manhãs de junho, a fim de levá-lo ao recreio, poupando-lhe o constrangimento de ir só.

No último sábado, liberto do espinho e disposto a aceitar pacientemente a nova situação, reconheceu que aos poucos ia desculpando os colegas. Benoni, que mais fazer, ao sol? Pôs as mãos em suas têmporas, leve, e sorriu: *Garoto!* Lucínio reteve as lágrimas a custo. Sem lhe entrever a aflição, o dilaceramento interior, assim a dias da morte, cuidando apenas em resguardar a pureza de suas idéias, voltou a negar a existência de Deus. E quando Benoni, olhos sorrindo, marcou a data, sequer teve dúvida. Suicídio? Uma caçoada...

– Que tragédia, hem?

A voz assusta-o. Estava perto do caixão, vendo Benoni, quando uns seios duros se achataram em seus ombros, e um rosto adolescente, róseo, quase se colou ao seu. O perfume, entretanto, logo o envolveu numa atmosfera sensual irresistível. Quem, se não Afonsina? Nem se afastou, no prazer daquela carne jovem, firme e quente, que se lhe roçava, uma verdadeira alucinação. Olhos no morto, ébrio de volúpia, ele estremecia por novos contatos, sôfrego de beijos e de carinhos. Há muito que lhe ambicionava o afeto, a veludez de seu corpo.

Não obtendo resposta, Afonsina largou o espaldar da cadeira e se foi (entressentiu) rever a noite através da vidraça. Benoni, os soluços da irmã, o lamento dos velhos, o burburinho dos estudantes, a luz moribunda, tudo se desvaneceu para Lucínio: o afago da relva. Quando voltou a si, achava-se tão junto, que a rapariga se perturbou, inquieta com a fixidez de seu olhar. Riram-se timidamente, ambos nervosos: ela, a roer as unhas, para lhes destruir o esmalte sem cor; ele, fingindo tocar música nas rótulas da janela, e depois marcando de poeira a camisa suada, com um botão a menos.

– Uma desgraça! – respondeu enfim.

– Como?

– Eu disse que era uma pena.

Digitalizado com CamScanner

Afonsina encostou-se no peitoril, com as duas mãos no cinto. Aparentemente não queria estimular a palestra. Mas não se moveu quando o notou a seu lado, mais próximo do que devia. Alguns colegas rezavam de joelho, e ao aceno de uma senhora os dois se intimidaram, passando a repetir a ladainha. Ansioso e insistente, como se nada quisesse, Lucínio deixou-se pender, excitando-se no triscar da blusa. As costas da mão, por um segundo, bateram de leve na coxa, e o *ora pro nobis* lhes saiu desconcertante, prenhe de cumplicidade.

– Espero você na esquina.

A lâmpada balançava. O céu, de dentro da figueira, parecia uma nuvem só. Ventava. Longe, sobre o capim, no extremo do largo deserto, movia-se um vulto, que Lucínio tardou, mas reconheceu: era uma cabra. A morte de Benoni, como pôde esquecê-lo tão depressa? Não estava ainda há pouco à sua cabeceira? E nem remorso! Algo vivia nele, no fundo de sua solidão: um sentimento enérgico, de alegria e ternuras infindas. Nas calçadas do liceu; sempre ali. Afonsina palestra com um grupo de rapazes, ri das anedotas, os seios exuberantes, os lábios úmidos pedindo carícias. Ele a observa, dominado por súbita e forte atração. Vez por outra ela arrisca um olhar sem interesse. E quando se cruzam na pracinha aparenta um ar tão frio, que às vezes até lhe dói, ou vira o rosto como se a presença dele a incomodasse. Agora é sua. Vão-se apaixonar, sente que sim; abraçar-se-ão no escuro, aos beijos; andarão juntinhos pelo bosque e, enternecidos, ouvirão o riacho gemendo nas pedras; nenhuma rusga. O maravilhoso é que hajam renascido durante o velório: ao pé do morto, na penumbra carregada de lamentações e de rezas, como uma flor que desabrocha à beira do túmulo.

•••

Os postes se estendiam ao longo da noite, com uma claridade intensa e nua. Lucínio, acompanhando-os, via-se crescer e encurtar na relva: ora à frente, ora à esquerda, segundo o capricho das lâmpadas. Às vezes, um pé de amêndoa fragmentava a luz; outras, eram as sombras que se difundiam pelo caminho. À parte a breve agitação dos oitizeiros, tudo parecia morto no bosque.

Digitalizado com CamScanner

Vivalma...

Ele não tinha pressa, não se importando nem com o frio nem com o carrego das nuvens. É que levava consigo o perfume de Afonsina, o feitiço de seus lábios, a quentura das mãos, seus gestos, a sua voz sensual. "Você rezando, quem diria!" Estão à porta, um defronte do outro. A aragem desce a rua, envolvendo-os na mesma carícia. Afonsina tem os olhos pesados de sono: "Até domingo". Não se contém e beija-a de novo, agora na ponta do nariz. Quer abraçá-la. "Amanhã, talvez". Ela foge sorrindo.

– Gostoso, amar! *amar.*

O eco, repercutindo no silêncio, como que despertou a natureza. O córrego rebentava nas pedras, lívido de espumas. Galhos secos vinham das alturas, com um furor insólito. Pios dispersos; bater longínquo de asas – uma coruja que se largou no mundo. Os bambuais da ponte enverdeciam a luz; depois era um trecho alagado, escorregadio, sem poste algum. Lucínio examinou o chão. Ao erguer a vista, teve um sobressalto. Além do banquinho, e imerso na penumbra, alguém abria uns braços duros para ele.

– Quem está aí?

Um fruto despencou na poça, respingando-lhe as calças. Lá em cima, junto da igreja, as marrecas gritavam para um bando que passou no céu, quase rente. Nenhum outro ruído. Entretanto, o vulto continuava imóvel, perto da cerca, mudo como... Oh, o espantalho! Lucínio se despreocupou vendo o pobre judas. Estranho que não o reconhecesse a princípio. Alguns passos, logo começando a se encher de dúvida. Não saberia explicar: achou que a estatueta se movia, seguindo-o com os olhos rachados.

Felizmente ia perto do fim. Os oitizeiros já não se alinhavam formando um túnel. Respirou o alento do rio, que reboava adiante, oculto pelas sebes, e retomou o pensamento de Afonsina. Contudo, ela não saía de junto do morto, beijando-lhe a testa, com os mesmos lábios que depois arderiam nos seus. Mãos sobre o azul, Benoni alongava-se no féretro, tão solene que Lucínio mal descobrira nele o brincalhão de outras horas. Ninguém desvendara ainda as razões do suicídio. Loucura? Farsa que o desgraçou? Ou quisera experimentar a força de Deus, a sua própria existência?

Digitalizado com CamScanner

– Morrer num sábado!

Lucínio ouviu a voz, assustando-se com a idéia de que monologava. Estaria falando sozinho? Deteve-se à escuta. Nenhum rumor. Ia em frente, quando distinguiu umas pisadas, de leve, como se o vulto as amortecesse de propósito. Luminosidade plena, absoluta. Quem viesse, mesmo por trás dos alecrins, mostraria o corpo à distância. E não era nem a morte que mais temia, senão o rosto. Olhos à espera, ouvidos aguçados no ermo do bosque, sensível ao vento, ao dobrar do capim, a tudo, ele se rendia àquela cousa nojenta que o procurava, de cócoras ou rastejante. Já lhe percebia o fôlego de moribundo. "Vai ser agora".

Pupilas amarelas, e babando, as presas arreganhadas numa repulsa instintiva e feroz, o cão avançou a rosnar. Era terrível, na sua magreza: apenas ossos, e um pergaminho leproso que sumia entre as costelas. Arrepiado de medo, Lucínio aguardou a mordida. Entrementes gesticulava, recuando para a moita. Vinha do grupo, numa tarde de muito sol. Adiante, meninos atiravam pedra num cachorro doente, que gania, a correr embalado, levantando o pó da rua. Como o perdessem de vista, foram-se embora e Lucínio rumou para casa. Já ia perto, quando encontrou o animal sob uma gameleira... Condoído de sua sorte, abaixou-se para acarinhá-lo, mas se arrependeu. Ainda hoje a mordedura lhe dói.

Ele gritou, na impressão antiga, para livrar-se dos dentes. A voz saiu-lhe um guincho. Suava frio, com o coração opresso. De súbito aquele recobrar de ânimo; a consciência, que as sensações do bosque tinham obscurecido. Nada que temer. À sua destra, roído pela fome, estava um simples cão vagabundo. Quem sabe se não tremia, no receio de uma pedra que lhe esmagasse o crânio? Refeito do susto, Lucínio se afastou, não sem cautela, olhando-o pela última vez. E o divisou no mesmo sítio, em luta com a tosse, a macular os rebentos da grama.

O peito de Benoni todo sujo. "Por que não se morre com dignidade?" O vômito fedia até, grudento e sangüíneo. Eles não o podiam deixar inspirando nojo; tinham de banhá-lo. A irmã, que escolhera o terno azul em silêncio, deitou uma gargalhada ao revê-lo assim, logo o abraçando aos beijos, num choro histérico, quase convulso. Ante a estranheza de Lucínio, o outro pediu que ela não se abandonasse ao desespero. Convinha que não se ferisse tanto. Não se dilaceravam os velhos lá dentro, no escuro?

Digitalizado com CamScanner

Um espinho riscou-lhe a face, sem maiores conseqüências. Era à saída. Deslumbrado pelas luzes do bosque, Lucínio surpreendeu-se com a escuridão da rua. Viu um céu nebuloso, sem estrelas. E no fundo do cais, o rio de sua infância, que o sereno da noite revestia, com uma brancura de mortalha.

•••

O bote desliza, mas não chega a dar impressão de movimento: as luzes do porto não se aproximam nunca, dispersas no nevoeiro. Corre uma aragem fina, sussurrante. E o remo sobe, e desce, no mesmo ritmo cansado. O vareiro fuma tranqüilamente. Nuvens grávidas tomam o céu, informes, negras, indistintas. É tarde; o frio adormece a noite.

– Vem chuva por aí.

A sós no banco da frente, Lucínio perde-se na contemplação do rio. Não solte! Pálido ressurge o corpo, que ele sustém nos braços doloridos, para que o colega possa limpar todo o vômito. Sente que deve conter a náusea. Já não suporta a coceira, a repugnância daquela carne sem vida, ainda morna, que seus dedos penetram com volúpia. O suor queima; os dentes marcam a boca. Entretanto Benoni, peito nu, olhos semi-abertos, o prende até o fim, com estranho sorriso nos lábios sem cor.

("Tão jovem para morrer!")

Contorno de pernas rijas. Passos em sua direção. Lucínio se perturba, em meio às trevas e ao rumor das águas. Logo respira. O vulto é do barqueiro, que abandonou o leme e enterra a ponta da vara na areia, impulsionando o bote com a força dos músculos. O cais de Timon brilha menos do que as velas. A irmã e os pais do morto comprimem-se no espelho, reduplicam-se, mãos crispadas, parecendo uma só figura. Crescem-lhe os olhos, fixos na mortalha; indiferentes aos pêsames e ao burburinho da vigília, como esmagados por uma dor maior.

– Cuide, moço, que está chuviscando.

Lucínio não tarda a reconhecer o barranco de pedras escuras, para onde o vareiro o levou: o sítio na penumbra. A chuvinha rumoreja na fronde das árvores, e na relva. Há luz nos fundos; certamente sua mãe

Digitalizado com CamScanner

ainda não dormiu, preocupada com a ausência dele. Grossos, e mais frios, os pingos regelam; o vento incomoda-o. *Sábado à noite estarei contigo.* A lembrança repercute n'alma, afligindo-o. Apenas agora começa ele a pressentir a solidão que o aguarda. Já não lhe resta nenhum amigo; o último suicidou-se.

Bafo quente na mão esquerda. Uma cousa se entrançando nas pernas. Lucínio vê Buque e se comove. Sente-se em casa, que alívio!, longe dos tormentos daquela preparação: ele e o outro sozinhos, iluminados por um candeeiro fumacento, a despir o morto, banhá-lo de perfume, vestir-lhe um terno escuro, e de modo a não aparecer o sorriso insultante. A presença do cachorro reanima-o. Toma consciência da hora.

Amiúdam os galos da redondeza.

Lucínio num pulo sobe ao alpendre. Empurra de leve a porta da sala. Ante a resistência, termina por abrir a fechadura, cauteloso em não despertar o velho e a irmã rixenta. Ao contrário do que imagina, sua mãe não o espera na preguiçosa; o sono venceu-a. Retira-se para o quarto, sem se dispor a acender as luzes. Não tenciona ver-se: desagrada-lhe a idéia de um confronto entre o seu corpo e o de Benoni. Teme enredar-se em recordações mórbidas.

– Se tu morreres antes de mim, aparece-me.

Relembra o encontro na esquina, e chora por não ter notado a advertência. Benoni até chegou a vaticinar a morte. Com que convicção o disse! E não perceber a tortura que o aniquilava, o desespero que o possuía e soube transmudar em carinho, fraternalmente, ali na calçada do liceu, naquela manhã serena de junho, rindo de seu ateísmo, com o sol numa banda da testa!

Chove na vidraça. No entanto Lucínio custa a adormecer. Os olhos do morto não lhe saem do pensamento.

•••

Muito naturalmente, a rede liberta-se dos armadores e se põe a divagar pelo sítio, na altura dos coqueiros. Lucínio, com o braço de fora, belisca as nuvens sonolentas, que se escondem na ramagem das man-

Digitalizado com CamScanner

gueiras, e alegra vendo a quinta livre da nebulosidade. É sonoite, ou de manhãzinha? O sol não se insinua, não denuncia as horas. Há meia-luz na atmosfera, uma quase penumbra cor de cinza, esvanecente como o luar. Os umbuzeiros, folhas e troncos de vidro, não impedem a visão do relvado em que Buque se estende, e brinca, de olho nos vaga-lumes. Nem o rio oculta o leito em que as águas mortas repousam; límpido, atraente abismo. Verdes tremulam as frondes: o bosque deserto. Renasce a igreja, em cujas torres sopra o vento – repicam os sinos. E morcegos à ruma, do sombrio poço, ferem as asas na rede, agrudam-se aos lençóis, gemem e gelam. O balão cai aos poucos. Rodopia, para descer adiante, à porta do *Olympia,* ali na calçada, ao pé dos oitizeiros.

– Sabes da última? – pergunta o estudante, rindo-se. Benoni acaba de morrer de tédio.

Lucínio chora, mas de alegria.

– O quê! Não minta.

– Pensas que estou caçoando? Bebeu vinho e láudano, na presença de todos. A festa, pelo que ouvi, vai ser agora. Já chamaram os músicos, e é guloseima que ninguém...

– Queres acompanhar-me? Não sou íntimo dos velhos.

– Não te preocupes. Benoni reservou-te um lugar à cabeceira. Alguns terão esse privilégio.

– Não sabia que ele gostava tanto de mim.

– Tu? – e o outro sorri, querendo alcançar a rede. Se te pego, doute uns brogues. Não admito que me façam de tolo.

Vão à procura de Benoni, cada um a seu modo: ele, suspenso no ar, leve como pluma; o estudante sobre patins de madeira. As ruas deslizam, afundam-se no vale e sobem de novo, planas, escuras, recobertas de capim. Eis a casa: gente ansiosa por ver o defunto, restos de uma valsa antiga, júbilo nas exclamações e nos ais. Lucínio desce e se põe em frente à porta. Um braço gordo de mulher, unhas negras, chama-o para dentro, e logo se mistura a um ror de fisionomias risonhas. Meninos olham para ele e cochicham. Sente que todos esperam alguma ação de sua parte. Como que lhe empurram os dedos para a campainha. Toca no botão. Depressa esguicha um jato de vapor, que o envolve e o deixa perplexo, a

Digitalizado com CamScanner

tossir. A multidão não contém a gargalhada, e o rodeia: *idiota!* Alguém insurge e apalpa-lhe a bunda. Ele emerge do sono.

– Lucínio, vem cá.

Agora vê o corpo de Benoni estirado na cama, em redor da qual luzem velas estearinas, em pequenos castiçais de bronze. As mãos híspidas se cruzam no peito, abraçando um terno de linho amarrotado e cheio de manchas. O rosto puro, tão vívido, nem parece de um morto: lábios vermelhos, olhos semicerrados, como se entrevissem as pessoas que guardam sentinela, divertindo-se com anedotas picantes. Resta um lugar à cabeceira, onde Lucínio se senta. Defronte, a moça ri para o namorado, abanando o leque de propósito, a fim de esparzir o perfume.

– Depois vamos dançar – ela murmura, com uma risadinha nervosa. Há muito não gozamos as delícias de uma festa.

Lucínio sem querer olha para Benoni, e não se assusta quando o ouve falar, de costas para a irmã:

– Ao que tudo indica, vai ser uma noite alegre.

– Pena que estejas morto! Bem que podias brincar.

– Sim, mas eu preferia um favor teu. A inércia cansa, irrita-me. Tu te finges de morto, em meu lugar, enquanto eu dou uma voltinha pelo sereno. Aceitas a troca?

– E se teus pais desconfiam?

– Eles expandem os sentimentos. Deixá-los.

– Assim, vai ser é divertido.

Um tanto surpreso com a indiferença geral, Lucínio substitui Benoni no leito de morte, procurando imitá-lo em tudo, até na aparência de um sono tranqüilo. Com olhar curioso, pede a sua aprovação e se arrepia vendo-lhe à boca um esgar diabólico, que enregela e faz tremer. Tenta levantar as mãos, não pode; abrir as pálpebras, é inútil. Uma indolência fria, letal, pesa-lhe no corpo, domina-lhe a voz, chumba-o à cama em que se estira, de pés juntos: ver um cadáver. *Benoni, que fizeste de mim?* O outro não responde: olha-o apenas, com uma expressão vingativa e pérfida. Lucínio nem ousa crer: antes de ir bailar, a moça fita-o demoradamente, confundindo-o com o próprio irmão! Vitorioso, Benoni abaixa a cabeça rente à sua. *Nunca devias ter permutado, Lucínio. Agora sobrevivo*

Digitalizado com CamScanner

eu, enquanto irás para o túmulo amanhã, consciente de tudo. Ouvirás fingido choro dos velhos, de minha irmã e o meu. Verás trevas densas quando as portas se fecharem sobre ti; e o caixão descer à sepultura. Uma a uma, pás cheias de terra eliminarão o sol, a brisa, o azul e o verde. Para sempre! Grita, mas não o escutam, ainda que o observem. Então um braço pegajoso de suor estrangula-o, inflexível. Ele se defende, buscando, às cegas, escapar da morte. Com verdadeira obstinação, vence afinal a Benoni, e desperta sôfrego, atônito, sem reconhecer a chuva.

•••

Na cozinha a empregada luta por acender o fogo: a lenha úmida resiste à chama dos papéis, com uma fumaça escura que lhe queima os olhos e a faz tossir. Depois, ela despeja querosene em cima e risca outro fósforo. Em minutos a água ferve, e a vassoura alisa o chão. Da rede Lucínio perscruta o movimento, ansioso por descobrir o sol. Mas o que vislumbra parece noite. A chuva persiste, enevoando a paisagem. Nenhum passarinho.

O sono volta dominador. E ele reluta em dormir. Sabe que um novo pesadelo o espera. Há tempos não repousa direito. Ou Afonsina a arrancar-lhe carícias, nua dentro da penumbra, ou Benoni no féretro, sorrindo-lhe com ar vitorioso. Nunca a lembrança dela veio desacompanhada. Uma cousa além qualquer os une. Afonsina, amor; Benoni, morte. E a contaminar-lhe os sentimentos, a expectativa do pai delirante na alcova, presa de febre e loucura, com as mãos inchadas de tanto polir a corda.

Lucínio recomeça a sentir-se mal. Tortura-o uma incerteza, uma imprecisão, algo que deve existir no fundo da consciência e tarda a irromper. O terno de linho, deforme no cabide, magoa o seu olhar. Assim também o ramo à janela. Tão logo diminua o aguaceiro, e o lamaçal escorra da grama, irá destruí-lo. Já não suporta a sua presença na vidraça, o rosto a que se assemelha nas trevas, quando o vento sopra às margens do rio.

Vem-lhe no aroma do café um súbito desejo de fumar. Levanta-se: os pés se resfriam nos tijolos. De uma a uma, puxa as gavetas da

Digitalizado com CamScanner

cômoda, remexendo na roupa velha, atrás do pacote que escondeu ali. Há muito que não esquece um cigarro na boca. Não pode fugir às queimaduras, e às vezes a pele dos lábios sangra ao desprender-se da cortiça. No mais, só fuma para não se comprometer aos olhos de Afonsina.

Restam dois cigarros bolorentos na carteira. Não importa. Fumará um e outro. O cheirinho azedo desperta-lhe sensações, excita-o. Contudo os fósforos não acendem. Deixa a caixa junto da vela e se dirige à cozinha, tão silencioso que nenhuma das criadas escuta. Estão aos cochichos, ao pé da mesa, de frente para o fogão. A mais nova brinca com o almofariz, atenta ao segredo das outras duas:

– És bem corajosa, Santa – diz a cozinheira, ainda ensonada. Garanto que eu morria. E seu José? Não estranhou a tua presença lá fora, no escuro?

– Pelo visto, não. Olhou para onde eu estava, querendo descobrir quem era, e se afastou logo. Fui atrás. Mesmo na escuridão, com aquela chuva toda, vi quando fez uns agrados em Buque. O cachorro nem se mexeu.

– E que é que tu querias de noite no alpendre?

– Me esqueci de trazer o urinol pro quarto, e sofri uma precisão. Nem sei que horas eram; acordei confusa. Tenho pra mim que devia ser mais de meia-noite. Dei pela falta e abri a porta. O vento, de tão frio, chega me arrepiou. A lama tinha um palmo de altura. Me agachei, ali perto do galpão da lenha. Com pouco avistei um vulto branco parado. Assim no escuro tive medo. Corre que há muito ladrão por estas quintas. Mas o tempo clareou e vi.

– Certeza? – perguntou a velha, suspeitosa.

– Eu não minto, comadre. Reconheci pela aparência. Não vejo todos os dias, no café da manhã? A barba cobre o rosto inteiro. Dá até susto em quem nunca viu. Mais lembra um doido. Quando D. Marieta está dormindo, ele costuma andar pelo sítio. Eu ouço tudo porque tenho o sono leve. Vira o pote da cantareira e se farta. Depois ele desce pro rio, sempre em noite de lua grande. Agora é que saiu com a tempestade. Não adivinha?

A garota derruba a mão do almofariz. A cozinheira ralha e se volta pra Santa, com pressa no que a outra vai dizer:

Digitalizado com CamScanner

– É querendo espiar o sono do filho. Eu já vinha desconfiando e hoje tirei a dúvida. Num silêncio de morte, que nem assombração, o infeliz se aproximou da janela mais dos fundos e prendeu o galho. Nisso a chuva desembestou, rasgando o céu no meio. Parecia o diabo solto. Me assustei e vim pra dentro.

– D. Marieta não sabe? Nunca assuntou?

– Não.

– E seu Lucínio? Vive tão calado!

– Melhor se continua ignorante. Sabendo, pode ficar na impressão de que o pai vigia o sono dele.

Uma chamada soa à distância. É o dia que surge finalmente, na voz dos sinos. A manhã já vem, sombria, úmida, agarrada aos restos da noite, como um fruto que demora a amadurecer. A velha diz à sobrinha: "ponha a gordura no fogo", e corta a farinha de milho, que enche o cuscuzeiro de barro. Santa distribui os talheres na bandeja, rindo de uma lembrança antiga:

– Depois do café, ele se acalma e dorme.

Não desejando ser visto no corredor, Lucínio entra e vai direto ao fogão. Não se volta para as criadas, nem mesmo as cumprimenta. As duas se entreolham lívidas, enquanto ele acende o cigarro no tição que a garota lhe oferece. Nunca o viram fumar, numa hora assim. Trêmulo, ansioso, olheiras fundas, e descalço! As listras do pijama azul emagrecem-no; a fumaça sufoca-o. De repente, ele oculta o rosto no braço e desce para o terreiro, como se perseguido por um bando de mutucas.

Agora quase que neblina.

•••

Digitalizado com CamScanner

PASSEIO A TIMON

Hermes ia abrindo o paletó, quando surpreendeu algumas bolhas de sabão no ar. Brincariam de canudo? Aproximou-se da janela e não viu ninguém: quintal silencioso, úmido. As franças da mangueira nem se moviam. E o banco de pedra continuava só, assim como Irene deixou ao falecer. O sol não aquecia, incrustado num céu denso, nebuloso, tirante à chuva. Além, os sinos. Aqui, o verde das folhas e o encarnado das telhas. Fumo branco nas chaminés. "Olhe, Maninho". Irene segura o talo de mamão, para que ele sopre. Obedece, e se maravilha com as bolinhas de espuma nascendo e voando, a espocar azuis. Queria um bem louco à irmã. Era quem o levava ao bosque, para ver as marrecas e os passarinhos. Comovido, beija-lhe a mão, com ternura. Ela não se contém: e chora. É a última vez que os dois andam juntos.

Pressentimento da morte?

– O café, meu filho.

A mãe gritou da cozinha, onde assava um peru. Hermes descobriu-se com fome e desceu para a copa. Ao rever a fotografia de Irene ao pé da escada, lembrou-se de Afonsina. Os mesmos olhos ternos, a mesma expressão sensual na boca. Apenas agora é que o percebia. Guardava dela um sentimento misto de doçura e pureza; infância. E eis que uma nova Irene surgia daquele retrato cor de sépia, ensombrecido pelos reposteiros: uma Irene tal como Afonsina. Não estava aí, porventura, o elo que o ligava à outra?

Quando se recolheu na véspera, afogado em silêncio e medo, Afonsina logo voltou a insinuar-se em seus pensamentos. Ela não lhe tinha amor; o que sentia não chegava a tanto. Se nem o tratava direito! Ria-se de suas cousas, mangando das pernas tortas, da risca no cabelo, dos desenhos, de tudo! Se a tentava com um sorvete à quermesse das Irmãs, fingia aborrecimento: "E Lucínio?" Entretanto ficava à espera dele, na Rua da Glória, para queixar-se do namoro e pedir-lhe que não

Digitalizado com CamScanner

desse confiança a ninguém. "Só a mim". Às vezes, recomendava uma das colegas: "Você pode flertar a Jesus. É corcunda, porém carinhosa". Ele se constrangia, passando um domingo sem aparecer.

Seria por causa do gênio inquieto, que Afonsina se ressentia de uma afeição pura, um zelo maior? Ou Judite é que embaraçava os noivos, ao envolvê-los de perfume e carinho? Mãe e filha. De súbito, um mal-estar. "Conheço quando uma pessoa gosta. Tenho visto... com os outros". Meu Deus, como fui cruel! Devia tê-la consolado, dizendo quanto a pobre da Neusa fora injusta. Há quem leve a vida sofrendo, porque uma frase lhe magoou o coração. Estaria Afonsina entre essas criaturas?

Ansioso por se encontrar com ela antes da missa, acomodou-se à mesa, de frente para o quintal, aturdido pela recordação da volta no escuro, sob a massa ondulante dos oitizeiros. O vento. Afonsina perto, na dúvida que estiola o amor. Braços vivos, suplicantes. Caminhos de ninguém. E desce água.

– São horas? – estranhou D. Elisa, meio sorridente.

– É que dormi tarde, mamãe.

A senhora adoçou-lhe o café, como de hábito. Desde uns tempos adormecia na esperança de vê-lo chegar finda a noite, ébrio ou sujo de batom. Os outros, nem bem a voz lhes endureceu, já faziam das suas. Hermes, não. Costumava vir às nove, para ler romances. *Paulo e Virgínia. Iracema.* Nada parecido com as leituras do mais velho, que a este, sim, precisou de tomar umas revistas. Agora estava era satisfeita. Ouvira quando ele entrara, às duas da manhã. Olhou-o curiosa, e riu à idéia de que se transformara enfim num homem. O seu caçula!

– A senhora acordou com a tempestade?

A pergunta fê-la sorrir. Que finório!

– Tenho um sono de pedra. Imagine que nem escuto os roncos de seu pai. Felizmente.

O telefone soou. D. Elisa empalideceu, indo logo para a sala. Até hoje se assusta quando tilinta. É que a sobressalta a lembrança de Irene. Foi um choque. Alguém discou: "Sete, cinco, meia? Acuda, que um carro pegou sua filha". Aturdimento. Queda. Um choro longínquo, perdido na memória. O fone desligado. Não o podia ver sem uma tremura. "Que

Digitalizado com CamScanner

sacrilégio ou crime pratiquei, para tão grande castigo? Uma menina tão virtuosa!"

– Para você – disse, ao regressar.

Hermes notou que a mãe vinha cismarenta. É que se sentia culpada do que aconteceu. Mandou Irene à loja sem lhe ouvir o queixume. Tanto que implorou, com jeito para não feri-la: "Oh mãezinha!" Ante a recusa, ela sorriu à tristeza e marcou a página com um broche. O livro continua assim – num relicário, como, de resto, os santinhos, o terço, as melenas, a rosa de vidro, o lápis, tudo o que ela guardou na caixinha de música.

– O telefone, meu filho. Não vai atender?

Retirou-se afobado. Tinha-se esquecido.

– Pronto: Hermes. Às ordens.

Na rua passava uma carrocinha. *Ren, ran. Ren, ran.*

Silêncio. Repetiu o anúncio, e não responderam. Ia desligar, quando uma voz madura lhe dominou o ouvido:

– Estou desesperada, Hermes. Venha.

– Quem fala aí? – indagou ele, confuso. Aonde?

– Neusa. *(Pausa).* Não se lembra de mim?

– Como não? É que não reconheci. Vo...

– Apareça às cinco horas, sem falta. O portão fica sempre aberto. Olhe, talvez... A água, sua cretina!

Desligou de repente, deixando-o perplexo.

•••

Um só pensamento: ver se Afonsina ficou sentida com a sua atitude. Esteve na véspera a seu lado, a dois e em silêncio, ali à porta, e nem se desculpou, na imaginação de que Judite o esperava para as núpcias, entre os lençóis da cama, de braços estendidos para ele. Hermezinho! Queria falar também de um assunto: por que é que Neusa lhe telefonou, quando devia ter amizades velhas e mal se conheciam? Que loucura ou desespero a torturava nessa manhã de domingo; pedir-lhe que fosse à sua casa?

"O portão sempre aberto".

Saiu tão apressado, que se esqueceu da portinhola do jardim e tropeçou. Não obstante o tempo, a rua parecia em festa. Colarinhos

Digitalizado com CamScanner

impecáveis, blusas e marinheiras, paletós cheirando à naftalina, todos descendo para a missa. O céu alegrava aos poucos. O sol em pleno domínio, formando um arco-da-velha. Nuvens que se esgarçavam, umas brancas, aquelas escuras, chuvosas, quase negras. Havia bolhas no ar. *Novamente.* Esfregou os olhos e não sumiram. Algo na retina, ou mera ilusão?

Um mamoeiro pendia do quintal vizinho, com as folhas em leque. Na calçada estreita jaziam frutos novos, e dezenas de pequeninas flores. Hermes recolheu uma, não suja de lama ou detrito, e mordicou o cálice para sorver o mel. Que doçura, e que perfume! Irene costumava uni-los a linha, para fazer um colar bem grande, com que ele ia ao bosque rever as suas marrecas. Ninguém conseguia asseá-lo no pescoço; nem a mãe. Até que a volta emurcheceu, e o enganaram com soldadinhos de chumbo. Este é o sargento, que marcha pro quartel. Rataplã, plã, plã.

Na esquina, a chuva sobrevivia numa poça, afunilando-se no ralo com um leve rumor. Gravetos e folhinhas impacientes corriam; outras, menos inquietas, aguardavam de longe a sua vez. Um barquinho de papel azul desfazia-se num mar de espuma.

– Que coincidência, Hermes. Pensando em você.

A voz e o perfume eram de Judite. A sua aparição inesperada encheu-o de júbilo; na presença dela mal se continha. Fitou-a enternecido. Um véu negro contornava-lhe o rosto, realçando-lhe a formosura. Não Judite com os joelhos à mostra, a despertar fantasias, senão uma Afonsina mais velha, mais excitante, mais envolvente, olhos rasos de ternura.

– Afonsina já acordou? Eu ia agora pra lá.

– Matutava ali, sem vê-lo: por que Hermezinho nunca namorou? Alguma paixão secreta? Os estudos? Não compreendo, meu filho, que um jovem tão... Deixa-me chamá-lo de filho?

– Sim, mas numa condição.

– Proibi-lo de roer as unhas, não é? Estão no sabugo.

– Não, Judite. Quero apenas que, ao me tratar assim, se esqueça de que é mãe. Faça-o por carinho, ou me despreze. – E brincando com as palavras: Sinto que eu gosto de você.

Judite suspirou, empalidecendo. Arfava.

– Você se declarando, Hermes! Que não diria Afonsina?

Digitalizado com CamScanner

Ele se afastou, na emoção do momento.

– A culpa não é minha, Judite. Nem sua. Aconteceu. Não posso recusar o que me pede o coração. Há meses que me domino.

– Doido! Não vê que não é possível? Um loucura.

– Que importa? – Prendeu-lhe as mãos úmidas. – Se não me quer, ao menos me permita amá-la. E me perdoe.

Ela se desprendeu, abaixando a vista:

– Oh menino, que loucura... que loucura...

•••

Que lhe importava a loucura, se Judite não o recusou? Ei-lo feliz nesta esperança. Abelhas num jardim, entre rosas. O leve da brisa. Uma fenda no muro: goiabas; outra, o tanque. Sol. Reflexos de vidro nas empenas, nas telhas, na banda limpa do céu. "Vem, eu te adoro. Com toda a sua exuberância, Afonsina mal chega a teus pés. Vem". Ruas cruzadas, oitizeiros sem fim. "Os velhos troncos rugosos guardam ainda a lembrança daquela noite". E agora? Que segredos compartilhariam? "Sabes, Afonsina, a tua mãe... Nunca forniquei. Por favor, não te ofendas. A palavra é da Bíblia". Nenhuma revolta, sequer um murmúrio. Como num sonho. Afonsina sofrendo, logo a que mais prezou. "Fui vil, insincero. Eu não te amava". Musgo; o cupim descendo a parede, feridas no reboco. "A cama nupcial, vista da janela; e à porta, Afonsina nos enredos do coração. Por que me comovo assim? Por que é que me ponho a separá-las? Antes eu não via estas cousas. Ó Afonsina, compreenda-me. Não tolero a zona. Enojei-me quando fui lá, e saí para não voltar. Entretanto preciso de amor, de uma espécie que tu não me podes dar livremente, e eu nem ouso pedir-te".

Uma pancada nas costas.

– Espera Afonsina?

Quando ele cuidou, Petrônio ia muitos passos além. Olhou-o surpreso, até que seu vulto sumiu na esquina mais próxima. Que estranho! A residência meio escondida na folhagem era a dos Silveiras; o pensamento conduzira-o para lá. Ver Afonsina, não mais com desculpas. Nenhuma

Digitalizado com CamScanner

significação teriam agora. Deve-se perdoar uma indelicadeza a quem nos atraiçoa? Queria apenas fitá-la nos olhos. Dizer para dentro de si: "É minha amante". Ouvir em silêncio as brincadeiras, admirar-se de tudo, sorrir.

Um automóvel derrapando. "Irene".

Subiu o corredor e se deteve a observar. Muitas vezes o fizera na ausência de Afonsina, enquanto Judite falava na penumbra, de quê? A voz escorrendo pelo corpo, e ele a imaginar. Nunca assim tão frio, tão úmido. Os cantos apresentavam trincas enormes, do último inverno. Goteiras caíam, delindo a pintura e avivando a cor dos tijolos gastos. No extremo, a varanda aberta ao sol. Bananeiras e galinhas. Palmas, ou ir direto, como por último, quando passou à intimidade da família?

Chamou Afonsina pelo nome. Ninguém.

– Ó de casa – e entrou.

Viu uma rede de tucum, os cristais; e da porta: uma cama de solteiro, com as cobertas em desalinho, três sapatos, uma liga, mais a calcinha e o porta-seios. "Não aparece nem responde". Por quê? Uma figura no silêncio. Era a sua própria imagem refletida. Assustou-se com a deformação dos olhos no espelho. Não se sentindo bem, voltou-se para trás: janelas em fila, dentro do corredor. Lá nos fundos, as mãos da cozinheira rodavam o moinho de café, com o fogo nas trempes.

Lembrou-se da rede. Estaria ela dormindo na varanda? Aproximou-se calado, a fim de surpreendê-la. A mulher atravessou a cozinha, mas não o descobriu. Percebeu uma risada distante; alguém na rua. Abeirou-se na ponta dos pés. E teve o maior deslumbramento de sua vida: Afonsina deitada ao longo da rede, nua, o rosto entrecoberto por um lenço – seios rosados, fortes, agressivos, coxas bem feitas, juntinhas, e a mão esquecida, abandonada sobre o negrume do sexo. "Meu Deus!"

Tal visão excitou-o. Afonsina não dormia, estava era com fingimento. Afogá-la em ternura, enquanto, sorrindo, ela abriria os olhos apaixonados: *hum...* Curvou-se, tenso, febril, cheio de sangue: o corpo dela, macio, tão róseo! "Sê minha, eu te amo". Conteve o impulso. E se estivesse... *Hem!* Depois do espanto, o ódio, gritos de *canalha* e *cretino*. Um movimento assustou-o. A empregada arrastando os chinelos. Ainda bem

Digitalizado com CamScanner

que entrou na copa; ia pôr a mesa. Afonsina tranqüila, no esplendor da carne. Ele trêmulo, ébrio, hesitante; a posse, a fuga.

Só respirou à vista dos oitizeiros.

Os sinos... Lembrou-se de ir à igreja, mas logo desistiu, sentindo-se impuro nessa manhã. Não podia tirar o pensamento de Afonsina, nem da suspeita de que ela o esperava nua. Não ia lá todos os domingos, ao descer para a missa? "Oh, não devo imaginar uma provocação dessas". Lucínio? "Não só lhe falta pulso, como temperamento". E no liceu, era Benoni o único a quem Afonsina admirava. Contam que se suicidou por ela; tudo, entretanto, não passa de intriga. Ainda hoje se lamenta a morte. Petrônio? Se nem se falavam! Afonsina até que fazia troça dele, de seu caminhado nervoso. *Calango elétrico.* Absurdo crer que uma paixão repentina... E se os dois se amassem às escondidas? Suspirou, vendo as sebes do bosque. E adiante, o rio cor de barro: imenso, vertiginoso, túrbido, a refletir o sol que nem um espelho. Embaixo, um estrépito: a ponte; o trenzinho sobre o abismo. E além, na ribeira das flores, Timon, que inveja o bulício da capital. Verdura nas quintas, palmeiras ociosas. Coroas já submersas. Às vezes em que não se espraiou nessas pequenas ilhas, jogando bola ou exibindo os músculos! Junho: banhos rasos, mel de engenho, pescarias, cajus azedos... Tamarindo na boca das meninotas; atletas de bronze. Eis um vapor nascendo das águas, uma gaiolinha, lá onde o rio se curva formando um seio. Balsas amarelas, laranja; verdes, coco da praia. Quilhas escuras de breu, que as ondas embalam docemente. Afonsina! *A-fonsina...* Rir à toa, perder-se nas lonjuras da selva, chupar mangas-rosas pelo bico!

•••

Já não se ria fácil no almoço. O velho comia numa fúria silenciosa, e ia esperar o café na varanda. A fartura antiga era hoje injustificável a seus olhos. Os preços da carnaúba não mais permitiam esbanjamentos. Como dizê-lo à mulher? A morte de Ireninha deixara-a meio louca, presa a um sentimento de culpa, e os médicos não a queriam exposta a contrariedades. Por isso não fazia qualquer alusão às despesas, restringindo as

Digitalizado com CamScanner

suas próprias, para não se antecipar nos lucros da firma. Abandonou as viagens de recreio, indo ao Sul apenas a negócio. Poupando D. Elisa, ele se torturava um pouco; daí o silêncio em que às vezes se escondia, a mastigar um de seus charutos havana.

Embora fosse introvertido por temperamento, não ocultava a emoção ao vê-la naquelas crises de choro, ante o retrato de Irene, e ia para junto dela, animá-la com um aperto de mão. A fortuna deviam à sorte, à guerra, mas também à sua pertinácia, ao empenho com que o ajudou no começo, ensinando bandolim horas a fio, enquanto ele negociava peles e querosene. Nunca faltou com o estímulo, sujeitando-se a lavar e a cozer, ela, tão inexperiente, tão simples, tão doce, de família tradicional desde o Império, nos fumos da passada grandeza. Com o atropelamento da filha é que ficou "assim", achando que era nobre, o que muito o fez rir, conquanto não rejeitasse a idéia. Sabia lá!

Quando Hermes recebeu o elogio do professor de desenho, foi tal a alegria dela, que todos exultaram, sentindo uma confiança nova. D. Elisa encontrava, enfim, uma paixão – a de ver o caçula transformado em artista. No seu arrebatamento, voltou a tocar e a fazer croché, sugeria pinturas e atormentava os vizinhos com as aparições. Ele se deixou iludir, oferecendo uma das casinhas para o rapazola, num gesto de que não se arrependeu. Antes a felicidade. Contudo, logo retornou ela às suas cismas, aos esmorecimentos diante do retrato, a ouvir a música da caixinha; inerte, absorta na penumbra, como outrora.

Ao vê-lo regressar do Clube nesse domingo, foi a seu encontro, quase a correr, e o abraçou por longo tempo, dócil, sensível aos afagos, como se nas vésperas da última separação.

– Obrigada, meu bem. (Sorriu-lhe nervosa).

Ele estranhou o carinho. Há muito que não se queriam.

– Obrigada! Não exagera talvez?

– Diga-me: eu tenho sido boa? Alguma queixa de mim?

"Sei agora", pensou. Faziam ano de casados. "E eu, que nunca me lembro". A pobre é que de novo o surpreendia. Pudesse conservar-lhe a aparência de saúde, o brilho úmido dos olhos; ressuscitá-la das cinzas do tempo, noutra destas manhãs fagueiras. Daria tudo por livrá-la do remorso, da lenta expiação.

Digitalizado com CamScanner

– Boa e muito – respondeu, num dobrar de afeto. Você tem sido ótima para mim. Mais do que mereço, *querida.*

Abraçaram-se depois, no momento em que Hermes ia entrando. D. Elisa se desprendeu, rumo à porta.

– Que desalinho! (Deu em soluçar de repente). Sou feliz; não sou, Hermes? Você não acha? Diga-me.

– Sim – murmurou ele, abafando as dúvidas para não contrariá-la. Todos somos felizes. A senhora também.

O velho encontrou o olhar de Ireninha e teve uma sensação de friúme. Pôs-se à frente da mulher. Convinha protegê-la, afastá-la da fotografia e de sua memória.

– No quintal é mais fresco.

D. Elisa enxugou as lágrimas, voltando a sorrir alegre. Assim o prenúncio: instabilidade emotiva, e de súbito, no meio de uma palestra, a boca a escumar, em lívido silêncio. Hermes fitou o pai, não lhe descobrindo inquietude: o mesmo rosto branco. Não se justificavam as suspeitas, nascidas do puro temor. Entretanto a velha alisava distraidamente o seu cangote. Ele se arrepiou, fugindo à carícia com um estremeção.

– Que claridade! E até que amanheceu escuro.

Um sol veemente ardia no pino do céu, sem nuvens a lhe velar a nudez. Límpido azul-celeste. A mangueira protetora. E o banquinho de Irene ao canto do muro, na paz remansosa do meio-dia. O comerciante levou-os para lá. Hermes ainda quis reter a mãe, porém ela o abandonou. *Guardarei a tua rosa, Maninho, para te fazer lembrar de que um dia foste puro.*

– Não vem? – chamou o pai, franzindo os supercílios.

Hermes atendeu logo, sentando-se também. Uma réstia de luz tremia no joelho; outra na lama do sapato. O vinco.

– Qu'é de Petrônio? *(desfeito)* Por que demora?

Virou-se: seios murchos, caídos de lado.

– Não vi, mamãe. Passei o tempo com Afonsina.

– Escondidos no bosque? Cuidado com Neusa. Ela me telefonou, insistindo para que você não falte ao encontro. Disse-me qualquer cousa mais, que não escutei. Namora as duas?

Digitalizado com CamScanner

– Por favor! Neusa é doente. Se precisa de mim é por desencanto. Tem o dobro de minha idade. E é muito feia.

– São as mais carinhosas, meu filho.

O pai esfrangalhou o charuto e acendeu outro, vestindo-se Hermes de uma insatisfação extrema.

•••

O sol entra pelos vitrais. Neusa anima-se. Daí a pouco estarão juntos sob as figueiras do bosque, "no mais belo sonho de amor". Oh, devo sair; ficando, me deito novamente e durmo. Corre ao banho. A água desce pelo corpo, numa carícia enamorada: o sabonete desprende um perfume de rosas. Durante o café, mal trisca no miolo do pão. *Olímpio sussurra-lhe: Quero revê-la; penso muito em nós dois. Ela, quase chorando, ri de sua timidez, e do foco azul que lhe atinge uma parte do rosto.*

Não se decide a esperá-lo na esquina. Conhece-o bem: necessita de três, não, dois minutos atrasada. Segue para o jardim. Após tocar um lírio, senta-se na beira do tanque. Um patinho deambula, com o rabo encolhido pelo vento. Neusa adora, e mima-o; quer pegá-lo. Estranha a dor. A princípio difusa, e logo às pontadas, fluindo em ondas sucessivas no cérebro inteiro. Uma pasta nos olhos; densa. Vislumbra o canteiro defronte: as margaridas empalidecem, diluem-se na imprecisão das folhas.

Procura reagir ao silêncio que a deprime. Quase às cegas, tateia a grama e segura o filhote, aperta-o, enquanto a agonia se esvai. Depois de tudo, sorri medrosa e se põe a alisar-lhe as plumas, fugindo às bicadelas com que ele a agrada, como se nas mãos houvesse de-comer. Que fome, hem? Leva-o à cozinha, e o coloca sobre a mesa, para cevá-lo a grãos de arroz fervido. O patinho come ligeiro, rumorento, na inquietude que lhe é própria. E agita as asas brancas, com pintas negras.

De súbito, ela se ressente de algo. Domina-a um profundo vazio. Que a pode aborrecer? *O encontro.* Nem precisa olhar o relógio de pêndulo. A manhã permanece como nasceu; nada lhe denuncia o que se passou. Contudo sabe que Olímpio já não a espera, desiludido de tê-la presente.

Digitalizado com CamScanner

Como pude esquecer as horas? Perdoa-me, vai dizendo, com o patinho nas mãos. Deve apertá-lo muito, pois ele reluta e grita, bicando-a com força. Ao escutar os sinos é que se lembra, e pára aturdida: Jesus!

O filhote estatela-se na areia.

Pensa em voltar para um curativo, e se tortura com a idéia de que Olímpio talvez a aguarde. Olha para o vestido de musselina: vê duas rosas de sangue. A ferida começa a doer. Antes isso do que faltar. Desce a rua correndo. Algumas pessoas admiram-se de vê-la assim, conjecturam sobre a natureza do ferimento. Uma conhecida quer falar-lhe. A todos avista de esguelha: indistintos. Só lhe interessa um verdor que se enfuna e se alevanta no fim da rua: árvores; o bosque sombrio.

Na esquina do encontro não resta ninguém. Mira para os lados, por entre os oitizeiros. E uma loucura, ânsia de atirar-se ao rio Letes, comprime, sufoca-a. A manhã está belíssima. As figueiras bem aparadas, as folhas numa verdura adolescente. O sol amornece: ventinho suave, com cheiro de sombra e nuvens. Olímpio! E sem conter as lágrimas, afunda-se em lamentações. Por que me esqueci? Que me estancou a memória?

Regressa lentamente, assustada com o acontecido. Assim que se recolhe, escreve-lhe uma carta, informando que amanheceu doente, e por isso faltou ao encontro. Roga-lhe que a perdoe. E espera tempo sem fim. Um dia sem resposta. Quantos?

Olímpio aparece numa tarde úmida.

– Eu é que me desculpo. Estive...

– Mas Olímpio! Você também não foi? – E Neusa observa os olhos tristonhos, a cabeleira farta, o sorriso dúbio que lhe entorta a boca, mais inquietante do que nunca.

Ela se lhe afigura tão sedutora no seu desapontamento, que ele demora a explicar-se. Não tenciona desfazer o equívoco.

– "Se não vem, é que não gosta de mim" – murmura depois, com voz pausada. Eu compareci ao encontro, até às oito e quinze. Na sua ausência, retirei-me para as *Tabocas*. Ontem à noite é que recebi a carta. Alegrei-me tanto, que meu único pensamento foi regressar logo e pedir desculpas por haver...

Digitalizado com CamScanner

– Duvidado de meu amor! – conclui Neusa, igualmente comovida. Como pôde ter dúvida? Se você soubesse...

– Neusinha! – diz ele, bem próximo.

Estão no jardim e é quase noite. Um muro em ruínas os protege. Beijam-se. Ó doce encanto da vida. Ó tempo. Ela se afasta de mansinho, e o convida para a beira do tanque, embelezado, no centro, por um chafariz. Olímpio a vê caxingar (sentam-se) e pergunta se desmentiu o pé. Ainda bem que não. Ele insiste; pede-lhe que ande novamente. "Envolver-me num carinhoso abraço".

Ela se levanta, e surpreende o lado direito insensível. A perna e o braço não atendem à suas volições, e é com dificuldade que caminha agora. Enquanto se equilibra, o rosto parece deformar-se ao peso da angústia. Olímpio acode, tentanto acalmá-la. Contudo, no íntimo se lhe desenha a tragédia: Neusa paralítica, numa cadeira de rodas, com assento de palhinha, e ele a empurrá-la, infeliz, pensando em tudo que sacrificou.

– Aperte-me, Olímpio. Tenho medo.

O desembargador Honório procura-os nesse instante. Olímpio confia-lhe a namorada, e foge incontinenti, declarando: *um médico.* Vendo-o misturar-se aos arbustos, penumbra, Neusa grita:

– Volte. Não me deixe sozinha.

Nunca mais. Eh, ih, ih, uh...

Para sempre, o corvo.

•••

Hermes foi o último a abandonar a mesa. Sentia-se zonzo e ainda sonolento; bebera demais. D. Elisa fizera tudo para que se excedesse, não só renovando o conteúdo da taça, mas o induzindo a novas libações com gestos de incentivo. Petrônio estimulara-o também (que manhoso!). Cheio de vinho, o pai umedecia os olhos, refugiado nas suas lembranças. Nem mesmo a quebra da terrina o despertara; ausência. Retinir de copos, enjôo, dedos molhados na gordura.

Mal o jovem se ergueu, fugiu-lhe o apoio dos pés. Sentado, a tontura não parecera tanto. Tremiam-lhe as pernas, e os olhos na claridade.

Digitalizado com CamScanner

Nem vestígio de chuva. Demência do sol no corredor: a tarde entregue ao sono e aos grilos. Segurou-se na cadeira, ressentindo-se com a velha, porque abotoara a blusa e fora para longe de suas vistas. Ele a estava observando. Tinha a idéia de que vivera uma situação idêntica, outrora. Não se recordava bem. Talvez dormisse.

Desencanto: não deixara a pobre de ser um Sentimento, para adquirir contornos de mulher, sujeita às necessidades e à luxúria do mundo? Vira o colo, detivera-se em reparar nele, comparando-o ao de Afonsina: um, peito murcho; o outro, em pleno viço. Com que propósito o fizera? Aparentemente nenhum. Todavia, por que só hoje é que desvendara o sexo da mãe? Cabeceou, para afastar o pensamento. Uma sensação de incesto, de desejo oculto no imo, angustiava-o, enchia-o de repugnância e medo.

A rosa.

A fim de se castigar, bateu com a testa na quina; escapou-lhe uma voz entre gemido e soluço. A mão ardeu no peitoril: calor do sol ou do ferro de engomar? Andou aos encontrões, embora a consciência lhe dissesse que não devia estar tão bêbado assim. Tudo se limitava ao afogueamento, ao zumbido, às suas pernas bambas. Tropeçou no consolo, e não caiu porque a escada o deteve. Cortinas abertas à luz; um feixe batia no rosto de Irene. Laranja; da cor do vitral. Na sua maninha.

Que estranho! O foco projetava a boca, acentuando-lhe a incontinência. Os lábios como se entreabriram, à espera de um beijo. Excitou-se. Mas os olhos se retraíam na sombra. Nenhuma ternura revelavam, senão palidez – d'além-túmulo. Persignou-se, retirando-se com essa imagem dolorosa, e sentindo que Irene continuava de olho comprido nele. O fenômeno era bem comum, todos em casa o surpreendiam, apenas ele nunca se acostumou. Porventura. Eis que ainda se amavam tanto.

Subiu alguns degraus. No cinzeiro da varanda entreviu um charuto apagado; cinzas. O velho se recolhera. Ninguém em torno. Ficara dormindo na copa? Ou estaria sonhando, vendo a escada erguer-se em pé, turva diante de seus olhos? Entrementes, pressentia que alguma cousa estava por acontecer. Pôs-se em expectativa, inerte, abúlico, na contemplação de uns degraus íngremes, que só podia alcançar engatinhando, e que lhe eram defesos por Irene, pela velha, por todo o mundo.

Digitalizado com CamScanner

Cuidado, Maninho. Não subas aí. Dodói.

Então vislumbrou. Inicialmente as linheiras pernas, a que muito se abraçava no escuro, com receio da Não-se-pode. A saia acompanhando o movimento do corpo. Sorrisos. Oh Maninho! Ela empalideceu, num assalto de vertigem. Imprecisão de cores e formas, susto, mãos que se queriam firmar e não se sustinham. Choro. Gritos lacerantes. O choro era dele, os gritos da pobre. Abraçou-se a ela (uma galinha no quintal) e procurou erguê-la. Irene já não se movia, com o sangue a escumar na boca.

Fixamente a escada, e o vislumbre desapareceu. Sabia que tudo era memória, e não obstante sabê-lo vivia num passado de inocência, doçura e apreensões, de que não poderia desprender-se sem se magoar. Tinha horror às evocações. Elas o envolviam de repente, arrastavam-no ao fundo de si mesmo, numa prisão doce qual labirinto. Aventura. Queria ter novas experiências, libertar-se das gavinhas da infância, refugir da morte que se lhe insinuava no âmago de toda aquela ternura.

Alcançou enfim o último piso. Reconheceu o quarto de Irene; porta aberta. Quem estaria lá? A mãe. Ninguém mais podia ser. Viu a colcha de retalhos, a cruz pendente da cabeceira, o guarda-roupa de marfim. Ao rever a cama, descobriu Irene de bruços, a dormitar, com as belas coxas aparentes sob a camisola; coxas que ele uniu às de Afonsina, numa exaltação perversa que lhe reanimou a embriaguez. De súbito, a porta começou a fechar-se sozinha, numa lentidão terrível.

A rede. Deparou com um firmamento azul-pérola, incandescido pelo sol. Longe, as torres da igreja apontavam para os flocos das nuvens brancas, com revérberos nos pára-raios. Afonsina... Voltou a se deslumbrar com os seios dela, cor-de-rosa, mamilos levemente roxos, inermes às suas carícias. Lembrou-se de um pequeno sinal no ombro esquerdo. Não tinha reparado nesse pormenor. Uma verruga, naturalmente. Como lhe parecia belo; mancha de tinta na parede. Curvou-se para beijá-lo.

Desceu a mão pelo corpo, imaginando que era a própria Afonsina quem o fazia, excitada pelo bater de vento e chuva nos oitizeiros. Doravante iria procurá-la com freqüência, seduzi-la, para vencer logo a inibição que o desassossegava. Lera algures sobre o assunto. Não fracassaria na hora? E Neusa ainda a lhe telefonar. Solidão, loucura... A sós, os dois:

Digitalizado com CamScanner

salões desertos, frio silêncio. Rosto, pálida esfinge. Mas Irene é que o adormeceu lá no bosque, ao som dos cafunés.

•••

Quando se aproximou da esquina, descobriu que o mamoeiro continuava pendente sobre o muro. O resto das flores amontoava num canto; pó e sujeira. Vendo-as espezinhadas, Hermes se sentiu indisposto. Ainda pela manhã simbolizaram a doçura de Irene, a magia de um passado que, se há pouco teve o seu repúdio, ressurgia agora mais belo e comovente. Não esmague as formigas, Maninho. Também são criaturas de Deus. Oh, para que desprezar estas lembranças? Como se defender do mundo sem o auxílio delas?

Seguiu absorto, mas o sol esplêndido, em cima do rio, logo prendeu o seu olhar. O horizonte todo amarelo; as próprias amendoeiras da rua, se bem verdejantes, ganhavam matizes de ouro. Tênues flocos, átomos de luz, escorriam dos ramos, e vinham mergulhar dentro do lagoeiro. Recordou-se então de Judite, só e quente de perfume. Sorriu-lhe emocionado. Loucura? Beijou-lhe as mãos. Quem lhe podia dizer se não gostava dela? Refletia-se tanto em Afonsina. Amar uma e outra.

Havia um molecote perto. Veio à procura do barco, e se entregou ao fascínio das espumas. Trazia um rasgão nas costas; de tão velha, a camiseta encardida se esfrangalhara. Chapinhou na poça, com os pés em úlcera. Ia aniquilar o brinquedo! Hermes recuou. Doía-lhe que uma criança pobre quisesse afundar o barquinho, quando muitos cuidariam de removê-lo das ondas. Judite, ao que parece, não reparara na sua presença. Assaltou-lhe uma dúvida. Memória e imaginação já não se confundiam nele?

Caminhou sem destino. Acordara na impressão de que era noite, mas ao perceber o sol afluíra lépido ao banho: o corpo repugnava-o. Em absoluto se tinha esquecido de Neusa. Imaginara um telefonema, já vou, e refletira: para quê? Decerto estava esperando, ansiosa como nunca. Não para seduzi-lo, que tudo provinha da excitação em que se achava, desde Afonsina. Provavelmente Neusa sofria a dor de uma culpa. E os velhos amigos nem sempre consolam; odeiam-nos, maltratam.

Digitalizado com CamScanner

Foi nisto que avistou o palacete. Quando menino, aprazia-lhe divagar em frente, só para rever os jardins e o tanque d'água. Uma vez, indo a rua a deserto, intrometeu-se no portão, e vagabundeou por entre os canteiros, maravilhado com a brancura dos lírios e das rosas, e mais ainda com o desterro dos loendros, repletos de flores além do muro. Descaía a tarde, amarelenta como agora. Sombras palpitavam em torno. Hermes partiu devagarinho, e ninguém o surpreendeu.

O sobrado era imponente, compreendia, porque ficava sobranceiro ao morro. *O portão aberto.* Contudo não quis entrar antes de ver os caminhos, tal como outrora. Ia cruzar ali dentro! Emocionou-se. Logo à entrada, aparecia um calçamento de seixo branco e roxo, metalizado por dois trilhos, um dos quais coberto de ferrugem. À esquerda, subia-se ao andar nobre, demorando-se primeiro num alpendre com gradil de ferro, de onde se descortinava todo o jardim, e o quintalejo dos sapotis.

Interior desabitado. Afora um ganso emitindo grasnadelas e que se dirigia ao repuxo, nenhuma outra voz se destacava na solidão ambiente. E Neusa, em que peça bocejaria? Moveu uma das folhas, para que a campainha despertasse. Em segundos, por encanto, surgiu uma preta velha, descalça e de vestido sujo. Dona Neusa não chegara ainda, mas fizesse o favor de esperar: saíra sem dizer para onde. O desapontamento foi enorme: empalideceu, acompanhando a mulher em silêncio.

Depressinha se pôs ao embalo de uma cadeira, na varanda dos fundos. Ali é que moravam: imaginou, ao descobrir o vulto próximo de uma rede. Os salões de cima, apenas deviam utilizá-los no repouso noturno. Em seguida, acarinhando a face docemente, no último aconchego da penumbra, indagou a razão por que ela se ausentava na hora. Algum desejo irresistível? Ou o esquecimento era natural? Talvez não fosse nem domingo; e de resto não andava muito seguro quanto ao convite de Neusa.

Aos poucos escurecia. No velho relógio de pêndulo, com mostrador sem vidro, restava um único ponteiro, cobrindo o *XI.* A ausência do menor desgostou-o. O tempo como que se tornava inútil, ou já se desfizera para a família. Desviou o rumo do pensamento e se entreteve em analisar o recinto, no temor de uma surpresa. Tijolos antigos, de um azul desmaiado. Armadores nas paredes lisas, brancas, de uma alvura que lhe fez recordar Oeiras, e a cela do avô doente junto da sentina.

Digitalizado com CamScanner

Ergueu-se, atraído por uma mancha na toalha. Não uma só: duas. Vinho e café. (Passos em sua direção). Esse descobrimento assustou-o. Não correspondia à idéia que tinha de Neusa. Esperava luxo, mas via poeira e desarrumação, e, mais do que isso, um funesto silêncio de abandono. A criada sumira-se. Nem vozes, nem barulho. Ninguém! Nin... Virou-se, lívido. Neusa fitava-o, sorrindo. Hermes não a ouvira caxingar. Agora, no entanto, ela se encontrava à sua frente! Rosto de esfinge.

– Você por aqui? Qu'é de mamãe?

Não soube responder, emudecido de assombro.

– Vou descansar. Depois mando você subir.

Neusa afastou-se, detendo-se adiante, para lhe entregar um manuscrito úmido de suor. *A seus pés, três balsas desciam lentamente, seguras pelo braço forte do vareiro.*

●●●

A custo Neusa subiu a escada interna, parando aqui e além para respirar um pouco. Hermes se condoeu da sorte e quis ajudá-la. Mas freou o impulso, receando que pudesse ofendê-la. Daí a momento, o assoalho estremecia, toc, e uma poltrona se arrastou. Refez-se o silêncio. Um jasmim no saguão embalsamava a noite com o seu perfume. E as galinhas, lá no poleiro, bicavam-se temendo a escuridão. Gritos. Uma voz na rua; deixa-me em paz. O vento às frinchas, queixume das portas. Angelus nas Dores.

Ele não sabia por que ficava. Ao que supunha, a outra nem o receberia. Fez um gesto de desalento, fuga, entretanto concluiu que talvez fosse melhor esperar; os salões atraíam-no desde menino. As sombras se abraçavam agora, e não vinha ninguém. Debruçou-se à janela, pondo-se a ler o original. Um conto de Ulisses. Súbito, a negra: vestido limpo, de chinelo. A senhora... Acenou-lhe que sim, num largo sorriso de embevecimento. A velha asseara-se após a cozinha, para não reaparecer suja de fuligem.

Hermes pisou forte, amortecendo os passos devido ao barulho. O corrimão fazia um ele. Na quina, sobre a coluna, espreitava-o um pequeno

Digitalizado com CamScanner

demônio. Era horrível. Deteve-se medroso, hipnotizado: olhos cheios de uma zombaria perversa, semelhantes aos da loucura. Empalideceu. Tentando libertar-se, indagou: "Por que tremo diante de uma coruja morta? Que imã, que força sobrevive nela, para me abalar os sentimentos?" No intuito de vencer o sortilégio, abaixou a vista, caindo numa lembrança.

Passeava em Oeiras, na companhia da avó. D. Julinha, amiga de sua mãe, preparava uma festa de alunos: recitações, música, adivinhas. Ele esperava ansioso, na crença de que iam levá-lo a ver, num circo, o trapézio e o globo da morte... O *Theatro Oeirense* mais parecia ninho de vagabundos. Hermes tanto implorou, que o deixaram seguir uma hora antes, entregue aos desvelos de um primo a quem imitava em tudo. Com o salão a varrer, dirigiram-se aos bastidores, em que uma cortina azul fingia de céu e mar; estrelas aos salpicos, espuma. Canto da barcarola. Lá se vem o meu barquinho... O porão. Hermes não se animou a ir, assustado com os morcegos. No fim do muro, havia uma porta aberta. E silêncio. Poeira, folhas de lata encobrindo o chão. Uma tesoura descomunal, corroída pela ferrugem. Teias de aranha entre as pernas de um fole. Acolá, a rede imunda, fedorenta a mijo. Restos de arroz, formiguinhas. Um movimento suspeito: a porta que rangia. Foi quando atentou na coruja em cima da bigorna. Quis gritar: *Não!* Arrepio no corpo inteiro. E inesperadamente, sorrindo-lhe com as gengivas encarnadas, um homem nu, magrelo. Os cabelos oleosos batiam nos ombros. Em súplica ou prece, as mãos. Recuou à parede, mas o idiota continuava a rir, babando-se, olhinhos vivos e sensuais. A valença foi ter o primo agora.

Os últimos degraus. Que alumbramento para a vista. Salão pintado a ouro, com arabescos e uvas. Móveis dispersos. Repousando na penumbra do alpendre, Neusa via o jardim, a que as luzes emprestavam uma nuança melancólica.

– No mocho – disse-lhe, oferecendo os dedos magros, cloróticos que nem pés de galinha. Dou-lhe tudo, menos a poltrona. Você é muito... Sinto-me exausta. Caminhei tanto!

– Não se preocupe. Estou bem aqui.

– Alguma razão especial? Brigou com Afonsina? Que prazer! Vivo tão só... Detesto ir para a fazenda. O cheiro do gado me constrange. E a pintura? Você foi à missa?

Digitalizado com CamScanner

Ele se emocionou até às lágrimas. (Oh meu Deus!) Era domingo. E em absoluto não estava louco: Neusa é que o tinha chamado.

O portão fica sempre aberto. Com uma sineta.

– Pensava em vir, quando a senhora me telefonou.

O braço caía lento, lento... Que estúpido senhora!

– Ando esquecida, Hélio. Ontem à tarde... Vou à rua, e não me lembro do que ia fazer. Perdoe.

Sentiu-se com pena, relutando em dizer tudo. Para que atordoá-la com um desespero que já não a feria? Ainda bem que a memória dela falhava, aliviando a culpa e a dor.

– Eu não lhe disse para que viesse?

– Limitou-se a telefonar. Venha às cinco horas.

– Desculpe. É que eu tive uma emergência – e com a mão esquerda repôs o braço paralítico entre as pernas. Soninha quase morre. Se não vou e não ajudo... Como ele é bom!

– Não sabia que estava doente.

– Ela comeu, às escondidas, duas mangas verdes com sal, imagine. Depois sentiu cólicas e febre. Maria não tinha ninguém, a não ser o guri que me trouxe o recado. Fui, demos um banho na menina e nada de melhora. Se não cuido... Ela podia morrer. Vim telefonar, e não consegui ligação. Lembrei-me de Olímpio. Nunca o esqueço. Felizmente mora aqui perto. E eu suada, feia de gripe... – Retirou o cinto, num assomo de ternura: Ele se mostrou tão gentil! Agora faz tudo por mim. Íamos... Veja como dói.

Estendeu-lhe as pernas inchadas, um labirinto de varizes. "Repouso absoluto". No entanto, para livrar a sobrinha da morte, não se poupou um segundo. Ei-la relaxada à sua frente, deprimida, o rosto numa palidez agônica. Hermes ia levantar-se, com uma angústia repentina, quando ela o interpelou fanhosa:

– Seu avô era demente? Afonsina me disse ontem, e relutei em acreditar. Continuo perplexa.

•••

Digitalizado com CamScanner

Quando o sol apareceu detrás das nuvens, desfazendo a ameaça de chuvisco, o estudante respirou fundo e sentiu o coração inundado de prazer.

Não gostava de domingos de inverno, porque tinha de ficar preso na república, e ainda não se habituara à solidão.

Era um encantamento a que nunca se furtava sair cedinho e vagar nas ruas adormecidas, ou ver o desabrochar das flores nos pequenos jardins da cidade.

Nessa manhã, logo depois do café, Hugo veio convidá-lo para um passeio a Timon: deveria visitar um parente que morava numa quinta à beira-rio.

Breno a princípio concordou, mas lembrando que desde a última quinta-feira não conseguia falar com Elza, apesar de vê-la constantemente, solicitou ao amigo que o desculpasse.

– Se ao menos...

– Deves ir. Sabes muito bem que não te ama – insistiu o outro, com jeito para não magoá-lo. Talvez viesse a gostar de ti, se a esquecesses um pouco.

– Mas, negro – tratava-o assim, devido à sua tez morena – o amor não admite condição.

– Já me convenci, de tanto escutar-te. Um passeio, entretanto, não te faria mal.

Saíram, e enquanto caminhavam aquecidos pelo sol, o estudante começou a pensar nesse afeto que os unia, desde a infância. Hugo tratava-o como a um irmão: ao confessar-lhe os segredos, ouvia sempre uma palavra bondosa e o estímulo daquela amizade, que sabia verdadeira.

– Lembrava nossos passeios à coroa, nas tardes de junho; ou não me escutas?

Interrompendo a abstração, viu Breno que estava na avenida que magina o Parnaíba.

– Também recordo. – E para convencê-lo de que lhe dava atenção: Éramos um trio.

Digitalizado com CamScanner

Os dois jovens riram, e mirando as águas inquietas e as lavadeiras que estendiam roupa nas pedras da ribanceira, foram caminhando rumo à ponte.

Breno não imaginara maior sedução: o mar não poderia ser tão belo. Que admirasse a quantos o vissem – ia dizendo como se estivesse sozinho – nada era mais atraente e comovedor do que um rio.

– Quantas vezes abrimos as mãos em concha para beber um pouco dessas águas! – exclamou Hugo, num tom de voz parecido com o do companheiro. Aqui passamos a adolescência.

Chegaram à ponte de ferro. E de cima, os cabelos desalinhados pela brisa da manhã, contemplaram as torres da igreja, que se sobressaíam por trás do bosque.

A seus pés, três balsas desciam lentamente, seguras pelo braço forte do vareiro.

– Um dia, quando estiver cansado de tudo, mesmo da esperança – disse Breno – atirar-me-ei nessas águas: elas haverão de abafar meu último suspiro.

– Não devias falar em morte – interrompeu o outro, empalidecendo. Aquela rapariga não merece teu amor, ainda mais tua vida.

Breno fitou-o nos olhos e tentou sorrir-lhe:

– Desconfio que você anda enamorado de Elza. Ouviu-me tanto elogiá-la, que terminou gostando dela. Não a roube de mim.

– Falas sério?

Atravessaram a ponte silenciosos, até que o apito do trem lhes renovou a costumeira intimidade.

– Desculpe, negrinho: brincava apenas. Mas, domingo passado, dançando no clube, julguei que a enlaçava como um amoroso. Agora vejo que tudo era ciúme.

Detiveram-se frente a uma quinta, e no instante em que Hugo subiu na cerca para tirar uns umbus ao alcance da mão, o companheiro ficou à espera do trem.

A locomotiva arrastava-se nos trilhos sujos de poeira, e ao chegar à ponte abafou, com seu apito dolente, um gemido e o som de uma queda.

Digitalizado com CamScanner

Depois sobreveio um silêncio triste, que o proprietário da quinta cortou com os seus passos.

O velho chocou-se ao notar que Hugo tremia de emoção, junto ao corpo inerte de um rapaz de vinte e poucos anos. Com a cabeça esmagada numa pedra, Breno jazia na areia, o sangue a inundar-lhe o rosto.

– Meu Deus, que loucura! – exclamou o jovem para o tio de seu pai. – E tocando no amigo com as mãos geladas: Vamos conduzi-lo a Teresina, antes que morra.

O quinteiro acenou em negativa.

– Como foi isso?

– Ele quis matar-me, e o afastei com um safanão. Tropeçou e caiu. – Suspirou com pena: Coitado!

– A situação é ruim, Hugo – disse o velho, procurando descobrir nos olhos do sobrinho algum traço denunciador. Eram amigos?

– Gostávamos um do outro – e afastando a vista para a correnteza, pós-se a chorar e a rir.

O dono da quinta ficou apavorado com essa reação e tratou de proteger-se:

– Espere, que vou buscar ajuda.

Durante o momento em que esteve a sós, Hugo não conseguiu desviar o pensamento do companheiro. Matara-o à traição, em coerência com as idéias da própria vítima, segundo as quais havia beleza em tudo, até na morte.

•••

Digitalizado com CamScanner

O RIO

Rumor longínquo. Helena correu à janela e descobriu um redemunho para as bandas do Leme. Quedou-se à espera do avião, sorrindo de alegria e enlevo. Não ia viajar agora. Tinham-na esquecido! Decerto que ansiava pela conclusão dos estudos, porém Oeiras de tal modo se entranhou nela, que já não queria o liceu, com o pensamento nos eflúvios da mata, no verdor das quintas, na ponte de madeira, a ouvir as borbulhas da grota. Refugiava-se no pressentimento, mal abafando o ímpeto de esconder-se na "Selga", longe de tudo: a avó, as miunças, o aboio dos vaqueiros.

Se bem que a nuvem se fosse diluindo, esgarçada pelo vento, o teco-teco não aparecia. "Oh, não. Ei-lo que sobrevoa a cidade". No íntimo, sentia um amargor. Era apenas um urubu, planando em cima dos sobrados. O ruído... – um caminhão numa das ruas estreitas, que do morro descem. E ainda estava distante a hora da partida. Pensou: "Se eu me resignar, não sofrerei muito. Resistindo é que me suplicio. Ah, se mamãe adormecesse! Também me esqueci, mãezinha..." Emendou-se logo: "Enganá-la? Não, que não me fica bem". Ela mesma não se perdoaria nunca.

O menino acertou uma pedra no bode.

Voltou-se incontinenti: a cadeira nos últimos embalos. Então se lembrou de Lucínio. Nos primeiros dias, intimidava-se diante dele, remordendo-se porque não ia estar com ela. Isso a magoava, aguçando-lhe o retraimento. Assim, a seu menor gesto, fugia para o corredor, de onde o espiava por uma fresta na porta. Ele surpreendia o movimento e parava absorto, olhando firme, como se alguém estivesse a se embalar. Às vezes dizia cousas confusas, até que a cadeira de balanço serenava de todo, e ia meter-se no quarto de Joana, sozinho, e aos resmungos.

Helena não se conformava em partir, deixando a avó com febre. As notícias que vinham da fazenda não eram animadoras. Por isso Antônio teve de ir buscá-la; a pobre em cima duma sela, pelos rudes caminhos

Digitalizado com CamScanner

do sertão. Não podiam abandoná-la à míngua de assistência, lá onde: remédio? Oração forte, mastruz, folha-santa e erva-cidreira, e essência de quanta raiz há. Não lhe convinha ir embora nessa dúvida. "E se Joana morrer?" Amava-a tanto! Nem bem ficou mocinha, pediu que lhe dessem o aposento mais próximo, a fim de assisti-la em tudo, tal como uma enfermeira. D. Glorinha consentiu: o isolamento da sogra por vezes lhe dava uns tremores. Helena é que não se conteve de alegre. E se foi abraçar à avó. Todas as manhãs levava-lhe café e beiju, sentando-a depois no urinol: a velha feito uma criancinha. Ante o seu devotamento, as outras já não a maltratavam, e nem mais um dia ergueram a voz para ela. Joana não se incomodou, sequer reagindo quando a guiavam à copa, onde comia de dedo, indiferente ao barulho, e até às lágrimas de emoção do filho. Ah, Heleninha! Ele próprio já não se isolava quando Helena, num misto de amor e respeito, falava da avó para as colegas. Entrementes, Pedro urdia a salvação do mundo, com o extermínio da loucura. Foi a sua maior desilusão. Sofreu noites quietas, e por fim se resignou. Muito o amava, contudo se afastou de vez, não só não indo aos encontros: nunca lhe aparecendo no sobrado. Em compensação queria à avó mais ainda: beijava-lhe os cabelos, as rugas da testa, as pobres mãos geladas, consumindo-se de vê-la impassível. Pedro ficou desolado com o rompimento, pediu desculpas, escreveu cartas a ela e à mãe. Sempre que a via, interessava-se pela saúde da avó. E uma noite, indo à praça: Helena, eu te amo. Se tu quiseres, casaremos agora. Joana irá viver conosco, agasalhada no nosso carinho. Ela ouviu tudo em silêncio. E foi aí que reparou no olhar de Orlando; ternura silenciosa e humilde, indelével apesar do tempo.

– Joana, este inverno... Não! Não devo pensar em morte.

Desejou rever a prisão. Era uma forma de estarem juntas, no ambiente em que tantas vezes a encontrou suja, e imóvel. A chave de ferro pendente no gancho, negra e fria como as outras do sobrado. A fechadura: um estalido seco. A porta se abrindo. O quarto vazio, com a rede num dos armadores. O sol entrando pela janela: uma escada de luz. Apenas. E um mundo de buraquinhos na parede, como estigmas de catapora. Tal visão sobressaltou-a. Parecia-lhe ver símbolo naquelas marcas: a expressão de um profundo dilaceramento. Sim, Joana devia

Digitalizado com CamScanner

sofrer. Acostumada à doçura de seus gestos, à íntima indiferença de seu olhar, à sua longa noite de silêncio, não tivera olhos para ver quanto padecia. Na sua imaginação, a loucura era algo assim: entressonho e fantasia; lua. Não vivera Celina em queixumes de amor? Não tinha o próprio suicídio um quê de poético, de irreal, de lenda? Entretanto, atrás de toda aquela brandura, a avó se debatia nas ondas do desespero, mergulhada numa corrente secreta, viscosa, assim um rio subterrâneo: álgido, escuro e aterrador.

Esteve quase disposta a fugir. A inconsciência do destino sufocava-a. Encontrou uma colher junto da porta, a mesma colherinha com que Joana costumava imprimir o sofrimento. Agasalhou-a no peito. Era como se abraçasse a pobre, o seu coração infeliz, tão evidente e que, entanto, ninguém nunca fora capaz de ver. Abriu as mãos lentamente, como se guardasse uma jóia cujo mistério queria surpreender na penumbra. E sorrindo enigmática, aprofundou um dos furos, com o mesmo gesto compassivo da avó.

•••

Em meio à bruma da aurora, Helena distinguiu vultos saindo do curral: o libambo das ovelhas; mó. Desde que chegara à "Selga", queria montar numa e não conseguia, ou porque fossem indóceis na campina, senão porque não havia graça com as miunças presas. Assim, preferia divagar pela fazenda, olhando o açude, os jacarés cor de barro, a lagoa verde, ninhos de anum, ovos azuis, tetéu, ou se meter entre as bananinhas e saboreá-las uma por uma. Até que maduras são gostosas.

– Eia! (O moço do curral). Eia!

Helena não teve dúvida: o rebanho solto. O capim molhava os pés, como em noite fria. Deu numa poça e não se importou, correndo atrás da brancura que saltitava rumo ao campo. À medida, porém, que as ia seguindo, mais as outras se distanciavam, a fundir-se com o nevoeiro. Era imperioso pegar um carneirote bem taludo. Quando ambicionava uma cousa, ninguém a dissuadia. Abalou em perseguição, em tempo de se perder. A menor das ovelhinhas tropeçava a poucos metros, aflita, e só, balindo.

Digitalizado com CamScanner

O rosto no chão, quentura no braço. Caíra sobre fezes. A decepção somente não foi maior porque o moço do curral não viu, com duas moitas encobrindo a porteira. Despregou as bolotas (nem deixaram mancha) e se escapuliu para a ordenha: leite de cuia. Manhã viçosa, ainda que desagradável, com aquela nuvem escondendo os morros e abafando as vozes. Débeis tintas rosáceas esparziam-se na fronde dos umbuzeiros: o sol nascente. E ao longe, o barulho do arco-da-velha, o rio quase seco.

Ao passar de frente ao redil...

– Donenin'a.

Ela não gostava do moço, velho apenas um palmo. É que ele vivia de pé no chão, com a roupa remendada, e o peito nu. Demais sentia um acanhamento enorme: tinha ares de homem, parecendo-lhe ansioso por beijá-la. Entrevira-o nos sonhos. Ou eram pesadelos? O açude. Folhas que ondulavam, marias-moles. O sangradouro em fúria: águas desciam que nem cachoeira. Helena, seguindo o remanso, nadou até próximo. A torrente submergiu-a, arrastou-a na voragem; escuro, pedra, lama. Reconhecia-se dormindo – ao acordar tudo bem de novo. Mas não podia deixar de temer a queda. Embaixo o pedregulho; um menino já morrera ali. Engolfando, a morte aos pés. Não se preocupe. O moço do curral sorria-lhe, abraçando-a, volúpia, um só corpo. O medo logo desaparecia, por encanto, e os dois continuavam juntos ainda uns tempos, agora sobre a relva. Querendo beijá-la. Sorrindo. E de súbito, os punhos da rede, com o sol no rosto: *arco-íris.*

Nessa manhã, sem quê, Helena não mais tentou fugir. Surpreendera-o de olho também na avó, e se intrigara com as suas intenções. Fizera dele uma imagem sua, de que não se queria desfazer. Tonho ria só para ela, e mais ninguém. Doidinho por namorá-la. Helena é que não queria licute. Um moleque. Se aparecia no curral das ovelhinhas, ei-lo a enrabichar os olhos. Se ia ao banho, encontrava-o no meio do caminho, com uma flor de salsa nos dentes. Noite velha, ainda achava jeito de segui-la, pois só raramente não sonhava. Primeiro nuvens, depois um magote de cavalos luzidios, esbeltos, a correr ao vento; um potro branco, ágil como nenhum, aos relinchos e pulos, somente para ela ver; o arco-íris com a perna maior voltada para o tanque, no qual se revia entre mergulhos, com os jacarés. De inopino a descida pelo sangradouro, morte por

Digitalizado com CamScanner

afogamento. Tonho a seu lado, sorrisos, ternuras sem fim; o choro de sua mãe, remorso: um peso no ventre, inchação de sapo-cururu.

– Que é? – interrogou. Que quer comigo?

– Aqui um carneiro velho doente. Estou tratando dele, mas o bichinho tá para ir. Só pensa, não come, numa tristeza que faz dó. Eu cuido que é mal da sina.

Helena esperou que Tonho apontasse o vulto dele encolhido junto do mourão. Só aí afastou a porteira. Terreno escuro de bolinhas, fezes antigas e recentes, com o bodum característico. Ela entrou, pela mão do jovem. Perto do outro, sentiu-se mal. Bem no cocoruto, havia uma monstruosa chaga fervilhante: vermes leitosos como os do coco-babaçu, que as negras estalavam nos dentes, o sumo a escorrer pela boca. Espremiam-se, num burburinho que a encheu de náusea. Pôs-se lívida um um um. Insensível a seu tormento, Tonho indagou se ela não queria ficar com o pobre do carneirinho.

– Não custa, morre – e levantou a cabeça do infeliz, para que pudesse contemplar os seus olhos pacientes.

A luz empolgava o céu, quando Helena abandonou o redil, sentindo que um estrepe se lhe fincara no coração.

•••

Coité foi o único a sorrir-lhe. Era o vaqueiro mais forte. Duma, ia morrendo, e pôde decepar a cabeça da sucuruju. Doutra, indo salvar do tanque uma rês, matou um jacaré, bem atrás dos mofumbos. Ele simpatizava com Helena: não era amiga de Tonho? Fora agregado na fazenda *Alegre* e depois no *Junco,* ao tempo de D. Celina. Sabia a história de seu amor, e a recontava sempre que aparecia na casa-grande. Ela o retinha, querendo saber de tudo. E a pega da onça, como foi? Então se alembrava da carniça, de Feroz e Maquiné, de seu Raul e os homens. Diz agora a dos papagaios. Antes da muda pra "Selga". Cousa que inventaram, não viu. Quando mocinha, a patroa só vivia se benzendo. Eita dona pra gostar de reza. Todos os dias novena ou ladainha. E o louro assuntando... *Regina Coeli, ora pro nobis.* Uma vez o danado sumiu. Deram busca, mexeram até

Digitalizado com CamScanner

nos potes. E nem. Joana magicou: o gato comeu. E as penas, Siazinha? E o sangue? Neres. A pobre chorou muito; o bicho falava tudo. Na hora da reza, ele: A ladainha, Joana. Ou chamava a gente, com a voz da outra: Chega aqui, depressa. O tempo fugindo. Uma tarde, estando pra chover, passou uma revoada no céu, logo em cima daqui. Eu não estava, não testemunhei. Porém muitos ouviram. Assim. O papagaio da frente ia regina céli, os outros ora pru nóbi. Joana quase morreu de susto, rezou muito, agradecendo a Deus o aviso, e uma semana depois, da preguiçosa do alpendre, viu chegar um moço branco, de chapéu e bengala, que vinha pedir a mão dela em casamento. Patrãozinho bom, olhos de boi, que Deus o guarde.

– Aqui, Donenin'a.

Helena aproximou-se vagarosa, e enquanto Coité lhe estendia o leite espumante e morno, deteve-se a admirar um monjolo fusco, com um sino nos quadris: mamava de viés, que brancura luminosa, a do olho! E lhe veio uma sensação de ciúme. Quando o pai de Tonho ofereceu novamente a cuia, pôs-se a beber devagarinho, sem desviar a atenção do novilho. Ei-la a sugar o úbere, ver uma bezerrinha. Os homens ali por perto. A vaca lambendo-lhe o rosto com ternuras de mãe: dócil, tão simples.

– Já acabou? Quer mais?

Devolveu a cuia e saiu tal qual uma rês. Não a quatro pés, oh não: via-se como sempre. Mas uma cousa a transformara em quadrúpede. Tinha até bigode; uma tira branca. A relva ganhara cores tenras, que não vinham do orvalho, senão da seiva. Puxou um talo de carrapicho, assim como outrora. Desta vez gostou do sumo. Correr à toda, espojar-se na verdura, mugir. Folhas de umbuzeiro. Em vão se esforçou por alcançá-las. Ótimo se pudesse subir no tronco, a fim de tirar um ramo nos dentes. O que não podia fazer: era uma novilhota.

Entrou em casa pelo portão dos fundos, o que abria para o terreiro das criações. As galinhas voaram para ela, pensando que trazia xerém ou ia deixá-las soltas. Helena deu uns pulos, fez mé, fungou; as co-cós não entenderam, avoadas, umas por cima das outras. Mais um pinote, e saiu pulando, e assim foi até o alpendre, aquele próximo da cozinha, de onde a criada olhou para ela e em seguida para a copeira. Havia nesse olhar

Digitalizado com CamScanner

uma luz maldosa, que a deixou meio desiludida, não se achando nem rês nem menina: incapaz de gestos, abúlica.

E logo se sentiu abandonada. Ninguém a queria perto. Nem Joana. A avó continuava na rede, de colherinha às mãos, no eterno empenho de abrir furos no adobe. Antes era no sobrado, agora no recolhimento da "Selga". Talvez fosse a única a compreendê-la; porventura amava em silêncio, sem ter como exprimir o afeto. Tão só! Nem mesmo o filho a procurava. Nas poucas vezes em que vinha à fazenda, cuidava de tudo – da ferra, da vacinação, da roça – até procurava saber como iam os homens, as mulheres e os meninos; contudo nunca lhe pedia a bênção, ele, Antônio, o seu filho dileto.

Remorso?

Ou medo da loucura?

Ainda que Joana não se animasse a recebê-la, Helena lhe queria um bem louco. E agora, mais triste, reclusa também, achou que ela, sim, poderia confortá-la. Uma onda de ternura lhe alvoroçou o coração. Era no asilo. Tudo num repente. Joana de costas, sentada, no mesmo gesto. A luz da manhã, tímida e sem calor, batia na vidraça, revestindo-a de tons cloróticos, imprecisos, ligeiros. Estaria vendo o céu? Acercou-se: olhos vagos, azul levemente róseo, com as mãos esquecidas nas pernas, tão magras, tão secas... Ó Joana, como eu gosto de ti! Como me reclino sobre o teu sofrimento, tu, abandonada pelo próprio filho! Não vês quem te procura? Não ouves que ela já se aproxima? Joana imóvel, impassível de todo. Helena ergueu-lhe os braços e os pôs em volta do ombro, à espera de um carinho que não veio e, doloroso é confessar, não viria nunca.

Ó Helena, que será de ti?

Chora, eu te peço. Não te magoes assim.

•••

Helena abaixou a rótula e surpreendeu o jipe na esquina. Pôs-se a observar. Alguém deixaria Oeiras. Olhou para o riacho distante, as quintas obscuras ao sol, e viu, nostálgica, que ela, não outrem, é que partiria. Suas as encomendas, o saco, o baú; requeijão, doce de leite. Em breve

Digitalizado com CamScanner

iria ao campo de pouso, no labirinto dessas ruas tristes que amava tanto e sentia perder, para sempre, agora. Ao retornar em férias, já não gozaria deste recolhimento, desta vetusta solidão, feita de pedra e limo. Estaria tudo mudado, a seus olhos pelo menos. Não mais um domingo como este, azul. Não mais o singelo encanto do casario, dos morros, das conversinhas à porta; Oeiras insepulta no tempo, livre do frescor de seus quintais: o cemitério.

Desviou a vista para a ponte. Um rapaz dentro da nuvem, Pedro. Que outro poderia quedar-se à espera? Assim o tenente: recurvo, olhando os muçambês, a fumar absorto. Contentá-la-ia essa lembrança? Não se entranharia ele em seus pensamentos? Enxugou as lágrimas, concluindo logo por sorrir: não Pedro, mas o Landinho. Os mesmos gestos; só não o olhar. Orlando empalidecido, nervoso, ferindo as unhas na madeira. Amá-la-ia realmente? De menino, sem nunca lhe externar a paixão – silencioso, esquivo, sofrendo ao vê-la cortejada? Não entendia direito. No íntimo, desconfiava que o terminaria aceitando; era humilde e não tinha ninguém. Muitos judiavam dele, riam-se de suas cousas, exploravam a sua boa-fé. A todos ele acolhia sorrindo. Entregava-lhes o coração, e a ela o melhor, a pureza dos sentimentos.

Orlando. "Saúde". Desde que parti...

Uma cartinha, papel cor-de-rosa.

Não o fitava, sem que lhe viesse o anseio de ir a seu encontro. Se o pobre se declarasse, abandonaria os estudos, a "Selga", a avó, não mais saindo de Oeiras: consentiria em ser a sua noiva. Gosto de ti desde criança. Gostava mesmo, ou era tudo fantasia? Oh meu Deus. Gosto ou não gosto? Preciso saber. Não convém que me desespere assim. Eu sofro que só vendo.

Não é justo.

– Ande, filhinha.

A voz pertencia à outra, à sua velha babá, em quem agora redescobria ternuras. Foi-se lentamente, e abriu o trinco: Zefa em prantos. Vendo-a aflita, abraçou-se-lhe, imobilizando-lhe os braços, comprimindo-lhe o peito; as costelas nas mãos. Ao refúgio de seu carinho é que se recolhia, sempre que a magoavam. Zefa na esteira, bocejando histórias.

Digitalizado com CamScanner

O sono também lhe vinha depressa, ao embalo das lendas e da brisa noturna: uma donzela, o príncipe do reino; louro. Nos tempos de lua, recorda-se, Zefa tomava-a no surrão e desciam para o pátio. Muito a deixou suspensa junto da roldana, para que visse o fundo do poço. Oh, que lindo: o céu inteiro dentro d'água. Não crie pombo. Não deixe o chinelo de borco. Não... Não brinque com gato preto. E um dia, quando? Já nem se lembra!, pisou no rabo dum. O bichano saiu miau, encolhendo-se em cima do forno, atrás dos olhos amarelos. Assim você não casa. Casa? Solteirona toda a vida, setenta mais sete. Que susto! Helena chorando, trepada no umbuzeiro, à espera de que a fossem procurar ali. E ninguém apareceu, sequer o irmãozinho.

– Não vou morrer, Zefa. Em julho eu volto.

– Sim, sim... – confirmou a babá, presa de estranha dúvida. Mas temo uma cousa. Você sozinha, sem nenhum amigo lá perto.

Helena recuou pálida, ansiosa.

– Estarei com meus tios, Zefa. E Lucínio.

– Sei, sei... É que tou morta de saudade. Vou sentir muito. Eu e tudo aqui. Quem mais nos protege, Donenin'a?

– Também muito. Eu...

Viu alguém aproximar-se, e se distanciou. D. Glorinha não tolerava o seu agarramento com a velha: só vivia na cozinha, palestrando com as criadas; não tinha o temperamento dos Barbosas, nem o orgulho da família: tratasse bem a todos, brancos e pobres; ser ruim não, porém devia manter-se afastada, sem cochichos, que esse povinho nunca se conforma em receber o pé.

– Vamos, minha filha. O carro na porta.

("Sempre com este ar de sono: vovó não era assim?")

– Adeus, Zefa. Não chore. Adeus.

Helena se afastou, nos passos de D. Glorinha. Atravessou o salão nobre, em que às vezes se abandonara às bonecas, sumida entre as costuras, falando só para si e Xena; e alcançou a escada em caracol, sentindo um começo de vertigem. Era como se rodasse, um movimento sem fim: a mesma sensação da fábrica de arroz, correias e bielas; receosa, trêmula, insegura. Sair de Oeiras, que a esperava além? Que lhe reservaria

Digitalizado com CamScanner

Teresina, grande e inóspita? Quem lá conhecia a "Selga", flores, alecrins das procissões, e o sobrado de D. Filomena?

Quem lá?

– Você assim? Controle-se.

Sentiu nas mãos a tepidez de D. Glorinha. Riu, nem atinou por quê. Ainda havia essa esperança: dúbio, mas sempre um sorriso. Desceu a calçada de pedra, e já resoluta entrou no jipe: o chofer solitário, ao volante. As amigas na fazenda ou na roça, Antônio e a velha a caminho, Pedro ao lado da outra. Como se ressentia de tudo! Entrementes divisou Orlando à sua espera, no parapeito da ponte: o único a quem amava e não podia rever. O fim: aleijão ou morte, exceto a doçura de seu olhar; oh, padecer de amor tardiamente! Espera-me, Landinho, que na volta serei tua. Não vês que não te posso fitar neste instante? Não percebes que me emociono por ti, saudosa da felicidade em que descansaríamos juntos, e eu, tão louca, cega e louca, nem pude vislumbrar?

– Confia em mim, que na volta serei tua.

O jipe se pôs em marcha, sem ter pena dela.

•••

Cerrou os olhos dentro do jipe, sentindo-se desprender de tudo o que ela amava com impaciência: as quintas do Mocha, a brisa e o sol, os telhados, a igreja, os furos de Joana, Landinho com o tabuleiro *(Olha a verdura);* os coentros. Por que abandoná-los à memória, se não queria Teresina? Por que não se esconder na fazenda, longe? Deslizar macio, a relva; trepidação, o motor. Trêmula, e pálida: à vertigem das rodas. Escuta um estrépito: a ponte de madeira. E Landinho? No rosto, a ternura de seu olhar. "Sim, ele me admira a fundo, penso de amor, tímido até ao desencanto; e eu continuo sem forças para encará-lo. Espera-me: na volta serei tua". Orlando desiludido, a acompanhar-lhe os movimentos, com apoio no parapeito. Quanto carinho não lhe reserva; suspiros, beijos: quantos? Gaguejará sem dúvida, mãos frias, nervosas, lábios em fogo: Helena, sê minha. O chiado da areia. Nunca mais a ponte. Landinho inerte, retendo a imagem da despedida. Ela pensando num último adeus,

Digitalizado com CamScanner

a que não se anima. Para que dar-lhe esperanças, se não tem nenhuma? A sua vida é solidão e desespero. O pior: não lhe percebem a dor, e ainda tentam magoá-la, surdos aos queixumes do coração. Xena, o irmãozinho secreto; já não existe, foi um devaneio.

"Para quem apelar? Se ao menos Joana estivesse..."

– Comporte-se-minha-filha.

Ergueu o corpo, ajeitando a saia, tudo sem abrir os olhos: as lágrimas que escorressem impunemente. Agora iam entrando na Rua do Fogo. Sentia-o porque o auto fizera uma curva à esquerda. Como brincavam de roda, ela e os meninos, diante da casa em que nasceu Ulisses: a única de oratório na fachada. Em frente, ao pé do muro branco, havia uma pedra informe, que abrigava um fio do cabelo de Santa Teresinha. Se se quebrasse, o mundo se acabaria nas chamas do inferno. Helena se recordava. Quis uma vez sentar-se, porém não consentiram – de medo. Até sonhou com a Santa a distribuir rosas, uma para ela, outra para Luc... Por que Lucínio, se durante a sua permanência em Oeiras nem deixou o sobrado? Não sabia. Absurda, a lembrança dele agora. Buscou reconstituir o caminho. Altos muros de pedra, vassouras, goiabas suculentas; no casario: janelas escuras, largas, sem rótula, paredes cegas, vãs, o capim nos beirais, manchas verdes. O outro à porta. Uma velha passando. Ulisses interpela: Ô xente, pra que isso? A dona pára: É uma pinta, meu bem. E acariciando-lhe o queixo, pergunta se não quer. De presente. Ulisses recua, encabulado. Eu tenho uma, pra que essa? Alteia a bainha: o pipi. Tanta inocência, que a velha chora. E o lambuza no rostinho. Eis a imagem de Ulisses, que Helena amealhou na infância. Essas ruas estreitas, sinuosas, esses quintais sombrios, e tão íntimos: o que não se impregnou de sua presença? Crescera nessa admiração. Logo mais iria vê-lo. Não se decepcionaria? Em Teresina. "E por que me detenho em recordá-lo, se não ignoro a quem amo? Que se passa comigo? Não sei o que quero, ora crendo num, ora noutro. Ajuda-me, Celina, para que nunca me afaste de Orlando, pois ninguém, exceto ele, me fará feliz".

– Chorando, Helena? – D. Glorinha prendeu-lhe as mãos. Que boba! Teresina é uma cidade nova, enquanto Oeiras se ressente de vida: flores murchas num túmulo.

Digitalizado com CamScanner

O jipe à direita. Gritou alguém para ela: Já vai? Todavia Helena não se importou. A casa era dos tios de Pedro: Vânia, sua apaixonada, iria prendê-lo enfim, sem um encanto qualquer: o tenente se consolaria nos seus ossos. Ainda bem que rompeu o namoro. Tinha uma amásia, para as bandas do Leme. Ela não, que não iria casar-se com um homem desses. Preferia Orlando, a quem maltratara no grupo, por ter uma voz tão bela e cantar nas missas de domingo. Tão pobre, ajudando os pais, com o tabuleiro e a roupa suja de verniz. Landinho... Nem bom. Que esperar do futuro? Trepidando no calçamento antigo, que circunda o Sobrado: restos de glória, Oeiras-Mãe, ouro e incenso. O quintal cheio de espinho, e um pé de cuia, enorme, alvo de quanta baladeira! Não desconhecia que Celina estava morta, no fundo do poço, e que era plena tarde: o sol iriante, a aquecer-lhe os cílios. Mas escutava soluços à janela: Luizinho! Decadência, morte. O jipe embateu numa pedra e jogou-a em cima da mãe: quase perderam o equilíbrio. Então acordou, reconhecendo, angústia, que há muito perdera as ruínas de vista. Encontrava-se em frente da Conceição, no largo da feira. Como pôde enganar-se? Tivera o pressentimento de que ainda iriam às senzalas, e só depois do curtume é que entrariam no Beco do Xé. Porém corriam longe, ao fim de Oeiras; agora somente a rodagem, com alguns casebres, o Leme, e o campo de pouso do Jurani: Teresina. A igreja na quietude do sol. Os dois pés de tamarino a dizer: Aqui morre a cidade. Além, o cemitério em flor, o jazigo – Raimundo, José, Luizinho. E em frente, a estrada plana, lisa, cercas e roças, verduras, a coroa do Leme, chata à distância, íngreme de perto. Nenhuma dúvida assaltou-a: iam deixando Oeiras. Já padecia saudades, não tanto de alguém, senão das ruas, das quintas, das pontes, dos morros azulados – passeios silenciosos, e ela e o irmãozinho. A brisa no rosto, inflando-lhe a blusa, cheiro de gado, de estrume, como na fazenda. Olhar de viéis o que ficou, sentir-se desprender. Não pode: um temor que oprime. Ninguém a quer ali. A avó, os pais, Orlando. Ninguém.

•••

Além da faxina, os velames cansavam os olhos. Helena volveu o rosto: cajus, angicos, e o Rosário longe, entrecoberto pelo verdor das

Digitalizado com CamScanner

quintas. Oh, deixar Oeiras, a infância morta, sem levar consigo a brancura dos corredores e o verde cinza das pedras. Por que se negou a contemplar as ruas? Como que se traiu! Imaginou-as até os pormenores, e nada se deu como no pensamento. Não sabia explicá-lo; a decepção era absoluta. E agora via uma nesga do mundo, pouco redescobrindo de si: um casebre, loendros, um pomar, a grota ao pé da igreja, mais a oficina de Orlando. Não queria recordá-lo sofrendo, com os sentidos nela. Quem lhe assegurava que a ficaria esperando em julho? Quem? Melhor esquecê-lo: é tão humilde, tão sozinho – parecendo maravalha!

–Veja. Lá no fim do campo.

Descobriu a coroa do Leme, altaneira ao sol da tarde. E entre as frestas, o rebento da macambira, e capim, a destacar a rudeza do prumo, e a loca em que o dragão velava o ouro dos jesuítas. Ainda era pequena: quatro anos. *(Próximo do Jurani. Ou não quer ver?)* Emocionou-se logo. No sopé do morro, Pedro exercitava os recrutas, em formação cor de oliva. Que garbo, o dele: a voz de guerra, firme o pulso, em continência. Cada vez menor a distância. Já lhe reconhecia as mãos carnosas, morenas, um tanto ásperas, mãos que ela costumou prender nas suas, na ânsia de feri-las com as unhas. A asa do teco-teco rente à cabeça. Sorriu: "Que o trouxe ao campo neste domingo? Algum empenho secreto?" Vê-la sem dúvida. Mas uma escalada chamaria menos a atenção; os dois até que poderiam trocar um adeus, sem que desse na vista. Com a tropa é que não: público demais.

O jipe freou bruscamente. D. Glorinha se enfureceu:

– Estúpido. Quase me atira fora.

Na verdade, o que a constrangeu foi Raul ali perto, conversando com o aviador e uma senhora. E à parte, um grupo de mulheres, a sorrir do baú de Helena, que gentinha!

– Não se aborreça, mamãe.

D. Glorinha desceu de um pulo e se afastou para bem longe. Ainda odiava o médico. Raul não a ofendera, e não se sentia à vontade na sua presença. Ódio antigo, de menina. Sem querer, culpava-o pelo falecimento de José, o grande amor de sua vida. O pai lhe era tudo. Sempre que ele vinha da loja, recebia-o com abraços e beijinhos. Durante a

Digitalizado com CamScanner

sentinela nem pestanejou, hipnotizada pela fragrância das violetas: o corpo imóvel no féretro, as mãos endurecidas, desprezadas. Raul no âmago da morte. Não fosse cortejar Dulce e retê-la na festa, o choque não seria tão violento; nem repentino. Houve quem o reconhecesse em frente do Sobrado, assuntando a janela em que eles se riam, enamorados um do outro. Ela não tinha ressentimento da irmã, porém só em ouvir tocar nele, fremia de repulsa. Abandonaram Oeiras e o mistério, *para sempre*. Lá não regressariam nem para o túmulo. E eis que se enamora de Antônio: rapaz tão simples! Casmurro por temperamento, nunca o pobre revelou a origem, nem ela confessava a sua, pois muito lhe doía a lembrança de Oeiras. Noivaram. E logo Antônio cativou a família: apreciavam-no por ser forte, tolerante e generoso. Contudo, mal aludiu à avó D. Filomena, Glorinha sentiu um peso, uma cousa dentro dela. Não respondeu nada: ia definhando, cada vez mais lívida. O belo moreno do rosto esmaeceu, sem brilho agora. Ouvindo-a uma noite a sonhar, Dulce compreendeu a relutância. Coitadinha! Nem D. Odete, a sua mãe infeliz, aprovou o rompimento. Se ele significava tanto, deveria merecer-lhe tudo: retomasse à terra. Se fosse para uma fazenda, para uma granja longínqua! Não; ia fazer ciúme à outra, concorrer com o prestígio do Sobrado. "Como o destino muda. Eles ontem, hoje nós". Alguém: "Eu, só por vingança, regressaria, quanto mais por amor". Glorinha desfez-se em lágrimas, sorrindo. E de manhã iniciou a viagem de núpcias. Chovendo, atoleiro, almoço na serra: vento, frio, dor nas costas. Febricitante à noitinha. Que susto! Antônio apressado; seu Ernesto ausente. Às voltas com uma denúncia, ele já escondia a medicina, somente cuidando dos pobres. Na véspera tinha ido a Simplício Mendes, tirar a sezão d'um. Antônio, que fazer? Respeitava os sentimentos da mulher, e por nada deste mundo buscaria relações amistosas com os Ribeiros. Mas naquela emergência, compadecido e cheio de escrúpulos, achou que a única maneira seria arrancar o médico do cassino. "Afinal nem somos inimigos". Raul felicitou-o pelo casamento, não conhecia bem Glorinha, entretanto só em a saber filha de D. Odete, uma pessoa tão gentil; e o acompanhou em silêncio, debaixo de chuva e tosse. Mal ela o viu à soleira, gritou: Rua, seu... Espumava, numa torrente de imprecações. À luz do candeeiro, parecia

Digitalizado com CamScanner

histérica, às portas de um ataque. Raul soube ser compreensivo, aceitou as desculpas de Antônio e ofereceu um calmante. Tudo nervosismo da viagem, o retorno a Oeiras, a expectativa da lua-de-mel. Não se preocupasse, que na manhã seguinte acordaria disposta. Antônio agradeceu e voltou para Glorinha. Esperar o quê? Lá fora o sopro do vento, o bater da chuva no telhado, e a alcova morna, tão quentinha! Em penumbra.

– Não estou aborrecida, Helena.

•••

Helena não desconhecia o ódio de Glorinha. Mas, longe de detestar, sentia pena de Raul. Já não era o jovem arrogante e caprichoso, senão um deus vencido, marcado pelo sofrimento. Os últimos anos o abateram muito. A decadência refletida no rosto: médico pobre cheio de filhos, que dissipou a herança e não tinha sequer o refúgio do lar. Amparinho trazia-o sob resmungos e querelas, brigando por tudo e nada. Quem te vê! No entanto Raul ainda simbolizava a grandeza antiga, mistura de história e lenda. O Velho, D. Nini, os queixumes de Celina... Como odiar alguém, encarnação viva de Oeiras? Como relegá-lo à morte?

– Não lhe parece, Donenin'a?

Viu Raul atento, e não soube o que responder. Não ouvira a pergunta. Olhou-o fixamente, buscando-a na fisionomia. Por trás, o vulto de Pedro. "Vem despedir-se de mim". Ficou a esperá-lo, presa de emoção. Não mais lhe queria; as idéias dele não se casavam com o seu temperamento. Contudo, pressentindo o desastre nas manchetes, explode um avião, tinha de envolvê-lo na doçura de um sorriso, para que sempre a recordasse. Semblante vermelho, poros abertos, Raul subindo o morro, e Pedro além. Olhos fechados; surpreenderia o vulto quando perto. Abaixou as pestanas, sem as oprimir. Um véu branquicento, Pedro vaporoso, fluido, longínquo. Quem sabe se não viera de propósito, a fim de lhe proporcionar uma surpresa – o treno, e de súbito a despedida?

Ei-lo defronte agora.

– Você está bem? – ouviu de novo. Parece tonta.

Helena reabriu os olhos e nada percebeu, exceto uma nuvem. *Celina.* Na sofreguidão, correu a vista para os lados. Não o encontrou:

Digitalizado com CamScanner

empalideceu nervosa, começando a suar frio. Onde? Relanceou um tímido olhar, e reviu Pedro lá no extremo, em disputa com os velames, nódoa, rumo à casinha. Ia ver a amásia. Não trouxera os recrutas a pretexto de um encontro, e sim para demonstrar que lhe era indiferente, preferindo a outra.

Pedro, não me insultes. Que mal te fiz?

– Venha, menina. Obedece.

A mãe cravou-lhe as unhas no braço, e a levou de volta ao jipe, onde se encostaram esperando que o aviador fizesse um aceno. Uma das raparigas desprendeu-se do grupo e se aproximou sorrindo, olhos brilhantes de maldade. Helena corou, entretendo-se com um sujo no vestido. Um fiapo de linha azul.

– Nem se despede dos pobres? Ei.

Juntas no primário. Findo o curso, cada uma retornou à sua gente. E agora, passados esses anos todos, lá se vinha falar em tom ressentido, num queixume sem razão. Helena sequer se lembrava direito, já não tendo forças para reagir, embora suspeitasse das intenções. Na pracinha haveria de inventar choro e súplica, e desprezo. "André. Que importa?"

– Como? – fez Helena, repelindo a intimidade.

A colega não sentiu mossa; adocicou:

– Que é isso, Donenin'a? Passo todos os dias diante de sua janela, cumprimento e você nem-te-ligo. Olha pras nuvens.

– Eu? De manhã, no sobrado?

O aceno. D. Glorinha interrompeu-as:

– Na hora. Adeus e lembrança a todos. – E baixinho: Não converse nem um pio. Foi Raul quem matou papai.

Helena tocou na mão da colega, mal contendo a repulsa. Abraçou-se à mãe, como se à derradeira. D. Glorinha intentou libertar-se, para não se envolver em sentimentalismos. Não tolerava os excesso de Helena. Desde menina. A quem puxara? À avó? Ao pai é que não. Se nem a possuía com ternura! Dobrava-a de noite, ofegante, ainda que se retraísse. Ela nunca se conformou em ser considerada fêmea. "No fim procura a rede de tucum, pouco ligando a mim". Por mais que se esforce, não lhe perdoa havê-la desrespeitado, trazendo Raul até à alcova, estando ela

Digitalizado com CamScanner

em trajes de dormir. As núpcias: insatisfeita, molestada pela febre, pensando na vida. Que destino, o seu: o corpo ultrajado por alguém que mal conhecia e se lhe revelava de profunda indelicadeza, no tocante aos instintos. Por isso nunca se afeiçoou a Helena; jamais lhe permitiu uma aproximação maior.

– Acalme-se, minha filha. Não se desespere.

Helena reclinou os braços, com desânimo. Viu o morro do Leme, rocha viva, imagem de solidão e desespero. Era pequena, quantos aninhos? Uma saia ruça, a que se unia: o seu único afeto. Quem? Em vão tentou lembrar-se. A bisavó? Que não! D. Filomena se fora, e há muito. A enferma? Não também. Pelas suas adivinhas, a pobre nem rompeu o mutismo, sempre no quarto. Uma hora a *velha* se abaixou e lhe ofereceu uma filha de seu tamanho. Tempos depois desapareceu, e Helena se feriu sozinha, tudo branco em volta. Sentia uma necessidade louca de quem lhe dissesse, assim como fazia à sua nenen: Minha filha! Juntas as duas. Aonde fosse levava-a consigo. Porém sua mãe implicou com a boneca, vindo a queimá-la no porão. Helena no escuro, com medo das cortinas e dos grilos, dos estalos nos corredores. Dias insone: não tinha Zefa, nem as histórias de uma vez. Foi aí que o anjo da guarda... Vestes luminosas, esvoaçantes. O Mocha amarelento; árvores, nuvens. E num berço de ouro, de mãozinha para o céu, Xena a esperava, tão dócil! Adeus quem era triste.

– Vamos. Não se assuste. – E o aviador conduziu-a ao teco-teco, prendendo-lhe as mãos geladas.

•••

Eram seis horas da tarde, quando Helena chegou a Teresina ("um bosque às margens do rio"), com o pensamento em Oeiras, na "Selga", na avó, em tudo o que abandonara à desolação. No jardim do aeroporto, um cata-vento roçava o céu fecundo, enegrecido de nuvens e de sombras. Um ventinho sem rumo brincava em suas pernas, fazendo-a estremecer de frio. Ninguém na estação, afora o aviador e uma rapariga de avental, com uma pequena bandeja de café. E os parentes? Será que não receberam o telegrama?

Digitalizado com CamScanner

– Seus tios não demoram – falou Raul, compreensivamente.

Ela concordou e lhe pediu que não se preocupasse. Tinha de memória o endereço de Dulce: de lá alguém a levaria a Timon. O médico separou a bagagem, e permaneceu ali, em silêncio, a bater no mosaico com a ponta do chapéu de sol. Helena olhou para alguns vultos que vinham na penumbra; apenas nenhum lhe era familiar. E de súbito a emoção de reconhecer Orlando em um rapaz de terno escuro, que, apressando-se debaixo dos pingos, corria em sua direção, de olhos nos seios dela.

"Que faz Orlando aqui?" , indagou-se, esquecida de que ficara na ponte dos muçambês. Quando o jovem subiu a calçada é que reparou no equívoco: não tinha cabelos louros, e era muito elegante. Já agora, refeita do susto, aceitou com naturalidade que se dirigisse para ela e lhe estendesse a mão:

– Alô. Fez boa viagem? (Voz enrouquecida pelo defluxo).

– Fiz – balbuciou ela, encantada com a presença dele. É o Lucínio da tia Marieta; não é?

Não largava a mão dela um segundo, ardente, febril:

– Quem mais poderia ser? – E a desculpar-se: Estive arrumando a roupa e me esqueci da hora. Papai não pôde vir porque se acha doente e mamãe não queria deixá-lo sozinho. Quanto a Odete, viajou para Fortaleza, com tia Dulce.

Helena apresentou o primo a Raul, agradeceu as atenções do médico, e se despediu. Logo depois, iam de carro ao bosque, de onde atravessariam a remo pra Timon. A cidade, dentro do nevoeiro, não oferecia uma visão agradável, o que de certo modo não a decepcionou. Mas isso não lhe detinha o pensamento. Intrigava-a a semelhança: os dois com os mesmos gestos, a mesma doçura no olhar, só não a timidez. E Lucínio parecia mais belo.

Olhando-o de frente, sentiu um prazer tão forte, que receou viesse a amá-lo com loucura. Possuía um ar distante, que muito a impressionou, e umas olheiras que realçavam o castanho dos olhos, como se tivesse passado a noite sem dormir. As suas mãos se tocaram outra vez. Ela não reagiu, não estranhando nem que as apertasse nem que lhe desse um beijo no rosto. ("No sobrado, como me lembro!") Então a envolveu

Digitalizado com CamScanner

uma sensação de infinita ternura, que a deixou maravilhada, à espera de novas carícias. ("Eu te amo, priminha. Vem").

Sem força para repelir as lembranças, afastou-se para a janela, fingindo que observava o lento deslizar das ruas. No entanto, fitava o reflexo no vidro, sorrindo dos lábios dele, que se entreabriam úmidos, como se quisesse falar-lhe. Por que esta súbita hesitação? Não compreendia.

– Está gostando de Teresina? – encorajou-se afinal.

– Não. Gosto é de fazenda, de gado, de estrume.

O táxi livrou-se de um engarrafamento e veio por uma rua sombreada de oitizeiros. Adiante, o Parnaíba – uma torrente agitada ao pôr-do-sol. E mais além, Timon, com suas quintas, a igreja e o cais de pedra.

– Logo estaremos em casa – disse Lucínio, em luta com a tosse. Eis o rio de minha angústia. Parece que fala, dentro dos remansos: "Sê bem-vinda. É doce a morte".

Helena empalideceu e abaixou a vista. "Não convém que me iluda. Sinto-me desfalecer agora". E recusou a mão que o primo lhe oferecia, para ajudá-la a descer. O vento fazia ondas por toda a parte, agitando o bote levemente. Ela hesitou a princípio, entrando nervosa, pelo braço do vareiro.

– Ande, que está chovendo.

O mestre encaminhou o barco rio acima, até que adiante largou o remo e se dirigiu ao motor. Pingos a engrossar, nuvens em todo o céu. Mas ainda dava tempo para a travessia, e para chegarem à quinta em sossego. Sentados no banco da popa, junto do saco e do baú, Lucínio e Helena miravam a vastidão das águas, confusas dentro da neblina. Iam silenciosos: ele, a evocar a insônia da noite precedente, cheia de mistério e dúvida, e ela absorta na contemplação das espumas, como se visse os buraquinhos de Joana na parede – uma corrente secreta, viscosa, assim um rio subterrâneo: álgido, escuro e aterrador.

•••

Digitalizado com CamScanner

O AUTOR

Orlando Geraldo Rego de Carvalho nasceu a *25* de janeiro de 1930, em Oeiras, a mais velha cidade do Piauí e sua primeira capital. Aos dez anos começou a escrever para o jornal da escola, mas foi em Teresina, em 1942, que decidiu ser escritor, após a leitura de *O Guarani,* de José de Alencar. Passou a adolescência redigindo contos, alguns publicados nas melhores revistas e suplementos do País. Estreou em 1953, com *Ulisses entre o Amor e a Morte,* novela que medeia entre o *scriptum* para cinema e o poema em prosa, ou um romance lírico, como querem outros. Escreveu, a seguir, *Somos Todos Inocentes,* que conquistou o prêmio de romance da Academia Brasileira de Letras. Elaborou, mais tarde, *Rio Subterrâneo,* saudado pela crítica como uma obra-prima da moderna ficção brasileira. A linguagem de seus livros é simples e poética, havendo neles grande ternura pelos que sofrem. Romancista admirável, chamou-o assim Gilberto Freyre.

Digitalizado com CamScanner

Eu lera *Rio Subterrâneo* com o maior entusiasmo, quando de sua publicação. Ficara satisfeitíssimo, como sempre ocorre quando deparo com verdadeiro romancista. Um romancista denso, criador da vida e de gente.

Jorge Amado

De *Rio Subterrâneo* [illegible] forte sensação de obra calcada [illegible] que o homem tem de mais dolorido e profundo, e trabalhada com aguda consciência artística.

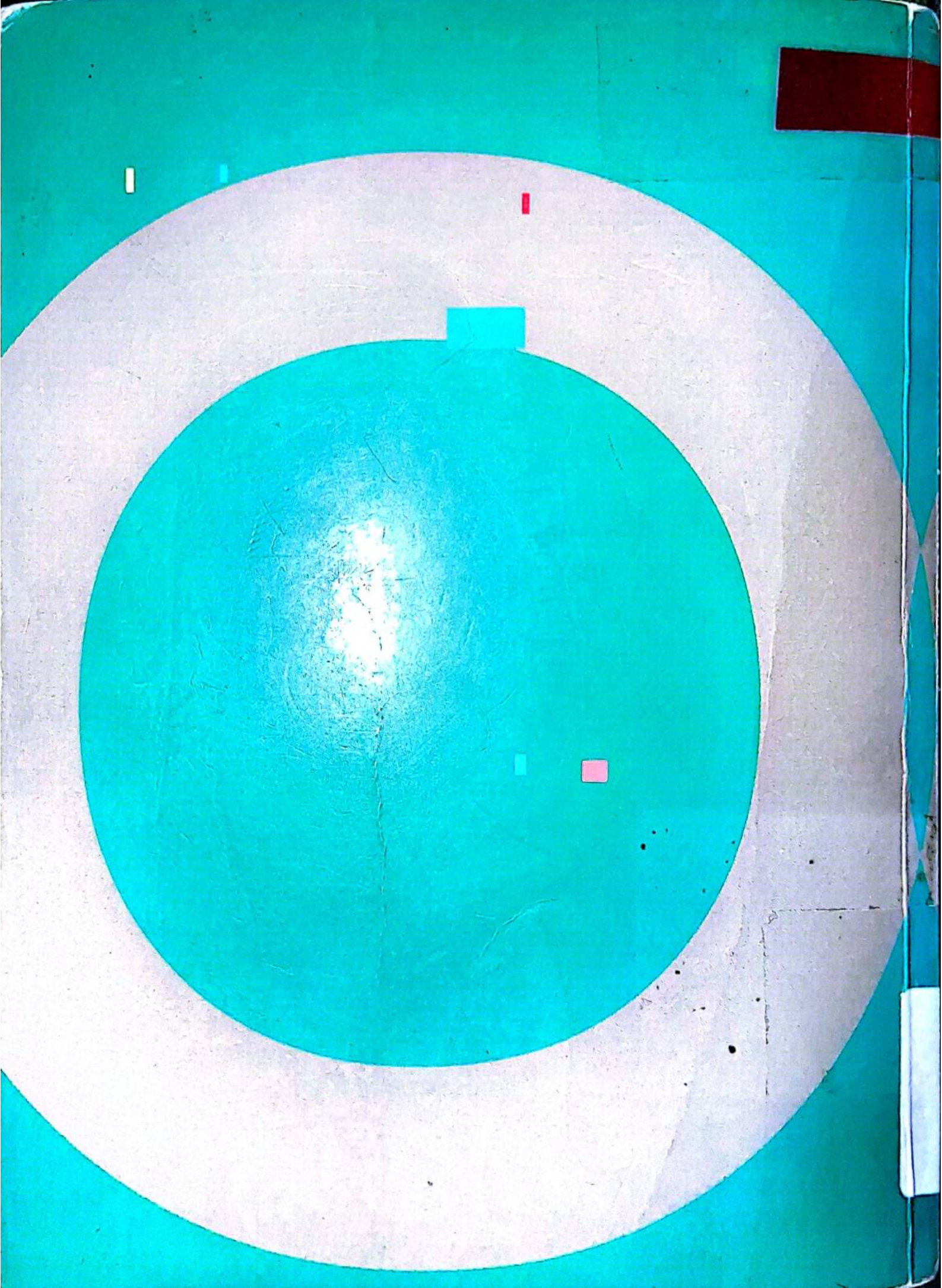
É desses livros que a gente não esquece.

Carlos Drummond de Andrade

Raramente tenho visto na ficção nacional um tratamento tão cuidadoso na linguagem, um desenho tão preciso de personagem. *Rio Subterrâneo* é brilhante, e as outras edições que teve apenas comprovam seus méritos.

Moacyr Scliar

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner